



## **Dossiê**

# **Métodos Plurais: corporeidades e narrativas em debate**

### **Coordenação**

Profª Drª Daniele Ribeiro Fortuna

PAPD PPGCom/UERJ/CNPq

Profª Drª Denise da Costa Oliveira

PPGCom/UERJ

# SUMÁRIO

## Apresentação

### *Metodologias, narrativas e afetos na pandemia*

#### **Narrativas digitais do eu na pandemia: percurso metodológico para análise de escritas de si e afetos**

Daniele Ribeiro Fortuna

Denise da Costa Oliveira

#### **De máscara e distante: o jornalismo, a etiqueta da pandemia e o processo civilizador**

Geraldo Garcez Condé

#### **Narrar a dor em telas midiáticas: proposta metodológica para compreender os afetos contemporâneos**

Renata de Rezende Ribeiro

#### **Jogo e imaginário na construção de narrativas no cenário da convergência**

Filipe Mostaro

### *Métodos pluraes: a pesquisa social na pandemia*

#### **Adaptando métodos de pesquisa: a experiência com as brechadeiras de Madureira antes e durante a pandemia de Covid-19**

Jorgiana Melo de Aguiar Brennand

Ricardo Ferreira Freitas

#### **História oral em tempos de pandemia: desafios e adaptações da metodologia em entrevistas virtuais**

Milene Gomes Ferreira Mostaro

Vívian Luiz Fonseca

#### **A etnografia antes, durante e depois da pandemia: pesquisa sobre a Maratona do Rio de Janeiro**

Tatiana Cioni Couto

#### **Pesquisar em tempos pandêmicos: um olhar sobre narrativas femininas em grupos de capoeira**

Paulo Vinicius Frazão

Rosane Cristina de Oliveira

Renato da Silva

***Metodologias e experiências interdisciplinares em educação***

**Medo de errar:**

**obstáculos para o ensino e a aprendizagem de professores-mestrandos de sociologia**

Alexandre Zarias

**Experiência e (re)normalização:**

**a atividade de trabalho no Colégio Técnico durante a Covid-19**

Dilermando Moraes Costa

**Educação pelos documentos:**

**a história dos Ginásios Vocacionais revisitada em documentário**

Marcio Ercilo Gonçalves de Oliveira

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima

# APRESENTAÇÃO

## Métodos Plurais: corporeidades e narrativas em debate

Profª Drª Daniele Ribeiro Fortuna

(PAPD - PPGCom/ UERJ / CNPq)

Profª Drª Denise da Costa Oliveira

(PPGCom/UERJ)

O fazer acadêmico exige notoriamente um esforço de sistematização e de organização de ideias. Informações, adaptabilidade e criatividade, aliadas ao rigor científico, contribuem para o processo de execução da pesquisa. Nesse sentido, a metodologia – o importante “como fazemos” do método científico - pode constituir um elemento facilitador ou complicador do trabalho acadêmico. Muitas vezes é preciso criar ou adaptar uma metodologia para aplicar a seu objeto. Encontrar o método que responde às problemáticas suscitadas na investigação pode ser desafiador.

O dossiê **Métodos Plurais: corporeidades e narrativas em debate** que a revista *InterScience Place* publica discute e põe em destaque os modos como investigamos em Ciências Humanas e Sociais, especialmente na área da Comunicação e da Informação. O foco da edição se concentra nas metodologias que adotamos para dar conta de questões e desafios contemporâneos ao olhar para a pesquisa nas áreas das Humanidades, seus fenômenos e suas práticas, principalmente durante o recente período de pandemia de Covid-19 com todas as suas implicações sobre o universo da pesquisa (2020-2023).

O ponto de partida para o debate são as corporeidades, os afetos e as emoções em narrativas pessoais e midiáticas, bem como as metodologias utilizadas nas pesquisas que abordam esses temas. Consideramos que pesquisa é processo e implica escolhas. Escolhas bem feitas justificam as etapas, fundamentam olhares, levantam novas questões.

Esta edição reúne textos de pesquisadores docentes e discentes de pós-graduação em torno da reflexão de que narrativas, nas áreas da comunicação – e também da sociologia, da antropologia, da história e da educação - não

constituem apenas textos para análise cultural, mas são práticas sociais com importantes efeitos que têm o poder de despertar emoções (Lutz, Abu-Lughod, 2008). Nessa perspectiva, emoções são tomadas em sua perspectiva cultural e social (Rezende; Coelho, 2010; Le Breton, 2009), assim como as narrativas que as envolvem. E a noção de real, entendida a partir do que também se fala sobre ele.

Ao refletir sobre narrativas durante a pandemia, Oliveira, Freitas e Fortuna (2024, p. 8) apontam para os desafios de se estudar o atual e o cotidiano enquanto eles ainda acontecem. Os autores lembram que “Umberto Eco, no clássico livro *Como se faz uma tese*, já ensinava que o cotidiano é lugar rico de temas para pesquisa. Pierre Bourdieu, com seu não menos célebre texto ‘Alta costura e alta cultura’, apontava para o problema de se hierarquizar o que deveria ser estudado. Cabe ao pesquisador, ao analista social tirar do mundo ao seu redor os temas de estudo”. Com isso, os autores ressaltam não haver um assunto mais nobre que o outro, e sim, “olhares sobre temas e temáticas, políticas (e financiamentos) que incentivam a pesquisa em determinados setores em momentos específicos” (2024, p.8).

Os artigos que compõem este **Dossiê**, em linhas gerais, constroem um olhar sobre como investigamos narrativas, que procedimentos metodológicos adotamos ao olhar para os fenômenos e práticas sociais, interacionais, de comunicação. Ademais, de maneira interdisciplinar, ampliam a discussão sobre metodologia para além da área da comunicação, incluindo, como escrevemos acima, a sociologia, a antropologia, a educação e a história.

O dossiê está dividido em três seções: *Metodologias, narrativas e afetos na pandemia*; *Métodos plurais: a pesquisa social na pandemia*; e *Metodologias e experiências interdisciplinares em educação*. Trata-se de partes que dialogam entre si, não são excludentes e podem ser lidas em diferentes ordens.

A primeira seção apresenta resultados de pesquisas em Comunicação que se relacionam a narrativas e afetos durante a pandemia de Covid-19. Inicia-se com o artigo “Narrativas digitais do eu na pandemia: percurso metodológico para análise de escritas de si e afetos”, de Daniele Ribeiro Fortuna e Denise da Costa Oliveira. O texto apresenta um percurso metodológico que viabiliza a análise de narrativas do eu publicadas em arquivos *crowdsourcing* - sites que reúnem testemunhos em texto e/ou imagem, postados de forma voluntária. O

recorte é feito a partir do site *#memóriascovid19*, organizado por iniciativa de pesquisadores da Unicamp com colaboração de pesquisadores de outras instituições.

Em seguida, o texto “De máscara e distante: o jornalismo, a etiqueta da pandemia e o processo civilizador”, de Geraldo Garcez Condé, discute como o jornalismo põe em relevo o abrandamento dos costumes e o controle das emoções, ao prescrever os comportamentos adequados – como o uso de máscara e a manutenção de distância mínima entre as pessoas – no contexto da pandemia de Covid-19.

Posteriormente, Renata Rezende Ribeiro, no artigo “Narrar a dor em telas midiáticas: proposta metodológica para compreender os afetos contemporâneos”, por meio de um itinerário sobre o conceito de emoções em diferentes abordagens, busca demonstrar como a juventude tem utilizado as redes sociais como um espaço de purgação emocional. O texto propõe uma “metodologia das emoções” que reúne diversos procedimentos, como pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e netnografia para compreender o papel dos afetos na sociedade contemporânea, especialmente no contexto das atuais redes de sociabilidade, marcadas por um intenso processo de midiatização.

A primeira seção se encerra com o artigo “Jogo e imaginário na construção de narrativas no cenário da convergência”, de Filipe Mostaro, que apresenta uma proposta reflexivo-metodológica para a análise de narrativas produzidas no ecossistema midiático atual. A partir do exemplo do “ludens narrativo”, elaborado pela plataforma de apostas online Bet365, o texto indica o uso da metodologia na compreensão e análise de processos narrativos que permeiam o ambiente da convergência e rearticulam usos de antigas práticas sociais em um processo pautado pela tecnologia.

A segunda seção traz resultados de projetos de pesquisa que se desenvolveram ao longo da pandemia de Covid-19 e adaptaram e utilizaram diferentes metodologias para dar conta dos desafios do distanciamento social. Abrindo a seção, o artigo “Adaptando métodos de pesquisa: a experiência com brecholeiras de Madureira antes e durante a pandemia”, de Jorgiana Melo de Aguiar Brennand e Ricardo Ferreira Freitas, tem como objetivo apresentar uma pesquisa estruturada em dois momentos: antes e durante a pandemia de Covid-19. O objeto desse estudo é constituído pela Feira das Brecholeiras, evento

realizado semanalmente, sob o viaduto Negrão de Lima, em Madureira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

A esse texto, segue-se “História oral em tempos de pandemia: desafios e adaptações da metodologia em entrevistas virtuais”, de Milene Gomes Ferreira Mostaro e Vívian Luiz Fonseca, que analisa os desafios e as adaptações na aplicação da metodologia da história oral durante a pandemia, com foco em entrevistas conduzidas virtualmente. Com base em um *corpus* de entrevistas realizadas com os grupos de samba do Rio de Janeiro “Moça Prosa” e “Samba que elas Querem”, as autoras exploram como o formato virtual impactou a coleta de dados e a interação entre entrevistadoras e entrevistadas.

Mais adiante, o artigo “A etnografia antes, durante e depois da pandemia: pesquisa sobre a Maratona do Rio de Janeiro”, de Tatiana Cioni Couto, detalha a etnografia aplicada durante o doutorado em Comunicação, realizado entre 2019 e 2023, tendo como objeto de estudo a Maratona do Rio de Janeiro e a comunicação institucional do evento. A pesquisa envolveu trabalho de campo, entrevistas e observação participante.

Finalizando a seção, Paulo Vinicius Frazão, Rosane Cristina de Oliveira e Renato da Silva, no texto “Pesquisar em tempos pandêmicos: um olhar sobre narrativas femininas em grupos de capoeira”, apresentam caminhos metodológicos e análise de narrativas de grupos de capoeira no Brasil, com o intuito de compreender os principais elementos que envolvem as relações de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres participantes das rodas de capoeira. Em decorrência da pandemia, os procedimentos metodológicos e a coleta de dados foram realizados remotamente, exigindo adaptação e criatividade.

Na terceira e última seção do **Dossiê**, artigos da área de educação apresentam metodologias e experiências interdisciplinares. O primeiro texto “Medo de errar: obstáculos para o ensino e a aprendizagem de professores-mestrandos de Sociologia”, de Alexandre Zarias, analisa as diferentes configurações do medo em processos de socialização no ensino e na aprendizagem de professores-mestrandos de Sociologia. Para tanto, foram produzidos dados qualitativos por meio da realização de um grupo focal online, composto por 26 docentes da educação básica pública que também eram alunos

do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, em 2021.

Em seguida, o artigo “Experiência e (re)normalização: a atividade de trabalho no Colégio Técnico durante a Covid-19”, de Dilermando Moraes Costa, narra a experiência de trabalho docente no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, focalizando o período da pandemia de Covid-19. Por meio de um relato de experiência, o texto apresenta a descrição, a interpretação e a compreensão da vivência através da revisitação de três das atas de reunião produzidas a partir das discussões dos grupos de trabalho, debatendo as noções ergológicas de norma antecedente e de renormalização.

Por fim, encerrando o **Dossiê**, o artigo “Educação pelos documentos: a história dos Ginásios Vocacionais revisitada em documentário”, de Marcio Ercilo Gonçalves de Oliveira e Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima, por meio de uma análise documental, busca compreender como os Ginásios Vocacionais de São Paulo, criados durante a década de 1960, conseguiram promover um ambiente de educação democrática em pleno regime da Ditadura Militar.

O **Dossiê Métodos Plurais: corporeidades e narrativas** foi concebido e organizado pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Interação e Cultura (Lampe) da UERJ e pelo grupo de pesquisa Corps: corpo, representação e espaço urbano, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ.

## Referências

COELHO, Maria Claudia Pereira; REZENDE, Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila (orgs.). **Language and the politics of emotion**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

OLIVEIRA, Denise da Costa; FREITAS, Ricardo Ferreira; FORTUNA, Daniele Ribeiro (orgs.). **Narrativas na pandemia**: corpos, escritas e subjetividades. Rio de Janeiro: Editora Ayran; Faperj, 2024.

***Metodologias, narrativas e afetos na pandemia***

# NARRATIVAS DIGITAIS DO EU NA PANDEMIA: PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DE ESCRITAS DE SI E AFETOS

## DIGITAL NARRATIVES OF THE SELF IN THE PANDEMIC: METHOLOGICAL PATH FOR ANALYZING SELF WRITINGS AND AFFECTIONS

**Daniele Ribeiro Fortuna**

Pesquisadora PAPD/UERJ

Pós-doutoranda CNPq no Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

drfortuna@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8739-7271>

**Denise da Costa Oliveira**

Professora Titular - Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pesquisadora do CNPq

dcos@uerj.br

<https://orcid.org/0000-0001-7501-7390>

**Resumo** – Do diário de papel aos blogs e às redes sociais, escrever sobre as experiências da vida parece constituir uma forma de sobreviver aos problemas. Em momentos de crise, como o da pandemia de Covid-19, registros pessoais se mostraram significativos. Este artigo tem como objetivo discutir um percurso metodológico que viabilize a análise de narrativas digitais do eu postadas no site *#memóriascovid19*, tendo como foco os corpos e os afetos. Entre 2020 e 2022, auge da pandemia de Covid-19, quando pessoas compartilharam impressões do momento por meio de textos, vídeos e imagens, como se referiram a seus corpos e emoções? Esta é a problemática a que pesquisa pretende responder. Em termos metodológicos, estudamos narrativas publicadas em arquivos *crowdsourcing* – sites que reúnem testemunhos em texto e/ ou imagem, postados de forma voluntária -, tendo como recorte o site *#memóriascovid19*, organizado por iniciativa de pesquisadores da Unicamp. Para tal, recorreremos ao embasamento teórico de autores como Vigarello, Arfuch, Hees e Peruzzo. O artigo se inicia apresentando uma breve genealogia do surgimento da noção de indivíduo e das escritas de si. Em seguida, se debruça sobre as narrativas do eu digitais, presentes, inicialmente, em blogs e, depois, nas redes sociais digitais. Posteriormente, delineia o percurso metodológico da pesquisa sobre narrativas digitais do eu, com ênfase nos corpos e emoções. Apresentamos uma abordagem

geral da metodologia adotada, que consiste em três etapas principais: pesquisa teórica, pesquisa quantitativa – análise preliminar do *corpus* da pesquisa, identificação e separação dos *posts* a serem analisados e análise do *corpus* delimitado – e pesquisa qualitativa. Por fim, direcionamos nosso foco para a segunda e terceira etapas do processo metodológico, relatando os primeiros resultados da pesquisa realizada na plataforma #memóriascovid19.

**Palavras-chave:** Narrativas digitais do eu; Pandemia; Corpo; Emoção.

**Abstract** – From paper diaries to blogs and social media, writing about life experiences seems to be a way of surviving problems. In times of crisis, such as the Covid-19 pandemic, personal records have proven to be significant. This article aims to discuss a methodological approach that enables the analysis of digital narratives of the self posted on the website #memóriascovid19, focusing on bodies and emotions. Between 2020 and 2022, at the height of the Covid-19 pandemic, when people shared impressions of the moment through texts, videos and images, how did they refer to their bodies and emotions? This is the question that this research aims to answer. In methodological terms, we studied narratives published in crowdsourcing archives – websites that gather testimonies in text and/or images, posted voluntarily –, using the website #memóriascovid19 as a focus, organized by researchers from Unicamp with the collaboration of other institutions. To this end, we draw on the theoretical basis of authors such as Vigarello, Arfuch, Hees and Peruzzo. The article begins by presenting a brief genealogy of the emergence of the notion of individual and of self-writing. The text then focuses on digital narratives of the self, initially present in blogs and later on digital social networks. Subsequently, it outlines the methodological path of the research on digital narratives of the self, with an emphasis on bodies and emotions. We present a general approach to the methodology adopted, which consists of three main stages: theoretical research, quantitative research – preliminary analysis of the research corpus, identification and separation of the posts to be analyzed and analysis of the delimited corpus – and qualitative research. Finally, we direct our focus to the second and third stages of the methodological process, reporting the first results of the research carried out on the #memóriascovid19 platform.

**Keywords:** Digital narratives of the self; Pandemic; Body; Emotion.

## Introdução

Aspecto fundamental nas pesquisas acadêmicas, nem sempre a metodologia é tratada nas ciências humanas e sociais com a profundidade que corresponde à sua importância. Na área de Comunicação, a pesquisa, por vezes, tem sofrido de superficialidade no que diz respeito aos procedimentos

metodológicos, havendo uma tendência à “minimização descritiva das metodologias empregadas” (Peruzzo, 2018, p.33).

Como área de investigação, a Comunicação se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelo amplo campo de pesquisa, o que gera desafios metodológicos. Tanto Peruzzo (2018) quanto Barbosa (2020) enfatizam a importância do rigor metodológico na área. Barbosa critica o hermetismo presente em textos e questiona: “Por que não incluímos em nossas análises o sensível, a imaginação, a escrita de si em relação ao outro, num processo intercambiável de trocas e afetos?” (Barbosa, 2020, p.16).

A investigação em andamento que apresentamos neste artigo investe nesse sentido, buscando tratar de afetos e escritas de si. Desde seu surgimento, os ambientes digitais vêm possibilitando novas modalidades de experiência social, nas quais está imbricado o processo de comunicação. No que diz respeito às escritas de si, por exemplo, se no passado manter um diário implicava guardar a privacidade, nos ambientes digitais, a ideia de privacidade foi substituída pela de compartilhamento. O diário em papel não desaparece, mas numerosos escritores fazem das redes sociais virtuais seus diários, postando textos em sites e em redes, abrindo-os para pequenos grupos ou para todos.

Para investigar esses escritos, os afetos neles expressos e as relações com os corpos adoecidos ou saudáveis, selecionamos sites surgidos durante a pandemia com objetivo de guardar registro de escritas pessoais. No site *#memóriascovid19*, da Unicamp, pessoas escreveram ou publicaram imagens sobre suas vivências. Trata-se de uma experiência de *crowdsourcing*.

Como trataremos adiante, o *crowdsourcing* é um trabalho coletivo, colaborativo, “uma iniciativa dedicada à coleta e à preservação” de dados com participação de “pessoas comuns” (Marino, 2021, p.8). Durante a pandemia de Covid-19, tornou-se uma importante ferramenta de arquivamento digital. Segundo Marino (2021), as ações de arquivamento digital tiveram início em março de 2020. A prática de *crowdsourcing* foi adotada em um dos primeiros arquivos digitais da pandemia, o *Coronarchiv*, da Universidade de Hamburgo, na Alemanha. No Brasil, também houve iniciativas do gênero como o site que escolhemos para estudar.

Assim, diante de um contexto de novas subjetividades eletrônicas, o objetivo deste artigo é discutir um percurso metodológico que viabilize a análise

de narrativas digitais do eu postadas no site *#memóriascovid19*, tendo como foco os corpos e os afetos. A questão que nos instiga na pesquisa em andamento diz respeito a como, entre 2020 e 2022, período em que essas iniciativas de *crowdsourcing* estiveram abertas à colaboração, pessoas que compartilharam suas impressões por meio de textos, vídeos e imagens se referiram a seus corpos e emoções. Para este artigo, de preocupações metodológicas, a problemática que guia o texto diz respeito a como estudar tais narrativas.

Assim, apresentamos as etapas iniciais da pesquisa, que se constituem de coleta de dados, análise quantitativa e estudo preliminar do conteúdo postado, com foco na forma como os usuários se referem às suas emoções e corpos. Dessa forma, discutimos como pesquisamos com materiais digitais produzidos e registrados no período de pandemia. Discutimos corpos, afetos, subjetividades, mas também o modo como o fazemos, em uma reflexão de caráter epistemológico sobre o fazer pesquisa.

Antes, porém, cabe tecer algumas considerações teóricas, baseadas no referencial que fundamenta a pesquisa. Desse modo, iniciamos o texto abordando a questão dos diários e sua relação com o surgimento da noção de “eu”, tendo como referência a leitura de Vigarello (2016). Em seguida, tratamos das narrativas digitais do eu e a Covid-19, baseando-nos em Arfuch (2014, 2018a) e Hees (2013), principalmente. Por fim, apresentamos a plataforma de *crowdsourcing* e nos dedicamos aos procedimentos metodológicos para análise dos textos postados no site objeto da pesquisa, recorrendo a Peruzzo (2018) como base.

### **O diário e o surgimento da noção de “eu”**

Em *O declínio do homem público*, Richard Sennett (2014) afirma que as transformações do público e do privado marcaram a história do Ocidente, principalmente a partir do século XIX. O surgimento do capitalismo industrial teve um grande impacto sobre o sentido da vida pública. A família, por exemplo, se tornou uma “instituição especial” e privada, que deveria ser protegida do mundo exterior.

Esse momento marca o surgimento da noção de “eu” e um senso de controle desse eu. Para Georges Vigarello (2016), inicia-se uma autopercepção

do sujeito como indivíduo único, que faz parte de uma esfera íntima. Nasce, então, uma sensibilidade interiorizada, que se volta para o corpo. Segundo o autor, desponta o “si”: “não mais tão somente o ‘espírito’, não mais tão somente a ‘alma’, mas o ‘si’” (Vigarello, 2016, p.97). O historiador prossegue afirmando que o si “define o indivíduo, sua interioridade, seu princípio de reconhecimento íntimo também, seu universo pessoal feito tanto de insistência sensível quanto de instância refletida” (2016, p.100).

Desse modo, o indivíduo começa a se apropriar da interioridade de seu corpo. As fronteiras entre interior e exterior, antes borradas, passam a ser delimitadas. Manifesta-se uma nova ‘profundidade’, na qual experimentar o mundo se torna também uma experiência de si, já que o que está fora pode afetar o que está dentro.

Entendendo-se como seres únicos, os sujeitos passam a compartilhar suas experiências de vida em diários. Refletindo sobre os escritos íntimos e pessoais, Vigarello observa que “o diário é feito para seu autor e somente para ele, privilegiando toda ocorrência sensível, toda surpresa, sem censura nem partida. Uma única exigência: entregar-se sem máscara, deixar emergir o ‘de dentro’ em total espontaneidade” (2016, p.116). É interessante ressaltar aqui o aspecto social e coletivo do diário: trata-se de uma iniciativa individual inspirada por práticas e hábitos sociais, de classe, que refletem um contexto e um tempo. Social e subjetivo se entrelaçam nesses escritos.

O diário torna-se um espaço de desabafo, de dividir segredos, pois, como considera Sennett (2014), os sentimentos não devem ser revelados involuntariamente para outras pessoas: “É somente ocultando seus sentimentos que elas estarão seguras, e somente em momentos e lugares escondidos é que se estará livre para interagir” (Sennett, 2014, p.219). Nessa perspectiva, de acordo com Philippe Lejeune (2014a, p.302), “o diário se pôs a serviço da pessoa (...) Ter um diário tornou-se para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento de vida”.

Por mais de dois séculos - desde que passou a ser cultivado, até os dias de hoje -, o diário constituiu uma forma de compartilhar momentos da vida por meio da escrita. Entretanto, o diário do final do século XVIII não é o mesmo que se apresenta na contemporaneidade. Não apenas houve uma modificação do sentimento de si dos séculos XVIII e XIX como também tecnologias e aparatos

tecnológicos tornaram possível o aparecimento de outras maneiras de se escrever sobre o eu.

De fato, novas subjetividades emergiram em função de outros contextos que se relacionam à tecnologia. Segundo Lucia Santaella (2013, p.12), “tornamos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes”. Essa condição modificou não somente as fronteiras entre o público e o privado, como também a forma de expressar as subjetividades. Santaella aponta que passou a haver “uma desvalorização do espaço público fisicamente localizável em favor de uma esfera pública própria das redes globalizadas, comprovando que as transformações nas mídias emolduram novas modalidades de experiência social” (2013, p.76).

As novas modalidades de experiência social conquistam lugar a partir do uso da internet em larga escala. Ao longo da pandemia de Covid-19, tais novos modos de experiência tomam outra proporção, como veremos no item que se segue.

### **Narrativas digitais do eu e Covid-19**

Durante a pandemia de Covid-19, em função dos períodos de confinamento e das restrições de contato físico e de deslocamentos, a comunicação mediada por tecnologias ganhou largo espaço. Marino (2021, p.3) aponta que a “experiência da Covid-19 estreitou laços com as tecnologias digitais (...)” e que “o compartilhamento de informações e experiências em mídias, por pessoas não especializadas, tornou-se comum no mundo em quarentena” (2021, p.4).

Muitas vezes isoladas ou sozinhas, as pessoas passaram a compartilhar não só suas experiências de vida, mas textos e imagens nos quais falavam sobre sua condição sensível. Ao analisar a condição sensível na contemporaneidade, a historiadora Claudine Haroche destaca que, se no século XIX delimitaram-se fronteiras entre interior e exterior, recentemente, esses limites se apagaram. O sentimento tornou-se

(...) um algo indomável que não é só interior ao sujeito, mas também acarretado por um exterior que se revela, cada vez mais, imaterial e

virtual, implicando volatilidade, liquidez e fluidez dos laços, suscetíveis de conduzir, por fim, ao apagamento dos contornos do indivíduo que se põe a flutuar num estado de sensação permanente (Haroche, 2008, p.21).

Desde a década de 1960, muitas transformações vêm acontecendo aceleradamente no mundo. De acordo com Christopher Lasch (1984), houve inúmeras mudanças econômicas, sociais e políticas após a Segunda Guerra Mundial que se exacerbaram por volta desse período. Nesse momento, o indivíduo “desengajado” ao qual se refere Haroche (2008) começa a surgir. Suas características se tornam mais evidentes ao final do século XX e no início do século XXI, principalmente na forma de se vivenciar sentimentos.

Tal sujeito procura fugir dos sentimentos: as emoções efêmeras e inesperadas se sobressaem aos sentimentos silenciosos e de longa duração (Haroche,2008). Fica evidente a influência do mercado e dos meios de comunicação de massa: tudo pode ser trocado por algo mais novo, inclusive sentimentos e pessoas.

Paradoxalmente, o final dos anos 1970 havia testemunhado o surgimento de uma guinada subjetiva. Segundo Leonor Arfuch, esta guinada seria responsável pelo advento de uma “sociedade afetiva”, uma esfera pública emocional da qual os meios de comunicação de massa seriam os protagonistas: “*talk shows, reality shows, redes sociais, auge do auto/biográfico, do íntimo, do subjetivo, voyeurismo e emoções vicárias na TV, justiça restaurativa, branding, carisma e liderança como valores prioritários*” (Arfuch, 2018a, p.51)<sup>1</sup>.

Arfuch considera que se inicia também “(...) a crescente atenção às emoções como fonte privilegiada de verdade sobre o sujeito” (2018a, p.191)<sup>2</sup>, que seria exacerbada pelo surgimento da internet e, posteriormente das redes sociais digitais. Ao acessar a internet, os sujeitos compartilhariam emoções, impressões, sentimentos e pensamentos sobre suas vidas. Entretanto, para Arfuch,

não são as redes sociais (...) que produzem estes efeitos narrativos (...): práticas confessionais, desvelamento da interioridade,

---

<sup>1</sup> Tradução nossa. No original: “talk shows, realities, redes Sociales, auge de lo auto/biográfico, lo íntimo y lo subjetivo, voyeurismo y emociones vicarias en la TV, justicia restaurativa, ‘branding’, carisma y liderazgo como valores prioritarios”.

<sup>2</sup> Tradução nossa. No original: “(...) la creciente atención a las emociones como fuente privilegiada de verdade sobre el sujeto (...)”.

compartilhamento do privado e do íntimo... são certas disposições da subjetividade, vigentes há décadas, que se manifestam, aparentemente sem limites, com as novas tecnologias (2014, p.27)<sup>3</sup>.

As redes sociotécnicas, nessa perspectiva, prolongam valores e práticas da vida social em um meio tecnológico. Com as narrativas que elas comportam se dá o mesmo processo. Narrativas fazem parte da trajetória de todos os sujeitos. É por meio delas que relatamos nossas tristezas, alegrias, conquistas, derrotas.

Walter Benjamin, em seu famoso ensaio sobre o narrador, decreta o fim da narrativa, cujo primeiro indício se relacionaria com o surgimento do romance. Segundo o autor, as verdadeiras narrativas seriam as orais, pois “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1987, p.201). O advento do romance implica a segregação do narrador. O indivíduo que escreve está isolado e “não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes, não recebe conselhos nem sabe dá-los” (Benjamin, 1987, p.201).

Benjamin escreveu o texto em 1936, em um momento no qual o avanço da tecnologia que resultaria na internet estava longe de acontecer. A narrativa não morreu como previu o autor, mas vem passando por inúmeras mudanças, em parte acarretadas pelas tecnologias digitais mais recentes. Aqui, os meios afetam o conteúdo da comunicação, em uma reflexão que faz pensar na máxima de McLuhan (1971) de que “o meio é a mensagem”.

De acordo com Hees (2013), o desenvolvimento da internet e dos navegadores abriu múltiplas possibilidades para o compartilhamento de textos escritos. Já em meados dos anos 1990, alguns usuários começaram a publicar diários online. Foi a primeira vez na história do gênero que as entradas<sup>4</sup> eram publicadas imediatamente após serem escritas. Aos poucos, o diário foi se tornando um confessionário público do qual o mundo todo era uma testemunha em potencial (Hees, 2013).

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original: “(...) prácticas confesionales, develamiento de la interioridade, publicidad de lo privado y lo íntimo... son ciertas disposiciones de la subjetividad, vigente hace décadas, las que se despliegan, aparentemente sin límites, con las nuevas tecnologías”.

<sup>4</sup> Denominamos de entradas as diferentes datas inseridas em um diário.

Hees (2013) explica que os blogs do final dos anos 1990 em geral tinham como foco um tema em particular. Já os blogs que surgiram nos anos 2000 apresentavam múltiplos objetivos ou não tinham objetivo algum. A partir de 2005, as redes sociais começam a substituí-los. Ao criar um perfil, publicando textos e fotos, os usuários se deparavam com a possibilidade de criar também uma identidade online.

De fato, as narrativas digitais tomaram conta das redes. Elas permeiam o dia a dia, contando relatos de diversas maneiras em diferentes formatos. Mas o que são exatamente as narrativas digitais?

Para Leonor Arfuch (2014), as redes sociais produzem efeitos narrativos que constituem práticas confessionais, desvelamento da interioridade, publicidade do privado e do íntimo. Para Torres *et al.*, “as narrativas digitais incluem histórias em jogos de computador, literatura eletrônica, realidade virtual e aumentada, *chatbots* e aplicações *web* e móveis, bem como histórias que circulam nas redes sociais ou são geradas por inteligência artificial” (2023, p.12). Esse tipo de narrativa conta histórias fictícias ou reais, escritas por humanos ou fabricadas por inteligência artificial e que circulam nos ambientes digitais.

Arfuch aponta um paradoxo das narrativas digitais: a memória e o arquivo, pilares clássicos do espaço autobiográfico, resguardam uma temporalidade efêmera, na qual nada se perde e nada escapa ao registro (Arfuch, 2014). A escrita é efêmera, talvez se dilua ao passar de olhos do usuário, mas permanece ali infinitamente.

Novas subjetividades vêm sendo construídas por meio de narrativas que tornam públicas as experiências dos sujeitos. E não apenas textos escritos contribuem para produção dessas narrativas, mas também imagens: “Da conversa simbólica consigo mesmo, registrada por meio da escrita ou das imagens, se desprende e emerge a ‘figura de si’, uma figura/imagem sempre incompleta, inacabada, provisória, que não resiste aos assédios da mobilidade, da transformação e, principalmente do estado anímico dos indivíduos” (Martins, 2018, p.52).

Fragmentos do cotidiano são publicados. Vidas fragmentadas de indivíduos também fragmentados. Oswald, Couto Junior e Worcman (2014, p.13) afirmam: “Estes sujeitos (auto)biografam-se em microrelatos cotidianos que, ao contrário dos diários íntimos de antigamente, assumem uma dimensão ‘extimista’

que tanto expõe o diarista, como convida seu leitor para expor-se”. Nesse sentido, a interação tornou-se uma marca dessas narrativas, bem como a produção colaborativa de diferentes tipos de conteúdo e conhecimento.

De fato, as redes digitais têm tornado possível o surgimento de diversas formas de narrativas do eu. Segundo Rettberg (2020), atualmente, as escritas de si na internet estão divididas entre redes públicas, como blogs, e espaços mais privados nos quais é possível dividir experiências (como em um blog anônimo no Tumblr ou em uma conta privada no Instagram ou no Facebook, nos quais o usuário pode decidir quem pode ou não acessar suas publicações). Os objetivos são variados – dividir experiência ou ganhar visibilidade e aprovação via reações favoráveis públicas como “likes”.

Martins (2018) considera que a necessidade de narrar também é um exercício de sobrevivência, principalmente, em momentos difíceis. Para Lejeune e Boagert (2020), no que diz respeito aos diários, por exemplo, há pessoas que só os mantêm em momentos de crise ou durante uma fase da vida. Embora, como vimos, as narrativas do eu na internet sejam diferentes dos diários, também é possível observar o compartilhamento de textos em tempos de crise.

A pandemia de Covid-19 foi um desses momentos. No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) expediu um alerta informando a detecção de um vírus desconhecido com grande potencial de transmissão, na cidade de Wuhan, na China, o SARS-CoV-2. Era o início da pandemia de Covid-19, que causaria cerca de sete milhões de mortes (Covid-19 Dashboard)<sup>5</sup> em todo o mundo nos quatro anos seguintes.

O Brasil foi um dos países mais afetados. Até outubro de 2024, mais de 713.000 óbitos haviam sido confirmados (Painel Coronavírus)<sup>6</sup>. Grande parte dessas mortes ocorreu entre março de 2020 e o final de 2022. Durante esse período, o uso da internet se intensificou de maneira significativa, alcançando, em 2020, a marca de 152 milhões de usuários (Soares, 2021).

Isoladas ou trabalhando em casa, muitas pessoas utilizaram a internet para compartilhar suas experiências durante a pandemia. A maioria o fez por

---

<sup>5</sup> Dados da Universidade John Hopkins, contabilizados até o dia 10 de março de 2023. Disponível em: <https://iede.rs.gov.br/portal/apps/dashboards/a08dc682cdea4f5fbfad3e8c93d9b144>. Acesso em: 7 out. 2024.

<sup>6</sup> Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 7 out. 2024.

meio de redes sociais, mas alguns escreveram textos ou postaram imagens em arquivos digitais de instituições que organizaram arquivos de memórias da pandemia.

Segundo Marino, Silveira e Nicodemo (2020), a denominação “arquivo digital” surgiu entre o final dos anos 1990 e início da década de 2000, referindo-se a coleções armazenadas na internet. Com o tempo, “a categoria se diversificou, passando a abranger tanto os acervos digitalizados, abrigados em instituições de renome, quanto as experiências informais e efêmeras de arquivos nascidos digitalmente” (Marino, Silveira, Nicodemo, 2000, p.4).

Os autores relatam que esse tipo de arquivamento online tomou vulto a partir do surgimento do *September 11th Digital Archive*, nos Estados Unidos, aberto em março de 2002, marco de seis meses dos atentados de 11 de setembro, em Nova York. Esse tipo de iniciativa, denominada de *crowdsourcing*, se caracteriza por receber testemunhos voluntários digitais, que acabam resultando em um acervo.

Essa forma de acervo costuma ser comum no caso de eventos imprevisíveis, como o atentado de 11 de setembro de 2001 e a pandemia de Covid-19 e, em geral, tem grande engajamento comunitário (Marino, Silveira, Nicodemo, 2000). Em relação à pandemia, cabe ressaltar que, naquele momento, a internet se tornou um importante – para muitas pessoas, o único – meio de comunicação e relação social.

No Brasil, algumas iniciativas de *crowdsourcing* foram realizadas por diferentes agentes, como universidades, arquivos estatais, organizações privadas e cidadãos. Para este artigo, analisamos especificamente o site *#memóriascovid19*. Em seguida, apresentamos brevemente a pesquisa, o site em questão e discutimos os caminhos metodológicos possíveis para a análise das postagens.

## **A pesquisa e seus caminhos metodológicos**

Sediado na Unicamp, o projeto *#MemóriasCovid19* foi idealizado como um *crowdsourcing* pela professora Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, da Coordenadoria dos Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp (COCEN). Um grupo de curadores, docentes de diversas instituições

do país e discentes, selecionava textos para publicação no site. Parte de seus resultados foi publicada no livro *#MemóriasCovid19, olhares e relatos*. Segundo Maciel e Ferreira (2023, p.10), organizadores da obra, por meio de um formulário digital, os proponentes enviaram arquivos em diversos suportes – fotografia, vídeos, áudios, gravuras e arquivos de texto -, que depois foram analisados por uma “comissão curatorial, interinstitucional, interdisciplinar e internacional”. Também era possível fazer a submissão de forma anônima.

Depois de aprovadas, as memórias foram disponibilizadas na plataforma do projeto. O site foi inaugurado em setembro de 2020, e o recebimento de novas submissões foi encerrado em 31 de dezembro de 2022. Maciel e Ferreira (2023, p.2) afirmam que “o projeto recebeu mais de 340 propostas, provenientes de diversas regiões do Brasil e do exterior. Dentre elas, 238 foram aprovadas pela comissão curatorial e se encontram atualmente disponíveis para consultas no site do *#memóriascovid19*”. Ao todo, foram 113 submissões textuais e 233 submissões de diferentes tipos de imagem.

Nosso objetivo ao estudar o site *#memóriascovid19* é analisar e comparar narrativas do eu na internet a respeito da quarentena durante a pandemia de covid-19. O foco da análise são o sentimento de si, as emoções, os corpos e a relação com a narrativa digital. A pesquisa tem como fundamentação teórica estudos sobre emoção, sentimento de si, corpo, narrativas digitais e intermedialidade. A metodologia para a realização da pesquisa se estrutura em três linhas: analítica, teórica e comparativa.

Antes de abordarmos o percurso metodológico da pesquisa, cabe tecer algumas breves reflexões acerca dos procedimentos metodológicos na área da Comunicação. De acordo com Peruzzo (2018), na área da Comunicação, é possível observar a apropriação de métodos e técnicas de outras áreas do conhecimento, como análise de discurso, observação participante, etnografia. A autora considera que a pesquisa em Comunicação pode ser tomada a partir de diferentes ângulos, constituindo “uma área desafiadora porque se revela muito ampla e dinâmica, com e sem fronteiras em relação a outras áreas do conhecimento” (Peruzzo, 2018, p.32).

Peruzzo pondera que é necessária uma busca contínua “pela revisão de conceitos e teorias, suas reelaborações e a formulação de novos conceitos e teorias para se dar conta das transformações” (2018, p.32). Além disso, a

pesquisadora salienta a tendência à “superficialidade na descrição e/ou omissão das metodologias” (2018, p.33), o que é prejudicial ao desenvolvimento científico da área. Para ela, é preciso que os estudos sejam aperfeiçoados por meio “do uso de metodologias mais complexas de modo a melhorar as descrições e, ao mesmo tempo, entender os fenômenos comunicacionais em sua complexidade” (Peruzzo, 2018, p.34).

Entretanto, o campo apresenta algumas dificuldades, principalmente quando se trata de pesquisas realizadas nos ambientes digitais. Como apontam Fragoso, Recuero e Amaral,

Uma das grandes dificuldades da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e, de um modo especial, da pesquisa a respeito de novas tecnologias e internet é a abordagem empírica “Como fazer”, “como aplicar” e “como pensar” abordagens metodológicas que sejam eficientes e que permitam aos pesquisadores coletar e analisar dados compatíveis com os seus problemas de pesquisa e com suas perspectivas teóricas mantendo o devido rigor científico (2016, p.17).

As autoras afirmam também que “a tradição empírica nas áreas humanas e sociais ainda está em construção no Brasil” (Fragoso, Recuero, Amaral, 2016, p.17). Além disso, se, fora da internet, muitos procedimentos metodológicos não dão conta dos desafios de uma pesquisa, em um campo ainda a ser explorado, essas questões se tornam mais complexas.

Nesse sentido, cabe recorrer às considerações de Howard Becker (1993, p.12), que afirma preferir “um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”. Para Becker (1993, p.12), os pesquisadores “deveriam se sentir livres para inventar métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo”.

Com isso, a metodologia da pesquisa aqui apresentada segue a linha artesanal, não se baseando fielmente em nenhum método previamente aplicado. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa que vem sendo desenvolvida a partir de uma metodologia construída pelas pesquisadoras.

Assim, primeira etapa da investigação - a teórica - é constituída pelo estudo sobre escritas de si, narrativas digitais, discurso, sentimento, condição sensível e sentimento de si, emoção, corpo, redes sociais e intermedialidade. A segunda etapa consiste em uma análise preliminar do *corpus* da pesquisa composto por 340 postagens sobre a pandemia de covid-19 do site

*#memóriascovid19*. Inicialmente, em um levantamento quantitativo, são identificados os registros que se referem a emoções, sentimentos e corpo.

Tais registros são separados em um arquivo digital para uma segunda análise, no que se configura a terceira etapa da pesquisa. Posteriormente, ainda em abordagem quantitativa, são levantados os números de publicações somente de texto, somente de imagem, somente de vídeo e as que reúnem estes três tipos registros. Em seguida, são salvos em diferentes arquivos digitais. Ou seja, arquivos de textos, imagens, vídeos e mesclados.

Delimitado este *corpus*, com base no escopo teórico anteriormente apresentado, tem início a quarta etapa, que consiste na pesquisa qualitativa, ou seja, um estudo do conteúdo do site, buscando responder às seguintes questões: quais as características de textos e imagens apresentados? Como se referem a sentimentos, emoções e corpos? Quais são as expressões recorrentes? E as situações? No que são semelhantes e diferentes entre si? De que forma se apresenta a intermedialidade nesses registros?

Uma vez que a pesquisa está em andamento, aqui apresentamos a parte inicial da segunda etapa, a análise quantitativa dos dados da plataforma *#memóriascovid19*. Ao acessarmos o site *#memóriascovid19*, é possível refinar a exibição dos resultados por faixa etária, gênero, escolaridade, suporte, cidade e estado. Para este artigo, o mais importante é o suporte, cujas opções são: texto, vídeo, fotografia, ilustração, colagem digital, poesia, *printscreen*, *gif*, catálogo, link e áudio.

Ao acessarmos cada suporte, encontramos os seguintes resultados: 41 postagens no suporte texto; 21 no suporte vídeo; 85 no suporte fotografia; 21 no suporte ilustração; 19 no suporte poesia; dois no suporte *printscreen* e um no suporte *gif*. As demais opções estavam vazias. Separamos os resultados em tabelas – uma para cada suporte -, inserindo nome, local, informação sobre o texto, vídeo, fotografia, ilustração, poesia, *printscreen* e *gif*, as emoções que transmitem e a forma como são categorizados pelo próprio site.

No site, os materiais são categorizados como: intersubjetividades, reinvenções, espaços, temporalidades, inconformismos. Consideramos estas categorias interessantes, na medida em que podem dialogar com as emoções observadas em uma análise posterior.

Em relação ao suporte texto, a maioria é constituída por relatos em primeira pessoa do singular e retrata a experiência de viver a pandemia de Covid-19. Os textos desvelam diversos tipos de emoções, mas as principais são: medo, angústia, solidão, saudade, tristeza e revolta. Narram como o isolamento afeta seus corpos. Por exemplo, uma professora diz que só pode dar as mãos a seus alunos virtualmente; uma outra mulher fala sobre o distanciamento e a necessidade de cuidar da sua mãe. Ansiedade é a tônica de boa parte das narrativas.

No suporte vídeo, observamos uma diversidade de gravações mostrando o cotidiano das pessoas, como um arquiteto que registrou a execução de uma escultura de aço em seu ateliê; ou um grupo musical tocando. Há vários registros do cotidiano. As emoções desveladas são, em sua maioria, solidão, medo, angústia, mas também resiliência – a criatividade para lidar com aquele momento ou o foco no trabalho, por exemplo.

O suporte fotografia reúne 85 imagens. Várias são fotos que pessoas tiraram de suas janelas, mostrando o nascer e o pôr do sol, luzes e sombras dentro e fora dos espaços de suas casas e apartamentos. Há imagens do cotidiano, em que os fotografados aparecem, em geral, sozinhos. Há também registros de praças e ruas vazias. As fotografias transmitem solidão, angústia e, como nos vídeos, resiliência e esperança, principalmente as que mostram pessoas se vacinando. Seus corpos, muitas vezes, estão encolhidos, ratificando a sensação de solidão.

Quanto às ilustrações, algumas são de crianças que desenharam suas impressões sobre a pandemia. São diferentes tipos de imagens: um médico de máscara, uma menina dormindo em uma cama, coberta por uma máscara, uma praia vazia, uma menina vista através de uma janela etc. Revelam solidão, angústia, tristeza. Há muitas ilustrações de adultos que transmitem revolta: mostram caricaturas do então presidente Bolsonaro sem máscara ou referências ao número de mortos por Covid-19. Outras ainda trazem esperança e resiliência, como as figuras que têm como tema a vacina contra o vírus.

A maioria dos poemas fala sobre tristeza, saudade, medo e revolta. Referem-se à quarentena, ao distanciamento social, aos mortos, à reabertura precoce. Há também alguns que refletem sobre a esperança de dias melhores.

O primeiro *printscreen* mostra uma imagem com palavras que, segundo a pessoa que a enviou, definem a pandemia de Covid-19: tédio, esperança, saudades, sono, “saúde mental zero”, raiva. Já o segundo traz uma tela do Instagram na qual há um relato sobre isolamento durante a pandemia. As emoções principais em ambos os casos são saudade e tristeza.

Por fim, o único *gif* é um trabalho de colagem que o autor desenvolveu durante o confinamento. Na verdade, são quatro *gifs* que apresentam uma sequência de imagens repetidas: dois mostram diferentes imagens de mulheres e os outros, diferentes imagens de homens. Homens e mulheres aparecem em diversas situações, mas sempre sós.

Na segunda etapa da pesquisa, procuramos identificar as emoções que observamos por meio de uma análise preliminar dos registros. Como na análise literária, utilizada na metodologia de pesquisa em literatura (Durão, 2020), não temos como saber de fato quais foram as sensações do autor ao realizar os registros. Portanto, cabe ressaltar que se trata de uma interpretação a partir dos textos/imagens apresentados e das legendas que, em alguns casos, o autor escreveu ao compartilhá-los.

De acordo com Fabio Akcelrud Durão, “um texto só existe à medida que é lido, que seu estado de potência, por assim dizer, é transformado em realidade, por meio de um ato no qual o sujeito tem um papel ativo. Tal ato se chama *interpretação*” (2020, p.27).<sup>7</sup> Durão prossegue afirmando que interpretar não significa somente fazer uma listagem de predicados do objeto. Segundo o autor, é possível “mobilizar etimologia própria de cada palavra, comparar qualquer coisa com qualquer coisa, dentro e fora da obra; relacionar as ideias do texto, utilizando o pensador que mais lhe aprouver; prestar atenção a tudo aquilo que o texto oferece como materialidade, os sons, as imagens, os argumentos etc” (Durão, 2020, p.30).

Neste sentido, procuramos apreender o significado das imagens e dos textos no que diz respeito a corpos e emoções. Ao analisarmos a imagem do céu fotografada de uma janela de um prédio, por exemplo, vemos as nuvens, o Sol, as sombras se misturando aos dois. Além disso, podemos associar a imagem ao contexto pandêmico – que era de distanciamento social, pelo menos nos

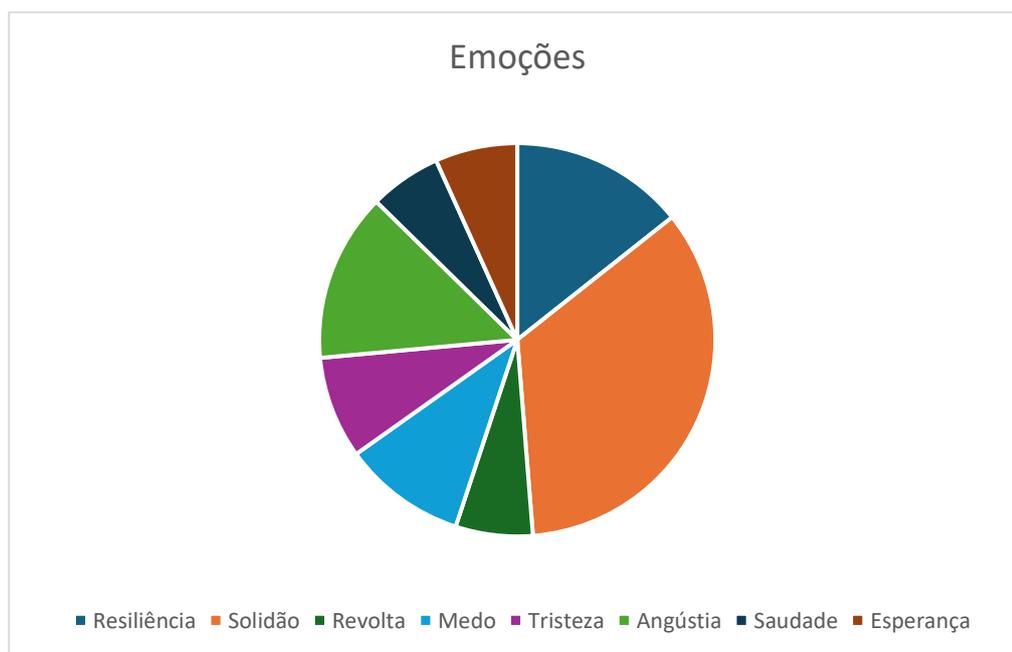
---

<sup>7</sup> Grifo de Durão.

primeiros meses. Se, por um lado, as fotos, sem a presença de pessoas, denotam solidão; por outro, a luz do sol pode significar esperança. Cabe ressaltar que se trata de uma primeira análise. Posteriormente, o *corpus* selecionado – que se constituirá das emoções que mais “aparecem” nesta etapa – será analisado de forma mais detida.

Assim, após a primeira análise, destacamos as seguintes emoções: resiliência, solidão, tédio, revolta, medo, tristeza, angústia, saudade, ansiedade, esperança, alegria, tranquilidade, segurança. Alguns registros transmitem mais de uma emoção. As emoções captadas foram: solidão (82 vezes), resiliência (34 vezes), angústia (34 vezes), medo (24 vezes), tristeza (20 vezes), esperança (16 vezes), revolta (15 vezes), saudade (14 vezes), alegria (3 vezes), segurança (2 vezes), tédio (1 vez), tranquilidade (1 vez).

A partir desse resultado, estruturamos o gráfico abaixo, selecionando somente as emoções que apareceram mais de dez vezes. A solidão tem muito mais evidência que as demais emoções, seguida por resiliência, angústia e medo.



**Figura 1 – Gráfico das emoções levantadas no site [memoriascovid19.unicamp.br](http://memoriascovid19.unicamp.br).  
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)**

É importante ressaltar que os registros correspondem a diferentes períodos da pandemia. Os textos/imagens iniciais abordam o isolamento, o distanciamento e o sofrimento sentido. Na segunda fase da crise, em que houve a reabertura e muitos tiveram que voltar a trabalhar presencialmente, as impressões eram de revolta e medo. Quando a vacinação se iniciou, a tônica era a esperança.

Em relação à resiliência, nossa hipótese é de que o próprio ato de compartilhar um relato já é uma tentativa de lidar melhor com as dificuldades do momento. Como vimos, escrever pode significar resistir e, no caso dos outros registros também. Gravar um vídeo, desenhar, fotografar, produzir algum tipo de arte pode ser uma maneira de enfrentar a situação.

### **Considerações finais**

Na ampla gama das narrativas digitais contemporâneas, há aquelas cujo foco é a interioridade do autor e que aqui denominamos de “narrativas digitais do eu”. Desde que o sujeito passou a se entender como um indivíduo único, falar de si mesmo se tornou uma prática comum. Entretanto, trata-se de uma maneira diferente de escrever sobre si. No passado, havia os limites da página de papel, os resquícios das mudanças de textos – apagar deixava rastros – e o tempo congelado nas frases.

A escrita de identidades online aponta para outra possibilidade: a constante reconstrução. Nada é permanente, tudo se fabrica e se refabrica nos ambientes digitais. Constrói-se, como afirma Arfuch (2014, p.30), “uma identidade online que se atualiza o tempo todo e forma parte do ser, da existência e da experiência em um puro presente e, talvez, isso seja um sintoma da solidão globalizada, relacionado a uma fragilidade afetiva que envolve ao mesmo tempo o temor à rejeição diante de tanta exposição”<sup>8</sup>.

Nos momentos mais adversos, os indivíduos procuram formas de enfrentar, superar, resistir. Como tecnologia, as redes conectadas podem ser

---

<sup>8</sup> Tradução nossa. No original: “Una identidad online que se actualiza todo el tiempo y forma parte del ser, de la existencia y de la experiencia en un puro presente y que quizá revele un síntoma de soledad globalizada, ligado a una fragilidad afectiva que involucra al mismo tiempo el temor al rechazo ante tanta exposición”.

aliadas nessas situações. Há pouco mais de trinta anos, não era possível imaginar escrever um texto ou publicar uma foto que ficassem acessíveis em qualquer lugar do mundo. A internet possibilitou novas formas de escrita e compartilhamento – em contrapartida, gerou novos problemas também, como a ampliação das formas de ódio, da cultura do cancelamento, da lacração.

Como vimos, durante a pandemia de Covid-19, a utilização da internet aumentou significativamente. As pessoas não apenas se comunicavam com suas famílias e amigos e trabalhavam de forma remota, como também postaram textos e imagens sobre a sua rotina durante o período.

A pesquisa em andamento aqui brevemente apresentada pretende analisar como esses usuários de redes se referiram a seus corpos e emoções durante a pandemia. Estamos no início do percurso, mas já podemos afirmar que se trata de corpos abalados, angustiados e ansiosos. São corpos que viveram a triste emoção de se sentirem sozinhos, perdidos e desamparados.

Para sobreviver, utilizaram subterfúgios. Muitos se dedicaram a trabalhos manuais, à arte, à escrita, à fotografia, compartilhando com o mundo seus momentos de dor e alegria. Outros olharam o mundo em perspectiva crítica, desconstruindo, por meio do riso, da ironia e de suportes como charges e caricaturas, políticos, estratégias retóricas e comerciais que gravitaram em torno do período de doença (Oliveira, 2024).

As imagens e textos analisados na primeira etapa da pesquisa revelam emoções, em sua maioria, de tristeza, solidão e medo. Se, antes da pandemia de Covid-19, muitos já viviam, como apontou Santaella (2013, p.12), como “pessoas presentes-ausentes”, isso se intensificou a partir de março de 2020. Cada vez mais presentes no mundo virtual, os sujeitos sentiam no corpo a ameaça do vírus.

Muitos utilizaram a internet como subterfúgio não apenas para se comunicar com amigos e familiares, mas também para compartilhar seu cotidiano, suas emoções. Alguns textos compartilhados tinham o tom “extimista” sobre o qual trataram Oswald, Couto Junior e Worcman (2014): expunham uma intimidade não tão íntima, editada; mas outros dividiam com a rede afetos e formas de lidar com a tristeza, a solidão e o medo. Fotos, desenhos, poemas, crônicas e outros conteúdos constituíram ferramentas de resistência e agora constituem documentos históricos, vestígios de um período de crise. Refletir

sobre a metodologia de pesquisa permite pensar em como tratar esse material produzido no período contemporâneo, um momento que as próprias pesquisadoras também vivenciaram.

## Referências

#MEMÓRIASCOVID19. Disponível em: <https://memoriascovid19.unicamp.br/>. Acesso: 19 ago. 2024.

ARFUCH, L. De la subjetividad en el lenguaje (digital). In: OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. (orgs.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: CRV, 2014. p.27-39.

ARFUCH, L. **La vida narrada**: memória, subjetividade y política. Villa María: Edivim, 2018a.

ARFUCH, L. (Auto)biografias, narrativas digitales, historia y memoria. In: MIGNOT, A. C.; MORAES, D. Z.; MARTINS, R. **Atos de biogr@far**: narrativas digitais, história, literatura e artes. Curitiba: Editora CRV, 2018b. p.31-38.

BARBOSA, M. Metodologia: um mapa complexo. In: BARBOSA, M.; SACRAMENTO, I (orgs.). **Vozes consoantes**: comunicação e cultura em tempos de pandemia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. p.11-31.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.197-221.

DURÃO, F. A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

HAROCHE, C. **A condição sensível**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

HEES, P. **Writing the self**: diaries, memoirs and the history of the self. [livro eletrônico] New York: Bloomsbury, 2013.

LASCH, C. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.

LEJEUNE, P. Autobiography and New Communication Tools. In: POLETTI, A.; RAK, J. (Orgs.). **Identity technologies: constructing the self online**. [livro eletrônico] Wisconsin: The University Wisconsin Press, 2014b. Posição: 5579-5820.

LEJEUNE, P; BOGAERT, C. The practice of writing a diary. In: BEN-AMOS, B.; BEN-AMOS, D. (Orgs.). **The diary: The epic of everyday life**. [livro eletrônico] Bloomington: Indiana University Press, 2020. p.25-38.

MACIEL, A. C. M. D.; FERREIRA, J. F. R. **#MEMÓRIASCOVID19: olhares e relatos**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

MARINO, I. K. Notas preliminares sobre o arquivamento digital da Covid-19. **Ideias**, Campinas, SP, v. 12, n. 00, p.e021011, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8661843>. Acesso em: 7 out. 2024.

MARINO, I. K.; SILVEIRA, P. T.; NICODEMO, T. L. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. **Cadernos do tempo presente**, São Cristóvão-SE, v. 1, n. 01, p.90-103, jan./jun. 2020.

MARTINS, R. Notas sobre (autobiografia), narrativas / imagens digitais e artes. In: MIGNOT, A. C.; MORAES, D. Z.; MARTINS, R. **Atos de biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p.51-61.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understandig media). 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

MEMÓRIAS DA PANDEMIA. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/mdp/> Acesso em: 19 ago 2024.

OLIVEIRA, D. C. Narrativas do eu, corpo e riso em fóruns de debates durante a pandemia. In: OLIVEIRA, D. C.; FREITAS, R. F.; FORTUNA, D. R. (Orgs.). **Narrativas na pandemia: corpos, escritas subjetividades**. Rio de Janeiro: Ayran/Faperj, 2024. p.94-115.

OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. Potencialidades e desafios das escritas de si na internet. In: OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. (Orgs.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: CRV, 2014. p.3-23.

PERUZZO, C. M. K. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em comunicação no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, vol. 33, p. 25-40, 2018.

RETTBERG, J. W. Online diaries and blogs. In: BEN-AMOS, B.; BEN-AMOS, D. (Orgs.). **The diary: The epic of everyday life**. [livro eletrônico] Bloomington: Indiana University Press, 2020. p.410-424.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. [livro eletrônico] São Paulo: Paulus, 2013.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SOARES, L. Com aumento na pandemia, Brasil chega 152 milhões de usuários na internet. 18 ago. 2021. **Olhar digital**. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/08/18/internet-e-redes-sociais/com-aumento-na-pandemia-brasil-chega-a-152-milhoes-usuarios-de-internet/> Acesso em: 28 ago. 2024.

TORRES, R. *et al.* Narrativas digitais – teorias, críticas(s), resultados: introdução. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 58, p.12-16, 2023.

VIGARELLO, R. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo. Petrópolis: Vozes, 2016.

# DE MÁSCARA E DISTANTE: O JORNALISMO, A ETIQUETA DA PANDEMIA E O PROCESSO CIVILIZADOR

## MASKED AND DISTANT: JOURNALISM, PANDEMIC ETIQUETTE AND THE CIVILIZING PROCESS

**Geraldo Garcez Condé**

Professor adjunto - Faculdade de Comunicação Social  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[garcezconde@gmail.com](mailto:garcezconde@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0009-8779-2074>

**Resumo** – O artigo discute como o jornalismo põe em relevo o abrandamento dos costumes e o controle das emoções, dois aspectos da teoria do processo civilizador formulada por Norbert Elias, ao prescrever os comportamentos adequados – como o uso de máscara e a manutenção de distância mínima entre as pessoas – no contexto da pandemia de Covid-19. Essas medidas de proteção contra a infecção, sustentadas pelo saber médico, comporiam um “manual de etiqueta” sanitária que se tornou tópico de controvérsia popular, uma vez que ele preconiza mudanças nas práticas higiênicas e nas regras de aproximação corporal, o que implicaria alterar condutas enraizadas e estabelecer um controle mais estrito das emoções. A teoria do processo civilizador tem se mostrado uma perspectiva produtiva para a investigação das pandemias. Suas ideias-chave, como processo histórico de longa duração, interdependência entre os seres humanos, abrandamento dos costumes e mudanças no padrão de sensibilidade propiciariam um entendimento mais amplo desse fenômeno, como mostram diversos autores. Argumenta-se neste artigo que a mudança da conduta social prescrita na etiqueta da pandemia põe em foco a internalização do constrangimento, a que Elias denomina *habitus*, acompanhada por uma “pacificação” do imaginário da doença e da morte promovida pelas recomendações sanitárias, que atuariam na redução das incertezas e das ambivalências do contexto pandêmico, reafirmando a prevalência da noção de controle. As questões examinadas à luz da teoria do processo civilizador são extraídas de um conjunto de produções jornalísticas de tom prescritivo tomadas como referências. Esse *corpus* é composto por materiais publicados em portais noticiosos brasileiros entre os anos de 2020 e 2021, cuja eleição tem como critério o potencial heurístico e a rentabilidade analítica.

**Palavras-chave:** Processo civilizador; Controle das emoções; Pandemia; Discurso prescritivo; Pacificação do imaginário.

**Abstract** – The article discusses how journalism highlights the softening of customs and the control of emotions, two aspects of the theory of the civilizing process formulated by Norbert Elias, by prescribing appropriate behaviors – such as wearing a mask and maintaining a minimum distance between people – in the context of the Covid-19 pandemic. These measures to protect against infection, supported by medical knowledge, would make up a sanitary “etiquette manual” that has become a topic of popular controversy, since it advocates changes in hygienic practices and in the rules of bodily closeness, which would imply altering ingrained behaviors and establishing stricter control of emotions. The theory of the civilizing process has proved to be a productive perspective for investigating pandemics. Its key ideas, such as a long-lasting historical process, interdependence between human beings, the softening of customs and changes in the pattern of sensitivity, would provide a broader understanding of this phenomenon, as shown by various authors. This paper argues that the change in social conduct prescribed in the pandemic label focuses on the internalization of constraint, which Elias calls *habitus*, accompanied by a “pacification” of the imaginary of illness and death promoted by health recommendations, which would act to reduce the uncertainties and ambivalences of the pandemic context, reaffirming the prevalence of the notion of control. The questions examined in the light of the theory of the civilizing process are taken from a set of journalistic productions with a prescriptive tone taken as references. This *corpus* is made up of materials published on Brazilian news portals between 2020 and 2021, whose selection is based on heuristic potential and analytical profitability.

**Keywords:** Civilizing process; Control of emotions; Pandemic; Prescriptive discourse; Pacification of the imaginary.

## Introdução

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, decretou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, os tópicos da prevenção e do controle sanitário, que já se destacavam na imprensa brasileira devido à escalada da infecção em outros países, tiveram seu espaço ampliado. Um expressivo volume de produções discursivas, tanto nas denominadas mídia hegemônica e mídia alternativa e também em redes sociais, abordava a origem, o desenvolvimento, as possibilidades de criação de vacina e de cura e as consequências da doença nos âmbitos pessoal, social, econômico e político, mas sobretudo as condutas preventivas, como o uso de máscara, o distanciamento social, a higienização correta das mãos e o protocolo para tossir e espirrar, tendo como fontes,

principalmente, organizações nacionais e internacionais de saúde, autoridades sanitárias, instituições universitárias e pesquisadores.

As prescrições sanitárias amparadas pelo conhecimento científico provocaram controvérsias públicas, marcadas por alinhamentos políticos, pela desinformação e pelo “negacionismo”, que ganharam espaço em veículos jornalísticos e redes sociais de diferentes tamanhos e orientações. O propósito, a eficácia e o significado das medidas sanitárias foram questionados com base em opiniões, hábitos arraigados, informações falsas, crenças religiosas e até mesmo em argumentos científicos, sugerindo que a pandemia de Covid-19 não seria experimentada unicamente como uma ameaça concreta à vida das pessoas, mas também ao regime estabelecido dos afetos e das sensibilidades. A adoção dessas condutas rompia com a concepção de vida cotidiana “normal”.

Nesse cenário, os materiais jornalísticos de variados estilos, veiculados em múltiplas plataformas, que prescreviam condutas preventivas à infecção cientificamente embasadas, compunham uma espécie de “manual de etiqueta” da pandemia. O discurso prescritivo sobre o uso de máscara e sobre o distanciamento social, independentemente de sua eficácia, pode ser um objeto empírico fértil para pensar sobre a dimensão emocional da pandemia.

A proposta deste artigo é discutir como o jornalismo põe em relevo o abrandamento dos costumes e o controle das emoções – dois aspectos da teoria do processo civilizador formulada por Elias (1993; 1994) – ao prescrever as condutas consideradas adequadas no contexto da pandemia de Covid-19. As prescrições seriam tensionadas por um regime estabelecido de afetos e sensibilidades no qual se destacariam o medo da doença e da morte, tendo como estado subjacente a resignação às medidas preventivas, e uma determinada expectativa hedonista, questão que explorei em um trabalho sobre a concepção de felicidade em materiais midiáticos produzidos e veiculados durante a pandemia (Condé, 2024).

Esta exploração adota a “atitude pragmática” de inspiração antropológica proposta por Rothenbuhler e Coman (2005, p.3), segundo a qual qualquer método bem aplicado que produza “respostas úteis para questões interessantes” é bom. Não se trata de quantificar as menções às medidas de proteção, avaliar a correção das informações ou a sua eficácia comunicacional, mas de rastrear nos materiais que compõem o *corpus* elementos que fariam emergir aspectos da

dimensão emocional da pandemia e examiná-los à luz da teoria do processo civilizador as questões do abrandamento dos costumes e do controle das emoções subjacentes à prescrição do uso de máscara e da manutenção do distanciamento social.

O *corpus* é formado por exemplares de um conjunto volumoso de materiais jornalísticos produzidos entre os anos de 2020 e 2021, coletados de portais noticiosos brasileiros, tendo como critério de eleição o potencial heurístico e a rentabilidade analítica. A principal característica desse material é o seu tom prescritivo.

Somam-se ao *corpus* da pesquisa outros materiais jornalísticos, veiculados em diferentes períodos, cuja menção tem o propósito meramente informativo.

### **Pandemia e processo civilizador**

Os efeitos globais provocados pela Covid-19 instigaram os pesquisadores a buscar entender as relações entre a ameaça da doença e as características fundamentais da vida social, cultural, política e econômica do mundo atual. A teoria do processo civilizador proposta por Elias (1993; 1994) ofereceria uma perspectiva produtiva, na medida em que suas ideias-chave, como processo histórico de longa duração, interdependência entre os seres humanos, abrandamento dos costumes, mudanças no padrão de sensibilidade e autocontrole, proporcionariam um entendimento ampliado e nuançado da pandemia.

Uma referência inicial de abordagem desse tema com base na sociologia figuracional e processual proposta por Elias é a investigação de Goudsblom (1986) das mudanças das condutas das pessoas em relação às epidemias de lepra, peste, sífilis e cólera que assolaram a Europa a partir da Idade Média com o objetivo de pensar sobre as “respostas sociais à AIDS”. Uma das conclusões do autor é que as doenças epidêmicas por si só não exerceriam uma influência civilizatória, isto é, promoveriam um abrandamento dos costumes e um maior controle das emoções. Ao contrário, o aumento da insegurança tenderia a enfraquecer o autocontrole, dando vazão a ataques morais, busca de bodes expiatórios, demonização da doença e de seus portadores como ocorreu com

relação à AIDS.

Também com base na teoria eliasiana, Van Krieken (2020), destaca três pontos da relação entre pandemia e processo civilizador nas suas considerações sobre a Covid-19: 1) as pandemias são parte do processo civilizador, pois estão atreladas a determinadas linhas de mudanças nas relações entre humanos, microrganismos, animais, fontes de energia e meio ambiente, que constituiriam um processo de longa duração; 2) a intensificação dessa interdependência global, também uma das ideias centrais da teoria do processo civilizador, seria tanto a causa como parte da solução dos problemas impostos pela pandemia; 3) há um estreito vínculo entre as transformações das disposições emocionais e psicológicas, estilos de vida e normas sociais – sintetizadas no termo *habitus*, que significaria modos de conduta internalizados, automáticos, inconscientes e habituais –, que caracterizariam o processo civilizador, e as causas, os efeitos e as possíveis respostas à pandemia de Covid-19.

Landini (2021) toma o contexto brasileiro no início da pandemia e discute, recorrendo à teoria do processo civilizador, os prognósticos – muitos deles de tom otimista – elaborados naquele momento sobre as mudanças no comportamento individual, na organização social e no alinhamento político-ideológico provocadas pela situação dramática imposta pelo alastramento da doença. A partir das noções eliasianas de identidade-nós e identidade-eu, a autora conclui que, embora houvesse ações solidárias (ex.: campanhas de doação para a população economicamente vulnerável) em confronto com aquelas egoístas (defesa da não obrigatoriedade do uso de máscara, sobrepondo os direitos individuais aos direitos coletivos), prevaleceria em ambas as dinâmicas a identidade-eu, isto é, a autopercepção do indivíduo como autônomo, independente, pondo em segundo plano a noção de interesse geral. Como assinala Landini, em referência a Elias (1994), essa autopercepção de um eu autônomo seria um *habitus* das pessoas na modernidade, uma estrutura básica da personalidade, enquanto a interdependência fundamental entre os seres humanos seria uma questão empírica, inescapável.

Pratt e Lutyens (2022) também se apoiam na teoria do processo civilizador para explicar como a pandemia de Covid-19 confrontou o que denominam “populismo”, isto é, fenômeno político ancorado no ressentimento popular contra a “traição do sistema” e na figura do “homem forte”, como Trump, nos EUA, e

Bolsonaro, no Brasil. Para os autores, embora tendo um potencial “descivilizador”, a pandemia reforçou muitas das características do processo civilizador combatidas pelo populismo. Na contramão dos discursos que tentavam desacreditar medidas como o uso de máscara e o distanciamento social, considerando-as imposições à liberdade individual, a maioria das pessoas, sem a necessidade de ser coagida, teria tornado a conduta de prevenção “uma segunda natureza”, internalizada, automática, inconsciente e habitual. Nos termos eliasianos, um *habitus*.

Em consonância com essas discussões, a esta pesquisa interessa como produtos jornalísticos, ao prescreverem medidas sanitárias, como o uso de máscara e o distanciamento social, atuando como um “manual de etiqueta” para a interação entre pessoas em um contexto disruptivo, oferecem pistas para pensar a dimensão emocional da pandemia.

### **Etiqueta sanitária e controle das emoções**

Elias (1994) encontra exatamente nos manuais de etiqueta destinados às elites europeias desde a Idade Média as evidências de uma mudança nos costumes e nas sensibilidades provocada pelo aumento da interdependência entre os indivíduos e da conseqüente alteração do balanço das relações de poder.

A “etiqueta da pandemia” veiculada nos meios jornalísticos e as controvérsias em torno da sua adoção que ocuparam o noticiário ressaltariam que o uso de máscara e a manutenção do distanciamento físico põem em jogo mais que a obediência a regras sanitárias. A recusa em adotar a etiqueta da pandemia, baseada em argumentos de naturezas diversas, e a sua aceitação, orientada, em princípio, pelo conhecimento científico, ofereceriam indícios da tensão subjacente às mudanças no regime estabelecido de afetos e sensibilidades.

Publicada em 27 de fevereiro de 2020 pelo site *G1*, dias antes da decretação da pandemia, a matéria “Coronavírus: veja perguntas e respostas”<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Em função da quantidade de textos jornalísticos e dados retirados de site citados, optei por inserir as referências em notas de rodapé. Coronavírus: veja perguntas e respostas. G1.

é ilustrativa da etiqueta sanitária – algo como um “discurso prescritivo de referência”<sup>10</sup> – que se tornou corrente nos veículos jornalísticos. Entre as 56 perguntas relacionadas – que vão da origem do vírus SARS-CoV-2 à existência de remédios caseiros para a doença –, muitas se referem a condutas de proteção contra a contaminação – como o uso de máscara, a adoção do distanciamento social, a maneira correta de higienização das mãos e o protocolo para tossir e espirrar. Nesse momento inicial da pandemia, o uso da máscara e o distanciamento social – regulamentados por lei<sup>11</sup> – foram talvez as condutas que provocaram mais reações. A máscara foi comparada a “focinheira”<sup>12</sup> – utilizada em cães para evitar que mordam –, acusada de dificultar a respiração e causar danos à saúde, de ser um símbolo de submissão, muitas vezes retirada e queimada em manifestações políticas, e cuja exigência de uso provocou discussões e agressões, principalmente em estabelecimentos comerciais<sup>13</sup>. Do mesmo modo, promover aglomerações – festas, encontros, manifestações e outros tipos de reunião – constituiu-se em ato de afronta ao que era designado como um cerceamento da liberdade<sup>14</sup>.

Um estudo realizado no Brasil por Miguel *et al.* (2021) identificou nas pessoas que se recusavam a adotar as medidas protetivas “traços antissociais”, como “insensibilidade”, “hostilidade”, “impulsividade”, “irresponsabilidade”. Contudo, a redução desse comportamento unicamente às dimensões psicológicas talvez encubra o seu significado social mais profundo. A adoção dessas medidas implicaria um abrandamento dos costumes e um autocontrole mais estrito que estão relacionados a uma determinada dinâmica social. Suportar o desconforto físico e a carga simbólica pejorativa atribuída à máscara

---

Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/coronavirus-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso: 22/08/23.

<sup>10</sup> Analogia com a eleição de um “mito de referência” pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss no estudo dos mitos.

<sup>11</sup> Lei nº 13.979 de 06 de fevereiro de 2020, alterada pela Lei nº 14.019 de 02 de julho de 2020.

<sup>12</sup> Médico emite atestados para pacientes não usarem máscaras contra Covid-19. *Metrópoles*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/medico-emite-atestados-para-pacientes-nao-usarem-mascaras-contr-covid-19>. Acesso: 09/09/2023.

<sup>13</sup> Funcionária leva soco de cliente que se recusou a usar máscara em supermercado. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/09/16/funcionaria-leva-soco-de-cliente-que-se-recusou-a-usar-mascara-em-supermercado-video.ghtml>. Acesso em: 09/09/2023.

<sup>14</sup> O submundo das festas clandestinas que se espalham pelo país na pandemia. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-submundo-das-festas-clandestinas-que-se-espalham-pelo-pais-na-pandemia>. Acesso: 09/09/2023.

e evitar interações com a proximidade física habitual, associada em determinados contextos à expressão afetiva “natural” – apertar a mão, abraçar, beijar, falar próximo ao rosto, tocar o corpo do interlocutor – significa uma alteração no regime estabelecido de afetos e sensibilidades. Tais medidas sanitárias visariam à proteção mútua, logo, imporiam restrições ao indivíduo em razão dos outros, exigindo o autodomínio, a constante auto-observação, o controle mais atento de seus impulsos e emoções. Isso demandaria, por outro lado, também um ajuste na autopercepção de um eu autônomo, o *homo clausus* caracterizado por Elias (1994), e o fortalecimento da percepção da interdependência entre os seres humanos.

Publicada no site da *CNN Brasil* em 20 de abril de 2021, mês no qual ocorreu o maior número de óbitos por Covid-19 no Brasil, a matéria “Como se proteger das variantes do coronavírus? Confira dicas de uma especialista”<sup>15</sup> recomenda que as medidas protetivas sejam intensificadas, mesmo com a vacinação – ainda no início – se mostrando eficaz. O uso de máscara e o distanciamento social estão entre os comportamentos que devem ser mais rigorosos, prescreve a especialista: “A variante B.1.1.7 é mais transmissível do que as cepas anteriores, o que significa que precisamos ser ainda mais cautelosos. [...] Isso significa usar uma máscara em público, praticar o distanciamento e evitar reuniões em ambientes fechados com pessoas que não sejam de sua casa”.

A última frase da especialista no trecho acima, embora se refira a uma conduta padrão da etiqueta sanitária, talvez óbvia no cotidiano pandêmico, ofereceria indícios de como a adoção dessas duas medidas ameaça o regime estabelecido dos afetos e sensibilidades. A máscara, um equipamento, neste caso, de proteção mútua, deve ser usada “em público”, ou seja, em presença de outros fora da casa; do mesmo modo, devem ser evitadas reuniões em ambientes fechados com os outros que não sejam da casa. É razoável considerar que os laços emocionais entre o destinatário da recomendação e os “outros” de fora da casa sejam mais fracos do que aqueles que atam “os da

---

<sup>15</sup> Como se proteger das variantes do coronavírus? Confira dicas de uma especialista. *CNN Brasil*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/como-se-proteger-das-variantes-do-coronavirus-confira-dicas-de-uma-especialista>. Acesso em: 29/08/2024.

casa”. Se esses protocolos sanitários visam à proteção mútua, por extensão, deveriam ser adotados também no ambiente doméstico, pois nada impediria a contaminação dos moradores da casa uns pelos outros. Contudo, isso significaria tensionar um regime estabelecido de afetos e sensibilidades – que, entre outras coisas, neste caso, supõe confiança, proximidade, intimidade.

A adoção da etiqueta da pandemia foi motivo de conflitos registrados pela imprensa e, de certa forma, expostos como “contos morais” que reforçavam as prescrições das medidas protetivas. É o caso de “Piora da pandemia também aumenta conflitos em prédios”<sup>16</sup>, publicada em 2 de abril de 2021, no site da *Folha de São Paulo*, sobre como a permanência de um maior número de pessoas em casa devido à quarentena, a promoção de festas e a recusa de alguns moradores em usar máscara em áreas comuns geraram brigas em condomínios: “Nas áreas comuns, como halls, jardins, quadras, academias, piscinas e elevadores, é preciso seguir as regras estipuladas pelo condomínio”, adverte a matéria. Os especialistas consultados pela reportagem condenam a desobediência às medidas protetivas e destacam a necessidade de autocontrole dos condôminos para lidar com tais situações. “As pessoas estão exaustas e há questões de desobediência, de não querer usar máscara e achar que todo o condomínio é a casa delas”, diz uma especialista. Uma psicóloga recomenda ao morador “se acalmar” e evitar o “confronto direto” com um vizinho, pois “quando estamos com raiva, não medimos o risco”.

A etiqueta da pandemia, orientada pelo saber científico e pela noção de higiene, para além de um caráter utilitário, confronta um conjunto de fatores de resistência, como crenças e regimes estabelecidos de afetos e sensibilidades. A recusa em usar máscara e manter o distanciamento social, a despeito da massiva prescrição dos materiais jornalísticos, da propaganda institucional e das redes sociais, parece envolver mais do que a falta de entendimento de um argumento técnico ou ser apenas o resultado da desinformação, também massiva, promovida naquele contexto<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Piora da pandemia também aumenta conflitos em prédios. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2021/04/piora-da-pandemia-tambem-aumenta-conflitos-em-predios.shtml>. Acesso em: 29/08/2024.

<sup>17</sup> Impactos da desinformação no Brasil em tempos de Covid-19 e eleições. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/impactos-da-desinformacao-no-brasil-em-tempos-de-covid-19-e-eleicoes>. Acesso: 30/08/2024.

Um dos fatores de resistência seria a concepção de “liberdade” como independência individual, autonomia plena. O autocontrole e a percepção de si como um elo na cadeia relacional, imagem da formulação eliasiana, exigidos pela adoção das medidas sanitárias, contrastam com a ideia de escolha individual livre e de satisfação egoica que impregna o modo de vida na modernidade tardia. Essa concepção de liberdade tem a ver com a disposição plena do corpo – que o uso da máscara e a manutenção do distanciamento social limitariam – e com a evitação do constrangimento permanente imposto pela interdependência. Tais medidas significariam uma submissão “aos outros”.

Uma das críticas a Elias (1994) destacadas por Heinich (2001, p.36) se refere aos materiais empíricos utilizados para construir seus modelos teóricos de determinados aspectos do processo civilizador, como os manuais de etiqueta destinados às elites que circularam na Europa por séculos. Ponto de partida de Elias para a conceituação de civilização como mudança do comportamento humano, os manuais prescrevem condutas – modos à mesa e relativas às funções corporais, por exemplo – que indicariam uma elevação do nível de sensibilidade das classes superiores, mas seria difícil, argumentam os críticos, avaliar em que medida esse abrandamento dos costumes ocorreria na prática.

Guardadas as diferenças contextuais, pode-se conjecturar em que medida o discurso prescritivo – jornalístico, publicitário ou de redes sociais – sustentado pelo conhecimento científico efetivamente contribuiu para a adoção da conduta protetiva. As teorias que procuram explicar os “efeitos” da mídia noticiosa, por exemplo, permitem formular hipóteses, mas, em última análise, como assinala Sousa (2000), estes dependem do receptor e dos complexos fatores pessoais, sociais, ideológicos e culturais nos quais está imerso. A justificativa ideológica do jornalismo de ser uma prática sociotécnica objetiva, imparcial e promotora do esclarecimento e de revelação de uma verdade tem sido posta à prova pelo poder mobilizador das chamadas *fake news*, que teriam como uma das características a manipulação emocional, da qual o primeiro, em princípio, tentaria se afastar.

Contudo, para além do propósito pragmático de mudar condutas, romper com um regime estabelecido de afetos e sensibilidades com base em um argumento objetivo, a etiqueta da pandemia pode ser um bom material para pensar sobre a constituição daquilo que Elias (1994) denomina de *habitus* – a

internalização do constrangimento –, a ponto de se tornar uma “segunda natureza”. Desse modo, usar máscara e manter o distanciamento social poderiam ser compreendidos não como mera adoção de um protocolo autoexplicativo, mas como mudanças da conduta social reveladoras da dimensão emocional subjacente à experiência da pandemia.

Os produtos da mídia, como o jornalismo, podem ser objetos privilegiados para uma investigação de fenômenos dessa natureza. Lerner e Gradella (2011), examinando como os jornais *O Globo* e *O Dia* construíram a narrativa sobre a pandemia de Influenza H1N1 em 2009, constatam que emoções como medo, desproteção e indignação são mobilizadas nas produções discursivas desses veículos. Para os autores, o medo, “elemento estruturante” dessas narrativas, estaria associado à imprevisibilidade, à novidade, à falta de controle, ao contágio decorrente de aglomerações e, principalmente, à morte.

Embora tenha havido uma intensa onda de acusações de caráter xenofóbico sobre a pandemia de Covid-19 ter sido causada intencional ou acidentalmente pela China, ela foi considerada um desastre natural, mas a polêmica ainda não se encerrou<sup>18</sup>. Independentemente da sua origem, ocorrências consideradas danosas em determinado contexto costumam ser a matéria-prima para relatos jornalísticos emocionalizados. Pantti e Wahl-Jorgensen (2011), estudando a cobertura de desastres ferroviários causados, em princípio, por negligência e irresponsabilidade de pessoas, empresas ou autoridades, mostram como ela foi construída em torno de expressões de raiva, o que, segundo as autoras, daria oportunidade a pessoas comuns de se expressarem politicamente.

O ponto a se destacar é que a emocionalização intencional ou não do jornalismo, além de produzir um debate moral, atuaria como uma das instâncias de elaboração do imaginário desses eventos. No caso específico da pandemia de Covid-19, as prescrições sanitárias parecem pôr em cena, além do abrandamento dos costumes e do controle das emoções, as mudanças nas maneiras de sentir e imaginar. Se, por um lado, a etiqueta da pandemia implica

---

<sup>18</sup> OMS: origem da covid-19 em acidente de laboratório deve ser apurada. *Agência Brasil*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-06/oms-origem-da-covid-19-em-acidente-de-laboratorio-deve-ser-apurada>. Acesso em: 29/8/2024.

contenção ou mudança de hábitos enraizados, exigindo dos indivíduos um autocontrole mais estrito, uma alteração no regime de afetos, por outro, ela forneceria os elementos que, paradoxalmente, reafirmam a permanência da ideia de controle face à crise, promovendo o que se pode denominar de “pacificação do imaginário”.

### **Doença e morte, discurso prescritivo e pacificação do imaginário**

Em uma exposição sucinta do conceito de civilização, Elias (2006) observa que, ao longo do processo civilizador, há uma mudança nas maneiras de sentir e imaginar que se manifestaria até mesmo na redução da instabilidade do comportamento dos deuses na imaginação coletiva. De figuras apaixonadas e instáveis, eles ter-se-iam transformado progressivamente em figuras justas e morais, amáveis e bondosas. Para Elias, essa mudança seria “uma das comprovações mais expressivas da civilização a longo prazo dos seres humanos” (Elias, 2006, p.24).

Tal abrandamento da imagem dos seres mitológicos guardaria afinidades com a acomodação da experiência emocional a uma nova sensibilidade. As incertezas, instabilidades e oscilações em variados aspectos da vida provocadas pela pandemia põem à prova a ideia de controle subjacente à modernidade. Uma doença ameaçadora de proporções globais que impõe severas restrições a modos de vida consolidados contrastaria, para amplas parcelas da humanidade, com a concepção de uma natureza domesticada, pacificada, controlada, principalmente pelo conhecimento científico e pela tecnologia. No entanto, o imaginário do controle da doença e da morte não estaria ancorado apenas no conhecimento científico e técnico, materializado em condutas preventivas, vacinas, terapias e remédios, mas também em conhecimentos pseudocientíficos, como as condutas preventivas, terapias e remédios considerados impróprios, mas que possuiriam uma roupagem discursiva de fundo científico<sup>19</sup>, e até mesmo mágico-religioso<sup>20</sup>. O ponto em comum é a busca

---

<sup>19</sup> Estudo estima 17 mil mortes por tratamento de covid-19 com cloroquina. *Agência Brasil*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-01/estudo-estima-17-mil-mortes-por-tratamento-de-covid-19-com-cloroquina>. Acesso: 29/08/2024.

<sup>20</sup> Pressões da pandemia de covid-19 levam a maior busca por religiões e técnicas de meditação. *Folha de S. Paulo*. Disponível em:

pela redução das incertezas provocadas pela pandemia.

Sontag (2007) argumenta que o mistério que cerca determinadas doenças até que se tornem compreendidas e curáveis inspira fantasias de longo alcance no imaginário social, atingindo diferentes instâncias de produção simbólica. A tuberculose, o câncer e a AIDS, por exemplo, foram descritas metaforicamente tanto pela literatura de ficção, mais pronunciada no caso da primeira, quanto no discurso médico, político e midiático, no que se refere aos dois últimos. Se as metáforas imprimiam certa “espiritualização” à tuberculose – descrita como doença da “paixão” –, o câncer e a AIDS são marcados pelas metáforas bélicas – nas quais aparecem termos como “luta”, “cruzada”, “guerra” – e por aquelas que evocam a atmosfera da ficção científica – compostas, por exemplo, pelas ideias de “invasão”, “transformação” e “mutação”.

A metaforização da doença tornaria o desconhecido conhecido, o inclassificável classificado, por meio de uma comparação. Pode-se conjecturar que o estabelecimento de um protocolo, de um conjunto de procedimentos de prevenção ou de tratamento da doença, de maneira análoga, seria uma tentativa de dar sentido ao incompreensível, de ordenar o desordenado, de tornar familiar o que é estranho, enfim, de manter o controle, ainda que imaginariamente.

A etiqueta da pandemia assume um tom genérico, isto é, não leva em consideração as particularidades do contexto em que se aplicaria, sendo formulada para um destinatário indistinto. Embora não tenha se limitado ao registro unicamente escrito, os princípios subjacentes a esse tipo de produção discursiva, mesmo no registro audiovisual, seriam os da escrita, com um encadeamento linear de pergunta/resposta, problema/solução. Com base nessas considerações e no fato de o *corpus* desta exploração ser formado unicamente por materiais escritos veiculados em ambiente digital, pode-se examinar de modo preliminar alguns aspectos da relação entre discurso prescritivo e “pacificação” do imaginário.

Discutindo o “impulso generalizador” promovido pela escrita na formulação das normas nos textos religiosos, Goody (1987, p.198) assinala que ele seria devido tanto à “descontextuação relativa” quanto à magnitude dos

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/pessoas-da-pandemia-de-covid-19-levam-a-maior-busca-por-religoes-e-tecnicas-de-meditacao.shtml>. Acesso: 29/08/2024.

agrupamentos humanos onde circulam. Além do “impulso generalizador”, o registro escrito promoveria uma eliminação das ambiguidades e ambivalências da oralidade. Para o autor, a escrita teria um “poder constrangedor”, forçando a classificação, a proposição em termos precisos e unívocos, como no caso das receitas com finalidades médicas, culinárias ou mágicas, em que a prescrição dos passos a serem seguidos descarta todas as outras possibilidades.

Essa tendência do registro escrito parece guardar uma estreita afinidade com a tentativa de redução das ambivalências observada no discurso da etiqueta sanitária. Bauman (1999) identifica na modernidade esse “esforço para exterminar a ambivalência”, que pode ser considerado como o princípio fundador do discurso prescritivo, caracterizado por oferecer uma solução supostamente unívoca para toda situação considerada problemática.

A matéria “Uso das máscaras diminui risco de contágio por coronavírus; veja ilustrações”<sup>21</sup>, publicada no site *G1* em 14 de abril de 2020, ilustra esse ponto. Nela, são examinadas basicamente a “probabilidade” de infecção em quatro hipóteses de interação próxima, tomando como dados iniciais uma pessoa doente e uma saudável. Na primeira hipótese, ambas as pessoas estão sem máscara; na segunda, apenas a doente usa; na terceira, apenas a saudável usa; na quarta, ambas usam. As “chances” de infecção são então relacionadas em ordem decrescente, indo de “muito alta” para a primeira hipótese a “baixa” para a quarta. As recomendações de uso da proteção são reforçadas por declarações de dois especialistas, que destacam que o equipamento deve ser utilizado de forma correta e acompanhado de outros procedimentos, como a higienização das mãos, e também sugerem que as pessoas usem máscaras caseiras para que não falem no mercado máscaras industrializadas para as equipes de saúde.

Haveria, portanto, um esforço de racionalização, um “impulso generalizador”, nos termos de Goody (1987): os cenários possíveis são reduzidos, os desdobramentos das ações são tornados previsíveis em termos probabilísticos, as incertezas, oscilações e instabilidades têm seu campo de

---

<sup>21</sup> Uso das máscaras diminui risco de contágio por coronavírus; veja ilustrações. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/14/uso-das-mascaras-diminui-chance-de-contagio-por-coronavirus-veja-ilustracoes.ghtml>. Acesso em: 29/08/2024.

ocorrência radicalmente restringido. O contexto material e simbólico de adoção dessas prescrições, as controvérsias de natureza científica e pseudocientífica, moral, emocional e política em torno delas são omitidos, eliminando assim os impasses<sup>22</sup>. Seguindo as considerações de Bauman (1999, p.107) acerca da “competência especializada”, observa-se na etiqueta da pandemia a materialização da tendência moderna de eliminação da ambivalência em oferta de “mapas detalhados, sinalização confiável, indicador de distâncias”.

A racionalização promovida pela etiqueta sanitária permitiria a experimentação imaginária da conduta apropriada, reduzindo o espaço para as incertezas, as ambivalências, as instabilidades e as oscilações provocadas pela pandemia. Sobretudo em relação à própria vida humana ameaçada pela doença.

A doença e a morte são as questões subjacentes à etiqueta da pandemia aqui examinada. A morte, em particular, quando mencionada, assume um caráter genérico – “risco de hospitalização e morte” –, é expressa por um número – “uma pandemia com milhares de mortes” –, ou ocupa uma determinada posição em uma classificação – “a primeira morte foi registrada em 9 de janeiro”. A perspectiva da morte seria a razão primeira das prescrições escrupulosas para se evitar a contaminação, o desenvolvimento e o agravamento da doença. Naquele momento, o desconhecimento e as incertezas sobre os desdobramentos da pandemia tornavam o cenário sombrio para determinados grupos<sup>23</sup>.

Elias (2001) observa que há nas sociedades modernas um recalçamento da ideia de morte, resultado de um processo de interiorização, de negação da própria finitude e de repressão das emoções relacionadas a ela. Seria uma forma particular de mudança das formas de sentir e pensar decorrente do processo civilizador, pois não se trata de controle dos afetos, que permitiria tratar de forma mais aberta e realista a questão da morte, como teria ocorrido com relação à sexualidade, mas da repressão, que teria efeitos indesejáveis, por exemplo, para a relação dos indivíduos com os moribundos. Nesse processo, os fatos

---

<sup>22</sup> [Presidente do CFM critica uso de máscaras em documento para a Anvisa. CNN Brasil. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/presidente-do-cfm-critica-uso-de-mascaras-em-documento-para-a-anvisa.](https://www.cnnbrasil.com.br/saude/presidente-do-cfm-critica-uso-de-mascaras-em-documento-para-a-anvisa) Acesso: 29/08/2024.

<sup>23</sup> Efeito pandemia: medo aparece com mais intensidade na população. Faculdade de Medicina – UFMG. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/efeito-pandemia-medo-aparece-com-mais-intensidade-na-populacao/>. Acesso: 29/08/2024.

biológicos da vida humana, como a morte, são empurrados para os “bastidores da vida social”.

A relação que as pessoas têm com a morte, segundo Elias (2001, p.54), não é determinada simplesmente pelo processo biológico, mas também pela “ideia, em constante evolução e específica do estágio da civilização”, que se tem dela. Isso estaria relacionado a algumas características das sociedades contemporâneas, como a extensão da vida individual, a experiência da morte como estágio final de um processo natural ordenado e o alto grau de pacificação interna nessas sociedades, se comparado a momentos históricos anteriores.

Para esta exploração, interessam particularmente a primeira e a segunda características. A expectativa de uma vida mais longa – graças ao conhecimento médico e à elevação dos padrões de higiene –, de acordo com Elias (2001), levaria parte considerável dos indivíduos a “esquecer” a ameaça objetiva da morte por um maior período, sendo considerada como algo distante. Haveria assim uma maior sensação de segurança e de controle sobre o corpo e a vida.

A ideia da morte como estágio final de um processo natural ordenado, que está diretamente relacionada à primeira característica, expressaria sobretudo a concepção de controle da natureza nessas sociedades. Como sublinha Elias (2001, p.55), ela seria “característica das pessoas em sociedades que vivem sob o signo da ciência”. Em síntese, de acordo com o autor, seria reconfortante saber que a morte é o fim de um processo natural e que, mesmo sendo inevitável, esse processo, dentro de certos limites, seria controlável.

Com base nesse conjunto de ideias e reflexões, pode-se considerar que a etiqueta da pandemia é também uma objetificação do controle da ideia de morte. As regras sanitárias trazem embutidas simultaneamente uma ameaça velada, uma vez que a morte pode advir da desobediência às prescrições, e uma promessa de “salvação” pela adoção da conduta adequada. Desse modo, ainda que não mencionada, a morte, condicionada, racionalizada e dotada de sentido, subjaz o discurso prescritivo.

### **Considerações finais**

Há quase cinco anos, a Covid-19 começou a ganhar destaque no noticiário. Durante o período mais crítico da pandemia, entre 2020 e 2022, a sua

presença era constante. Em maio de 2023, a Organização Mundial de Saúde deixou de considerar a doença “emergência internacional”. Já se notava então uma redução de material jornalístico de tom prescritivo sobre o assunto, mas a doença nunca saiu de pauta, como mostra o noticiário recente<sup>24</sup>. Em dados de agosto de 2024, a Covid-19 já infectou cerca de 776 milhões de pessoas no mundo, 37,5 milhões no Brasil, e matou mais de 7 milhões no mundo, mais de 700 mil no Brasil<sup>25</sup>.

A pandemia de Covid-19 representa um desafio aos pesquisadores de diferentes áreas disciplinares. Não se trata apenas de uma questão médico-sanitária, de prevenção, controle e cura da doença, mas de um fenômeno que tem várias dimensões – emocional, social, cultural, econômica e política – interdependentes, como há muito constatam os cientistas sociais (Goudsblom, 1986; McNeill, 1976).

Na modernidade tardia, talvez a mídia seja a instituição privilegiada como via de acesso às conexões entre essas dimensões. Em particular, por meio de um de seus principais produtos, o jornalístico, que reivindica para si o caráter factual e que tem como uma de suas características a introdução de eventos distantes no tempo e no espaço na consciência cotidiana, em circunstâncias em que as representações midiáticas passam, em certo grau, a formar a realidade de parcela expressiva da humanidade (Giddens, 2002). Nesse sentido, a pandemia seria considerada como sendo, além de uma questão sanitária, a construção de uma narrativa ancorada no regime de afetos e sensibilidades das pessoas.

A investigação do vínculo entre a dimensão emocional da vida social, tensionada pela ameaça global de infecção por um vírus, e um determinado tipo de produção discursiva, a prescrição sanitária veiculada nos meios jornalísticos, integraria o esforço de compreensão da complexidade da pandemia. A etiqueta da pandemia põe em cena questões centrais desse contexto de crise sanitária, como a mudança de conduta, o abrandamento dos costumes, o controle das emoções.

---

<sup>24</sup> Covid 19: estado do Rio registra aumento no número de casos. *O Dia*. 27/08/2024. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/08/6907215-covid-19-estado-do-rio-registra-um-aumento-no-numero-de-casos.html>. Acesso em: 27/08/2024.

<sup>25</sup> Dados disponíveis em: <https://data.who.int/dashboards/covid19>. Acesso: 30/08/2024.

O exame da etiqueta da pandemia à luz da teoria eliasiana revelaria a tensão entre a adoção de um conjunto de normas sanitárias e a alteração no regime estabelecido de afetos e sensibilidades, exigindo do indivíduo o autodomínio, a constante auto-observação, o controle mais atento dos impulsos e emoções, o que significaria um ajuste na autopercepção de um eu autônomo, o *homo clausus* caracterizado por Elias (1994), e o fortalecimento da percepção da interdependência entre os seres humanos.

A teoria do processo civilizador abre também a possibilidade de examinar as mudanças nas formas de sentir e imaginar a doença e a morte, duas questões subjacentes ao contexto da pandemia. As prescrições sanitárias seriam promotoras de uma “pacificação” do imaginário da pandemia na medida em que dariam sentido ao incompreensível, ordenariam o confuso e reduziriam a estranheza da doença e da morte. A racionalização promovida pela etiqueta sanitária – com uma solução universal para questões individuais – aplacaria as incertezas, ambivalências, instabilidades e as oscilações provocadas pela pandemia. Seguir as regras seria uma maneira de controlar, ainda que imaginariamente, aquilo sobre o que não se tem controle.

Com relação especificamente à morte, as considerações de Elias (2001) sobre o relativo “esquecimento” da ameaça objetiva, graças a uma sensação de maior segurança e controle sobre o corpo e a vida nas sociedades modernas, o que expressaria a concepção de controle da natureza nessas sociedades, permitiriam pensar a etiqueta da pandemia como simultaneamente reforçando a noção de controle relacionada à adoção da conduta adequada, socialmente chancelada pela ciência e ameaçando os recalcitrantes. Ainda aqui, há uma redução da ambivalência, o estabelecimento de uma fronteira nítida entre o certo e o errado, entre o prêmio e a punição, entre o controle e o descontrole, tal como em um conto moral.

## Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CONDÉ, G. G. Pandemia e felicidade: mídia, expectativa hedonista e pacificação do imaginário. In: FORTUNA, D. R.; FREITAS, R. F.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Narrativas na pandemia: corpos, escritas e subjetividades**. Rio de Janeiro: Editora Ayran: Faperj, 2024. p. 55-73.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. Conceitos sociológicos fundamentais. In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (Orgs.). **Escritos & ensaios**; 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.21-33.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOODY, J. **A lógica da escrita e a organização da sociedade.** Lisboa: Edições 70, 1987.

GOUDSBLOM, J. Public Health and the Civilizing Process. **The Milbank Quarterly**, v. 64, n. 2, p.161-88, 1986. DOI: <https://doi.org/10.2307/3349969>.

HEINICH, N. **A sociologia de Norbert Elias.** Bauru/ SP: Edusc, 2001.

LANDINI, T. S. Interdependências e civilização em tempos de covid-19. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. spe, p.169-179, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11esp10>.

LERNER, K.; GRADELLA, P. A. Mídia e pandemia: Os sentidos do medo na cobertura de Influenza H1N1 nos jornais cariocas. **ECOS-PÓS** - Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.33-54, 2011. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v14i2.1204>.

MCNEILL, W. H. **Plagues and peoples.** New York: Anchor, 1989.

MIGUEL, F. K. *et al.* Compliance with containment measures to the COVID-19 pandemic over time: Do antisocial traits matter? **Personality and Individual Differences**, v. 168, 2021. DOI : <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110346>.

PANTTI, M. K.; WAHL-JORGENSEN, K. 'Not an act of God': anger and citizenship in press coverage of British man-made disasters. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 1, p.105-122, jan. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/0163443710385503>.

PRATT, J.; LUTYENS, D. Populism vs covid-19. Civilizing and decivilizing processes in a time of global catastrophe. **Sociologia & Antropologia**, v. 12, n. 1, p.113-138, jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752022v1214>.

ROTHENBUHLER, E.; COMAN, M. (Ed.). **Media anthropology.** Thousand

Oaks, California: Sage, 2005.

SONTAG, S. **Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, J. P. **As notícias e os seus efeitos:** as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Coimbra: Edições Minerva, 2000.

VAN KRIEKEN, R. Covid-19 and the civilizing process. ***Journal of Sociology***, v. 56, n. 4, p.714-725, 2020. DOI : <https://doi.org/10.1177/1440783320980854>.

# NARRAR A DOR EM TELAS MUDIÁTICAS: PROPOSTA METODOLÓGICA PARA COMPREENDER OS AFETOS CONTEMPORÂNEOS

## NARRATING PAIN ON MEDIA SCREENS: A METHODOLOGICAL PROPOSAL TO UNDERSTAND CONTEMPORARY AFFECTS

**Renata de Rezende Ribeiro**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano  
Universidade Federal Fluminense

[renatarezende@id.uff.br](mailto:renatarezende@id.uff.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3380-1600>

**Resumo** – O artigo integra uma pesquisa mais ampla sobre o uso das redes sociais digitais no cotidiano, com foco especial no aspecto emocional dos relatos subjetivos de jovens em vídeos sobre tentativas de suicídio na plataforma *YouTube*. Por meio de um itinerário sobre o conceito de emoções em diferentes abordagens, buscamos demonstrar como a juventude tem utilizado as redes sociais como um espaço de purgação emocional. A investigação propõe uma “metodologia das emoções”, que reúne diversos procedimentos, como pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e netnografia para compreender o papel dos afetos na sociedade contemporânea, especialmente no contexto das atuais redes de sociabilidade, marcadas por um intenso processo de mediatização. Neste texto, apresentamos a metodologia utilizada na análise de oito vídeos no *YouTube*, feitos por jovens que relatam tentativas de suicídio. Observamos diversas características nessas narrativas, incluindo a perspectiva mnemônica, a questão do reconhecimento (ou a falta dele entre pares) e o uso do espaço midiático para expressar dores íntimas.

**Palavras-chave:** Narrativas midiáticas; Redes sociais digitais; Suicídio; *YouTube*; Metodologia das emoções.

**Abstract** - The article is part of a broader research on the use of digital social networks in everyday life, with a special focus on the emotional aspect of subjective accounts by young people in videos about suicide attempts on the *YouTube* platform. Through a journey exploring the concept of emotions from different perspectives, we aim to demonstrate how youth use social networks as a space for emotional purging. The investigation proposes a "methodology of emotions" that combines various procedures, including bibliographic research, content analysis, and netnography, to understand the role of affects in contemporary society, particularly in the context of current social networks, which are marked by an intense process of mediatization. In this text, we present the methodology used in the

analysis of eight YouTube videos made by young people recounting suicide attempts. We observed various characteristics in these narratives, including the mnemonic perspective, the issue of recognition (or the lack thereof among peers), and the use of media space to express intimate pains.

**Keywords:** Media narratives; Digital social networks; Suicide; *YouTube*; Methodology of emotions.

## Introdução

A ambiência das redes sociais digitais tornou-se um local crucial onde jovens compartilham narrativas de sofrimento, criando uma rede cotidiana de afetos e afetações que moldam tanto as relações interpessoais quanto as coletivas. Nesse contexto, investigamos as emoções<sup>26</sup> nas mídias do século XXI, com foco especial na plataforma de vídeos *YouTube*<sup>27</sup>, além de refletir sobre os vínculos que se estabelecem nesse espaço em uma era de crescente digitalização da materialidade.

Em um cenário onde as conexões sociais e afetivas são mediadas por tecnologias móveis, especialmente pelos *smartphones*, os “relatos cotidianos de si” tornaram-se mais frequentes. Essas narrativas, muitas vezes registradas em fragmentos audiovisuais, são amplamente disseminadas por meio do compartilhamento e da interação com outros usuários e a intimidade é reconfigurada em grandes vitrines de visibilidade, trazendo à tona o conceito de *narrativas catárticas midiáticas* (Rezende Ribeiro, 2020; 2022), ou seja, relatos de vivências trágicas narradas nas plataformas digitais.

Este texto aborda as relações entre mídias digitais e a expressão de afetos, destacando as redes sociais como espaços de catarse. O objetivo é apresentar uma proposta de “metodologia das emoções”, fundamentada em uma pesquisa realizada em oito vídeos<sup>28</sup> do *YouTube* que tratam da dor em

---

<sup>26</sup> É importante marcar que, nesse texto, usamos “afeto” e “sentimento” como sinônimos de “emoção”, por compreendermos o conceito de forma mais abrangente e integrativa, além de evitar a repetição excessiva do termo.

<sup>27</sup> Plataforma de compartilhamento de vídeos criada em 2005 na Califórnia, Estados Unidos, e é de propriedade da empresa Google desde 2006. De acordo com dados da própria plataforma, o Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos do mundo, sendo que a maioria dessa base é composta por jovens, representando 76% do total.

<sup>28</sup> Os vídeos estão listados no final do texto, após as referências bibliográficas. A pesquisa ampliada, denominada “Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a Educação” é financiada pela Faperj – Edital 14/2019 – Apoio a grupos Emergentes de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

relatos de tentativas de suicídio de jovens. Trata-se de uma proposta exploratória e multifacetada que combina pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e netnografia. O objetivo é desenvolver uma "metodologia das emoções midiáticas" para compreender o papel dos afetos na sociedade contemporânea, especialmente no contexto das atuais redes de sociabilidade.

A partir de um estudo interdisciplinar sobre o conceito de emoções (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020; Didi-Huberman, 2013; Illouz, 2019; Le Breton, 2004), buscamos demonstrar como a juventude tem utilizado as redes sociais como um espaço de purgação emocional. Nessa conjuntura, as afinidades conectivas (Susca, 2016) formam uma mentalidade coletiva em torno da morte social, em particular sobre o suicídio, tema que, segundo Camus (2019), é o único problema realmente sério da filosofia.

Ao investigar as dinâmicas afetivas nas mídias digitais, consideramos o afeto como uma força motriz essencial para o engajamento dos indivíduos com as plataformas. À luz de Spinoza (2009), o conceito de afeto é entendido como uma transformação que atinge tanto o corpo quanto a alma, podendo aumentar ou diminuir o desejo de agir, conforme o modo como somos afetados. Dessa maneira, a conexão primária da alma com o corpo e o mundo é permeada pelos afetos, que se manifestam de diversas formas, como alegria, tristeza, desejo, amor, ódio, ira, entre outros.

Nas redes sociais digitais, os usuários partilham não apenas informações, mas também experiências íntimas, sentimentos e emoções, o que fomenta um circuito de vínculos e interações. Tais espaços tornam-se, assim, ambientes férteis para as conexões afetivas, nos quais os sentimentos são amplificados ou transformados.

Na espacialidade digital, o afeto assume novas formas de manifestação. O “like”, o “comentário” e o “compartilhamento” são gestos que conectam os sujeitos a uma comunidade emocional. Esses comportamentos envolvem tanto o reconhecimento do outro quanto a validação pessoal, além de refletirem disputas narrativas, como a “cultura do ódio” e a “cultura do cancelamento”<sup>29</sup> —

---

<sup>29</sup> A prática do cancelamento consiste em mobilizar um boicote digital direcionado a uma pessoa ou a um grupo nas redes sociais. Essa atividade envolve, muitas vezes, um julgamento rápido e coletivo, que pode resultar tanto em uma exclusão imediata quanto em uma forma de

fenômenos interligados e amplamente presentes nas redes sociais, caracterizados por dinâmicas emocionais que moldam as interações e a participação em debates públicos. A resposta sensível gerada por essas ações cria um ciclo de retroalimentação afetiva, reforçando a importância da rede como espaço de conexão emocional na contemporaneidade.

Em virtude do recorte deste texto, não detalharemos as singularidades de cada vídeo analisado, pois as narrativas possuem diferentes argumentos. De maneira geral, nosso interesse residuiu nos pontos de conexão entre os relatos, por isso priorizamos os achados mais abrangentes que evidenciaram as características do que denominamos “catarse midiaticizada”. A proposta da pesquisa inclui problematizar, por meio de uma investigação exploratória do conteúdo audiovisual<sup>30</sup>, a forma que essas histórias sobre tentativas de suicídio são apresentadas no *YouTube* e quais tensões e conflitos elas despertam. Esse enquadramento focaliza os afetos como centrais na construção das narrativas pessoais que se tornam coletivas, principalmente quando as histórias envolvem dor, sofrimento e experiências de vulnerabilidade, como é o caso dos vídeos de tentativas de suicídio de jovens divulgados no *YouTube*. Esses relatos são interpretados como *narrativas catárticas midiáticas* (Rezende Ribeiro, 2020 e 2022), considerando a experiência de narrar como intrinsecamente ligada à existência humana e às emoções, as quais são cada vez mais mediadas por telas digitais.

### **Um breve percurso das emoções para uma “bricolagem metodológica”**

As emoções sempre foram um campo de interesse nas ciências humanas, estudadas por diferentes áreas, e não são compreendidas de forma homogênea, sendo afetadas por fatores históricos e culturais. No domínio da Comunicação, as emoções têm um papel central, influenciando tanto a forma como as mensagens são construídas quanto a maneira como são recebidas e

---

"esquecimento" social, onde o indivíduo ou grupo perde reconhecimento ou aceitação nessa ambiência.

<sup>30</sup> A investigação exploratória combinou análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2009), e netnografia, conforme abordado por Amaral, Adriana; Natal, Geórgia; e Viana, Luciana (2008), em conjunto com um percurso bibliográfico sobre o conceito de "emoção", que será detalhado adiante no texto.

interpretadas. Elas não apenas moldam as narrativas, como também desenvolvem elos emocionais entre os indivíduos e as próprias mediações. No contexto contemporâneo, os estudos das emoções adquirem ainda mais relevância, uma vez que as plataformas digitais não apenas amplificam essas experiências, mas criam ambientes onde o afeto é negociado e performado significativamente. Podemos falar da noção de afetos digitais, que se referem às formas como as emoções são mediadas e expandidas nas mídias sociais. Através de “likes”, “shares” e diversas reações e comentários nas quais os usuários não só expressam emoções, mas também moldam comunidades afetivas *online*. Plataformas como o *YouTube* criam ambientes onde as emoções são performadas publicamente a partir da externalização de relatos íntimos que permite aos indivíduos compartilharem emoções intensas. No campo informacional, as emoções e afetações — ou as “atrações-repulsas”, como coloca Maffesoli — vieram a substituir a lógica racional, tornando-se a base das conexões sociais. Relacionamentos de amizade e amor, mas também de ódio, raiva e diversas pulsões, passaram a integrar o espírito das chamadas tribos digitais ‘pós-modernas’ (Maffesoli, 2014, p.97).

Por meio do estudo das emoções, é possível expandir a visão sobre como sentimentos e afetos não apenas modelam, mas também são moldados pelas experiências cotidianas coletivas. Isso permite uma análise mais profunda das interações emocionais que sustentam e refletem as dinâmicas sociais presentes nas práticas e vivências diárias, oferecendo um entendimento mais holístico dessas influências. Com o objetivo de compreender o papel fundamental das emoções nos relatos sobre tentativas de suicídio narrados por jovens no *YouTube*, realizamos um breve percurso sobre essa noção a partir de diferentes abordagens, que contribuiram para a análise dos vídeos selecionados<sup>31</sup>.

O trabalho de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2020) oferece uma abordagem histórica. Para eles, as emoções não são universais ou atemporais, mas construções culturais e históricas que variam ao longo do tempo. Os autores analisam como os sentimentos e as expressões emocionais mudaram desde a Idade Média até os tempos contemporâneos. O

---

<sup>31</sup> Conforme supracitado – nota 3 - os vídeos estão listados no final do texto, após as referências bibliográficas.

estudo examina o controle das emoções no Ocidente, mostrando como as normas sociais ditam o que pode ser expresso ou reprimido em diferentes momentos históricos. Ao tratar das emoções como fenômenos mutáveis, Corbin, Courtine e Vigarello contribuem para a compreensão das emoções enquanto práticas sociais que se entrelaçam com as transformações culturais e, em diálogo com nossa investigação, é relevante no entendimento das mudanças a partir da cultura digital.

Georges Didi-Huberman (2013) se aprofunda na relação entre emoções e imagens. Para o autor, as imagens evocam emoções e são capazes de comunicar o que as palavras não conseguem expressar. Didi-Huberman explora como as imagens evocam sentimentos e revivem afetos que se conectam às experiências sensíveis. O conceito de *pathos* é central e refere-se às imagens que provocam uma intensa resposta emocional e se tornam mediadoras da memória coletiva. Nessa perspectiva, a teoria do autor contribui de forma considerável na análise dos vídeos de jovens sobre tentativas de suicídio, pois ressaltam as emoções evocadas por imagens na transcendência com o tempo, estabelecendo uma relação emocional entre o presente e o passado. Didi-Huberman propõe uma compreensão das emoções através da materialidade visual, sugerindo que a experiência estética está profundamente vinculada à emoção.

Nos relatos de tentativas de suicídio, as emoções reveladas destacam a memória como um elo fundamental na temporalidade entre presente e o passado. Essa conexão ocorre como uma espécie de montagem temporal que desencadeia a catarse, especialmente manifestada pelo choro, que é recorrente nos vídeos analisados. Segundo Didi-Huberman (2021, p.23), "Chorar: expressar, por meio dos músculos, gestos e lágrimas, uma emoção ou um páthos". Nessa visão, os afetos emanados nesses relatos vão além das vivências imediatas, apresentando-se como uma imagem dialética, que incorpora e movimenta um ponto de intersecção entre o vivido e o narrado.

Já Eva Illouz (2019) oferece uma perspectiva sociológica crítica sobre as emoções no contexto do capitalismo. Para a autora, o capitalismo contemporâneo se apropria das emoções, transformando-as em mercadorias. A autora explora como o mercado molda as emoções e as relações humanas, especialmente nos domínios do amor e da intimidade. Illouz argumenta que as

emoções foram colonizadas por uma lógica mercantil, em que sentimentos são estruturados por dinâmicas de consumo. Essa “mercantilização das emoções” altera a forma como nos relacionamos, criando uma ética emocional fundamentada em trocas econômicas e materiais. O trabalho de Illouz amplia o entendimento das emoções ao vinculá-las às relações de poder e à economia, destacando como a cultura capitalista estrutura as emoções e, nesse sentido, podemos correlacioná-lo ao processo de midiatização, na medida em que as interações e a realidade social são permeadas por dispositivos midiáticos que alteraram a percepção do tempo e do espaço (Sodré, 2002). No século XXI, a tela surge como um elemento central para as “expressões do eu”, simbolizando a constante midiatização das emoções. A sociedade contemporânea, imersa na cultura da imagem, é caracterizada pela proliferação de telas no cotidiano, que não servem apenas para observar o mundo, mas também para vivenciar a própria existência. Viver passou a estar intimamente relacionado à conexão com as telas e à interatividade nas redes digitais, conforme Lipovetsky e Serroy (2009) apontam: existir é, cada vez mais, estar vinculado às telas interligadas às redes digitais.

David Le Breton (1998), por sua vez, adota uma perspectiva antropológica para explorar o papel das emoções no corpo e na experiência humana. O autor argumenta que as emoções são mediadas pelo corpo e pelos sentidos e são experienciadas tanto subjetiva quanto coletivamente. Le Breton enfatiza que as emoções são corporificadas, ou seja, se manifestam fisicamente e não podem ser dissociadas do corpo. O corpo se torna o local onde as emoções são vividas e expressas, mas também onde são contidas ou reprimidas, dependendo das normas culturais e sociais. Nos vídeos de relatos sobre tentativas de suicídio, realizados por jovens no *YouTube*, o corpo assume um lugar performático. A constante exposição nas plataformas digitais enfatiza a "extimidade" e a emoção deixa de ser algo estritamente privado e passa a ser performada para um público, assumindo uma função social.

Denise Siqueira (2020) reforça a ideia de que, no espaço digital, as emoções tornam-se não apenas ferramentas de autoexpressão, mas também mecanismos de pertencimento e validação social, ligando as narrativas pessoais a uma trama coletiva. Nesse contexto, as emoções são compreendidas como dispositivos de construção de identidade e de laços sociais, particularmente

marcadas pela hiperconectividade e pela divulgação constante do *self* nessas plataformas.

Esse breve percurso pelo conceito de emoções enfatiza a percepção sobre como os afetos moldam e são moldados por experiências cotidianas e coletivas. Nossa análise considerou como esses autores contribuem para a compreensão das emoções sob diferentes perspectivas, destacando a relevância e as implicações em diálogo com a cultura digital contemporânea.

### **Metodologia das emoções midiáticas**

A proposta de uma “metodologia das emoções midiáticas” objetiva oferecer um caminho pluridisciplinar para entender as complexas interações entre afeto, mídia e construção identitária no mundo contemporâneo. O foco na análise de narrativas emocionais no ambiente digital, como o *YouTube*, é qualitativo e revela os modos pelos quais as emoções são vividas, compartilhadas e interpretadas pelas juventudes<sup>32</sup> do século XXI, com suas implicações sociais e existenciais.

Em nossa perspectiva, essa abordagem permite a investigação das emoções de forma ampla, levando em consideração tanto as manifestações explícitas quanto as nuances mais sutis dos sentimentos manifestos nas espacialidades digitais. Nesse sentido, apresentamos a seguir os recursos utilizados na análise de oito vídeos do *YouTube* que abordam tentativas de suicídio narradas por jovens. É preciso marcar que a análise de redes digitais é uma tarefa interdisciplinar e, nesse sentido, a metodologia leva em conta os estudos das estruturas decorrentes das ações e das interações entre os próprios atores sociais e seus grupos. Como situamos na introdução do artigo, adotamos recursos múltiplos, combinando percurso bibliográfico, análise de conteúdo (Bardin, 2009) e netnografia (Amaral; Natal; Viana, 2008).

A seleção dos oito vídeos foi realizada por meio do próprio buscador do *YouTube*, utilizando as palavras-chave “tentativas de suicídio” e “jovens”, e

---

<sup>32</sup> É preciso marcar que entendemos a condição juvenil em seu aspecto plural – juventudes – conectada aos processos vinculativos na vida ordinária, para além da dimensão histórica e social.

filtrando os resultados pelos vídeos mais recentes (de 2018 a 2023)<sup>33</sup>. Após a coleta, iniciamos a formulação dos quadros para a sistematização netnográfica. Tomamos a netnografia como uma adaptação da etnografia para o estudo das comunidades e culturas formadas no ambiente digital. Esse prisma é fundamental em nossa investigação, pois permite explorar a interação emocional em redes e plataformas digitais. No primeiro quadro (fig.1), apresentamos um panorama, com dados objetivos (como título dos relatos, tempo dos vídeos, métricas sobre visualizações e comentários etc.), mas também observações gerais, em uma interpretação contextual que situa práticas específicas, entre as quais, elementos imagéticos e textuais.



Quadro – Levantamento de vídeos/testemunhos sobre tentativas de suicídio no YOUTUBE

Jovem/Influenciador (a) Número de seguidores	Título do Vídeo/ Tempo do Vídeo	Link do Relato	Número Visualizações do Vídeo Comentários	Observações Gerais
<b>1. Aline Lovjes (@alinelovjespmu)</b> Seguidores: 9,51 mil no Youtube 36,1 mil no Instagram	"Por que tentei me suicidar?" 14'26"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EnGENz549NI">https://www.youtube.com/watch?v=EnGENz549NI</a>	7,7 mil visualizações 109 comentários	Vídeo em primeiro plano, bastante fechado, onde não é possível saber em que ambiente foi gravado. Em alguns momentos, o vídeo fica preto e branco para trazer destaque para a fala. Também aborda religião. Fala muito sobre superação e termina indicando continuação sobre o assunto em um segundo vídeo. Chora no vídeo. <b>Não conta o método.</b>
<b>2. Dobruski (@dobruski)</b> Seguidores: 1,81 milhões no Youtube 414 mil no Instagram	"Tentei tirar minha própria vida   Meu relato" 26'01"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8NS7PORqVZ4">https://www.youtube.com/watch?v=8NS7PORqVZ4</a>	664 mil visualizações 4.620 comentários	Vídeo em plano médio curto. É possível inferir que a jovem está em ambiente cotidiano (casa/quarto). Cenário bastante colorido. Fala de religião como salvação. Fala sobre "planejamento de suicídio". <b>Conta o método.</b> Fala que faz tratamento psicológico. Fala sobre prevenção e indica referências de prevenção.
<b>3. Dominique Claudino (@dominiqueclau)</b> Seguidores: 271 mil no YouTube 155 mil no Instagram	"Já tentei suicídio/Relato" 11'47"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jzvOaY1JclU">https://www.youtube.com/watch?v=jzvOaY1JclU</a>	61.764 visualizações 519 comentários	Vídeo em plano médio curto. É possível inferir que a jovem está em ambiente cotidiano (casa/quarto). Cenário neutro, poucas informações no fundo. Fala de religião como salvação. Chora no vídeo. <b>Conta o método</b> (inclusive cita diversos métodos). Indica referências de prevenção.
<b>4. Ellen Vieira de Vasconcelos dos Santos (@ellenvasc)</b> Seguidores: 721 no YouTube 2.146 no Instagram	"Tentativa de Suicídio: Meu Relato de Sobrevivente" 19'52"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZHkuS5eAwHY">https://www.youtube.com/watch?v=ZHkuS5eAwHY</a>	9,9 mil visualizações 61 comentários	Todos os vídeos do canal abordam a saúde mental. Vídeo em plano médio. É possível inferir que a jovem está em ambiente cotidiano (quarto). Vídeo com alguns efeitos e trilha sonora. O vídeo do relato começa com ar mais descontraindo e o vídeo possui abertura "animada". Fala sobre seu diagnóstico e sobre depressão e <b>borderline</b> ; Chora no vídeo de forma mais sutil. Fala que faz tratamento psicológico/psiquiátrico. <b>Conta o método.</b>
<b>5. Igor Tassinj (@igortassinj)</b> Seguidores: 3,36 mil no YouTube 145 mil no Instagram	"Tentei suicídio - um pouco da minha história" 12'05"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=7mpOvEAXWEs">https://www.youtube.com/watch?v=7mpOvEAXWEs</a>	7,1 mil visualizações 95 comentários	Vídeo plano médio, no qual é possível visualizar que ele está dentro do quarto, em virtude dos móveis (cama/mesa, etc). No vídeo há efeitos de edição/inserção de imagens. Fala que foi diagnosticado com depressão e fala sobre ansiedade e sobre tratamento psicológico. Aborda problemas na infância e preconceitos por ser homossexual. Chora de forma sutil. <b>Não conta o método.</b>
<b>6. Lismara Moreira (@lismaramoreira)</b> Seguidores: 419 mil no Youtube 268 mil no Instagram	"Depressão e suicídio - meu testemunho- #setembro amarelo" 22'48"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=R2o7bnWTDUU">https://www.youtube.com/watch?v=R2o7bnWTDUU</a>	5,2 mi de visualizações 34.381 comentários	Vídeo plano médio. Podemos inferir que se trata de ambiente cotidiano em virtude do fundo. Há uma imagem de santo no cenário. Tem trilha sonora. Começa em preto e branco. Fala sobre depressão. Faz referência sobre a campanha do <b>Setembro Amarelo</b> . Fala sobre dados da depressão e dos casos de suicídio no Brasil. Fala que é diagnosticada. Fala sobre bullying e problemas familiares. Chora bastante no vídeo. <b>Conta o método.</b>
<b>7. Pamela Lucchesi (@pamelalucchesi)</b> Seguidores: 14,4 mil no Youtube 11,8 mil no Instagram	"Da depressão ao suicídio, meu relato" 23'41"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=QKVJXgTpZo&amp;list=TLPMjWvNTIwMjOUxS464N2zzQ&amp;index=4">https://www.youtube.com/watch?v=QKVJXgTpZo&amp;list=TLPMjWvNTIwMjOUxS464N2zzQ&amp;index=4</a>	15 mil visualizações 102 comentários	Vídeo plano médio. Podemos inferir que se trata de ambiente cotidiano. A jovem está sentada em um sofá. Faz referência à campanha do <b>Setembro Amarelo</b> e fala sobre depressão e ansiedade. Fala do suicídio de um amigo para depois falar da sua tentativa. Fala sobre tratamento psicológico. Fala da depressão pós-parto e da relação com o suicídio. Faz referência aos medicamentos, inclusive os nomes. Cita religião. <b>Fala sobre métodos (no plural) e afirma que já tentou diversas vezes</b> e mostra algumas fotos.
<b>8. Russely Monteiro de Melo</b> <a href="https://www.instagram.com/russelymel/">https://www.instagram.com/russelymel/</a> Seguidores: 2,14 mil YouTube 2.033 Instagram;	"Já tentei suicídio   meu relato   Eu vencii!" 16'32"	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Sm0Ce-2qovg&amp;t=3s">https://www.youtube.com/watch?v=Sm0Ce-2qovg&amp;t=3s</a>	4,2 mil visualizações 62 comentários	Vídeo em plano médio, gravado em fundo branco onde não é possível saber em que ambiente foi gravado. Há partes editadas em preto e branco, alguns efeitos de áudio e vídeo. A jovem dá muitos detalhes, inclusive fazendo uma linha do tempo para situar a história. Chora no vídeo. <b>Conta o método.</b> Fala que fez tratamento psicológico. Fala de religião como salvação. Fala sobre prevenção e indica referências de prevenção.

Figura 01 – Exemplo de quadro analítico: etapa netnografia.  
Fonte: Print da autora.

<sup>33</sup> Embora a investigação compreenda um escopo maior, neste texto, a análise se concentra em apresentar resultados dos oito vídeos supracitados.

Na sequência, em uma combinação com a análise de conteúdo (Bardin, 2009), os relatos de dor são interpretados, identificando padrões textuais, linguagem emocional (especialmente a linguagem facial/corporal a partir das imagens enquadradas) e interações com outros usuários (o que inclui a observação dos comentários). Em geral, a análise de conteúdo permite uma leitura mais detalhada de como as emoções são representadas e consumidas nesse ambiente digital. Os quadros de análise de nossa pesquisa levaram em conta os principais eixos de investigação a partir de Bardin (2009, p.37): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, que passam, na sequência, por inferências e interpretações. De acordo com a autora, a principal função da análise de conteúdo é o desvendar crítico, em que “mensagens obscuras que exigem uma interpretação, ou com um duplo sentido, só podem surgir depois de uma observação cuidadosa [...]”. Desta forma, nossa análise de conteúdo compreendeu não apenas o texto, mas a análise das imagens nos vídeos. Isso incluiu a observação da escolha de palavras, tons de voz, expressões faciais e até a edição do material, que amplificam ou minimizam determinadas emoções (ver exemplo fig.2).



Quadro 2 - Análise do conteúdo

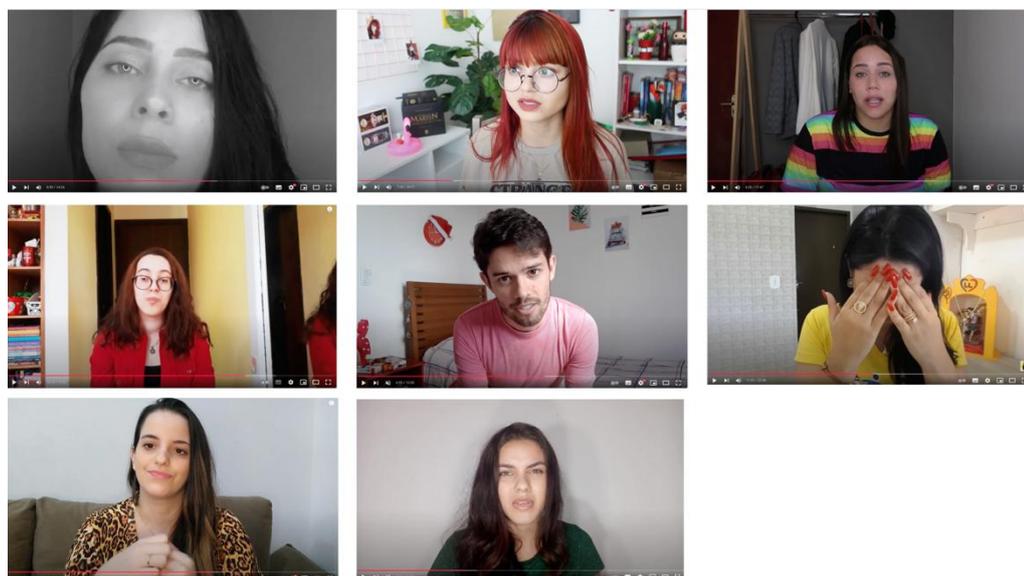
Título do Vídeo/ Tempo do Vídeo	Texto (Fala) - Transcrição	Imagem	Corpo
+ “Por que tentei me suicidar?” 14’26”	Oi! tudo bem com vocês falei que ia voltar e voltei aproveita já se inscreve no canal deixa seu like e deixa comentar também. muita gente me pergunta por que que eu tive <b>depressão</b> eu acho que é uma pressão e uma somatória de coisas, como se a gente fosse um copo e todo dia fosse uma gota caindo sobre a gente e a gente não tivesse coragem. <b>Minha depressão</b> ela vinha de uma <b>ansiedade</b> também uma ansiedade do cérebro não parar eu não sei se vocês já sentiram <u>isso</u> mas eu acredito que muita gente sofre disso né. Meu coração chegava acelerar no ponto de eu achar que ele ia sair pela boca a sensação desesperadora; dizem que a depressão é o sofrimento pelo passado e a ansiedade é o sofrimento pelo futuro. [...]	O vídeo começa por uma vinheta do canal. Na sequência, é apresentado a jovem em primeiro plano, bem fechado, realizado como uma “câmera na mão”, quase em close. Transição suave em cortes secos, uma passagem em preto e branco e poucas mudanças de imagens – apenas algumas inserções de fotografias em edição paralelo (dois quadros simultâneos) ao final na narrativa, quando ela se refere à sua vida “pós tentativa de suicídio” e o que mudou.	Como o vídeo é gravado em primeiro plano muito fechado, a observação se concentra na expressão facial. Na primeira parte do vídeo, começa com a expressão séria e fechada. Chora sutilmente ao falar sobre a tentativa de suicídio e, ao final do vídeo, o semblante muda para uma expressão menos rígida (chega a sorrir). O mesmo acontece com o tom de voz. No início, a voz é mais suave e baixa, na transição para o final, depois do relato (e quando fala sobre sua vida atual e aconselha os espectadores), o tom é alterado de forma mais enfática.

Figura 02 – Exemplo de quadro analítico: etapa análise do conteúdo  
 Fonte: Print da autora

Os quadros analíticos mais detalhados foram elaborados individualmente (um para cada vídeo) e, em seguida, interpretados em conjunto, considerando as marcas enunciativas (por exemplo: se os jovens mencionavam depressão, ansiedade, religião, bullying etc.).

Além do texto (fala/discurso), também analisamos as imagens em alguns frames, como pode ser observado no exemplo abaixo (Figura 3). A combinação desses recursos (que inclui o percurso teórico supracitado) ofereceu *insights* sobre como as emoções são construídas coletivamente nesse tipo de relato e de que maneira as interações entre os usuários contribuem para um processo de validação ou rejeição emocional.

A netnografia, aliada às categorias da análise de conteúdo (texto/imagem/corpo/comentários), permitiu identificar como as emoções ligadas à dor formam redes conectivas, criando uma espécie de "mentalidade coletiva" em torno de temas como sofrimento e suicídio.



**Figura 03 – Exemplo de quadro de imagens em frames: etapa análise do conteúdo**

**Fonte: Print da autora**

Esse mapeamento incluiu tanto os vídeos quanto as reações emocionais nos comentários, muitos dos quais se identificam com a narrativa (ver fig. 4).

Título do Vídeo/ Tempo do Vídeo	Comentários
"Por que tentei me suicidar?" 14'26"	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <u>Eita..</u> que historia meu... <u>Você</u> chegou no fundo do poço e ao invés de ficar lá, você usou o fundo para pegar impulso e subir. Sempre te achei forte com um coração imenso e acredito que você só passou por isso, porque precisava ver o quanto você era forte e não sabia. Deus é maravilhoso sempre cuidando de nós mesmo quando achamos que estamos só.</li> <li>2. É complicado achar pessoas q querem te ajudar ou q <u>tbm</u> estão passando por isso, más o triste é q tem <u>mts</u> q sofrem como nós e eu me sinto pior por n fazer nada a respeito</li> <li>3. Que história linda de superação, <u>vc</u> me deu mais uma vez gás para continuar Deus abençoe infinitamente sua vida.</li> <li>4. Eu sinto exatamente o que <u>vc</u> já sentiu! É uma tortura todos os dias, noites! São altos e baixos! Hoje me encontro no estado baixo.... está tão difícil! Mas o seu vídeo me ajudou e ter mais ânimo! <u>Você é maravilhosa Te admiro demais! Que sorte ter te conhecido.</u></li> <li>5. Uma vez eu ouvi uma palavra, que quando a oração sai de dentro coração com todo sentimento e sai direto para o céu e o Senhor ouve. Foi o que aconteceu com você prima. Deus é lindo demais e tem muito mais <u>pra</u> fazer na sua vida.</li> <li>6. Eu estou com <u>depressão</u> . não gosto de ficar sozinha .O problema é que moro sozinha há 12 anos . Não tenho <u>marido ,pai</u> mãe e filhos .As vezes tenho vontade de pular de uma pessoa .Sou Técnica em Veterinária ,mas tô muito desanimada .Eu estou fazendo tratamento ,tomo 2 sertralina de <u>manhã</u> .<u>Sinto</u> muita solidão.</li> <li>7. Nossa que história de superação me emocionei.</li> <li>8. Me identifiquei muito com o que você passou e entendo completamente o que você disse... Linda sua história de superação, que Deus abençoe sua vida!!</li> <li>9. Mora eu e meu filho de 20 anos não tenho mas ninguém nem família estou muito <u>mal ,coloco</u> sorriso no rosto mas a tristeza e interna e eu me odeio de ser tão besta e <u>troxa</u> na vida ,ser boa pessoa não é bom história linda que Deus abençoe</li> <li>10. <u>Obrigado</u> por esse vídeo. Estou passando por pensamentos parecidos e pela vontade de fazer besteiras. Mas sei que Deus vai me ajudar a passar por essa fase.</li> </ol>

**Figura 04 – Exemplo de quadro de comentários: etapa análise do conteúdo**  
Fonte: Print da autora

Na conjuntura metodológica, observamos que a catarse continua sendo um elemento importante, podendo ser tomada como indício de uma angústia. O conceito é entendido a partir de Aristóteles (2003), em uma releitura para a ambiência digital. A concepção aristotélica, baseia-se no fato de que algumas emoções podem ser liberadas por meio de uma descarga emocional provocada por uma situação dramática. Na Grécia Antiga, *catharsis* era compreendida como o despertar de *eleos* e *phobos*, respectivamente piedade e temor, em uma ação representativa da tragédia, enquanto processo de identificação, em uma economia de afetos que resultaria em um estado de purificação do ser. Aristóteles (2003) considerava as tragédias clássicas do teatro grego como exemplos de purgação de temor e de pesar. Na contemporaneidade, a noção de catarse também inclui a liberação emocional pela expressão dos sentimentos, dos “abalos afetivos”. Para a psicanálise, trata-se de um método em que o efeito objetivado é a purgação (*catharsis*), uma “descarga” dos afetos ligados aos acontecimentos trágicos, como é o caso das tentativas de suicídio narradas por jovens no *YouTube*.

## **O YouTube como espaço de purgação emocional**

A catarse, definida classicamente como uma purgação emocional, encontra nas mídias digitais um novo meio de expressão. As redes sociais e as plataformas como o *YouTube* se tornam ambiências onde os indivíduos liberam emoções, seja através de desabafos, relatos de experiências traumáticas, ou na forma de vídeos confessionais, como é o caso de nosso recorte. Em nossas análises, observamos que esses espaços digitais oferecem uma “válvula de escape” para a dor, sofrimento e frustrações pessoais.

É importante destacar que o *YouTube* se consolidou como uma mídia de massa do século XXI, ao passo que, ao longo de sua existência, promoveu uma política de cultura participativa (Burgess; Green, 2009), tornando-se relevante para a produção de conteúdo. Em nossa análise, as narrativas são consideradas fragmentos autobiográficos em formato audiovisual, em que a catarse atua como um caminho terapêutico que envolve compartilhamento, memória e expurgação, entrelaçados nessas redes digitais de comunicação.

Esse processo de purgação emocional nas redes sociais tem uma função dupla. Por um lado, possibilita que o sujeito se liberte de emoções reprimidas, encontrando alívio ao compartilhar experiências com uma audiência muitas vezes empática, criando uma comunidade de suporte, onde os indivíduos se conectam e se identificam uns com os outros através das narrativas de sofrimento ou de experiências emocionais similares, como é possível observar nos comentários (fig.4). Essa “conexão catártica” cria um senso de pertencimento, pois os afetos compartilhados permitem a formação de vínculos emocionais, mesmo entre desconhecidos. Outro aspecto importante diz respeito à exposição emocional, na qual os indivíduos, ao compartilharem suas emoções, se colocam em uma posição de vulnerabilidade, mas também de empoderamento, ao se manifestarem sobre temas considerados tabus, como é o caso do suicídio. Ao expor conteúdos sobre fragilidades, os usuários reafirmam suas subjetividades e encontram na comunidade digital um espaço para validar suas emoções. Por outro lado, existem tensões inerentes a esse processo. Embora tais espaços possam atuar como ambientes de solidariedade e de escuta, também fomentam práticas prejudiciais à saúde mental, como o *bullying* digital e o cancelamento, situado anteriormente.

As emoções expressas nesses contextos podem ser manipuladas de forma negativa, resultando em reações destrutivas que, em vez de aliviar o sofrimento, acabam por intensificá-lo. Esse caráter duplo das emoções midiáticas — como uma forma de libertação catártica e, simultaneamente, potencial fonte de sofrimento — destaca o papel ambivalente desse ciberterritório, que funciona tanto como local de acolhimento quanto de violência simbólica.

De forma geral, o que observamos é que as emoções individuais dos vídeos ressoam na espacialidade digital, criando uma rede emocional interconectada. Isso gera uma espécie de mentalidade coletiva – como mencionamos anteriormente, na qual o sofrimento é compartilhado por muitos, formando um ciclo contínuo de afeto e catarse no espaço midiático. Nos vídeos analisados, essa partilha se dá em diversos aspectos (para além da visualização e compartilhamento do conteúdo), mas principalmente por meio dos comentários deixados pelos usuários da plataforma, que formam uma espécie de fórum sobre o assunto, como é possível notar na figura abaixo (fig.5).

The image shows a screenshot of a YouTube video page. At the top, there is a search bar and a notification bell. The video title is "TENETE TIRAR MINHA PRÓPRIA VIDA | Meu Relato" by the channel "Dobruskii". The video has 673,000 views and was uploaded 5 years ago. Below the video player, there are 4,617 comments. The first comment is from user @ericazagueti4518, who says "Você renasceu menina, foi isso que aconteceu...". The second comment is from @gabrielechen5187, who discusses a friend's suicide attempt and shares a tutorial link. The third comment is from @robertamattoz9557, who shares a personal story about life's challenges. The fourth comment is from @tatateixeira8586, who says "Me emocionei demais assistindo esse vídeo, Deus sempre esteve com vc e é vídeos como esse q nos faz acreditar mais ainda nele. Vc é amada Vc é importante". The fifth comment is from @nathaliaaoliveira4436, who says "Caralho! Você é extremamente forte! Não sei nem dizer o quanto! Amo muito seus vídeos você me inspira em diversas coisas! Quando vi o título do vídeo já vim assistir com o intuito de se ela conseguiu passar por isso e estar aqui contando, eu também vou conseguir sair dessa".

**Figura 05 – Exemplo do fórum com comentários de usuários do YouTube em um dos vídeos de relatos de tentativa de suicídio.**

**Fonte: Print da autora**

O emaranhado narrativo promove o encontro com a alteridade, mesmo que os vínculos estabelecidos nessa ambiência (*YouTube*) sejam, em sua maioria, de laços fracos. Percebemos a importância do ato de narrar como um gesto comunicacional, pois trata-se de uma ação que exige o estabelecimento de um vínculo, ainda que imaterial e com desconhecidos, em uma criação conjunta e partilhada.

Mesmo que o relato seja, em um primeiro momento, dirigido a si próprio, como um monólogo interior (e, em nossa inferência, pela relação com a própria ideia de catarse), o conteúdo e a forma de narrar acabam acionando a memória de outros usuários.

Ao contar histórias, são criados vínculos que ultrapassam qualquer dimensão estritamente pessoal ou subjetiva para a formação de algum tipo de repertório comum que constitui uma espécie de substrato de ligação entre um eu que narra e um outro com quem essa narrativa é compartilhada (Martino, 2016, p.46).

Em um cenário em que as representações do "eu" se estruturam em narrativas cada vez mais fragmentadas e fluidas, os relatos sobre suicídio, tradicionalmente vistos como tabu, devido a diversos fatores culturais, sociais e históricos, são transformados e reinterpretados. De acordo com Durkheim (2000), as causas do suicídio não residem apenas no indivíduo, mas também na sociedade e nos laços sociais que conectam os sujeitos. Nesse sentido, na contemporaneidade, marcada pela multiplicidade das interações digitais, as redes sociais têm se consolidado como uma esfera pública significativa para o debate sobre o tema, funcionando tanto como um espaço para interação quanto como um meio pelo qual jovens narradores compartilham as dores de existir.

### **Considerações finais**

Nos vídeos analisados, a representação visual do sofrimento é formada pela potência da morte trágica associada ao suicídio, a qual reflete uma combinação intrincada de fatores e experiências traumáticas. Na análise, observamos que o encontro com o outro é articulado pela força do sofrimento como uma modalidade retórica, já que a representação criada reafirma uma experiência compartilhada, mesmo que cada relato comporte especificidades. O afeto, no contexto digital, não é apenas um sentimento individual, mas um

fenômeno social amplificado pelas redes, enquanto a catarse, mediada pelas plataformas, cria maneiras de purgação e de conexão coletiva.

Nessa conjuntura, inferimos que há uma necessidade de reconhecimento da própria existência atrelada às redes sociais digitais em uma cultura de telas que incita a noção de extimidade, principalmente na perspectiva da juventude. Identificamos três principais pontos de convergência em todo conteúdo analisado: 1. a questão da identidade e o reconhecimento de si (ou sua ausência) através do olhar do outro, muitas vezes representado pelo julgamento (evidenciado tanto nos relatos quanto nos comentários); 2. a rememoração do episódio de tentativa de suicídio sob uma ótica mnemônica, que desperta emoções e afetações expressas tanto verbalmente quanto por meio de gestos e expressões faciais (como lágrimas); e 3. a utilização do espaço midiático (*YouTube*) para expor uma dor íntima com o intuito de estabelecer um diálogo com a audiência.

Os registros de presença e visibilidade tornaram-se valores fundamentais na era da midiatização, em que narrativas antes restritas ao âmbito pessoal agora se tornam públicas. Esse cenário amplifica a ambivalência entre afetos e afetações, criando um espaço onde o reconhecimento também se encontra com práticas nocivas como o *bullying* e o cancelamento. Embora tais práticas já existissem, foram intensificadas e expandidas no ambiente digital, onde a exposição pessoal se transforma em terreno fértil, tanto para a aceitação quanto para a hostilidade.

A lógica midiática digital desenvolve um espaço em que o afeto circula rapidamente e de maneira intensa. Emoções como tristeza, raiva, compaixão ou euforia são amplificadas ou disseminadas em uma velocidade sem precedentes, alimentando um ciclo contínuo de expressões afetivas e respostas emocionais.

Segundo o relatório<sup>34</sup> da Organização Mundial de Saúde (OMS), a cada quatro segundos, no mundo, uma pessoa tira a própria vida. Ainda de acordo com a OMS, o suicídio é a segunda causa de mortes de jovens entre 15 e 24

---

<sup>34</sup> O relatório foi divulgado em 2019, mas compreende o mapeamento entre 2010 e 2016. Ver mais in: <https://veja.abril.com.br/saude/suicidio-e-segunda-caoa-de-morte-entre-jovens-de-15-a-24-anos-diz-oms/> . Acesso: 30/03/2020.

anos. O relatório do IPEA (2013) confirma que a mídia é agente fundamental nesse quadro e a coloca como o terceiro motivador de suicídios, depois do desemprego e da violência, para todos os grupos de pessoas. Nesse contexto, ao reconhecer o papel central das emoções nas dinâmicas de mídia contemporânea, podemos refletir sobre como essas interações afetivas moldam, cada vez mais, nossa experiência social e subjetiva e, quem sabe, contribuir para redução desses índices.

## Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: **Sessões do Imaginário**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 20, p.34-40, 2008.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2009.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Editora Record, 2019.

CORBINA., COURTINE J.J., VIGARELLO G. (dir). **Histoire des émotions**, tome I, tome II & tome III. Seuil: Paris, 2016.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quelle émotion! Quelle émotion?** Montrouge: Bayard Culture, 2013.

\_\_\_\_\_. **Povo em lágrimas, povo em armas**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ILLOUZ, E. **Les marchandises émotionnelles**. Paris: Premier Parallèle, 2019.

LE BRETON, D. **Les passions ordinaires**. Anthropologies des émotions. Paris: Armand Colin, 1998.

LIPOVETSKY, G.; SEROY, J. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

MAFFESOLI, M. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2014.

MARTINO, L. M. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Revista Parágrafo**. v. 4, n. 1, p.41-49, jan./jun. 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia. Cartilha. Genebra (Suíça), 2000. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/en/suicide-prev\\_media\\_port.pdf](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicide-prev_media_port.pdf) Acesso em: 21 nov. 2024.

REZENDE RIBEIRO, R. L'iminaire de la mort et le quotidien de la jeunesse: altérité, émotions et enracinement dans les réseaux sociaux numériques. **Sociétés**, 158, p.147-156, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3917/soc.158.0147>

\_\_\_\_\_. Redes de afetos (e de afetações): narrativas catárticas no cotidiano midiático. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). **Corpos, imaginários e afetos nas narrativas do eu**. Rio de Janeiro: E-papers, 2020. p.267- 279.

SIQUEIRA, D. C. O. Narrativas do eu, corpos, imaginários e afetos. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). **Corpos, imaginários e afetos nas narrativas do eu**. Rio de Janeiro: E-papers, 2020. p.7-11.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SPINOZA, B. **Ética** (1677). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUSCA, V. **Les affinités connectives**. Paris: Cerf, 2016.

### Vídeos analisados

“Já tentei suicídio – Meu relato – Eu venci!”, de Russely Melo (com 16:32 minutos, postado em junho de 2021) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=Sm0Ce-2qovg>  
Acesso em: 05/09/2023

“Tentei Suicídio – um pouco da minha história”, de Igor Tassini (12:05 minutos, postado em abril de 2019) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=7mpOvEAXWEs&t=604s>  
Acesso em: 05/09/2023

“Tentei tirar minha própria vida | Meu relato”, de Dobruskii (26:01 minutos, postado em fevereiro de 2019) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=8NS7PORqVZ4>  
Acesso em: 10/10/2023.

“Já tentei suicídio /Relato”, de Dominique Claudino (11:47 minutos, postado em março de 2020) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=JzvOaYIJclU&rco=1>

Acesso em: 10/10/2023.

“Depressão e suicídio - meu testemunho”, de Lismara Moreira (22:48 minutos, postado em setembro de 2018) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=r2o7bnwtduu&rco=1> acesso em: 12/10/2023.

“Tentativa de Suicídio: Meu Relato de Sobrevivente”, de Ellen dos Santos (19:52 minutos, postado em junho de 2020) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHKuS5eAwHY> acesso em: 10/11/2023.

“Por que tentei me suicidar?”, de Aline Lovies (14:26 minutos, postado em abril de 2020) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=EnGENz549NI> acesso em: 10/11/2023.

“Da depressão ao suicídio, meu relato”, de Pamela Luchesi (23:41, postado em setembro de 2020) – link: <https://www.youtube.com/watch?v=QKVUXgXTpZo&list=TLPQMjYwNTlwMjOUxS464N2zzQ&index=5> acesso em: 05/12/2023.

# JOGO E IMAGINÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS NO CENÁRIO DA CONVERGÊNCIA

## GAME AND IMAGINARY IN THE CONSTRUCTION OF NARRATIVES IN THE CONVERGENCY SCENARIO

**Filipe Mostaro**

Professor Adjunto - Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[filipemostaro@hotmail.com](mailto:filipemostaro@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6600-5953>

**Resumo** – As narrativas produzidas no ecossistema midiático atual se caracterizam pela multiplicidade de ofertas, uma hibridez de linguagem e uma convergência entre mídias “antigas” e “novas” (Jenkins, 2006; Lopez, 2010). Para analisar como o processo narrativo é elaborado neste cenário, é necessária uma metodologia plural e que abarque as características desse ambiente. Este artigo apresenta uma proposta reflexiva-metodológica para a análise das narrativas produzidas nesse contexto. A proposta passa por três pilares fundamentais: o jogo (Huizinga, 2014), a narrativa (Ricoeur, 2010) e o imaginário (Durand, 1997). Entendemos que as plataformas utilizam do impulso e imersão presente no jogo para convencer os internautas a entrar no jogo narrativo. Com técnicas de datificação, o convencimento para o jogo narrativo mapeia os imaginários dos usuários, aumentando a chance de sucesso na coconstrução de sentidos da narrativa. A partir do exemplo do “ludens narrativo” elaborado pela plataforma de apostas online bet365, vamos indicar o uso dessa metodologia na compreensão e análise de processos narrativos que permeiam o ambiente da convergência e rearticulam usos de antigas práticas sociais em um processo pautado pela tecnologia. A plataforma inglesa bet365 é a mais usada pelos brasileiros. E, assim como as demais casas de apostas online em atuação no Brasil, utiliza o simbolismo do esporte no imaginário social brasileiro, fundamentalmente o futebol, para produzir um “mundo narrativo” que convida os jogadores a entrarem no jogo. O artigo busca apresentar a potencialidade dessa metodologia não só para os estudos de plataformas de apostas, mas também para outras narrativas que se desenvolvem em contexto permeado pela plataformização, datificação e convergência.

**Palavras-chave:** Jogo; Narrativa; Imaginário; Convergência.

**Abstract** – The narratives produced in the current media ecosystem are characterized by a multiplicity of offerings, a hybridity of language, and a convergence between “old” and “new” media (Jenkins, 2006; Lopez, 2010). To analyze how the narrative process is developed in this scenario, a plural methodology that encompasses the characteristics of this environment is

necessary. This article presents a reflexive-methodological proposal for the analysis of the narratives produced in this context. The proposal is based on three fundamental pillars: the game (Huizinga, 2014), the narrative (Ricoeur, 2010), and the imaginary (Durand, 1997). We understand that the platforms use the impulse and immersion present in the game to convince Internet users to enter the narrative game. With datafication techniques, convincing users to participate in the narrative game maps the imaginary of users, increasing the chance of success in the co-construction of narrative meanings. Using the example of the “narrative ludens” developed by the online betting platform bet365, we will indicate the use of this methodology in understanding and analyzing narrative processes that permeate the convergence environment and rearticulate uses of old social practices in a process guided by technology. The English platform bet365 is the most used by Brazilians. And, like other online betting houses operating in Brazil, it uses the symbolism of sport in the Brazilian social imagination, fundamentally soccer, to produce a “narrative world” that invites players to join the game. The article seeks to present the potential of this methodology not only for studies of betting platforms, but also for other narratives that develop in a context permeated by platformization, datafication and convergence.

**Keywords:** Game; Narrative; Imaginary; Convergency.

## Introdução

Johan Huizinga, em seu livro *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura* (2014), defende que o jogar é algo anterior à cultura. O jogo, para Huizinga, dá sentido às ações humanas, é um convite para brincar, se envolver em uma determinada atividade e entender que essa atividade, enquanto o jogo durar, é a coisa “mais importante do mundo”. O jogo é algo extremamente sério, que dá prazer e absorve o jogador de maneira intensa. Defendo que esse jogar sempre esteve presente na humanidade e, a cada contexto social, histórico, político, econômico e tecnológico, esse jogo se adapta ao cenário.

Existe também algo no jogo que transita entre o real e o fantástico, entre a seriedade e o “faz de conta” e desperta esse envolvimento pelo jogo, que, para esta proposta, pode ser explicado através do conceito de imaginário de Gilbert Durand (1997). Se o imaginário é o local dos impulsos e dos afetos, o jogo se desenvolve a partir e juntamente com o imaginário e esses sentimentos. Assim, o imaginário seria o local onde o homem busca os ingredientes para jogar, se envolver, produzir suas visões de mundo, onde ele ataca e defende suas certezas, contradições e símbolos durante um tempo estipulado do jogo e retorna para a “vida real”. O imaginário é este lugar que significa os espaços onde o jogo

será jogado, que faz um par de chinelos na calçada virar traves de futebol, por exemplo. Não há espírito do jogo sem um local, seja ele um estádio, um campo de terra abatida, a quadra do prédio, a rua, o pátio da escola ou até mesmo o quarto de uma criança. O imaginário é necessário para que se jogue, desde o ato conhecido como esporte profissional passando pelo ato mais lúdico e amador, chegando ao ato de narrar.

Essa frase é um guia para a proposta que apresento: “toda vez que o homem narra, ele vai jogar no seu imaginário” (Mostaro, 2023). Acredito que as narrativas são o tecido vivo que articulam e estabilizam a atividade humana (Bateson, 1986), sendo um modo de expressão universal. O processo narrativo funcionaria como uma estrutura vital que vai fornecer o sentido das experiências humanas de cada grupo, organizando e produzindo significado às ações humanas. Para Ricoeur (2010), narrar é a capacidade humana de se apropriar do mundo. Ao se narrar se ordena o mundo e, assim, pode-se compreendê-lo e agir sobre ele. É também pelas narrativas que se convenciam modos de agir e de se comportar em cada situação social. Elas buscam organizar, legitimar e estabilizar o mundo construído pelo narrador. Essa ideia de “mundo construído” pelo narrador é um dos pontos de interseção entre os conceitos de jogo, narrativa e imaginário. O mundo à parte que o jogo estabelece é o mundo narrativo que o autor convida o interlocutor a participar. Quando esse convite é aceito, o imaginário que criou as bases para esse mundo é compartilhado pelos interlocutores, criando o “jogo narrativo”, ou na expressão que alcunhei: o “ludens narrativo” (Mostaro, 2023). Nos termos atuais, infiro que o jogo, ao jogar com os elementos presentes no imaginário dos interlocutores, “engaja” os jogadores em uma narrativa que os absorve de maneira intensa. A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário e, com o poder do lúdico, envolve os participantes (Motta, 2013).

Essa complexidade das camadas que se intercalam e que se completam fazem esse “ludens narrativo” estar em constante interação com o contexto. Uma mudança de cenário altera as bases de jogo e pode reestabelecer as bases do imaginário que vai guiar a narrativa, fazendo o jogo ser jogado de maneira diferente. Harold Innis (2011) ressalta que os meios de comunicação promovem “agitações” no domínio da cultura, alterando substancialmente as relações de

toda a sociedade humana com o tempo e espaço. Podemos dizer que o jogo narrativo na linguagem radiofônica é diferente do jogo narrativo proposto pela televisão, assim como o jogo narrativo das plataformas também aciona diferentes bases imaginárias para esse jogo, reelaborando o jogo das relações sociais. É neste ponto que a proposta busca auxiliar as análises de narrativas no cenário atual. Um contexto com múltiplos cenários, plataformas, cada uma com a sua particularidade, cada uma disputada em um “estádio diferente”, com diferentes acionamentos de imaginários e “regras” para a condução do jogo narrativo.

A intenção deste ensaio é indicar como o “ludens narrativo” dá conta dessas mutações oriundas da convergência por entender que cada novo aparato tecnológico, interfere, em algum nível (sutis ou acentuadas) no reordenamento das formas sensoriais e de percepção na sociedade. Mudanças que vão interferir na construção, produção, circulação, difusão e rentabilização das narrativas. Exatamente o que acontece no cenário platformizado e da convergência. Criar metodologias que abarquem essas alterações cada vez mais contantes e plurais é fundamental para as pesquisas que têm seus objetos inseridos nesses contextos e que abordam a elaboração de narrativas.

Deste modo, com base nas ideias de Huizinga (2014) sobre jogo, Durand (1997) sobre imaginário e Ricouer (2010) sobre narrativa, apresentarei essa proposta metodológica plural a partir de três tópicos que vão refletir: 1) como o jogo da convergência é jogado nas plataformas, 2) como a imersão desejada pelas narrativas nesse cenários despertam esse envolvimento e 3) como o processo de datificação dos dados obtidos pelos usuários das plataformas e aplicativos mapeia esses imaginários, desejos, opiniões, gostos, preferências e referências, tendo dados privilegiados para desvendar como e quais elementos serão usados para jogar esse jogo narrativo. Por fim, vou indicar como o “ludens narrativo” pode ser usado nas análises do processo narrativo no ecossistema midiático atual, tendo como exemplo a plataforma de apostas online mais acessadas pelos brasileiros, a Bet365. De origem britânica, é uma das maiores casas de apostas do mundo e pode ser acessada via aplicativo disponibilizados para android e IOS, além do site e redes sociais próprias. A bet365 atua no Brasil desde 2018, após a Lei 13.756/18 sancionada por Michel Temer, que legalizou

as apostas online no país<sup>35</sup>. Acredito que a forma com que essas plataformas se articulam neste cenário da convergência, convidando para um “jogo”, pode ser claramente identificada nessas casas de apostas online, indicando a potencialidade desta metodologia não só para a análise dessas plataformas, mas também de outras narrativas existentes no contexto atual como no whatsapp, telegram e youtube.

### **Vivendo nas plataformas: o jogo da convergência**

O mundo em que vivemos hoje é diferente do mundo em que vivíamos há 30 anos. Novas tecnologias foram inseridas no ambiente e interferiram no nosso cotidiano. Há um campo de estudos na comunicação chamado Ecologia da Mídia que analisa exatamente esses processos (Strate; Levinson; Braga, 2019). A ideia principal é: como a introdução de um novo aparato tecnológico que media as relações humanas interfere nessas interações e elabora códigos próprios<sup>36</sup>. Para essa corrente de pensamento, a mídia é pensada como um ambiente, como algo nos envolve, nos rodeia, que circula e cria uma atmosfera que torna essa nova mídia algo “natural” no cenário. Não seria, por exemplo, apenas inserir o uso do celular em massa e achar que ele determinaria ações, mas sim como vamos nos articular com ele, como vamos produzir sentidos e interpretar esses sentidos para que essa tecnologia seja incorporada à nossa vida. Os celulares atuais hospedam grande parte das plataformas que permeiam nosso cotidiano. Seja para pedir uma comida, pedir um taxi, relacionar-se, divulgar o currículo, comunicar-se ou fazer uma aposta, vivemos também nas plataformas e

---

<sup>35</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2018/lei/l13756.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/l13756.htm) Acesso em: 21 nov. 2024.

<sup>36</sup> Nesta proposta, adoto a concepção de código de Gregory Bateson (1986). Bateson entende que, em cada situação social, os participantes de uma determinada cultura comunicam não só um conteúdo, mas também instruções e pistas de como interpretar uma determinada mensagem. Em cada contexto, haverá uma forma de interpretar o significado das ações. Bateson (1986) define este processo como “aprender a aprender”, que seria aprender, dentro de determinado contexto, regras e estipulações. Quando se aprende a interagir dentro de um determinado contexto, fica mais fácil e rápido lidar com as articulações, pois aquele processo já se tornou familiar ao sujeito. No caso deste ensaio, “aprender a aprender” o jogo no cenário atual é naturalizar as ações que as plataformas convencionam e inseri-las em seu cotidiano, como o uso efusivo do celular em atividades comuns ao indivíduo, mas que não antes não eram intermediadas por essa tecnologia, como acesso a e-mails, contatos e reuniões de trabalho, informações sobre o trânsito etc. Isso faz com que se compreenda melhor comportamentos e as ações dos indivíduos no contexto do cenário da convergência.

naturalizamos as práticas que essas tecnologias nos instigam, jogando o jogo mediado pelas plataformas e assimilando seus códigos.

Neste cenário, testemunhamos um consumo de narrativas através de múltiplos dispositivos, dentro de um processo cultural, social, econômico e tecnológico denominado “convergência midiática” (Jenkins, 2006). O primeiro ponto importante é observar que, nessas múltiplas possibilidades, surgem diferentes modos de jogar. A própria arquitetura das plataformas passa pela compreensão das ideias do jogo, ao promover engajamento, imersão e permanência pelo maior tempo possível dos usuários nas plataformas. Esse maior tempo foi permitido pelo uso ampliado dos *smartphones* que instigam, através de notificações sucessivas, esses diferentes jogos possíveis em uma busca por atenção constante dos internautas (Bentes, 2021).

Aqui, não afirmo que essa busca pela atenção seja uma novidade. Jornais, rádio, cinema e televisão também procuravam envolver os interlocutores no seu jogo narrativo e mantê-los atentos pelo maior tempo possível. O que quero destacar é que esse cenário das plataformas, ao fundir as mídias tradicionais às novas mídias (Jenkins, 2006), provoca uma complementação de imaginários particulares de cada uma dessas tecnologias anteriores para uma mistura de linguagens e sensações em suportes diferentes dos considerados tradicionais. O imaginário da oralidade (Ong, 1998), por exemplo, presente no rádio, está presente no áudio enviado pelos grupos de whatsapp ou telegram. Como Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) definem, essa platformização se caracteriza pela penetração de estruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes esferas da vida social e de setores econômicos, reorganizando práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas. Nos termos que uso nesta proposta: as plataformas mudam o local do jogo. E essa mudança traz consequências na forma de produzir, circular, difundir e rentabilizar as narrativas, reordenando as formas sensoriais e de percepção na sociedade (Braga, 2010). Deste modo, faz-se necessário repensar metodologias que deem conta dessa pluralidade. Se, para apostar, era necessário ir a uma loteria ou em uma banca do “jogo do bicho”<sup>37</sup>, a “fêzinha” (expressão popular no Brasil para apostas) é também mediada pelas

---

<sup>37</sup> Para uma maior compreensão desta prática no Brasil, ver: Simas (2024).

plataformas.

Todo jogo possui um significado. Ele pode ser momentâneo, ser jogado uma única vez ou, através dos rituais, se tornar algo cotidiano, uma tradição e com extrema relevância social. Se o ritual de ouvir rádio e ver televisão foi criado ao longo do tempo, o acessar plataformas e inseri-las no cotidiano também passou pelo mesmo processo. A repetição desse ritual formata um imaginário, ou seja, signos e referências sobre aquele ritual que vão consolidá-lo. Defendo que o cenário atual da convergência é um jogo, ritualizado pelos aparatos tecnológicos que se inserem no cotidiano e se tornam fundamentais nas interações sociais. O custo social de não se ter um celular, por exemplo, é ser privado de algumas atividades, interações, temas e imaginários que são difundidos nesse jogo.

Para elucidar tal hipótese vou abordar alguns elementos que sustentam essa argumentação. Huizinga (2014) destacou algumas características do jogo que são facilmente observadas na convergência. São elas: a voluntariedade, a existência de regras, o faz de conta, o espaço destinado ao jogo, a evasão da vida real, a tensão que esse jogo provoca e o tempo de duração do jogo.

A voluntariedade é algo frequentemente usado nesse ambiente. É necessário baixar um determinado aplicativo, acessar determinado link ou fazer uma busca de um assunto ou perfil específico. Ao encontrar o assunto desejado, o internauta se voluntaria, assina termos e condições de uso para entrar no jogo. É o que Gonzalez (2010) e Castells (2015) relacionam ao falar sobre o conceito de cultura participativa e audiência ativa. A participação é a voluntariedade do público que consome as narrativas digitais e se insere no jogo narrativo de diversas formas a partir de uma arquitetura dos aplicativos e plataformas. Através de comentários, compartilhamentos e criação de personas no ambiente, os usuários se voluntariam a “jogar”. Ou seja, esse ato voluntário de entrar no jogo é uma decisão. Na Bet365, é necessário fazer um cadastro e assinar os termos de uso para participar, ou seja, um ato voluntário, inclusive, de disponibilizar informações pessoais para as plataformas. Uma decisão que, a partir do “ludens narrativo” que proponho, passa pelo acionamento dos imaginários presentes nesse jogador que vão impulsionar a voluntariedade.

Han (2022) destaca que o sujeito que está imerso neste cenário não seria submisso, pelo contrário. Ele se produz, quer ser visto, percebido e performa

neste cenário de forma voluntária. Ele se envolve no imaginário da liberdade total para agir, que, para Han (2022), se funde ao clicar, curtir e postar no jogo das redes. O imaginário acionado pela bet365 e por outras plataformas de apostas, além do impulso para jogar e competir, é o do signo e dos referenciais populares de “ficar rico”. Ter um ganho financeiro através de uma plataforma, apostando em esportes e outros temas, é um mergulho nesse imaginário, acionando essa voluntariedade. Em um cenário de financeirização da vida cotidiana exacerbado, como De Marchi (2021) mostra, as plataformas ampliam a adesão à financeirização.

A partir da adesão ao jogo, existem algumas regras para que ele aconteça. No conceito de Huizinga (2014), tais regras são necessárias para mediar as relações intersubjetivas dos participantes e não determinar suas ações. São regras implícitas e que, no decorrer do jogo, são percebidas, ajustadas e podem ser mudadas. O que se aproxima do conceito de código que já apresentei. Huizinga (2014) entende que as regras despertam, consolidam e ajustam tradições e ações cotidianas. Nas redes, a regra também existe. Os participantes de determinadas redes têm um modo de jogar que é reforçado, alterado e criado ao longo do jogo. Os ajustes são necessários para que o jogo se mantenha pertinente e estimulante, que faça sentido pelo maior tempo possível. Para isso, as plataformas estão sempre reformulando a arquitetura dos sites, inovando com novos botões, layouts, atualizações e regras de atuação dos usuários (D’Andrea, 2020).

Entender as regras é compreender as relações intersubjetivas presentes em cada plataforma. Na proposta de Huizinga (2014), aquele que não entende as regras e não se envolve no jogo é um estraga prazeres, alguém que não merece participar dele. Nas plataformas, um erro de conduta pode resultar em um “cancelamento” do jogador por infringir as regras acordadas. As regras acordadas se consolidam no imaginário dos usuários, fazendo com que o jogador que nega as mesmas bases imaginárias dos outros interlocutores seja estraga prazeres e precise ser excluído. É interessante que os próprios usuários (jogadores) podem fazer queixas. Cabe às plataformas definir ou não a exclusão. No caso de grupos de whatsapp e telegram, a regra que baseia a manutenção do “ludens narrativo” naquele cenário pode ser uma narrativa denominada como “fake news”. Neste caso, aquele que passe a não partilhar do imaginário que

balizou a regra, como por exemplo “vacinas matam”, e tenta desmontar essa regra é o estraga prazeres por “violar as regras” do mundo que foi criado naquele ambiente<sup>38</sup>. No caso da bet365, aquele que pretende convencer o jogador a deixar o jogo é o estraga prazeres, é aquele que supostamente não conhece as regras de quem está imerso no jogo, que pretende desmontar a base imaginária que impulsiona e mantém o jogador naquele jogo. Avisar que o jogador vai “perder dinheiro” é, para quem está inserido no jogo, um “devaneio” do estraga prazeres, já que a regra basilar do imaginário do jogador é que ele vai conseguir seu objetivo e não vai perder dinheiro, tamanho seu envolvimento<sup>39</sup>.

Essa base imaginária é tão poderosa que consolida o que Huizinga (2014) denominou como “faz de conta”. O que também se aproxima da característica da evasão da vida real. O jogo se torna um instante à parte, um momento em que o jogador se torna famoso nas redes, por exemplo, superando o seu *status* ou capital simbólico no mundo real, nos termos atuais um “influencer”. Um “faz de conta” que alimenta o imaginário de ser querido, validado a cada comentário e “estar certo” a cada novo vídeo ou postagem sobre uma temática ou opinião que o jogador julga ser a correta. Uma evasão da vida real, na qual as discussões e conflitos inerentes à vida social dão espaço à consolidação e confirmação de imaginários, e não mais uma disputa entre diferentes pensamentos. Na evasão do mundo real, quem nega o “faz de conta” se torna um “inimigo”, passível de ser, em alguns casos, excluído daquele mundo, ou seja, daquele jogo. É um estraga prazeres que não aceita as regras para o faz de conta ser verdade. A evasão do mundo real no jogo das plataformas é um mundo próprio construído nas redes e que aproxima jogadores com os mesmo gostos e perfis naquilo que se denomina como “bolha”.

Entretanto, é um faz de conta e uma evasão que têm relação direta com a “vida real”. O instante do jogo que seria uma “evasão da vida real” criou um

---

<sup>38</sup> Para uma maior compreensão de como essas narrativas nos grupos de whatsapp são elaboradas e circuladas ver: Santos, Chagas e Marinho (2022). Os autores indicam como esses aplicativos por mensagem acionam determinados imaginários e continuam o jogo narrativa em outras plataformas que vão “sustentar” esse imaginário e, por consequência, esse jogo narrativo, como o youtube.

<sup>39</sup> Essa concepção pode ser adotada em outras narrativas difundidas nesse jogo das redes, como em páginas, canais no youtube e grupos de whatasapp que abordam assuntos políticos, por exemplo. Tentar indicar as bases imaginárias que sustentam a narrativa dos participantes, faz do crítico um inimigo. Para mais detalhes deste processo ver: Piaia e Alves (2020).

modo de vida em que as plataformas e as redes elaboraram as regras. Por mais que se procure minimizar as emoções ali vividas para que elas não ultrapassem o mundo do “faz de conta” experimentado nas redes e que toda a “adrenalina” e impulsos não cheguem ao “mundo real”, um pouco da “atmosfera” (imaginário) das interações permanece pulsante no indivíduo. No caso das bets, o valor apostado naquele jogo interfere diretamente na vida real. Em setembro de 2024, foram divulgados os valores gastos pelos brasileiros em casas de apostas online, indicando um endividamento recorde<sup>40</sup>, elucidando que, apesar de ser uma evasão do mundo real, o jogo produz efeitos reais em outras esferas da vida. O mesmo acontece no jogo das redes sociais, com efeitos reais como depressão em usuários que, acostumados com a adrenalina constante do jogo, deixam de receber a quantidade de atenção, curtidas e compartilhamentos que recebiam anteriormente.

A adrenalina também faz parte das características do jogo: a tensão e o prazer que o jogo proporciona. Huizinga (2014) destaca que a incerteza do jogo estimula a tensão e o prazer. Na bet365, a incerteza já faz parte da natureza da aposta: imaginar um ganho futuro e torcer para que ela aconteça. Roger Caillois (2017) classifica essa forma de jogo como “Alea”, aquela que não dependeria diretamente do jogador e sim da sorte, de um acaso do destino. Nas redes, o acaso seria a suposta incerteza do que vai aparecer no feed de notícias, por exemplo. É o convite para continuar jogando o jogo, pois, em breve, pode aparecer a postagem desejada que mais se aproxime do imaginário do jogador, recompensando a tensão depositada com uma explosão de prazer ao ver seu desejo recompensado. Para o neurocientista Nicolelis (2020), as plataformas, a partir do uso da atenção, incerteza e adrenalina, conseguem ativar a produção de dopamina no cérebro humano, fazendo com que a tensão seja recompensada com o prazer da dopamina, aproximando-se da ideia de vício. Sendo o lugar dessas emoções, delimitar o espaço para o prazer e tensão se torna algo fundamental na elaboração do jogo.

No espaço do jogo tradicional, seja a rua, templo ou estádio esportivo, essas características ficam circunscritas a esse espaço geográfico delimitado.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/beneficiarios-do-bolsa-familia-gastaram-r-3-bi-com-bets-em-agosto-diz-bc/> . Acesso em: 21 nov. 2024.

Quando o jogo acontece, o seu local é algo sagrado. É a significação do espaço que possibilita essas características e que compreende que, naquele espaço, o faz de conta é possível, a tensão e regras são entendidas e sérias. Seja em uma igreja, em um estádio de futebol ou em um cassino, o espaço delimita as atuações e a criação de personas para aqueles jogos específicos. No jogo de um time no Maracanã, por exemplo, são permitidas diversas emoções que, no cotidiano, não seriam consideradas “normais”. Xingar o juiz, chorar e gritar ao acompanhar o desempenho de onze jogadores em um gramado verde se torna um “espetáculo” pelo poder do “ludens narrativo” entre os envolvidos. O espaço procura envolver, chamar atenção e evitar a dispersão no jogo narrativo.

Nas redes, o espaço é ampliado. Mais do que isso, o espaço delimitado para o jogo está inserido em todas as esferas da nossa vida. O que Meyrovitz (1986) chama de “non sense of place”. Qualquer lugar na rede é espaço para o jogo, para a intensidade que ele provoca e suas demais características. Ou seja, no jogo das redes, a ida ao Maracanã pode ser realizada 24 horas por dia. A delimitação do seu espaço geográfico “sagrado” em plataformas e grupos de usuários com os mesmos objetivos evita a dispersão e amplia a intensidade para o jogo para um espaço virtual “eterno”. É sempre tempo de jogar, envolver-se, ter prazer, tensão e, voluntariamente, entrar em um mundo de “faz de conta” fascinante e diferente da vida real, onde o momento perfeito é constante e para todos os usuários. As plataformas são esse local e o celular, por estar inserido nos rituais cotidianos, é o ampliador e mediador desse espaço. Esse mediador se tornou o local sagrado, o local onde os jogos acontecem. O objeto que foi criado para dar uma mobilidade para fazer ligações telefônicas, hoje, é o santuário dos jogos, das interações e das narrativas na era da convergência. É o “senhor” do tempo dos jogos narrativos nas redes.

Aqui chegamos a uma das características mais fascinantes do jogo: o tempo de duração. Tal tempo não pode ser medido, ele dura o tempo que o prazer e o envolvimento do jogador durarem. Não é difícil notar como as características descritas acima e, principalmente, o seu espaço alongado e que invade as esferas do cotidiano através da plataformização, fazem com que o tempo também seja alongado. É possível “maratonar” uma série, não mais precisando esperar o capítulo ou episódio no dia ou na semana seguinte. O usuário define o tempo necessário para o jogo continuar, não mais a

programação da televisão, por exemplo. E, mesmo quando acaba o episódio ou uma temporada de série, o jogo continua em outros sites que alimentam o imaginário, produzindo teorias, finais alternativos ou discutindo o destino das personagens.

No esporte, o espaço e tempo modificados pela tecnologia atual fazem com que se possa, por exemplo, “continuar jogando a narrativa” de uma partida de futebol. Se, no tempo humano, o jogo se encerrou ao final dos 90 minutos, ele é ampliado e vivido em múltiplas narrativas que vão perdurar o que aconteceu naqueles 90 minutos em podcasts, vídeos, lives, whatsapps e redes sociais. O tempo do jogo que também é um tempo sagrado para os jogadores se torna um tempo de consumo de narrativas nas redes, com uma oferta cada vez maior de possibilidades, fazendo com que o jogador encontre sempre um jogo que dialogue com o seu imaginário e sua necessidade momentânea. O tempo de se envolver no jogo da bet365 também é alongado. Com partidas e eventos diários que são apostáveis, o usuário se vê imerso em uma temporalidade do campeonato da Arábia Saudita, outro na China e um nos EUA, por exemplo. A distância geográfica, que provocaria uma dispersão do local dos jogos pelos jogadores, é redimensionada. Basta estar atento ao celular para não perder nenhuma boa oportunidade de aposta, basta se manter no local do jogo para vivenciá-lo intensamente.

Surge a necessidade de presença nas principais plataformas digitais o tempo todo (Da Silva *et al.*, 2020). Estar fora daquele mundo é estar perdido em um tempo em que não se joga nada, é estar fora do jogo. Aqui, a evasão do mundo real pode se inverter. Estar no jogo das redes, em algumas oportunidades, é mais favorável que estar no “mundo real”. Neste sentido, Raquel Recuero (2009) destaca que as redes de interações sociais migraram do mundo físico para o ambiente da web, criando novos espaços de sociabilidades, com novas ferramentas para a interação mediada pelos computadores. Assim, como Srnicek (2017) defende, as plataformas se tornaram intermediários que agrupam diferentes usuários. Ou seja, elas reúnem jogadores em seus espaços destinados ao jogo. Nesses espaços, clientes, anunciantes, produtores de conteúdo, empresas jornalísticas interagem 24 horas por dia, sete dias na semana, criando um mundo à parte nesse jogo narrativo presente nas plataformas. A plataformização do cotidiano extrapola o poder das plataformas,

como Van Dijck (2016) observa, invadindo setores econômicos e práticas sociais que passam a também ser mediadas por essas plataformas, chegando ao que Sodré (2013) conceitua como “bios midiático”.

Para Sodré (2013), esse bios seria uma vida articulada, mediada e vivida no ambiente virtual que busca a integração do sujeito na sociedade pela via do capital financeiro e com consequências reais no “mundo real”. O bios midiático é um solo possível para a interação que não é mais físico, é o solo da informação, o solo da sociedade contemporânea. Entrar no bios, ou no termo da proposta, nesse jogo, é entrar na sociedade da informação. Han (2022) destaca que, nesse cenário, a exploração do capital se configura nas informações e nos dados que circulam pelas plataformas, dando origem a um regime de informação que está intrinsecamente ligado ao que foi definido por capitalismo de plataforma (Mozorov, 2018; Srnicek, 2016) e capitalismo de dados (Lemos, 2020). Assim, se a interação, se as regras que emulam as interações e subjetividades são pautadas pelo bios midiático, o poder se estabelece por dados e informações capturadas, datificadas e consumidas nos jogos.

O jogo das redes tem influência direta na consolidação das ações do bios midiático como um imaginário possível na vida cotidiana. Uma narrativa que convida os interlocutores para o jogo e que, com o local e tempo de jogo ampliados, facilita a possibilidades de imersão narrativa. No próximo tópico, vamos apresentar a noção de narrativa presente em nossa proposta, como ela se coaduna com as características apresentadas sobre o jogo das redes e como, com base ns informações coletadas pelas plataformas, são mapeados gostos, desejos, impulsos e referenciais (que consideramos estar presentes no imaginário social e coletivo).

### **Imersão narrativa e a datificação do imaginário**

A narrativa é um ato de convencimento, é a elaboração de um mundo, a articulação de determinadas escolhas do que se conta e do que não se conta para projetar sentidos. No “ludens narrativo”, as escolhas ficam bem evidentes, pois deixam explícito não apenas a intencionalidade, mas também em qual bases imaginárias se pretende jogar com o interlocutor. Quanto mais profundo no imaginário, maior a imersão dos jogadores no “mundo à parte”, amplificando

a intensidade e o envolvimento.

Ressaltei no item anterior que novas tecnologias alteram os ambientes, envolvendo-nos, criando atmosferas de sentido que interferem nas percepções e cognições. O impacto da tecnologia sobre a consciência dá alento e impulso a esforços de cognição, graças aos quais se providencia e orienta uma construção tecnológica do real, incluindo-se nela uma reproposição do imaginário e uma redefinição consequente do sensorio humano. Neil Postman destaca que essas inserções mudam até significados de conceitos: “o telégrafo e o jornal diário mudaram o que antes chamávamos de “informação”. A televisão muda o que antes chamávamos de “debate público”, “notícia” e “opinião pública”. O computador muda a “informação” mais uma vez”. (Postman, 1994, p.18). Assim, ao redefinir conceitos, as tecnologias elaboram outros signos e referenciais sobre palavras, alterando imaginários sociais.

Consequentemente, as narrativas no ambiente da convergência também provocam alterações. Com um maior fluxo de interações, maior busca por atenção, conquistar atenção para redefinir códigos de interpretação se torna um ativo econômico importante para as plataformas. Assim, convencer a jogar o jogo narrativo nas redes, seja em uma postagem, em um vídeo, live, aposta, grupo de mensagens ou podcast, é decisivo. Aqui, aponto dois itens que serão basilares para produzir esse jogo narrativo: a capacidade de imergir o interlocutor na narrativa e nos dados que as plataformas possuem sobre os imaginários dos jogadores para lhes oferecer algo próximo daquilo que eles já desejam.

Começarei pela imersão, que integra o “mundo à parte” que o “ludens narrativo” produz. Murray (2003) entende a imersão como uma metáfora da experiência física de estar submerso na água. Estar submerso é estar totalmente preenchido por aquele cenário, atmosfera, espaço. É estar dentro do jogo por completo. Murray enfatiza que essa sensação passa por estar envolvido por uma realidade estranha, mas que se apodera do nosso sistema sensorial e da nossa atenção. A imersão seria uma capacidade muito utilizada no “ludens narrativo” proposto no ambiente da convergência, de transpor a consciência para outro ambiente, seja ele imaginado ou sinteticamente criado. A imersão deixa claro como a narrativa é um processo extralinguístico, um processo que engloba um conjunto de ações que passa, seguindo a proposta aqui apresentada, por jogar o jogo em um imaginário. A narrativa é então, uma coconstrução de sentidos entre

os interlocutores, ela pretende atrair, envolver e convencer o interlocutor a entrar no jogo de sentidos (Motta, 2013).

Gumbrecht (2014) e sua ideia de presença nos ajudam a compreender o processo. Para o autor, a presença seria uma experiência estética que afeta diretamente, estimulando tanto sensações físicas quanto emocionais. Ele destaca que experiências sonoras, por exemplo, provocam um envolvimento no nosso corpo a partir de uma atmosfera criada pela narrativa. Considero que a sensação de presença é fundamental para a imersão narrativa. Estar presente em um grupo de whatsapp, por exemplo, é estar imerso a um bombardeio de estímulos com as sensações provocadas por texto, imagem, vídeos e sons. Essa hibridiz de linguagens - característica da convergência - e, conseqüentemente de estímulos, é importante para a ativação de sentidos e emoções que se completam e ampliam a submersão. Quanto maior a imersão, maior a possibilidade de atenção e consumo do que ali é publicado, debatido e enfatizado. No caso da bet365, a imersão pode ser exemplificada com a presença constante de notificações da plataforma que pretende envolver e convencer o jogador a apostar, a se sentir sempre atraído cada vez mais para essa imersão.

Viana (2023), ao analisar a imersão narrativa em podcasts, enfatiza três aspectos da imersividade: mídias, relação do deslocamento espaço-tempo e imaginação e força narrativa. Em relação às mídias, D'Andrea (2020) alerta que, além de gerar e interpretar dados, as plataformas se esforçam para compartilhar dados, integrando serviços e processos, no que compreendo ser uma datificação do imaginário do usuário. Não seria determiná-lo, pois o imaginário é algo fluido e instável, mas possuir um mapa de ações que pode aproximar cada vez mais a narrativa proposta nas plataformas daquilo que o usuário deseja. Ao acessar um serviço pelo google, por exemplo, os rastros de suas interações no bios midiáticos ficam registradas, obtendo um conhecimento de comportamento detalhado de usuários jamais capturado em tamanha velocidade e quantidade na história humana.

A sugestão de vídeos, jogos para se apostar, músicas para ouvir, teorias para se aprofundar se torna constante, sendo o convite para se jogar o tempo todo e em qualquer lugar. Explorar tais dados se torna um ativo rentabilizado e o modelo de negócios das plataformas (Srnicsek, 2016) que vão buscar sempre

inovações tecnológicas para refinar e ampliar a datificação dos imaginários sociais. Como Jenkins (2008) destaca, no desejo intenso que circula por múltiplas plataformas, aliada a uma cooperação entre mercados midiáticos que analisam esses fluxos e comportamentos, é que a ideia da busca por novas experiências é efetivada. Como Han (2022, p.16) alerta: “o smartphone se revela como um informante eficiente, que nos submete a uma vigilância duradoura”.

Duradoura por conta de o jogo ser constante, quando a imersão narrativa proposta pelas plataformas tem sucesso e pelas regras solicitarem a abertura de dados a cada login. Na contabilização de cada interação humana processada nesse espaço, datificação e plataformas se completam. Interações se tornam dados e informações para as plataformas que vão se tornar um produto importante no cenário atual. A informação, no cenário da convergência, como Postman (1994) enfatizou, muda seu significado para algo mais ligado ao consumo.

### **Considerações finais: como decifrar o jogo narrativo?**

Apresentei as bases teóricas da metodologia “ludens narrativo”. Ela defende que jogo, narrativa e imaginário andam juntos no cenário da convergência. Como toda metodologia, pretendo indicar modos de se decifrar como o jogo narrativo é desenvolvido pelas plataformas, fornecendo elementos importantes para aprofundarmos os modos e códigos a partir dos quais a interação social se desenvolve atualmente.

Aponto a seguir uma espécie de roteiro, tendo como base a análise da bet365, para que outros pesquisadores utilizem essa metodologia em suas investigações:

- 1) Qual jogo é proposto pela plataforma, página, postagem, site, vídeo, canal, podcast ou grupo de mensagens? Neste ponto, é fundamental retomar as seis características do jogo que Huizinga (2014) aponta: voluntariedade, regras, faz de conta ou evasão do mundo real, espaço do jogo, tensão e tempo de duração. Na bet365, a voluntariedade é nítida, as regras bem definidas, deixando claro como é a aposta, quando o dinheiro pode ser retirado e até quando o usuário pode desistir/fazer a aposta. A tensão e a incerteza, como disse antes,

também são algo característico das apostas. O tempo e espaço de jogo se tornam fundamentais para a análise desses processos observados nas redes. Pode-se jogar em qualquer lugar e a qualquer tempo. Acredito que esta seja uma das grandes características do cenário da convergência e uma das grandes contribuições da proposta. Principalmente, se formos pensar nos desdobramentos dos espaços em que o jogo é jogado. Quando analisávamos uma reportagem de jornal, por exemplo, sua intencionalidade e seu jogo poderiam estar circunscritos ao texto do jornal, por mais que ele fosse extralinguístico. Hoje, é intencional expandir a narrativa para outras plataformas e cenários. Aqui, essa ideia pode ser claramente utilizada nas análises de fãs de séries, artistas, celebridades, grupos políticos e eventos. O referencial teórico de Huizinga (2014) nos ajuda a compreender e abordar com mais detalhe e reflexão essas possibilidades.

- 2) No mundo à parte que o jogo elabora e nos convida, como a narrativa é desenvolvida? Quais imaginários a narrativa aciona para provocar a imersão do jogador? A bet365 cria um instante, um mundo à parte onde é permitido extrapolar, ser intenso e acreditar nas bases imaginárias propostas pela narrativa. O envolvimento vem, por exemplo, com depoimentos de celebridades do “bios midiático” ou do universo do esporte, confirmando imaginários das apostas e convencendo o interlocutor a jogar o jogo. “Comprova-se” também o mundo de “faz de conta” com “pessoas comuns” que, ao entrar no jogo, “ficaram ricas”, estimulando a competição e a ideia de que o “mesmo acontecerá” com o jogador. Aqui o pesquisador consegue decifrar em quais bases imaginárias o jogador acreditou para se envolver no jogo. No caso de grupo de whatsapp, por exemplo, existe um tópico em comum para que o espaço do jogo (grupo) seja criado, que pode ser ajustado ao longo das interações para que o jogo continue fazendo sentido. Se o tema inicial começou como “Eleições 2022 – Fora esquerda”, o jogo vai se desenrolar com outras temáticas que permeiem e sustentem o tema, mesmo após as eleições, mantendo o grupo ativo, voluntário e compartilhando sentidos presentes no

imaginário que os incentivou a aderir. Qualquer notícia que critique ou aborde negativamente a esquerda será um combustível para que o jogo não perca seu sentido e se mantenha vivo. E aqui, ressalta-se a hibridez das linguagens que ativam diferentes emoções e sensações dos jogadores com textos, imagens, vídeos, áudios etc. A possibilidade de compartilhar em outros locais, convidando outros jogadores a entrar no jogo, mesmo que não seja no grupo de mensagens, mas para que compartilhem ou tenham conhecimento daquelas bases imaginárias que pulsam naquele local. No caso das bet365, usuários compartilham nos grupos de whatsapp suas vitórias, acertos e valores conquistados. A notícia de perda, por se aproximar do “estraga prazeres”, é amenizada com o argumento de que a sorte também importa e que o importante é continuar “com fé” no “faz de conta”.

- 3) Como essa narrativa está inserida dentro das plataformas? Quais elementos da convergência, de busca pela atenção, são acionados para que o jogo permaneça pelo maior tempo possível? No caso da bet365, sua propaganda constante nas redes é avassaladora na ideia de propor o jogo. Anúncios em diversos sites, alguns sem ligação direta com o tema, em emissoras de televisão e rádio tradicionais e por assinatura, notificações constantes de apostas com alta possibilidade de ganho para os já usuários, bonificações de valores para quem estava há tempos sem jogar para que volte ao jogo com um “empréstimo” da plataforma. Ela também atua de maneira transmidiática e crossmidiática. Dos 20 times que disputam o Campeonato Brasileiro em 2024, 15 são patrocinados por casa de apostas, mostrando uma busca frequente para jogar no imaginário do torcedor e levá-lo para o jogo da plataforma. Esse item também permite ao pesquisador observar como diferentes estímulos são trabalhados: há mensagens em diferentes mídias para chamar o interlocutor para esse jogo narrativo? Há uma hibridez das linguagens? No caso da bet365, sim. São áudios, vídeos, textos, imagens, gráficos que compõem a construção narrativa.

Além desse breve roteiro, penso que a metodologia traz uma pluralidade de abordagens que podem ser úteis para a análise de diferentes narrativas presentes no cenário atual. Compreender a força impulsionadora desses três elementos tão vitais nas relações humanas (jogo, narrativa e imaginário) é um pilar importante para as pesquisas. Com este artigo, pretendo estruturar um método de análise para o cenário da convergência. A metodologia também permite uma adaptação a cada objeto de pesquisa, que terá diferentes imaginários acionados, diferentes formas de estimular o jogo e a imersão e diferentes mundos construídos para o “ludens narrativo” ser efetivado.

## Referências

BATESON, G. **Mente e natureza**: a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BENTES, A. **Quase um tique**: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

BRAGA, A. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdade & Diversidade**: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, n. 9, p.95-104, 2011.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**: a máscara e a vertigem. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

D'ANDREA, C. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

DA SILVA, G. *et al.* Como as plataformas digitais provocaram uma ruptura no modelo de jornalismo consolidado no século XX. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura-Eptic**, v. 22, n. 1, p.161-178, 2020.

DE MARCHI, L. O capital financeiro vai ao paraíso: Bitcoin, fintech 3.0 e a massificação do homem endividado. **MATRIZES**, v. 15, n. 2, p.205-227, 2021.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Ed. Presença, 1997.

GONZÁLEZ, A. C. La interactividad de las audiencias en entornos de convergencia digital. **Revista Icono**, 14, Madrid, n. 15, p.164-177, 2010.

GUMBRECHT, H. U. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HAN, B. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 2014.

INNIS, H. **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LE MOS, A. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia**, n. 43, p.54-66, 2020.

LOPEZ, D. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010.

MEYROWITZ, J. **No sense of place**: The impact of electronic media on social behavior. Oxford: Oxford University Press, 1986.

MOROZOV, E. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013.

MURRAY, J. **Hamlet no holodeck**. São Paulo: Unesp, 2003.

NICOLELIS, M. **O verdadeiro criador de tudo**. São Paulo: Planeta Estratégia, 2020.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PIAIA, V.; ALVES, M. Abrindo a Caixa Preta: Análise Exploratória da Rede Bolsonarista no Whatsapp. Intercom, **Rev. Bras. Ciênc. Comun.** 43 (3), p.135-154, Sep-Dec 2020.

POELL, T; NIEBORG, D; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 22(1), p.2-10, janeiro/abril 2020.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**: a rendição da Cultura à tecnologia. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SANTOS, N., V. CHAGAS, e J. MARINHO. De onde vem a Informação que circula em Grupos Bolsonaristas no Whatsapp. **Intexto**, nº 53, p.1-23, novembro de 2022.

SIMAS, L. A. **Maldito invento dum baronete**: uma breve história do jogo do bicho. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2024.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2013.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STRATE, L; BRAGA, A; LEVINSON, P. **Introdução à ecologia das mídias**. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 2019.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Insular, 2023.

## ***Métodos plurais: a pesquisa social durante a pandemia***

# ADAPTANDO MÉTODOS DE PESQUISA: A EXPERIÊNCIA COM AS BRECHOLEIRAS DE MADUREIRA ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19<sup>41</sup>

## ADAPTING RESEARCH METHODS: THE EXPERIENCE WITH THE *BRECHOLEIRAS* FROM MADUREIRA BEFORE AND DURING THE COVID-19 PANDEMIC

**Jorgiana Melo de Aguiar Brennand**

Docente do curso de Publicidade Propaganda - IBMEC / RJ

[jorgianabrennand@uol.com.br](mailto:jorgianabrennand@uol.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3210-4133>

**Ricardo Ferreira Freitas**

Professor Titular - Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Pesquisador do CNPq

[rf0360@gmail.com](mailto:rf0360@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4486-763X>

**Resumo** – Este artigo tem como objetivo apresentar uma pesquisa estruturada em dois momentos: antes e durante a pandemia de Covid-19. O *corpus* do presente estudo é constituído pela Feira das Brecholeiras, evento realizado semanalmente sob o viaduto Negrão de Lima, em Madureira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma feira que comercializa diferentes tipos de mercadorias de segunda mão, de bijuterias a roupas de grife. Procura-se mostrar, por meio de um evento que reconfigura o espaço público da rua do subúrbio, as imbricações entre comunicação, consumo e sociabilidade. O estudo, ancorado nesses três conceitos traz uma combinação de vários procedimentos metodológicos. Na primeira parte da pesquisa, desenvolvida entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2020, utilizou-se levantamento bibliográfico aliado à etnografia, por meio da observação participante, realizada *in loco* na feira. No segundo momento, realizado entre 15 de abril e 20 de julho de 2020, recorreu-se à etnografia virtual como metodologia de análise das postagens nas principais redes sociais da Feira das Brecholeiras: o perfil brecholeirasoficial, no Instagram; e a página Brecholeiras (CUFA Madureira-RJ – Vitrine Virtual), no Facebook. As análises foram baseadas

---

<sup>41</sup> O fim da pandemia de Covid-19 foi decretado oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 5/5/2023. Informações disponíveis em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia/>. Acesso em: 20 set. 2024.

principalmente nos autores Livia Barbosa (2004); Christine Hine (2004); Michel Maffesoli (2000; 2004); Janice Caiafa (2007). As metodologias empregadas evidenciaram que sociabilidade, trocas comerciais e simbólicas são elementos interligados pela comunicação, reforçando a percepção de que a feira é um espaço onde as pessoas buscam estar juntas pelo prazer do encontro, revelando-se como um lugar dotado de sociabilidade. Observou-se, ainda, que a comunicação é essencial às trocas, ao consumo e à sociabilidade, tanto no ambiente presencial quanto no digital. Os resultados apresentados são fragmentos de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida entre 2018 e 2021<sup>42</sup>.

**Palavras-chave:** Feira das Brecholeiras; Consumo; Observação participante; Etnografia virtual; Sociabilidade.

**Abstract** – This article aims to present a research study structured in two phases: before and during the Covid-19 pandemic. The corpus of the present study consists of Brecholeiras Fair (the thrift store fair), a weekly event held under the Negrão de Lima viaduct in Madureira, in the northern zone of Rio de Janeiro. It is a market that sells different types of second-hand goods, from jewelry to designer clothes. The study seeks to explore the intersections between communication, consumption, and sociability through an event that reconfigures the public space of the suburban street. Anchored in these three concepts, the study combines various methodological approaches. In the first phase, developed between January 2018 and March 2020, a literature review was conducted alongside ethnographic research, employing participant observation carried out in loco at the market. The second phase, conducted between April 15 and July 20, 2020, utilized virtual ethnography as the methodology for analyzing posts on Brecholeiras Fair main social media platforms: the @brecholeirasoficial profile on Instagram and the Brecholeiras (CUFA Madureira-RJ – Vitrine Virtual) page on Facebook. The analyses were primarily based on authors Livia Barbosa (2004); Christine Hine (2004); Michel Maffesoli (2000; 2004); and Janice Caiafa (2007). The methodologies employed highlighted that sociability, commercial, and symbolic exchanges are interconnected through communication, reinforcing the perception that the market is a space where people come together for the pleasure of interaction, revealing it as a place imbued with sociability. It was also observed that communication is essential for exchanges, consumption, and sociability, both in the physical and digital environments. The results presented are excerpts from a doctoral research study conducted between 2018 and 2021<sup>43</sup>.

**Keywords:** Brecholeiras fair; Consumption; Participant observation; Virtual ethnography; Sociability.

---

<sup>42</sup> A pesquisa foi conduzida pela autora, no PPGCCOM/UERJ, sob a coordenação do coautor do presente artigo.

<sup>43</sup> The research was conducted by the author at PPGCCOM/UERJ, under the coordination of the co-author of this article.

## Introdução

A comunicação vai além da simples troca de mensagens, expressando-se também por meio de corpos, eventos e trocas comerciais e simbólicas. Ela desempenha um papel indispensável na construção de significados que conectam as pessoas, promovem o compartilhamento de saberes e contribuem para a formação de identidades e laços sociais. Circular pelo espaço público da rua potencializa essas trocas, permitindo o contato direto com diferentes grupos e ambientes, o que enriquece ainda mais os processos comunicativos, ampliando a vivência de sociabilidades e as interações que constroem o tecido social urbano.

A cidade do Rio de Janeiro, como metrópole, é cheia de contrastes: bela e sonhada. Incompleta e caótica. É também alegre e barulhenta devido às interações vivas em suas ruas, onde trocas culturais e sociais acontecem constantemente. Do mesmo modo, é silenciosa, sendo capaz de refletir o isolamento e a falta de diálogo, marcando – em alguns momentos - uma ausência de conexão entre seus habitantes.

O Rio é também a cidade reconhecida internacionalmente por seus pontos turísticos, mas não se resume a eles; é também subúrbio, Barra da Tijuca, Zona Norte e muitos outros lugares que compõem sua diversidade: quadra da Portela, com feijoada da tia Surica; praia, com mate Leão e biscoito Globo; trem lotado a caminho de Madureira; feira da Glória, com pastel e caldo de cana.

A Cidade Maravilhosa, como é reconhecida internacionalmente, é igualmente a urbe dos megaeventos e da ocupação criativa do espaço público da rua. É a capital multifacetada, atravessada por melodias e harmonias, sons e ruídos, regras e improvisações. É ainda como uma metrópole, “que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual vários itinerários musicais ou materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem” (Canevacci, 2004, p.5).

A cidade é conhecida pela Bossa Nova e, da mesma forma, pela repetição constante de uma visão limitada, que destaca a imagem da 'garota de Ipanema'<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Música composta por Antônio Carlos Jobim e letra por Vinícius de Moraes, em 1962. Informações disponíveis em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/musa-de-tom-e-vinicius-quem-e-garota-de-ipanema.phtml>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

com seu corpo dourado pelo sol. Essa narrativa simplificada ofusca a pluralidade de corpos e realidades que habitam e circulam pelas ruas do Rio de Janeiro, já que “a definição de certos parâmetros corporais como medida para um modelo de beleza acaba operando como um dos mais efetivos e excludentes marcadores sociais de diferenças” (Pires; Leahy; Cidreira, 2024, p.54).

Tal realidade aparece também na moda com representações de corpos esqueléticos (majoritariamente brancos e jovens), nas letras de músicas enaltecendo o padrão da “Garota de Ipanema”, nas publicidades e em tantas outras mídias, focadas na exploração do corpo “positivo”, equiparado ao “belo e a tudo o que este valor tem representado nas épocas mais recentes: o liso, o fino, o polido, o claro” (Pires; Leahy; Cidreira, 2024, p.56). Caberia a cada indivíduo, então,

eliminar a negatividade de sua imagem, em que por negativo entende-se o feio e tudo o que não está de acordo com determinados padrões, geralmente restritivos, exclusivos e, portanto, excludentes. Desse modo, por muito tempo presenciamos a celebração – e exigência – de um corpo não rugoso, não manchado, não volumoso, em uma anestesia geral dos politeísmos corporais. (Pires; Leahy; Cidreira, 2024, p.56)

Falar sobre o corpo é entender sua complexidade e como ele é moldado pelo contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. O corpo é também lugar para práticas de interação e de “expressão de sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência” (Le Breton, 2010, p.7). Em outras palavras, reconhecer o corpo significa vê-lo como um veículo de expressões e significados, onde ocorrem conexões e interações entre as pessoas e o mundo.

As expressões corporais desempenham um papel crucial na construção e no estabelecimento dessas interações. Em um ambiente tão plural e diversificado quanto uma cidade, as expressões devem refletir e integrar uma ampla gama de vozes e perspectivas. Assim, elas criam uma 'polifonia' e um 'politeísmo' de manifestações corporais, que, de acordo com La Rocca (2024), incorporam “múltiplos fatores, vários níveis conceituais que alimentam a discussão e, posteriormente, o conhecimento da realidade social” (La Rocca, 2024, p.205).

O Rio de Janeiro, como outros grandes centros urbanos, é um palco de encontros e eventos que incentivam interações sociais e afetivas. Esses vínculos, baseados na troca de experiências e interesses compartilhados,

reforçam as conexões sociais e exaltam a estetização da vida cotidiana. Em muitos momentos, o conteúdo das conversas é secundário; o que realmente importa é o “estar junto” pelo “estar junto”, apenas pelo prazer da companhia do outro (Maffesoli, 2000).

Os eventos realizados na cidade evidenciam tal realidade. Um bom exemplo é a Feira das Brecholeiras realizada semanalmente, sempre aos sábados, entre 9h e 15h, embaixo do viaduto Negrão de Lima, principal via de acesso ao bairro de Madureira, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Trata-se de um evento de brechós que comercializa mercadorias de segunda mão, com destaque para bolsas, sapatos e roupas de grifes famosas.

A feira, que reúne essencialmente mulheres, surgiu de forma descompromissada, em 2012, na estação de trem de Madureira. O evento cresceu significativamente e hoje atrai muitas compradoras, além de várias mulheres interessadas em vender na feira que chegam a aguardar dois anos em uma longa fila para conseguir uma vaga como brecholeira<sup>45</sup>.

O objetivo central do presente estudo é apresentar uma parte da pesquisa, desenvolvida no doutorado, entre 2017 e 2021, sobre a Feira das Brecholeiras. O estudo completo foi realizado em três fases distintas: antes, durante e no início da flexibilização das medidas da pandemia de Covid-19. O aspecto central das três fases da pesquisa foi a análise das imbricações entre comunicação, consumo e sociabilidade no evento, que revitaliza o espaço público da rua do subúrbio e também incentiva o comércio local, incrementa o consumo de peças de segunda mão, gera renda e promove a sustentabilidade (Brennand, 2021).

Neste artigo, a nossa prioridade é apresentar aspectos da pesquisa desenvolvida antes e durante a pandemia de Covid-19, especificamente quando a Feira das Brecholeiras esteve suspensa, entre março e julho de 2020.

O estudo explora como a comunicação, a sociabilidade e o consumo se entrelaçam nas experiências das brecholeiras, tanto em seus encontros presenciais quanto nas interações digitais, especialmente nas redes sociais. Os dois momentos analisados procuram evidenciar como esses elementos se conectam, criando um sentido de comunidade entre as vendedoras de brechós

---

<sup>45</sup> Informação repassada por Michele Rey, uma das administradoras da Feira das Brecholeiras, em conversa pelo WhatsApp com um dos autores, em 07/09/2024.

e seus clientes, ao mesmo tempo em que moldam a forma como elas promovem seus produtos e constroem sua identidade na esfera online.

## **Metodologia**

Nas três fases da pesquisa, utilizou-se uma combinação de quatro metodologias:

- Levantamento bibliográfico;
- Etnografia, por meio da observação participante, realizada *in loco* na Feira das Brecholeiras;
- Entrevistas em profundidade com expositoras e frequentadoras do evento realizadas presencialmente e por meio da plataforma de vídeo Google Meet;
- Etnografia virtual, concentrada nas postagens no Facebook e Instagram, principais redes sociais das brecholeiras.

Recorremos à etnografia como metodologia por ser um tipo de pesquisa qualitativa que permite lidar com dados diversos, que mobilizam diferentes sentidos, levando em “conta toda profusão das impressões e informações que espocam nos encontros de campo” (Caiafa, 2007, p.139).

Optamos por esse método também por permitir misturar humildade e empatia, produzindo um “deixar-se levar” pelo “encontro com uma determinada situação ou assunto, seja ele qual for” (Cavalcanti, 2003, p.118). Afinal, a etnografia é uma forma especial de

operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2009, p.135).

Empregamos a etnografia, pelo viés da observação participante, por permitir um contato e uma vivência maior com o campo, pois há aspectos de uma sociedade “que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (Velho, 2013, p.69).

Outro aspecto a se considerar na metodologia diz respeito ao uso dos diários de campo, que foram utilizados para registrar as impressões das idas à feira. Para Winkin (1986), todo pesquisador deve se comprometer a ter um diário de campo, sem esquecer, no entanto, que a observação deve começar pelo trabalho a olho nu, passando pelas anotações feitas em campo e pelas longas reescrituras no diário.

As entrevistas em profundidade, conduzidas mediante um roteiro semiestruturado, também foram usadas como procedimento metodológico por permitirem mapear o campo de análise, descrever e focar em determinado contexto. Selecionou-se a entrevista em profundidade pelo fato de ser “essencialmente exploratória e flexível” (Duarte, 2017, p.65), sem sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas.

Selecionamos também a etnografia virtual como procedimento metodológico de análise das postagens nas principais redes sociais da Feira das Brecholeiras: o perfil brecholeirasoficial<sup>46</sup>, no Instagram, e a página Brecholeiras (CUFA Madureira-RJ – Vitrine Virtual)<sup>47</sup>, no Facebook.

Neste artigo, focamos em dois procedimentos metodológicos: a etnografia, por meio da observação participante, utilizada antes da pandemia de Covid-19, e a etnografia virtual, adotada durante a pandemia como principal abordagem de análise.

### **Antes da pandemia de Covid-19**

A primeira observação participante na Feira das Brecholeiras ocorreu em janeiro de 2018, em uma atípica manhã chuvosa. O objetivo era percorrer os *stands* sem chamar a atenção. Por isso, gravador, celular para registro de fotos, lápis e bloco de anotações não foram usados nessa ida a campo. Na prática, foi praticamente impossível passar despercebida, conforme evidenciado nas anotações do diário de campo da primeira visita:

---

<sup>46</sup> O perfil reunia 18, 2 mil seguidores em 07/09/2024. Informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/brecholeirasoficial/>. Acesso em: 07 set. 2024. Em abril de 2020, quando a fase de coleta de dados foi iniciada, havia 116.361 mil membros na página do FB e 4854 seguidores no perfil do Instagram (Brennand; Freitas; Miranda, 2020).

<sup>47</sup> A página reunia 134,6 mil membros em 07/09/2024. Informações disponíveis em: [https://www.facebook.com/groups/1024272690964351/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/groups/1024272690964351/?locale=pt_BR). Acesso em: 07 set. 2024.

Percorri a área dos *stands* umas dez vezes. Parei em todos eles para observar atentamente. Muitas vendedoras são simpáticas e ‘puxam conversa’ o tempo inteiro, assim como as poucas pessoas que estavam visitando o local. Nesse ‘vai e volta’, deparei-me com o stand 40 e com a simpática Ivone Sales. Trata-se de uma ex-vendedora, que hoje trabalha por conta própria e a todo instante arrancava elogios devido à simpatia. Hoje, Ivone, que aparenta uns 40 anos, usava bermuda jeans, camiseta e *All Star* brancos: ‘Ah! Eu estava com um casaquinho também. Mas, tirei! Uma mulher queria comprá-lo. Mas, é peça do coração. Aí não dá, né?’, disse Ivone para uma compradora, enquanto eu observava as araras recheadas de roupas modernas e estilosas como a dona (Anotações do primeiro diário de campo, 2018).

Nessa visita, a primeira constatação foi de que as amizades surgem rapidamente. Seja entre as brecholeiras, os frequentadores ou entre ambos, essas conexões acontecem de forma muito “natural”, como pode ser evidenciado no trecho abaixo:

A compradora, que conversava com Ivone, também era muito simpática. Acabei rindo da animação das duas e entrando no meio da conversa delas. A moça experimentou uma peça, onde não me contive e disse: ‘Nossa! Ficou lindo em você!’. A compradora imediatamente mandou Ivone adicioná-la à enorme pilha de outras peças que estava levando. Admirada, perguntei por que ela não olhou no espelho e imediatamente respondeu: ‘se você disse que ficou bom em mim, eu acredito!’ (Anotações do primeiro diário de campo, 2018).

A cada ida, novas surpresas no campo: diferentes perfis de frequentadoras, variações nos preços, peças únicas à venda, histórias de superação, relatos de amizades nascidas na feira, além de manifestações de carinho e sororidade entre as brecholeiras. Nesse sentido, foi possível experimentar o estranhamento a que se referem os autores que se aprofundam no estudo da etnografia, como Caiafa (2007). Para ela, lidar com as informações obtidas no campo impacta na mobilização dos mais diversos sentidos e nos vários olhares – muitas vezes impregnados de preconceitos – que o pesquisador leva para o campo.



**Figura 1 – Feira das Brecholeiras**  
**Fonte: Acervo pessoal dos autores (2019)**

As observações participantes mostraram que os frequentadores – mulheres em sua maioria - recorriam à feira para conversar com as vendedoras, passear entre as inúmeras araras repletas de mercadorias, conferir as “novidades” ou simplesmente encontrar uma peça de segunda mão. Muitas vezes, as consumidoras não compravam nada. Estavam ali apenas pelas conversas descompromissadas sobre assuntos diversos em frente aos estandes, tornando o evento também um espaço dominado pelos afetos.

Outro aspecto presente na feira é a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Como muitas histórias se repetem, as brecholeiras se identificam entre si e com as frequentadoras que chegam com problemas, em busca de apoio e afeto. Elas escutam, colocam-se no lugar das outras e buscam,

de alguma forma, oferecer ajuda. Nesse processo, surge outra característica do evento: a solidariedade, presente em muitos relatos.

Como na observação participante devemos nos ater a tudo que ocorre no campo e permitir que nossos relatos deem conta não apenas do que se viu e viveu, sob a perspectiva do pesquisador, como também “do que ouviu no campo, do que lhe contaram, dos relatos dos outros” (Caiafa, 2007, p.138), foi praticamente impossível não se sensibilizar com as histórias relatadas.

A sociabilidade, entendida como troca de experiências, interesse pelo outro e prazer do encontro, é outro elemento presente. Em vários momentos, o conteúdo e a razão do “estar junto” não importaram, e sim “o sentimento de prazer existencial no encontro com o outro” (Barbosa, 2009, p.56). A sociabilidade foi observada na conversa sem compromisso entre brecholeiras e consumidoras e também na frase: “Dá um abraço aqui, amiga! Agora, sim, pode levar o produto”, evidenciando mais uma vez o afeto sobrepondo-se ao interesse comercial (Brennand, 2021).

Essa experiência destacou o papel do consumo como mediador das relações sociais, revelando-o como algo que vai além de gastos supérfluos e impulsos irracionais. Ao contrário, atua como um espaço de diálogo e organização, onde se articula parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica da sociedade (Canclini, 2008).

Durante as várias visitas a campo, realizadas entre 2018 e 2019, foi possível observar a Feira das Brecholeiras como um evento pulsante, que transformava a área sob o viaduto Negrão de Lima em um espaço de celebração e de sororidade. Isso esteve muito evidente na Feira das Brecholeiras, em praticamente todas as idas.

As características da feira evidenciaram que as experiências de consumo não se limitam à transação comercial. São interações envolvidas nos usos dos bens, reforçados pelos sistemas de significação da sociedade, conforme apontam Pereira, Siciliano e Rocha (2015).

As trocas presentes no evento corroboraram a perspectiva do consumo como um fato social que atravessa a vida contemporânea de forma inapelável, pois assume um lugar primordial como estruturador de valores e práticas que regulam as relações sociais, construindo identidades e definindo mapas culturais (Rocha, 2005). Pelo fato de todos o experimentarem em algum momento, falar

de consumo acaba despertando opiniões, emoções, julgamentos e críticas, revelando-o como algo central ao processo de reprodução social, no qual as atividades mais corriqueiras como se vestir “reproduzem e estabelecem mediações entre estruturas de significados e o fluxo da vida social, através dos quais, identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo” (Barbosa, 2004, p.13).

### **Procedimentos metodológicos em tempos pandêmicos**

Durante a pandemia de Covid-19, combinamos etnografia virtual e pesquisa bibliográfica como metodologias. Recorremos ao primeiro procedimento, pois nos interessavam impressões, opiniões e pontos de vista coletados entre 15 de abril e 20 de julho de 2020, no Instagram e no Facebook das brecholeiras sobre a resignificação das práticas de consumo a partir do distanciamento físico (Brennand; Freitas; Miranda, 2020). Essa metodologia foi empregada porque não fazia sentido a separação entre o contexto online e o offline, cujas fronteiras são cada vez mais fluidas e complementares.

Selecionamos a etnografia virtual, pois partimos do pressuposto de que a comunicação, por meio da internet, conforme proposto por Hine (2004), relaciona-se tanto aos modos como são realizadas as interações entre os atores sociais quanto aos próprios resultados de tais interações. Para nós, foi adequado recorrer a um procedimento metodológico que permitisse partir do pressuposto de que a comunicação, por meio da internet, transcende o tempo e o espaço, já que a Internet é uma instância de várias ordens espaciais e temporais que atravessam repetidamente a fronteira entre o online e o offline (Hine, 2004).

Nessa análise, preferimos não nos identificar como pesquisadores, pois tínhamos por objetivo apenas coletar os dados das redes sociais das brecholeiras, sem interferir no ambiente. Comportamo-nos como pesquisadores *lurkers*, que apenas observam “determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas” (Polivanov, 2013, p.64).

### **Os impactos da pandemia nas redes sociais das brecholeiras**

Quando a feira foi suspensa devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, a experiência de consumo migrou para o virtual. A primeira

constatação a que chegamos durante a coleta de dados foi uma tendência de queda no número de seguidores do Instagram e de membros na página das brecholeiras no Facebook durante os meses que antecederam a reabertura da feira, em 25 de julho de 2020. Só para se ter uma ideia, no primeiro mês de análise, entre 15 de abril e 20 de maio de 2020, percebemos que 40 membros deixaram o grupo no FB. Até então, nunca havíamos observado tal fenômeno (Brennand; Freitas; Miranda, 2020).

Uma possível explicação para tal diminuição é que muitos usuários do Instagram e Facebook preferem ir à feira fisicamente antes de se envolverem nas redes sociais. Possivelmente, a experiência direta no evento aguce a curiosidade de se conectar com o grupo e se sentir parte das brecholeiras de alguma forma. Ou seja, o processo é, até certo ponto, ritualístico: visitam a feira, analisam os produtos e preços, compram e, só então, seguem as brecholeiras nas redes sociais, como uma forma de prolongar a vivência da compra.

Com a suspensão do evento, os frequentadores deixaram de vivenciar a experiência de visitá-lo. Com a feira fechada, os visitantes não puderam ir ao local para comprar ou apenas para estar junto das brecholeiras ou de outros consumidores motivados pelo prazer do encontro. Indiscutivelmente, os frequentadores se reconhecem nesse espaço dotado de emoções e afetos que permitem tal identificação (Maffesoli, 2004). É o estar junto pelo estar junto que consiste justamente “nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas” (Maffesoli, 2000, p.115).

### **Entre o excesso e o caos: a dificuldade de navegar na vitrine virtual**

A iniciativa das brecholeiras de usar o Facebook para divulgar suas mercadorias é uma ótima maneira de permitir que os interessados tenham uma prévia das peças à venda, semelhante a um passeio pelas araras repletas de produtos. No entanto, apesar de interessante, a estratégia é confusa e mal gerenciada.

Os anúncios, com fotos de baixa resolução, apareciam publicados ao mesmo tempo e, aos serem visualizados, misturavam-se a publicações mais antigas. Por exemplo: uma postagem de 20/05/20 aparecia ao lado de uma outra mensagem datada de 01/07/20.

Por meio da página, é possível reservar as peças mediante o compromisso de serem pagas e retiradas no local acordado para a entrega da mercadoria. O processo é bem simples. Os interessados devem apenas escrever “quero” nos comentários de cada publicação. Geralmente, a primeira pessoa a reservar tem prioridade na retirada do produto.

Observamos que há sempre o risco de a pessoa reservar a peça e não aparecer para buscá-la no ponto de encontro combinado, impedindo a venda para outro interessado. Como forma de conscientização dos interessados sobre a importância da retirada das mercadorias reservadas, vimos a página cheia de postagens com apelos como “reserva é compromisso” ou “só coloque QUERO se realmente for pegar” (Brennand, 2021).

Durante os 87 dias de coleta de dados, foi possível notar também que, de um modo geral, as postagens da vitrine virtual apresentaram poucos comentários, evidenciando que, em quase todas as interações observadas, somente interessados se manifestavam para tirar dúvidas sobre as mercadorias.

Com a suspensão da Feira das Brecholeiras, observamos que as vendedoras intensificaram as vendas por meio da “Vitrine Virtual”:

[...] o desafio foi grande, pois roupas antigas têm modelagens próprias diferentes das peças contemporâneas, e não contam com uma grade de tamanhos que possa favorecer a troca – na maioria das vezes as peças são únicas. Além disso, muitos consumidores preferem experimentá-las antes da compra, o que é impossível por meio das vendas on-line (Brennand; Freitas; Miranda, 2020, p.12).

Para contornar a baixa demanda durante o distanciamento imposto pela pandemia de Covid-19, as estratégias focaram no Facebook, com postagens promocionais, do tipo: “pague 1, leve 2”; “Comprando uma peça, a segunda sai pela metade”.

Ao analisarmos a página das brecholeiras, notamos uma prática ineficaz: a publicação excessiva de anúncios aos sábados, muitos deles com legendas confusas e fotos de baixa qualidade, o que gerava poluição visual.

### **Conexões desperdiçadas: o subaproveitamento do Instagram na pandemia**

A ausência da interação presencial fez com que muitos frequentadores expressassem a falta dessa conexão, como evidenciado nos comentários abaixo, postados no Instagram das brecholeiras em 12/07/2020:

Comentário 1: Saudades desse Rio  
Comentário 2: Quando vocês voltarão?  
Comentário 3: saudades  
Comentário 4: Amo roupas de brechós

O comentário 1 destacou algo que nos chamou a atenção: ele reflete a saudade da cidade. Possivelmente, a saudade da liberdade de andar pelas ruas movimentadas, do contato direto e do “olho no olho”, que antes eram referências rotineiras na feira. “Saudades desse Rio” (Perfil Brecholeirasoficial no Instagram, 12/07/2020) sinaliza uma certa nostalgia em relação ao evento e a tudo o que remete a ele: conversas com as brecholeiras nos *stands*, os elogios descompromissados, os passeios entre as araras, a animação embaixo do viaduto Negrão de Lima e até o som do pagode das caixas de som usadas para chamar a atenção das pessoas que circulam por Madureira e desconhecem a existência da feira. Neste artigo, percebemos a nostalgia como um olhar romanceado do passado, impulsionado por lembranças felizes, que despertam a vontade de voltar a uma época idealizada (Pickering; Keightley, 2020).

Por meio da etnografia virtual, observamos que o Instagram foi pouco utilizado pelas brecholeiras no período da pandemia como mídia. Nos 87 dias de coleta de dados (15/04 a 20/07/2020), houve apenas duas publicações. Ambas foram postadas em julho. Entre 16/03 e 12/07/2020, nenhuma mensagem foi veiculada, causando-nos estranhamento. As duas postagens observadas não faziam referência à pandemia de Covid-19 ou à suspensão da feira.

Na primeira, em 12/07/2020, há uma foto aérea da feira, com o seguinte post das brecholeiras: “Aimmmmm que saudade ❤️ ❤️ ❤️ ❤️ Já já estaremos de volta 🙏”, gerando 295 curtidas e 24 comentários. A maioria sinalizava saudades da feira (Brennand; Freitas; Miranda, 2020).

A segunda postagem data de 14/07/2020 e faz alusão à vitrine virtual do grupo, que funciona no FB. O objetivo era informar sobre como acessar a “vitrine mais bonita do Braselllll!” (perfil Brecholeirasoficial no Instagram, 14/07/2020). O post gerou apenas 97 curtidas e nenhum comentário. Não avaliamos se essas curtidas se converteram em idas à vitrine virtual. Para essa resposta, seriam necessárias entrevistas com as seguidoras que curtiram a postagem. No período pandêmico, optamos apenas pela combinação de levantamento bibliográfico e etnografia virtual.

Além do silenciamento de postagens, outro fato chamou a nossa atenção: a inexistência de *posts* alusivos ao distanciamento físico, à pandemia de Covid-19, às medidas protetivas propostas pelas autoridades sanitárias e de saúde ou aos riscos de contágio. Nenhuma referência nas redes sociais das brecholeiras. A falta de conteúdo dessa natureza passou-nos a impressão de descaso para com o momento vivido naquela época.

Durante o período analisado, constatou-se uma subutilização significativa do Instagram pelas brecholeiras. Elas deixaram de aproveitar as ferramentas oferecidas pela plataforma, amplamente utilizadas durante a pandemia de Covid-19, como *lives* e *stories* com dicas de moda para aumentar o engajamento e o número de seguidores.

A subutilização do Instagram como ferramenta de comunicação representou uma oportunidade desperdiçada, especialmente em um período em que as redes sociais ganharam grande importância devido ao distanciamento imposto pela pandemia. Apesar do grande potencial visual e de engajamento do Instagram, ele foi pouco explorado pelas vendedoras, limitando o alcance e a visibilidade de seus negócios em um momento crítico.

Em vez de criarem uma vitrine atraente e interativa para seus produtos ou estabelecerem uma comunicação mais direta com os clientes, a maior parte da presença digital concentrou-se na “Vitrine Virtual” do FB, onde as estratégias se mostraram menos eficazes. Essa ausência no Instagram limitou a visibilidade e o alcance das brecholeiras em um momento crucial em que a comunicação digital se tornava essencial para a sobrevivência dos negócios.

### **Considerações finais**

Os dois estudos, conduzidos em momentos distintos, revelaram a complexidade e a dinâmica das interações entre as brecholeiras e suas consumidoras, tanto no espaço físico quanto no digital.

Antes da pandemia, através da observação participante, foi possível capturar a vivacidade das relações na Feira das Brecholeiras, evento realizado em um espaço público de rua do subúrbio, marcado por afetos, trocas e sociabilidades. Nesse ambiente, o consumo transcendeu a simples transação

comercial, tornando-se também um ato de conexão humana, de compartilhamento de histórias e fortalecimento de laços comunitários.

A etnografia, por meio da observação participante, provou ser uma metodologia eficaz para estudar um evento que movimenta Madureira, bairro que conecta frequentadores e expositoras. O ambiente compartilhado da feira reforçou o papel de Madureira como um polo de consumo, cultura, artes e música, ressaltando o subúrbio como um espaço rico em significados diversos.

Por outro lado, durante a pandemia, a análise das redes sociais, especialmente do Facebook, demonstrou uma transição forçada para o ambiente digital, resultando em um subaproveitamento das ferramentas oferecidas por plataformas como o Instagram. Embora o distanciamento físico tenha exigido maior dependência da comunicação digital, as brecholeiras não utilizaram plenamente os recursos disponíveis para manter o engajamento e a visibilidade de seus produtos. Essa lacuna evidenciou os desafios enfrentados pelas vendedoras na adaptação ao novo cenário, além de destacar a importância da comunicação eficaz, tanto presencial quanto digital, para a sustentabilidade dos negócios.

Como a análise no período pandêmico restringiu-se às postagens e aos comentários nas redes sociais das brecholeiras, não conseguimos saber se a perda de seguidores no Instagram e de membros no FB foi consequência do silenciamento de questões relacionadas ao distanciamento físico ou à poluição visual da “vitrine virtual”. Para estabelecer essas relações, necessitaríamos conduzir um estudo de recepção, por meio de entrevistas em profundidade com ex-seguidores da brecholeiras no Instagram e ex-membros do grupo no FB. Tal estudo não foi desenvolvido, pois não era o objetivo da pesquisa realizada nas redes sociais das brecholeiras (Brennand; Freitas; Miranda, 2020).

A escolha da etnografia virtual como metodologia para o período pandêmico mostrou-se adequada, pois permitiu observar que é impossível analisar a Feira das Brecholeiras sem focar em outros aspectos, especialmente suas estratégias de comunicação. E isso inclui as redes sociais.

A coleta de dados revelou que o distanciamento destacou a interdependência entre o universo online e offline, mostrando que ambos se complementam de forma essencial. Ao comparar os dois momentos da pesquisa, ficou clara a necessidade de estratégias integradas que combinem o impacto

das interações presenciais com as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital, algo especialmente relevante em tempos de crise, como ocorreu durante a pandemia, com maior intensidade nos anos de 2020 e 2021, quando as restrições foram mais rígidas.

As duas fases do estudo evidenciaram que a comunicação é algo mais complexo do que a simples troca de mensagens entre emissor e receptor. Ela é indispensável ao consumo, algo que vai além da satisfação de necessidades individuais. As idas a campo, realizadas antes da pandemia de Covid-19, reforçaram a comunicação como elemento central ao consumo, à sociabilidade e às trocas sociais e simbólicas na Feira das Brecholeiras, revelando também o consumo como um agente mediador das relações sociais, tornando-se impossível dissociá-lo da sociabilidade e das trocas.

Por meio da etnografia, através da observação participante, e da etnografia virtual, foi possível entender que a cidade do Rio de Janeiro – com destaque para Madureira – comunica afetos e favorece a troca daquilo que não pode permanecer isolado, revelando a comunicação como algo onipresente à rotina de seus cidadãos.

Por fim, o estudo demonstrou que as manifestações culturais do cotidiano, que se transformam em eventos com sazonalidade e adesão espontânea da comunidade local, como a Feira das Brecholeiras, conseguem ressurgir mesmo diante do afastamento de meses por razões externas à sua organização. A Feira sobreviveu à pandemia.

## Referências

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. Comida e sociabilidade no prato do brasileiro. In: BARBOSA, L.; PORTILHO, F.; VELOSO, L. (Orgs.) **Consumo: Cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009. p.39-59.

BRENNAND, J. M. A. **De roupas de defunto a artigos de moda: imbricações entre comunicação, consumo e sociabilidade numa feira de brechós em Madureira**. 2021. 280 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BRENNAND, J. M. A.; FREITAS, R. F.; MIRANDA, P. S. A influência do coronavírus nas práticas de consumo em eventos de moda de brechó realizados

na cidade do Rio de Janeiro. In: Congresso Ibero-Americano Interdisciplinar de Economia Criativa, 2020a. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ESPM, 2020.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades: ensaios e etnográfica**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.118-138.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017. p.62-83.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LA ROCCA, F. Por um politeísmo corporal: trajetos e narração de um imaginário socioestético. In: VIEIRA, G. R.; LEAHY, R. C.; CIDREIRA, R. P. (Orgs.). **Politeísmos corporais: aparência, arte e ativismo**. Salvador: UFBA, 2024. p. 195- 207.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petropolis: Vozes, 2010.

MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p.129-156, jul./dez. 2009.

PEREIRA, C.; SICILIANO, T. E ROCHA, E. “Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: uma discussão conceitual. In: **Logos**, 43, Dossiê: Cotidiano e Experiência. Vol.22, Nº 02, p.6-17, 2º semestre 2015.

PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. As modalidades da nostalgia. Tradução de Mozahir Salomão Bruck e Carolina Lopes. **Revista Dispositiva**. [on-line], v. 9, n. 15, p.7-33, Belo Horizonte, julho de 2020.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília, ano 2, n. 3, p.61-71, jul./dez. 2013.

PIRES, B. F.; LEAHY, R. C. E CIDREIRA, R. P. Corpo, moda, cultura: entre o feio e o belo, o material e o imaterial. In: VIEIRA, G. R. R.; LEAHY, R. C.; CIDREIRA, R. P. (Orgs.) **Politeísmos corporais**: aparência, arte e ativismo. Salvador: UFBA, 2024. p.43-58.

ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, ESPM/SP, v. 2, n. 3, p.123-138, mar. 2005.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

WINKIN, Y. **A nova comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1986.

# HISTÓRIA ORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E ADAPTAÇÕES DA METODOLOGIA EM ENTREVISTAS VIRTUAIS

## ORAL HISTORY IN TIMES OF PANDEMIC: CHALLENGES AND ADAPTATIONS OF THE METHODOLOGY IN VIRTUAL INTERVIEWS

**Milene Gomes Ferreira Mostaro**

Doutoranda em História, Política e Bens Culturais

Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)

[milenegferreira@hotmail.com](mailto:milenegferreira@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-8060-0513>

**Vívian Luiz Fonseca**

Docente do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais  
e do Mestrado Profissional em Ensino de História

Fundação Getúlio Vargas

[vivian.fonseca@fgv.br](mailto:vivian.fonseca@fgv.br)

<https://orcid.org/0000-0002-0943-9752>

**Resumo** – Este artigo analisa os desafios e as adaptações na aplicação da metodologia da história oral durante a pandemia Covid-19, com foco em entrevistas conduzidas virtualmente. A pesquisa se debruça sobre o uso de plataformas online, como o Zoom, para realizar entrevistas em um período marcado por distanciamento social e limitações de encontros presenciais. Com base em um *corpus* de entrevistas realizadas com os grupos de samba do Rio de Janeiro “Moça Prosa” e “Samba que elas Querem”, explora-se como o formato virtual impactou a coleta de dados e a interação entre entrevistador e entrevistado. A justificativa deste estudo reside na necessidade de refletir sobre as mudanças nas práticas de pesquisa qualitativa durante a pandemia. A história oral, cuja metodologia tradicional envolve encontros presenciais, precisou se adaptar rapidamente ao ambiente digital. Isso trouxe à tona questões como a dinâmica do diálogo online, as dificuldades técnicas, a preservação da espontaneidade e da profundidade nas respostas, bem como a influência do contexto pandêmico sobre as narrativas das entrevistadas. A metodologia adotada consistiu em entrevistas semiestruturadas realizadas remotamente, utilizando ferramentas de videoconferência. Foram selecionadas entrevistas com mulheres de grupos de samba para analisar as suas experiências durante o lockdown, relacionando-as com o impacto social e emocional da

pandemia. O artigo também reflete sobre a adequação dessa abordagem digital para a captura das memórias e histórias de vida. Por fim, o estudo busca contribuir para o debate sobre as implicações éticas, técnicas e metodológicas de se conduzir pesquisas de história oral em ambientes virtuais. Além disso, destaca como as participantes compartilharam suas vivências em meio à pandemia, oferecendo uma visão sobre como esse contexto moldou suas narrativas e percepções.

**Palavras-chave:** Historia Oral; Pandemia; Entrevistas online.

**Abstract –** This article analyzes the challenges and adaptations in applying oral history methodology during the Covid-19 pandemic, with a focus on interviews conducted virtually. The research focuses on the use of online platforms, such as Zoom, to conduct interviews in a period marked by social distancing and limitations on face-to-face meetings. Based on a corpus of interviews conducted with Rio de Janeiro samba groups “Moça Prosa” and “Samba que elas Querem”, it explores how the virtual format impacted data collection and the interaction between interviewer and interviewee. The justification for this study lies in the need to reflect on the changes in qualitative research practices during the pandemic. Oral history, whose traditional methodology involves face-to-face meetings, had to adapt quickly to the digital environment. This has brought up issues such as the dynamics of online dialog, technical difficulties, preserving spontaneity and depth in responses, as well as the influence of the pandemic context on the interviewees' narratives. The methodology adopted consisted of semi-structured interviews conducted remotely, using videoconferencing tools. Interviews with women from samba groups were selected to analyze their experiences during the lockdown, relating them to the social and emotional impact of the pandemic. The article also reflects on the suitability of this digital approach for capturing memories and life stories. Finally, the study seeks to contribute to the debate on the ethical, technical and methodological implications of conducting oral history research in virtual environments. It also highlights how the participants shared their experiences in the midst of the pandemic, offering an insight into how this context shaped their narratives and perceptions.

**Keywords:** Oral history; Pandemic; Online interviews.

## Introdução

A história oral é um método fundamental para a recuperação de memórias e vivências, especialmente de grupos e comunidades cujas vozes têm sido historicamente marginalizadas. Segundo Alberti (2009, p.9), ela permite "que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis", oferecendo uma ferramenta crucial para a compreensão de perspectivas pessoais e sociais muitas vezes ignoradas. Ao valorizar a subjetividade e as experiências individuais, a história oral constrói

um tecido narrativo rico e diversificado que revela, além de eventos, sentimentos, percepções e identidades coletivas. Tradicionalmente realizada de forma presencial, essa metodologia se apoia não apenas nas palavras do entrevistado, mas também em elementos como gestos, expressões faciais e o olhar, que oferecem uma camada adicional de significado (Alberti, 2018).

Entretanto, a pandemia de Covid-19 trouxe desafios sem precedentes para essa prática. O distanciamento social imposto globalmente interrompeu o contato físico e demandou que os pesquisadores se adaptassem rapidamente a novos métodos de coleta de narrativas. A transição para entrevistas virtuais levantou não apenas questões técnicas, como a confiabilidade da conexão à internet e o uso de plataformas digitais como o Zoom<sup>48</sup>, mas também alterou profundamente a dinâmica interpessoal entre entrevistador e entrevistado. O novo contexto impactou a forma como as histórias foram contadas e ouvidas, forçando uma revisão crítica das metodologias empregadas e da própria interação humana no processo de pesquisa.

Este estudo baseia-se em um *corpus* inédito, parte de uma dissertação de mestrado defendida em março de 2021, no PPHBPC da Fundação Getúlio Vargas<sup>49</sup>. Ele reflete sobre as adaptações metodológicas e os desafios enfrentados na condução de entrevistas online, a partir de 13 horas de gravações transcritas com os grupos de samba femininos "Moça Prosa" e "Samba Que Elas Querem", ambos do Rio de Janeiro. As entrevistas, realizadas entre maio e julho de 2020, via Zoom, representam não apenas um registro documental valioso das vivências de mulheres sambistas, mas também uma oportunidade de examinar como o contexto pandêmico influenciou a produção e o conteúdo de suas narrativas.

A experiência de distanciamento social foi compartilhada tanto pelas entrevistadas quanto pelas pesquisadoras, todas imersas em um período de grande incerteza, o que influenciou diretamente na condução das entrevistas e se tornou uma parte inseparável da própria prática metodológica. Este artigo se propõe a discutir de que forma a pandemia alterou a interação entre pesquisador

---

<sup>48</sup> Plataforma de videoconferência e comunicação online que permite a realização de reuniões virtuais, webinars, chamadas de vídeo e áudio, chat e colaboração em grupo

<sup>49</sup> Fonte da dissertação a ser inserida para manter o sigilo dos autores.

e entrevistado, sublinhando a importância de reconhecer os impactos emocionais e sociais desse período nas entrevistas e na construção das memórias, que se apresentam, agora, marcadas pelo contexto excepcional da crise sanitária.

### **Metodologia da história oral durante a pandemia: experiências e impressões da pesquisa**

O percurso de uma pesquisa acadêmica constitui um processo dinâmico, suscetível a mudanças e desafios inesperados. Apesar da importância do planejamento metodológico, a prática da investigação frequentemente expõe o pesquisador a condições imprevistas que exigem adaptações e reconfigurações no decorrer do estudo (Matar; Ramos, 2021). Mudanças no acesso a fontes, a descoberta de novos dados ou mesmo a influência de eventos externos podem impactar profundamente a trajetória de um trabalho acadêmico. Foi exatamente esse cenário que vivenciamos durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado já mencionada, quando a pandemia de Covid-19 alterou drasticamente as condições inicialmente previstas para a coleta de dados.

No início do trabalho de campo, identificamos alguns grupos de samba compostos exclusivamente por mulheres na cidade do Rio de Janeiro. Após a análise inicial e o refinamento do desenho metodológico, selecionamos dois grupos para serem objeto de estudo: “Moça Prosa” e “Samba Que Elas Querem”. Esses grupos foram escolhidos por sua atuação constante no circuito do samba carioca e pela organização de rodas de samba mensais e gratuitas. Um dos critérios fundamentais para essa escolha foi a periodicidade dos eventos, realizados em locais que possuem forte simbolismo para as participantes e o público. As rodas de samba organizadas por esses grupos transcendem o caráter musical, funcionando também como espaços culturais e políticos, onde as mulheres envolvidas não apenas se apresentam, mas também assumem a gestão integral dos eventos. Elas cuidam desde a infraestrutura, como a contratação de lonas e banheiros químicos, até a criação de ambientes de reflexão e debate sobre questões urgentes como racismo, feminismo e violência de gênero.

A fim de entender a fundo como as mulheres se posicionam em um espaço tradicionalmente masculino, como o universo do samba, foi essencial apresentá-las com mais profundidade. O grupo “Moça Prosa” foi criado em 2012, inicialmente a partir de uma oficina de percussão na Pedra do Sal, local icônico na história do samba carioca. Com o fim da oficina, um grupo de doze mulheres decidiu continuar a tocar, culminando na primeira roda de samba realizada em abril daquele ano. Ao longo do tempo, o grupo foi se consolidando e, hoje, conta com quatro integrantes fundadoras. Já o grupo “Samba Que Elas Querem” surgiu em 2017, com o intuito de reunir mulheres que, até então, estavam dispersas em grupos de samba majoritariamente masculinos. Hoje, o grupo é composto por oito mulheres que desempenham diversas funções dentro do conjunto, tanto na execução de instrumentos como na organização dos próprios eventos.

Com todas as etapas do trabalho de campo em andamento, nosso plano inicial era realizar entrevistas presenciais com as integrantes desses grupos após suas apresentações, visando também à produção de um documentário que integraria imagens dos shows e os depoimentos das sambistas. Entretanto, o avanço da pandemia e o distanciamento que se seguiu, em março de 2020, interromperam bruscamente esse planejamento. Após um período de espera até o final de abril, na tentativa de retomar as atividades presenciais, decidimos, no início de maio, reformular completamente o projeto. Optamos por uma solução contingencial, realizando entrevistas virtualmente por meio da plataforma Zoom, adaptando nossa metodologia às novas exigências impostas pela crise sanitária.

A migração para o formato digital, apesar de representar um desafio inédito para nós enquanto pesquisadoras, já havia sido explorada em outros contextos. O uso de videoconferências para a realização de entrevistas já vinha ganhando força na última década, impulsionado pela expansão das tecnologias digitais e pela necessidade de otimizar recursos de tempo e custo em pesquisas presenciais. A prática se mostrou especialmente útil para alcançar participantes geograficamente distantes e reduzir os custos envolvidos em viagens e deslocamentos (Santhiago; De Magalhães, 2020). Além disso, no Brasil, a história oral já havia consolidado sua importância a partir dos anos 1990. Reflexões sobre a produção, tratamento e arquivamento de fontes orais em novos formatos digitais, ainda que incipientes, já existiam, especialmente na

medida em que a metodologia se consolidava como uma ferramenta indispensável nas pesquisas contemporâneas (Santhiago, 2023).

O surgimento da pandemia do novo Coronavírus reacendeu o debate metodológico, especialmente em relação às implicações de se realizar entrevistas de história oral a distância. A transição para o ambiente virtual trouxe à tona questões cruciais, uma vez que o encontro presencial entre entrevistador e entrevistado, elemento fundamental da prática tradicional de história oral, foi substituído por um formato mediado pela tecnologia. Esse encontro, considerado o cerne do processo de coleta de narrativas, possibilita a troca subjetiva entre dois indivíduos, com seus respectivos repertórios culturais, expectativas e vivências (Alberti, 2018) precisou ser adaptado e reavaliado como prática inerente ao contexto vivido. Ao adaptar esse processo para o ambiente virtual, fomos desafiadas a refletir sobre como essa nova dinâmica alterava a interação e a construção das narrativas, o que, inevitavelmente, trouxe implicações metodológicas significativas.

Durante as entrevistas realizadas com as sambistas, discutimos temas amplos que iam desde suas relações com o feminismo, passando por suas participações em movimentos políticos e as dificuldades enfrentadas em um ambiente historicamente machista, como as rodas de samba. A profundidade dessas conversas revelou as dimensões sociais e políticas que permeiam a atuação dessas mulheres, ampliando nossa compreensão sobre o papel que elas desempenham tanto no universo musical quanto em suas comunidades. Contudo, dada a proposta deste artigo de refletir sobre os desafios metodológicos específicos da pandemia, optamos por concentrar nossa análise nas experiências compartilhadas pelas entrevistadas sobre esse período atípico. As suas reflexões sobre o impacto da pandemia em suas vidas pessoais e práticas artísticas se consolidaram como fontes valiosas para nossa pesquisa, documentando um momento histórico único.

Ao integrar essas experiências ao nosso *corpus* analítico, contribuímos não apenas para a preservação de memórias, mas também para o enriquecimento das discussões acadêmicas sobre a prática da história oral em tempos de distanciamento social. As adaptações metodológicas, além de responderem aos desafios imediatos impostos pela pandemia, nos permitiram

explorar novas possibilidades no campo da história oral, refletindo sobre o papel das tecnologias digitais na preservação das narrativas.

### **Análise dos dados: vozes das participantes sobre a pandemia**

Ao questionarmos sobre o momento vivido durante a pandemia, abordamos a temática de forma ampla, buscando permitir que as entrevistadas compartilhassem o que mais fazia sentido para elas. Essa abordagem foi projetada para capturar a diversidade de experiências e perspectivas, refletindo a maneira como a história oral lida com a linearidade e a seleção das narrativas. Ao permitir que cada participante escolhesse o foco de suas respostas, conseguimos obter uma gama rica e variada de informações, abrangendo aspectos familiares, econômicos, profissionais e relacionados a novos projetos. A diversidade de temas abordados nas entrevistas é crucial para a nossa análise, pois oferece uma visão abrangente sobre como a pandemia impactou diferentes dimensões da vida das entrevistadas. A riqueza e complexidade dessas respostas ilustram como a história oral pode refletir a pluralidade de experiências pessoais.

A primeira entrevistada foi Fabiola Machado, vocalista do grupo Moça Prosa, que marcou a entrevista para um domingo, durante o horário de almoço do Dia das Mães. Segundo ela, esse seria um momento em que teria um "tempo" no escritório, enquanto os filhos preparariam a refeição comemorativa. O detalhe revela muito sobre a adaptação do percurso da pesquisa e das entrevistas durante a pandemia. Embora tenhamos perdido a oportunidade de capturar a emoção dos shows e a ansiedade das entrevistadas antes de uma apresentação, surgiu uma nova realidade: agendas mais flexíveis e entrevistas realizadas em casa, entre um afazer e outro. A mudança proporcionou um aumento significativo na colaboração das entrevistadas, tanto em termos de número de respostas quanto de duração das entrevistas. O tempo disponível em suas rotinas diárias, sem os compromissos e o cansaço associados aos shows, permitiu conversas mais aprofundadas e detalhadas, oferecendo uma perspectiva única sobre o impacto da pandemia em suas vidas e práticas culturais.

Questionada sobre como ela e o grupo estavam atravessando aquele momento ainda em maio de 2020, Fabíola revela um panorama complexo da

realidade enfrentada pelas integrantes do grupo destacando a vivência multifacetada das sambistas:

Hoje quem vive só de samba no Moça Prosa é a Priscila, a Claudinha e a Jack. São três. Todas as outras, tem outro tralhado paralelo. A Jack guardava dinheiro, então ela tá conseguindo se manter. A Pri teve que voltar a morar com a mãe, dar todo um apoio, e a Claudinha tá se virando do jeito que dá também sabe? com aula de casa... Todas as outras incluindo eu, temos outros trabalhos. Eu trabalho a dezenove anos com telecomunicações, nunca tive condições financeiras de abandonar minha profissão da qual eu me formei. E isso acontece com muitas mulheres. Muitas mulheres sambistas que resolveram viver o sonho de mulher sambista, elas dividem a sua carreira profissional com a carreira profissional de trabalho. Então é isso, existem hoje as vaquinhas que estão sendo feitas pra ajudar, tem algumas bolsas de alimento sendo doadas também, então... estamos vivendo... as mulheres estão vivendo desse lugar de vulnerabilidade, mas a gente tá bem. A gente sempre pergunta uma pra outra, como é que tá... Tem dia que é ruim, tem dia que a gente não quer fazer nada, tem dia que a gente tá com saudade do público e quer falar, nós comemoramos nosso aniversário de oito anos na internet, numa live que durou doze horas, choramos muito, rimos muito, lembramos... trouxemos as antigas pra gente conversar, pra saber como elas estão, então é um dia de casa vez<sup>50</sup>.

O testemunho também reflete sobre a resiliência e adaptabilidade das sambistas, que encontraram formas de se apoiar mutuamente, realizar ações comunitárias e utilizar plataformas digitais para manter a conexão com o público. A menção às “vaquinhas” e bolsas de alimento evidencia a vulnerabilidade enfrentada, mas também a solidariedade que se manifesta entre as integrantes e a comunidade. Jack Rocha, a outra vocalista do grupo, também nos dá um depoimento muito parecido ao ser questionada. A entrevistada destaca a precariedade da situação social e econômica do país, além de reforçar a realidade do mercado informal que já era desafiadora, e torna-se ainda mais difícil durante a pandemia, com a suspensão de eventos e a perda de cachês.

Num país onde a política que prevalece é a política da morte, e quem tá morrendo é o povo negro, o povo negro pobre que tá ali marginalizado, e é o povo que vive nas comunidades que é justamente o povo que não tem privilégio nenhum, o povo que tá morrendo em grande massa, é difícil a gente falar como a gente tá sobrevivendo, eu acho que cada dia é um dia, tem um coletivo do movimento das mulheres sambistas tem ajudado muito algumas mulheres que estão vulneráveis. Isso aí é um ponto muito positivo, as meninas estão se esforçando para fazer um apanhado de quem tá mais necessitado nesse momento. Eu também estou desempregada, tem outras meninas do grupo que estão desempregadas e a gente está sendo

---

<sup>50</sup> Entrevista com Fabíola Machado realizada em 10 de maio de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 1h 10 minutos.

acolhida pela família né? É a vida de muitos artistas que trabalham no mercado informal. É a realidade do Brasil, a realidade do sambista, da mulher sambista, do sambista nesse momento é essa né? são poucos os artistas reconhecidos que têm uma segurança. A galera tá parada, tá sem salário, sem dinheiro, sem seus cachês, tá difícil para você manter aquela vida que você tinha, pagar uma conta... Tá complicado. Esse falso auxílio aí que vai durar apenas três meses né, que eu vejo muito como uma fila da fome, quando acabar essa fila da fome aí o povo vai começar a sair para rua. Talvez essa é a política de morte que o próprio governo queira para o país né<sup>51</sup>?

Mariana Solis também corrobora com os relatos acima trazendo a dificuldade econômica pela qual os grupos passaram. Em sua entrevista realizada no fim de maio, a percussionista do grupo “Samba que Elas Querem” traz um pouco do que estavam vivendo e enfrentando.

A gente já tinha uma caixinha mais ou menos da banda guardada que a gente falou “vamos dar esse dinheiro agora para ajudar quem tá precisando né?” só que esse dinheiro também já acabou, então tá cada uma sobrevivendo da maneira que pode. A gente fez uma live que a gente ganhou um dinheiro, mas que não é nada, não é nem um cachê que a gente ganhava se for dividir por todo mundo, então tá complicado, mas surgiram umas propostas de fazer Live para agências assim, mas nada ainda foi para frente por enquanto. A gente tá tentando se organizar para entrar nesse meio né? de alguma maneira conseguir um apoio, porque tem gente que vive só de música mesmo que só trabalha com isso e tá se desdobrando e se reinventando para tentar tirar o dinheiro de outro lugar<sup>52</sup>.

Silvia, vocalista do grupo “Samba que Elas Querem” menciona que, dada a natureza da arte e do público ao vivo, o retorno completo das atividades culturais é esperado para ser uma das últimas áreas a se reestabelecer. Isso ressalta a realidade de que a arte ao vivo, particularmente o samba que depende de interação direta com o público.

como trabalhamos com público, com arte, é um pouquinho mais difícil porque vai ser a última coisa voltar né? eu acho que a gente não tem muito o que fazer a não ser esperar e estar interagindo com nosso público, tentar fazer os editais. E a gente agora vai ter uma live dia 7 de julho que vai ser bem importante para a gente entender como é que vai funcionar a história a partir de agora, mas vai ser no estúdio com

---

<sup>51</sup> Entrevista com Jaqueline Rocha realizada em 12 de maio de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 1h 34 minutos.

<sup>52</sup> Entrevista com Mariana Solis realizada em 22 de maio de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 46 minutos.

nós oito separadas, e aí vai ser uma nova experiência e a gente também tá entendendo esse novo movimento né?<sup>53</sup>

A entrevista realizada com Silvia em junho de 2020 destaca a adaptabilidade necessária para enfrentar os desafios impostos pela pandemia, especialmente no que diz respeito à implementação de *lives* como uma solução temporária para o setor cultural. Karina, também do grupo, salienta em sua entrevista sobre a ansiedade da primeira *live* do grupo que ocorreria duas semanas após sua entrevista, no dia 30 de junho.

Toda segunda a gente faz reunião para falar tanto para falar de temas de Live quanto para falar de coisas que a gente pode ir adiantar porque é isso tudo a tempo. Então a gente arrumou esse show aí para fazer um estúdio com toda a proteção e a gente vai fazer separada, em salas separadas, o projeto é que fique duas cada numa sala e a gente vai ter o retorno do fone e o monitorzinho vendo as outras nas outras salas, mas é muito esquisito. Eu tô tensa para caramba, não sei como vai ser, dá medo de você não escutar direito as outras que estão nas outras salas, você não poder ver como é que vai fazer para tocar nesse esquema, então é tudo muito novo né? Eu demorei aqui para chegar porque eu tava editando as músicas que a gente vai tocar, então peguei a música e juntei com a outra, a gente fez as emendas, aí a Cecilia tá gravando a Bárbara também, aí me mandam e eu tô editando aqui, aprendendo a usar um programa aqui desse simples mesmo Audacity, e também é isso, eu acho que aproveitar para quem tem tempo para poder ir aprendendo outras coisas<sup>54</sup>.

A *live* mencionada foi realizada pelo canal Rejunte em 7 de julho de 2020<sup>55</sup>, no Sobrado Boemia em Laranjeiras, Rio de Janeiro, e exemplifica essa transição para novos formatos de performance. Até a data desta pesquisa, a transmissão acumulava mais de 21 mil visualizações, evidenciando a relevância e o impacto desse meio adaptado para manter a conexão com o público durante um período de grande incerteza. A experiência ilustra como a adaptação à tecnologia digital se tornou uma ferramenta crucial para a continuidade da prática artística e o engajamento com o público, mesmo em um cenário de restrições e desafios sem precedentes.

---

<sup>53</sup> Entrevista com Sílvia Duffrayer realizada em 23 de junho de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 48 minutos.

<sup>54</sup> Entrevista com Karina Neves realizada em 30 de junho de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 57 minutos.

<sup>55</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UatBYE5wiaQ> . Acesso em 18 set. 2024.

A entrevista de Claudia Coutinho, percussionista do “Moça Prosa”, dialoga com o trecho citado por Silvia. O trecho destaca como o grupo, que tradicionalmente terceirizava aspectos técnicos como a captação de áudio e imagem, se viu forçado a adquirir essas habilidades internamente para produzir material de melhor qualidade naquele contexto.

A gente está tentando se movimentar por meio da internet né? e é curioso porque assim a gente tá tendo que entrar em lugares que assim, até então a gente terceirizava, como o lance da tecnologia de captar áudio, de imagem, a gente ainda tá nesse caminho, nesse momento de entender o uso da tecnologia a nosso favor né? Por exemplo, a gente tava na etapa da finalização de um EP, aí aconteceu isso tudo como é que a gente vai lidar... a gente interrompe isso ou a gente dá segmento e se reestrutura diante do que tá acontecendo e faz o lançamento? Então são coisas que a gente ainda não tem a resposta, tá pensando, tá entendendo, e acompanhando aí se a gente tem alguma previsão<sup>56</sup>.

Ao comparar as entrevistas realizadas, surgem temas comuns e divergências que refletem as complexas realidades enfrentadas pelos grupos entrevistados durante a pandemia. Estas entrevistas fornecem uma visão abrangente das diversas formas de adaptação e sobrevivência dos grupos, destacando desde as dificuldades financeiras e a necessidade de reinvenção até a luta por reconhecimento e apoio adequado.

Um aspecto comum a todas foi o formato online que preservou elementos importantes da metodologia tradicional, como a expressão emocional e a riqueza dos detalhes visuais. Embora o formato online permita a continuidade das pesquisas, há a preocupação de que a falta de contato presencial pode comprometer elementos importantes da comunicação, como gestos, expressões corporais e o desempenho dos entrevistados, que são essenciais para uma análise mais rica e contextualizada das narrativas (Santhiago; De Magalhães, 2020).

Apesar de estarem distantes fisicamente, os olhares marejados e a expressão emocional se mantiveram, muitas vezes com uma nitidez superior à que se observa em entrevistas presenciais, dependendo da distância do

---

<sup>56</sup> Entrevista com Claudia Coutinho realizada em 30 de junho de 2020. Entrevistadora Milene Gomes Ferreira Mostaro. Entrevista realizada via internet por Zoom, programa de videoconferência. Duração 34 minutos.

entrevistado. Além disso, os cuidados com cenários e vestimentas, como a presença de instrumentos visíveis, demonstram o esforço das participantes em trazer suas narrativas e suas “construções pessoais” para o cenário. Esses elementos indicam que a adaptação para o formato virtual não comprometeu a profundidade e a análise das entrevistas.

Durante a condução das entrevistas, foram essenciais alguns cuidados como a gestão do tempo para evitar o cansaço e a atenção à iluminação, que garantiram a clareza das gravações. No que diz respeito a problemas técnicos, apenas a entrevistada Jaqueline Rocha experimentou uma breve interrupção devido à falta de bateria, mas o Zoom conseguiu manter a continuidade da gravação com uma pausa mínima. A questão do armazenamento digital também foi bem gerida, com os arquivos sendo salvos automaticamente na nuvem, o que garantiu a preservação inicial dos dados. Em suma, apesar das dificuldades impostas pelo novo formato, a pesquisa beneficiou-se significativamente, com a adaptação metodológica resultando em contribuições valiosas e ganhos para a metodologia.

### **Considerações finais**

A mudança para o ambiente digital, ao contrário do que poderíamos esperar, não gerou prejuízos à qualidade das entrevistas. As nuances que caracterizam a metodologia da história oral – emoções, silêncios, pausas e expressões – estiveram presentes de forma intensa. O formato online nos permitiu criar um espaço de conexão com as entrevistadas, mantendo a profundidade da troca e o respeito pelos ritmos naturais das conversas. A ausência do encontro físico não diminuiu o impacto das entrevistas; pelo contrário, o contexto de vulnerabilidade compartilhada devido à pandemia pareceu aprofundar os momentos de reflexão e emoção.

As entrevistas virtuais também proporcionaram vantagens práticas, pois as agendas das entrevistadas estavam mais flexíveis devido à suspensão de eventos e compromissos habituais. Isso facilitou o agendamento das conversas e garantiu que pudéssemos alcançar um maior número de participantes. A condução online manteve intacta a essência da história oral, preservando o envolvimento emocional e a profundidade das narrativas, enquanto também

capturava as experiências únicas vividas durante o distanciamento social. Em vez de limitar a pesquisa, o formato virtual expandiu as possibilidades de registro, demonstrando que a história oral pode se adaptar a diferentes contextos sem perder sua riqueza e complexidade.

## Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

\_\_\_\_\_. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

COUTINHO, C. **Entrevista realizada por Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 30 jun. 2020. Duração: 34 min.

DUFFRAYER, S. **Entrevista realizada por Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 23 jun. 2020. Duração: 48 min.

MACHADO, F. **Entrevista realizada por Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 10 mai. 2020. Duração: 1h 10 min.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas**. São Paulo: Almedina Brasil, 2021.

MOSTARO, M. G. F. **“Sempre fui obediente, mas não pude resistir”**: narrativas de mulheres musicistas nas rodas de samba do Rio de Janeiro. 2021. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

NEVES, K. **Entrevista realizada por Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 30 jun. 2020. Duração: 57 min.

ROCHA, J. **Entrevista realizada por Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 12 mai. 2020. Duração: 1h 34 min.

SANTHIAGO, R.; De M., Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 27, p.1-18, 2020.

SANTHIAGO, R. De volta ao "para uso futuro"? História oral, pandemia e a documentação urgente do presente. **História Unisinos**, v. 27, n. 3, p.1-27, 2023.

SILVA, A. C. Um zoom nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação. **História Oral**, v. 25, n. 2, p.153-172, 2022.

SOLIS, M. Entrevista realizada por **Milene Gomes Ferreira Mostaro**. Zoom, 22 mai. 2020. Duração: 46 min.

**A ETNOGRAFIA ANTES, DURANTE E DEPOIS DA  
PANDEMIA:  
PESQUISA SOBRE A MARATONA DO RIO DE JANEIRO**

**ETHNOGRAPHY BEFORE, DURING AND AFTER THE  
PANDEMIC:  
A RESEARCH ABOUT THE RIO DE JANEIRO  
MARATHON**

**Tatiana Cioni Couto**

Doutora em Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[tatianaccouto@hotmail.com](mailto:tatianaccouto@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/8736348853875418>

**Resumo** – O artigo detalha a etnografia aplicada durante o doutorado em Comunicação, realizado entre 2019 e 2023, com foco na Maratona do Rio de Janeiro e na comunicação institucional do evento. A pesquisa envolveu trabalho de campo, entrevistas e observação participante. O estudo está dividido cronologicamente em quatro momentos: 2019, antes do registro do vírus; 2020, durante a pandemia; 2021, com a abertura parcial das cidades; e 2022, com a abertura total das cidades. O trabalho de campo incluiu o deslocamento da pesquisadora para os seguintes locais: Casa da Maratona, Maratona Parade, prova de 42 km, prova de 21 km e prova de 5 km. Em cada competição da Maratona, foram tiradas fotos, realizadas entrevistas com corredores, observada a comunicação visual do evento e feitas anotações no diário de campo. Na observação participante, a pesquisadora correu na categoria de 5 km, entendendo que isso permitiria uma compreensão mais profunda do funcionamento da competição, acesso a áreas restritas aos atletas e uma recepção mais acolhedora por parte dos outros corredores, como integrante da "tribo de corredores". Para as entrevistas, foram selecionadas três pessoas: a criadora da Maratona do Rio de Janeiro, o diretor técnico da prova e o organizador da Maratona a partir de 2003. Além disso, foram entrevistados maratonistas com o intuito de descobrir sua percepção sobre o evento. Destaca-se que, desde 2018, a Maratona do Rio de Janeiro se configura como um megaevento esportivo, por concentrar cinco corridas e atrair mídia e público espectador. Ademais, tornou-se um dos poucos eventos esportivos realizados em 2020, em modo virtual.

**Palavras-chave:** Metodologia; Etnografia; Pandemia; Paisagens.

**Abstract** – The article details the ethnography applied during the PhD in Communication, carried out between 2019 and 2023, focusing on the Rio de Janeiro Marathon and the institutional communication of the event. The

research involved fieldwork, interviews and participant observation. The study is divided chronologically into four moments: 2019, before the virus was recorded; 2020, during the pandemic; 2021, with the partial opening of cities; and 2022, with the total opening of cities. The fieldwork included the researcher going to the following locations: House of Marathon, Marathon Parade, 42 km race, 21 km race and 5 km race. At each Marathon competition, photos were taken, interviews were carried out with runners, the visual communication of the event was observed and notes were made in the field diary. During participant observation, the researcher ran in the 5 km category, understanding that this would allow a deeper understanding of how the competition works, access to areas restricted to athletes and a more welcoming reception from other runners, as part of the "tribe of runners". In the interviews, three people were selected: the creator of the Rio de Janeiro Marathon, the technical director of the race and the organizer of the Marathon from 2003 onwards. Furthermore, marathon runners were interviewed in order to discover their perception of the event. It is noteworthy that, since 2018, the Rio de Janeiro Marathon has been configured as a mega sporting event, as it concentrates five races and attracts the media and spectator public. Furthermore, it became one of the few sporting events held during the spread of the coronavirus in 2020.

**Keywords:** Methodology; Ethnography; Pandemic; Landscapes.

## Introdução

O conhecimento científico parte da premissa de que é necessário observar empiricamente os fenômenos para elaborar uma teoria. Assim, a construção de uma pesquisa envolve a observação, interpretação, constatação e validação de dados. Uma das metodologias de pesquisa é a etnografia, que prevê o trabalho de campo e a descrição densa dos fenômenos (Geertz, 2008).

Neste artigo, será apresentada a metodologia da pesquisa de doutoramento sobre a Maratona do Rio de Janeiro, realizada entre 2019 e 2023. A pesquisa qualitativa foi baseada na etnografia, com trabalho de campo, observação participante e a inclusão da pesquisadora na corrida de 5 km. Foram realizadas quatro idas ao campo, nas quais se acompanharam as corridas de 21 km, 42 km, o Desafio da Cidade Maravilhosa e a corrida de 5 km.

Na observação participante, a pesquisadora optou por correr a categoria de 5 km, entendendo que o envolvimento direto com o objeto de estudo traria percepções mais profundas sobre o evento. Compreendeu-se também que a inclusão da pesquisadora como atleta favoreceria uma maior aceitação por parte dos integrantes da competição, por ela fazer parte da "tribo de corredores".

O estudo foi dividido cronologicamente em quatro momentos: 2019, antes

do registro do vírus; 2020, durante a difusão do vírus; 2021, com a abertura parcial das cidades; e 2022, com a abertura total das cidades. Destaca-se que, desde 2018, a Maratona do Rio de Janeiro configura-se como um megaevento esportivo, por concentrar cinco corridas e atrair mídia e público espectador (Cioni Couto, 2024). Além disso, tornou-se um dos poucos eventos esportivos realizados durante a difusão do Coronavírus, em 2020, ainda que de modo adaptado. Em 2020, a Maratona do Rio de Janeiro organizou a Maratona Virtual com o uso de aplicativos de rastreamento de atividades físicas. A ideia era que os maratonistas realizassem a prova dentro de casa. No entanto, o que se observou foi que a maioria dos corredores transferiu a inscrição para 2021, e os que correram resolveram sair de casa e realizar a prova da Maratona nas ruas.

### **A Maratona do Rio de Janeiro**

A Maratona do Rio de Janeiro foi criada em 1979, durante o período de regime militar, pela maratonista Eleonora Mendonça. Naquela época, era um evento único, com a corrida de 42 km percorrendo trechos da cidade. No primeiro ano, a corrida tinha início e término na pista do Exército, na Urca, o que proporcionou um formato inicial de espetáculo, já que utilizava um estádio (Couto, 2023).

Após 1982, a Maratona do Rio passou por mudanças de organizadores e de percursos, embora permanecesse centrada na corrida de 42 km. A transformação do formato do evento começou em 2003, com a entrada da empresa Spiridon, de João Traven, outro maratonista. Com base em experiências anteriores de corridas no exterior, Traven incluiu outras distâncias na Maratona, com o objetivo de atrair corredores que não fossem maratonistas.

O percurso da Maratona do Rio de Janeiro passou a ter sua largada no Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste, e sua chegada no Aterro do Flamengo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Dessa forma, o trajeto incluía os bairros do Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, São Conrado (utilizando a Avenida Niemeyer), Leblon, Ipanema, Copacabana e Aterro do Flamengo.

A largada no Recreio dos Bandeirantes, próxima à Pedra do Pontal, seguia um trajeto pela praia, passando pela Reserva até chegar à Barra da Tijuca. Ao cruzar da Zona Oeste para a Zona Sul, os corredores utilizavam a

pista da praia de São Conrado e seguiam pela Avenida Niemeyer. Os trechos dos bairros do Leblon, Ipanema e Copacabana passavam próximos ao calçadão da praia, garantindo que os maratonistas percorressem a Orla Carioca. A chegada no Aterro do Flamengo incluía dois dos principais cartões postais da cidade: o Cristo Redentor (visto ao longe) e o Morro Pão de Açúcar, observado da Praia de Botafogo, por onde os corredores passavam.

Em 2018, João Traven consolidou a Maratona do Rio de Janeiro como um “festival de corridas”, criando seis provas dentro do evento: 5 km, 10 km, 21 km, 42 km, o Desafio da Cidade Maravilhosa (21 km e 42 km) e a Maratoninha (para crianças).

A parceria com a empresa Dream Factory, responsável pelo marketing do Rock in Rio, trouxe novidades para o evento, como shows gratuitos e uma arena maior, localizada na Marina da Glória.

## **A etnografia e a pesquisa participante**

Geertz (2008) defende que a pesquisa etnográfica deve ser realizada no local de estudo. Ao estudar o povo balinês, ele foi para a Indonésia para vivenciar a cultura local e atuar como observador. A importância de estar *in loco* é ressaltada por Geertz (2008, p.16): “O *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias”. Estando junto ao povo balinês, Geertz identificou quatro categorias da sociedade: Brahmana, Sairia, Wesia e Suara, e notou que cada categoria variava de acordo com o status. Geertz compreendeu o sistema de castas na Indonésia mapeando o campo, escolhendo fontes de informação e criando um diário de anotações.

Adotou-se o mesmo método de Geertz (2008), deslocando-se até a Maratona, observando a corrida de 42 km, mapeando o campo, coletando dados, peneirando o material estudado, entrevistando informantes, interpretando e descrevendo os fatos. Para realizar a etnografia da Maratona do Rio de Janeiro, observaram-se os seguintes detalhes:

1. Composição do evento: Como o evento é configurado; quantos dias dura, quais são os dias de cada competição e quais os principais atrativos do evento.

2. Infraestrutura do evento: Observação das arenas, suporte do evento (hidratação, medalhas, alimentação), gradeamento das ruas, disposição de banheiros químicos, montagem da arena da competição e outros espaços usados pela organização da prova.

3. Comunicação visual do evento: Observação e descrição das camisas, medalhas e percursos das corridas de 42 km.

4. Observação participante: Participação no evento na distância de 5 km.

5. Entrevistas: Realização de entrevistas com organizadores do evento e maratonistas.

Do item 1 ao 4, foi criado um diário de campo. Nele, registraram-se as observações, reflexões e frustrações do campo. Winkin (1998) argumenta que a compreensão de um espaço, como um jardim público, depende do conhecimento aprofundado do local.

Sob esse aspecto, o diário de campo da Maratona do Rio de Janeiro foi criado após o reconhecimento de campo e organizado por ano, com anotações sobre o ambiente observado (Winkin, 1998), descrevendo os percursos da Maratona, a infraestrutura da prova, o ambiente, as medalhas e camisas da competição, as pistas de competição, os mapas do percurso e os pátios de largada (Couto, 2023).

Na observação participante, optou-se por correr a distância de 5 km. Dessa forma, a pesquisadora se incluiu como membro da “tribo de corredores”, o que assegurou facilidade de acesso às arenas e outros espaços exclusivos dos atletas, além de garantir maior aceitação durante as entrevistas.

[...] pesquisador se insere no grupo pesquisado, participa de todas as suas atividades, ou seja, acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação, como na observação participante, mas variando nos aspectos discutidos na sequência (Peruzzo, 2014, p.178).

As entrevistas começaram a ser realizadas após a primeira ida ao campo. Inicialmente, foram escolhidas três pessoas para compreender o mecanismo da Maratona do Rio: a criadora do evento em 1979, a maratonista Eleonora Mendonça; Fernando Azeredo, diretor técnico da Maratona do Rio e João Traven, gestor da Maratona a partir de 2003.

O nome de Eleonora Mendonça foi encontrado no livro *A maratona*, de

Ayrton Ferreira. Em seguida, buscou-se o nome da atleta no Google, encontrando o site do Instituto Eleonora Mendonça, onde estava disponível o e-mail da fundadora. Após trocas de e-mails, constatou-se que ela residia nos Estados Unidos. A primeira entrevista foi realizada por chamada de voz via WhatsApp. Houve uma segunda entrevista com Eleonora Mendonça quando ela veio ao Brasil em 2019.

A entrevista com Eleonora foi essencial para compreender o formato dos quatro primeiros anos da Maratona do Rio e traçar um histórico do evento durante o período militar. Após a 4ª edição, Eleonora decidiu deixar de organizar a Maratona. Durante a entrevista, ela indicou o nome de Fernando Azeredo, que teria acompanhado as edições subsequentes.

O contato com Fernando Azeredo, no entanto, foi realizado via WhatsApp e por e-mail, devido à pandemia de Coronavírus em 2020. A entrevista com Fernando Azeredo foi fundamental para entender a dinâmica e traçar um marco histórico da Maratona do Rio nas edições de 1982 até 2003.

A descoberta sobre João Traven ocorreu durante a ida ao campo em 2019. A entrevista com ele foi realizada presencialmente no centro da cidade, permitindo compreender a transformação da Maratona do Rio, que passou de um evento único — com apenas a corrida de 42 km — para um megaevento esportivo com cinco corridas.

Em outro momento foram realizadas entrevistas com os corredores para entender sua percepção sobre o evento. As entrevistas foram feitas presencialmente, via e-mail e pelo Google Forms. O mapeamento dos maratonistas foi realizado através da entrada no grupo de corredores da Maratona do Rio. Em 2021, foram desenvolvidos dois tipos de entrevistas: uma para entender a percepção dos corredores em relação à cidade, e outra para compreender a dinâmica da Maratona virtual.

A entrevista em profundidade foi realizada por e-mail, com 16 questões abertas sobre a Maratona do Rio de Janeiro. A seleção dos informantes foi intencional, focando nos corredores maratonistas. Foram entrevistados 13 maratonistas, entre homens e mulheres, por e-mail, e duas maratonistas responderam pelo formulário online (Google Forms). Oito maratonistas enviaram fotos tiradas durante a corrida e concederam autorização de uso de imagem.

As entrevistas curtas foram realizadas no dia da corrida, com uma

quantidade menor de perguntas, baseadas na motivação, concentração e disposição dos atletas durante o evento. Ao todo, foram realizadas 15 entrevistas curtas com maratonistas.

O evento, que é anual, se repete no feriado de Corpus Christi, mas teve a data alterada em 2020 devido à pandemia de Coronavírus. O diário de campo teve início em 2019 e foi concluído em 2022.

### **Diário de campo de 2019: a pesquisa antes da pandemia**

A Maratona do Rio de Janeiro ocorre durante quatro dias no feriado de Corpus Christi, com competições, exposições de produtos e palestras. Antes do evento, promove-se a Maratona Parade, uma exposição de seis tênis gigantes espalhados por bairros do Rio de Janeiro.

Em 2019, no primeiro ano do doutorado, foram registradas as primeiras impressões do evento, com anotações e fotos dos mapas do percurso, da Casa da Maratona, da Maratona Parade, das camisas e medalhas da competição, e observação direta das cinco corridas: 42 km, 21 km, 10 km, 5 km e Maratoninha.

A “Casa da Maratona” é montada em um centro de convenções no bairro do Estácio, em um local com infraestrutura adequada para receber grandes eventos. Foram realizadas duas visitas ao local: no dia 20 de junho, a ida à Casa da Maratona ocorreu com o orientador da pesquisa; no dia 21 de janeiro, houve uma segunda visita para acompanhar uma palestra com a presença de Erico Freitas, diretor de marketing da Dream Factory, e Márcio Callage, diretor de marketing da Olympikus. Na palestra, foi apresentada a figura de João Traven, organizador da Maratona do Rio de Janeiro. A infraestrutura da Casa da Maratona foi anotada detalhadamente e registrada com fotos dos ambientes, especialmente da exposição de produtos e do local de entrega dos kits.

A Maratona do Rio de Janeiro ocorreu nos dias 22 e 23 de junho, dividida da seguinte forma: no dia 22 de junho, foi realizada a Meia-Maratona (21 km), com largada no Leblon, e a Maratoninha, corrida para crianças, com largada no Aterro. Foi necessário esperar até às seis horas da manhã para pegar o metrô e se dirigir ao Aterro do Flamengo. O foco, na ocasião, era acompanhar a chegada da Meia-Maratona (21 km) e observar a organização da Maratoninha. No dia 23 de junho, ocorreram as corridas de 5 km, 10 km e 42 km, todas com largada no

Aterro do Flamengo. A pesquisadora entrevistou os maratonistas às 4h30 da manhã, antes da largada da corrida. Na sequência, dirigiu-se a pontos altos para tirar fotos das provas. Às 7h da manhã, a pesquisadora se deslocou para correr a prova de 5km.

A primeira mudança de 2019 foi no percurso. Um deslizamento de terra na Avenida Niemeyer obrigou a organização do evento a retirar do trajeto os bairros do Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e São Conrado. No percurso de 21 km, a largada foi realizada no Leblon, na orla, garantindo que os corredores passassem pelas praias da Zona Sul: Leblon, Ipanema e Copacabana.

No percurso de 42 km, a solução adotada pela organização foi incluir o centro histórico do Rio de Janeiro (Rio Antigo) e parte das ruas próximas ao Boulevard Olímpico. O uso dessas ruas, reformuladas para as Olimpíadas, foi interpretado como uma tentativa de continuar fixando o imaginário do "maravilhoso" (Couto, 2023). Na figura 1, os corredores passam em frente à Igreja da Candelária, no Centro histórico do Rio de Janeiro.



**Figura 1: Novo percurso incluindo o Centro histórico do Rio de Janeiro.**  
**Fonte: A autora**

Outro fato que chama atenção é que as reportagens sobre a Maratona do Rio de Janeiro destacam a paisagem da Cidade Maravilhosa, sem dar ênfase ao caos ocorrido na cidade (Couto, 2020).

Na Maratona Parade, houve a exposição de seis tênis gigantes nos seguintes pontos: Parque Madureira, AquaRio, Bondinho do Pão de Açúcar, Leblon (Posto 12), Copacabana e Praça XV. Foram visitados três dos tênis expostos no Aterro, Urca e Copacabana, para observar outros imaginários do Rio de Janeiro nas artes presentes nos tênis.

Na comunicação visual da Maratona do Rio de Janeiro, observa-se que as camisas trazem um elemento comum da paisagem carioca: morros conhecidos, como o Morro da Pedra da Gávea, o Morro Dois Irmãos e o Morro do Pão de Açúcar. A medalha exibe o logotipo do evento em destaque.

Vale ressaltar que o logotipo está presente nas camisas e nos mapas do percurso. Ele é constituído pela palavra "Rio", com as letras "R" e "O", e entre elas a imagem de um homem com uma perna levantada (como se estivesse correndo) e braços abertos. O posicionamento do corpo do homem entre as letras "R" e "O" forma, subjetivamente, a letra "I". À frente da imagem do homem, há o desenho da linha de chegada com o formato do Morro do Pão de Açúcar. O logotipo é interpretado como incorporando dois cartões postais, pois a figura do homem de braços abertos é comparada, subjetivamente, à imagem do Cristo Redentor.

## **Diário de campo 2020: a pesquisa em pleno período pandêmico**

Após a primeira observação participante na edição presencial de 2019, houve o registro do Coronavírus na China. O vírus, que se propagava pelo ar, se espalhou pelo mundo, tornou-se uma Pandemia e atingiu o Brasil em 2020. O único meio de impedir o alastramento da doença foi decretar o *lockdown*, o que exigia o fechamento das ruas com a proibição da circulação de pessoas nas cidades, fechamento do comércio e suspensão de aulas presenciais.

Eventos esportivos como as Olimpíadas de Tóquio de 2020 e outros campeonatos internacionais e nacionais foram cancelados por gerar aglomeração de pessoas. No movimento contrário, a Maratona do Rio e outras maratonas internacionais resolveram realizar provas de corrida virtuais. Os sites criados para os desafios virtuais destacavam que o atleta podia correr em casa, na esteira ou em qualquer outro lugar na rua. A base da maratona virtual era o uso de aplicativos de corridas que possuíam geolocalização e rastreamento da atividade física com a gravação das seguintes informações dentro do aplicativo: dia e horário da corrida; distância percorrida; velocidade do atleta; clima no momento; e trajeto completo do atleta que após o treino gera um mapa virtual.

Neste momento, a inclusão da pesquisadora como participante da competição foi essencial para entender o funcionamento da chamada corrida virtual. A organização fez a prova por meio de dois aplicativos: Running Heroes e aplicativos de rastreamento de corrida (Couto, 2023).

Ao se inscrever, nota-se que a organização no Guia do Corredor não deixa claro para os competidores se é para correr os 42km em casa e não sair nas ruas. O lema do evento: “não correr não é opção”, demonstrava que a organização queria realizar o evento mesmo no pico da Pandemia.

O diário de campo se transforma em uma experiência pessoal com os aplicativos. A metodologia passa a ser baseada no celular, com capturas de tela dos aplicativos para uso posterior na tese. É observado que o percurso da Maratona é vetado para evitar aglomerações, deixando ao competidor escolher o trajeto da corrida.

A paisagem dos 42km passa a ser virtual. Gera-se um mapa do percurso corrido, que mostra ruas e bairros atravessados pelo corredor. O registro é possível pela geolocalização ativada no aplicativo, como pode se observar

abaixo na figura 2:



**Figura 2: a paisagem virtual formada pelo aplicativo**  
**Fonte: A autora**

Em entrevistas realizadas pelo Google Forms e por -e-mail, observou-se que maioria dos corredores transferiu a corrida para 2021. Alguns competidores realizaram a prova nas ruas, alegando ser impossível correr 42km dentro de casa.

Na observação participante, opta-se por correr perto de casa, em local mais deserto, usando os aplicativos e máscara. Ressalta-se que o modelo de corrida virtual é repetido no início de 2021, pois, nesse ano, foram realizadas duas competições: virtual e presencial.

Na comunicação visual do evento, repara-se que o logotipo sai do destaque na camisa e nas medalhas. Nas medalhas, observa-se que entra a paisagem do Rio de Janeiro com o Cristo Redentor e a Baía de Guanabara, em 2020, e do Morro do Corcovado com o Cristo Redentor em 2021 (Couto, 2023). Nas camisas das edições virtuais, os cartões postais aparecem em maior proporção e centralizados, enquanto o logotipo fica menor.

### **Diário de campo 2021: Maratona presencial com restrições sanitárias**

Em 2021, houve a liberação completa do comércio, o retorno às aulas e a

volta dos eventos esportivos. Para retirar o kit da corrida na Casa da Maratona, era necessário apresentar o cartão de vacina da Covid-19. No dia do evento, solicitava-se que os corredores usassem máscara na largada e na chegada da prova.

A Casa da Maratona se transfere para o Aterro do Flamengo, na Marina da Glória, onde é estruturada a “Arena da Maratona”. Havia muita sinalização com cartazes na Casa da Maratona. Entre eles, destacam-se os cartazes com as figuras do Morro do Pão de Açúcar e do Morro do Corcovado.

As corridas presenciais foram transferidas para novembro, ocorrendo no dia 14 de novembro de 2021 a meia maratona (21km) e no dia 15 de novembro de 2021, a prova da Maratona (42km). A primeira ida ao campo foi no dia 14 de novembro, para o Leblon, Zona Sul, para observar a largada dos 21 km e entrevistar corredores. Foram feitas duas perguntas abertas: “Qual é o grande diferencial da Maratona e da Meia-Maratona do Rio?” e “O que achou do percurso deste ano?”. O objetivo das duas perguntas era tentar entender qual a importância da paisagem para os corredores.

No dia 15 de novembro, foi a largada da Maratona do Rio de 42 km, às 5h da manhã. Os corredores saíam em direção ao Boulevard Olímpico para depois irem para a Zona Sul e retornarem, chegando próximos à Marina da Glória. Após ver a largada e entrevistar alguns corredores, a pesquisadora procurou pontos altos no Aterro do Flamengo para tirar fotos.

No percurso, observa-se que a organização tenta a aprovação da Prefeitura do Rio de Janeiro para utilizar as ruas próximas ao Museu do Amanhã e à Roda Gigante, no entanto, não consegue e continua com o percurso de 2019. Na comunicação visual, o logotipo volta a ter destaque. As camisas de 2021 não possuem desenhos de cartões postais ou de elementos reconhecíveis do imaginário da Cidade Maravilhosa. Sob este aspecto, a pesquisadora entendeu que o retorno às ruas e a volta do uso da cidade fazem com que a organização priorize a marca do evento ao invés da paisagem da cidade.

A Maratona Parade foi realizada do mês de fevereiro até 9 de março. A exposição dos seis tênis gigantes foi realizada ainda no período de restrição de circulação de pessoas e de organização de eventos. No entanto, acredita-se que a Organização da Maratona do Rio obteve o consentimento pelo motivo de que a exposição não gerava aglomeração e estava espalhada nos seguintes pontos:

Pedra do Pontal (antiga largada da Maratona), Parque Madureira, Engenhão, Maracanã, Lagoa, Praça Mauá e Urca.

### **Diário de Campo 2022: nova mudança de trajeto**

Em 2022, as competições são realizadas sem restrições sanitárias. A procura de atletas para competir no evento aumenta exponencialmente, lotando as inscrições em duas semanas. A organização da competição consegue a liberação do uso das ruas próximas ao Boulevard Olímpico, incluindo na paisagem do percurso da corrida o Museu do Amanhã e a Roda Gigante.

Observa-se que a nova paisagem da Maratona do Rio de Janeiro incorpora o imaginário do maravilhoso por usar parte do Porto Maravilha e fixar paisagens do espetáculo, como a Roda Gigante e o Museu do Amanhã, na figura 3.



**Figura 3: paisagem da Maratona com o Museu do Amanhã**  
**Fonte: A autora**

O principal patrocinador deixou de ser Olympikus e passou a ser Adidas. A nova empresa cria camisas com desenhos da cidade com os outros elementos da cidade, além dos cartões postais. Como no ano de 2021, as medalhas tinham o mesmo desenho, possuindo o logotipo em destaque. O diferencial era a cor do material do revestimento e a impressão da quilometragem escrita.

Em 2022, o espaço VIP era maior do que nos outros anos e estava dentro da chamada “Arena da Maratona”, que recebeu esse nome por vincular o imaginário da corrida a uma batalha. Destaca-se um atrativo novo que não houve

em 2021: um palco para shows, realizados nos dias 18 e 19 de junho.

A Maratona Parade teve mudança dos bairros da exposição, introduzindo um tênis na Barra da Tijuca e mantendo no Engenhão, Marina da Glória, Praia de Copacabana, Praia do Leblon e Lagoa (Parque das Figueiras). No entanto, os bairros da Urca e do Recreio dos Bandeirantes foram retirados da exposição.

Na última ida ao campo, surgiu outro desafio: a forte chuva no dia da Maratona e da corrida de 5km. A pesquisadora sofreu problemas de pressão e ainda perdeu o celular que quebrou devido ao excesso de água. Apesar de vários dados estarem salvos nas nuvens, as entrevistas curtas feitas presencialmente foram perdidas e houve uma repetição de perguntas feitas pelo Messenger com alguns membros do grupo Maratonistas do Rio.

As fotos ficaram salvas no Google Fotos (nuvem) e assim foi possível registrar largada, chegada e ambientes da competição. Um ponto chamou muita atenção em 2022: a quantidade de espectadores aumentou muito em relação ao ano de 2021 (Cioni Couto, 2024).

### **Considerações finais**

A pesquisa etnográfica começou com a ida ao campo e entrevistas realizadas presencialmente. Notou-se que os corredores ficavam apreensivos em responder muitas perguntas e perder a concentração antes da prova, por isso, adotaram-se dois tipos de entrevista: presenciais curtas e online. Desse modo, foi adotada uma entrevista mais profunda por e-mail e outra mais curta presencialmente. Com a pandemia, outras tecnologias foram adicionadas para entrevistas: o WhatsApp e o Messenger.

No registro das paisagens, observaram-se as seguintes transições: em 2019 a prova era presencial, mas trocou o percurso por conta do deslizamento da Niemeyer. O incidente provocou mortes e um caos na cidade por ser uma via de acesso a outro bairro, no entanto, o fato foi minimizado na época da Maratona. Jornais auxiliaram na propagação de matérias positivas sobre o novo percurso e não citaram o caos na cidade. Os imaginários da Cidade Maravilhosa aparecem em destaque nas camisas com os dois cartões postais da cidade: Morro do Pão de Açúcar e Cristo Redentor. Nas medalhas, há o uso somente do logotipo da Maratona do Rio de Janeiro.

Em 2020, com a pandemia do coronavírus, a paisagem torna-se virtual. Os aplicativos de rastreamento de corrida, utilizados pela organização da Maratona, geram um mapa virtual para o corredor. O percurso torna-se da escolha do corredor, podendo o desafio ser realizado dentro de casa se o corredor quisesse. Pelas entrevistas, nota-se que a maioria não se inscreveu no desafio por preferir estar na cidade. No entanto, alguns maratonistas correram a Maratona nas ruas próximas de suas casas. As paisagens das camisas e das medalhas de 2020 possuem os dois cartões postais, Morro do Pão de Açúcar e Cristo Redentor, em relevância. Pela primeira vez, nota-se que o logotipo perde destaque na medalha para um cartão postal ter maior ênfase.

Em 2021, ainda ocorre outra corrida virtual, mais uma vez com os aplicativos, no mês de abril. Aguardava-se uma liberação para grandes eventos. Então, em novembro de 2021, há o retorno da prova presencial, mas com algumas restrições sanitárias. O percurso continua o mesmo de 2019, mantendo o imaginário do maravilhoso a partir do uso de parte do Porto Maravilha.

Nesse momento, há a obrigação de estar vacinado para participar da competição. Ainda se exige o uso da máscara na largada e na chegada da Maratona. Com o retorno do uso das ruas, a paisagem dos cartões postais desaparece, dando lugar ao logotipo do evento, que aparece em destaque e ampliado na camisa de 2021. A medalha retorna com o logotipo e sem outros desenhos da cidade. A conclusão é que a imagem da cidade era necessária na camisa enquanto não se podia usufruir dela.

Em 2022, há outra mudança da paisagem com a introdução do Museu do Amanhã e da Roda Gigante, o que conferiu à corrida imagens espetaculares. O novo patrocinador da Maratona traz mudanças na camisa: existem os cartões postais, mas também inclui outros elementos da cidade.

A pesquisa etnográfica incorpora métodos presenciais de observação nos anos de 2019, 2021 e 2022. No ano de 2020, há uma metodologia híbrida por incorporar o uso de aplicativos e descobrir uma paisagem virtual. As entrevistas são realizadas também de forma híbrida, tendo sido realizadas entrevistas por e-mail, WhatsApp e Messenger durante os anos de 2019 até 2022. Assim, constata-se que a pesquisa de doutoramento sobre a Maratona do Rio de Janeiro durante a pandemia somente foi possível graças à utilização de uma etnografia híbrida que mesclou metodologias presenciais e online.

## Referências

CIONI COUTO, T. As paisagens dos megaeventos esportivos antes, durante e depois da Pandemia: o caso da Maratona do Rio de Janeiro. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v.24, n. 52, p.158–175, 2024.

COUTO, T. C. Maratona do Rio de Janeiro: o branding da Cidade Maravilhosa mesmo no cenário de caos. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, virtual, p.1-15.

COUTO, T. C. **A paisagem da cidade do Rio de Janeiro na comunicação institucional da Maratona do Rio**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ, 2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014. p.125-146.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

# **PESQUISAR EM TEMPOS PANDÊMICOS: UM OLHAR SOBRE NARRATIVAS FEMININAS EM GRUPOS DE CAPOEIRA**

## **RESEARCHING IN PANDEMIC TIMES: A LOOK AT FEMININE NARRATIVES IN CAPOEIRA GROUPS**

### **Paulo Vinícius Frazão**

Mestre e doutorando em Humanidades, culturas e artes (Unigranrio)  
Docente da Universidade Iguazu  
[professor.viniusedf@gmail.com](mailto:professor.viniusedf@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-4296-285X>

### **Rosane Cristina de Oliveira**

Professora adjunta - PPGE/UNESA  
Professora adjunta - Universidade de Vassouras  
[rosanecrj@hotmail.com](mailto:rosanecrj@hotmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-1286-5792>

### **Renato da Silva**

Professor adjunto – PPGE  
UNESA  
[redslv333@gmail.com](mailto:redslv333@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-2469-0160>

**Resumo** – A proposta deste artigo é apresentar os caminhos metodológicos e a análise das narrativas que fazem parte de grupos de capoeira no Brasil, com o intuito de compreender os principais elementos que envolvem as relações de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres participantes das rodas de capoeira. Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado, realizada entre 2020 e 2022, intitulada “*Esse lugar também é meu!*” – *As representações do feminino na capoeira*. Os grupos de capoeira são, ainda, espaços típicos da dominação masculina (Bourdieu, 2012) e, nesse sentido, a participação de mulheres nas rodas de capoeira é um ponto de reflexão interessante sobre formas de enfrentamento e empoderamento feminino. Em decorrência da pandemia, os procedimentos metodológicos e a coleta de dados foram realizados remotamente, exigindo adaptação e criatividade. A obtenção dos dados foi realizada em duas etapas: encaminhamento de questionário do Google Forms, utilizando redes sociais de grupos de capoeira; e, após a devolutiva dos questionários, contactou-se as respondentes e foram encaminhados convites para entrevistas, de forma remota, através da plataforma Google Meet. Para a análise das narrativas, optou-se pela análise de conteúdo,

inspirada em Laurence Bardin (2016), destacando três categorias em relação às narrativas das capoeiristas: respeito, hierarquia e atitude. As reflexões acerca das narrativas demonstraram que, embora nos grupos de capoeira persista a lógica da dominação masculina, a inserção e permanência das mulheres nas rodas e demais atividades são fundamentais para o combate ao machismo.

**Palavras-chave:** Roda de Capoeira; Mulheres; Machismo; Metodologia; Covid-19.

**Abstract** – This article aims to present the methodological paths and analysis of the narratives that make up capoeira groups in Brazil, in order to understand the main elements involved in gender relations and the challenges faced by women participating in capoeira rodas. This work is an excerpt from a master's dissertation, carried out between 2020 and 2022, entitled 'Esse lugar também é meu!' - The representations of the feminine in capoeira. Capoeira groups are still typical spaces of male domination (Bourdieu, 2012) and, in this sense, the participation of women in capoeira rodas is an interesting point of reflection on forms of confrontation and female empowerment. Due to the pandemic, the methodological procedures and data collection were carried out remotely, requiring adaptation and creativity. Data collection was carried out in two stages: sending a Google Forms questionnaire, using social networks of capoeira groups; and, after the feedback of the questionnaires, the respondents were contacted and invitations were sent for interviews, remotely, through the Google Meet platform. For the analysis of the narratives, content analysis was chosen, inspired by Laurence Bardin (2016), highlighting three categories in relation to the capoeiristas' narratives: respect, hierarchy, and attitude. Reflections on the narratives demonstrated that, although the logic of male domination persists in capoeira groups, the insertion and permanence of women in the rodas and other activities are fundamental to combat machism.

**Keywords:** Capoeira Circle; Women; Sexism; Methodology; Covid-19.

### **Considerações iniciais**

O aprender tem uma relação forte com o interesse, com a busca e com a informação. Para que exista aprendizagem, deve haver informação e interesse na busca incessante do saber. Baseado nesse contexto, Carl Rogers (1985) afirma que a relevância de cada assunto está relacionada ao significado da aprendizagem. Toda pesquisa científica representa uma forma de gerar conhecimento a partir de dados devidamente coletados e analisados e que viabiliza o pesquisador conhecer a fundo os aspectos metodológicos que guiam a pesquisa.

Entretanto, em tempos pandêmicos, como foi o caso da Covid-19, os desafios em torno da condução de estudos acadêmicos (teses, dissertações, artigos) do ponto de vista dos caminhos metodológicos, exigiu adequação e criatividade. Especialmente, os estudos desenvolvidos entre 2020 e 2022 ocorreram quase em sua totalidade na modalidade remota, ou seja, com o uso intenso das tecnologias. Aulas síncronas, entrevistas de campo realizadas por meio de plataformas como Teams ou Google Meet, Whatsapp, entre outras, foram as possibilidades mais adequadas para aquele contexto.

Nesse sentido, este trabalho é baseado em um recorte da pesquisa realizada para o mestrado em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio, entre 2020 e 2022, intitulado *“Esse lugar também é meu!”: as representações do feminino na capoeira*. Ao longo do processo, o maior desafio foi adaptar e realizar, de forma remota, a coleta de dados, pois a pesquisa qualitativa teve como ponto fundamental a realização de entrevistas<sup>57</sup>. No processo, adotamos um olhar comparativo das vozes de mulheres<sup>58</sup> pertencentes aos grupos de capoeira de diversas regiões, identificando suas diversas visões e argumentos sobre a inserção das mulheres na capoeira, bem como os olhares femininos diante das tradições (tipicamente masculinas) que ainda acompanham o ensino e a prática da capoeira no Brasil.

Somerlate (2005, p.10 *apud* Gomes 2019, p.45) argumenta sobre os indicadores relacionados à contribuição feminina na Capoeira:

Parece importante também ressaltar que a documentação escrita é extremamente escassa para que se possa traçar um perfil e/ou avaliar com precisão o desempenho feminino no âmbito da capoeira nas décadas anteriores a 1970. Seria arriscado e impróprio tanto simplificar a contribuição feminina, reduzindo-a a umas poucas capoeiristas, como assegurar que um número significativo de mulheres tenha

---

<sup>57</sup> O projeto foi devidamente encaminhado para o Comitê de Ética em pesquisa e aprovado. Embora a pesquisa tenha ocorrido totalmente de forma remota, há o entendimento de que, a abordagem pode despertar algum tipo de desconforto, pois trata-se de questões delicadas que envolvem padrões e comportamentos que refletem na vida privada. Para amenizar os possíveis incômodos, os sujeitos da pesquisa foram orientados que poderiam desistir de responder a qualquer momento. O mesmo procedimento foi utilizado nas entrevistas remotas. Na apresentação do questionário (enviado pela rede social) e no processo de entrevistas, o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foi devidamente encaminhado.

<sup>58</sup> É importante salientar que, nesta pesquisa, as participantes da pesquisa são mulheres cis. Entretanto, não descartamos a possibilidade de análise em relação às mulheres trans, mas ao longo da busca pelos sujeitos da pesquisa, somente mulheres cis responderam ao primeiro momento de execução da pesquisa, ou seja, responderam ao questionário enviado para diversos grupos de capoeira.

participado ativamente das rodas ou do jogo antes dos anos 70, pois não há suficiente documentação escrita para que se estabeleça qualquer um dos dois argumentos.

Entretanto, em alguns relatos, aparecem os nomes de algumas delas, como “Maria doze homens”. Registrada como Adelina Presepeira, foi uma mulher reconhecida por seus feitos na capoeira. Entretanto, seu pseudônimo revela como a invisibilização dessas mulheres ocorre: seu apelido associa-se ao masculino.

A trajetória da Capoeira demonstra um olhar masculino, inclusive na manutenção dos rituais que a cercam. Prioritariamente, os discursos são pensados através dos homens e sua posição de dominadores naquele espaço/lugar onde a maioria dos mestres ainda tem seus pensamentos fixados nas tradições que excluem a presença feminina no momento do combate, com falas misóginas que surgem até através das letras de músicas cantadas nas rodas de Capoeira, contribuindo para exclusão das mulheres. Contudo, Gomes (2019, p.51) deixa claro que:

A atuação dessas “mulheres” tem provocado tensões nas estruturas dominantes da capoeira. O que chamo de estruturas dominantes são as formas enrijecidas, onde discursos e práticas, combinados, contribuem para a reprodução das desigualdades de gêneros como naturais.

Os grupos de capoeira são espaços que contribuem para a formação de caráter dos seus praticantes. A capoeira, com as inúmeras subjetividades que apresenta e representa, quando seus adeptos sabem fazer uso dessas ferramentas pedagógicas, torna-se uma ótima ferramenta social. Podemos destacar, do ponto de vista educacional, que os sujeitos envolvidos com a capoeira aprendem a dialogar nos espaços em uma conversa não verbal, mas respeitando os rituais que cercam o universo dessa prática.

Os grupos de capoeira costumam ter suas próprias identidades, o que consideramos extremamente importante pois, a partir das diferenças, são construídos os caminhos que diferenciam um grupo de capoeira do outro, seja na forma de jogar\lutar capoeira ou outros requisitos como as características musicais e estilos de jogos. Mas o que podemos constatar é que essas diferenças são primordiais na construção do saber dos capoeiristas envolvidos.

O artigo está dividido em duas seções: a primeira aborda os aspectos metodológicos da pesquisa, enfatizando as possibilidades de levantamento e obtenção dos dados. Na segunda seção, apresentamos as análises das narrativas de mulheres que fazem parte dos grupos de capoeira.

### **Aspectos e procedimentos metodológicos da pesquisa em tempos pandêmicos**

Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura sobre as temáticas de desigualdade de gênero, feminismo, machismo, história da capoeira no Brasil, tradição e cultura nas escolas de capoeira. A pesquisa bibliográfica utiliza-se de leitura intensa de dados existentes que receberam tratamento analítico já publicados anteriormente (Gil, 2010). Como afirmam Castro, Ferreira e Gonzalez (2013, p.16-17), a pesquisa bibliográfica “é um tipo de pesquisa que investiga ideias, conceitos que compara as posições de diversos autores em relação a temas específicos e faz uma reflexão crítica sobre essas ideias e conceitos, defendendo uma tese”. Considerando, ainda, Fonseca (2002, p.32) ao pontuar que “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”.

A metodologia fica estabelecida com um esboço da pesquisa no qual todos os passos são delineados, como enfatizado por Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998). A descrição detalhada dos procedimentos e do instrumental de coleta e análise de dados maximiza a confiabilidade dos resultados.

Assim sendo, explicar todos os passos que culminaram com as entrevistas às capoeiristas de escolas de capoeira de diversas regiões contribuiu de forma fundamental para a pesquisa, mostrando uma visão peculiar sobre a inserção feminina na capoeira.

Nesse sentido, o Google Forms foi uma ferramenta essencial para a obtenção dos dados necessários para a condução da pesquisa. De acordo com Mota (2019),

A grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer

lugar. Enumera-se ainda como vantagem os resultados da pesquisa pelo Google Forms, pois estes se organizam em forma de gráficos e planilhas, proporcionando um resultado quantitativo de forma mais prática e organizada, facilitando a análise dos dados. É interessante observar que com tal formato on-line os antigos formulários impressos serão substituídos.

É interessante observar que o estudo de Mota (2019) foi publicado meses antes do início da crise sanitária da Covid-19 e, portanto, refletia uma tendência do uso dessa tecnologia (Google Forms) como um instrumento de pesquisa importante. No entanto, de 2020 em diante, a utilização das tecnologias tornou-se condição essencial para a realização de diversas atividades do campo acadêmico.

Assim, uma das etapas da nossa pesquisa foi a disponibilização de um questionário semiestruturado, através do Google Forms, direcionado às mulheres praticantes da capoeira e devidamente inseridas em diversas escolas de capoeira. O questionário foi encaminhado pelas redes sociais (Facebook e Instagram) dos grupos de capoeira (Abadá Capoeira, entre outros) e, de acordo com as devolutivas, entramos em contato com as respondentes para agendar as entrevistas.

O questionário da entrevista disponibilizado pelo Google Forms foi composto, na primeira parte, pela categorização das respondentes, permitindo a condução do perfil de cada uma, quanto ao nome (codinome), idade, escolarização, renda familiar, tempo de prática na capoeira, corda, graduação e autodeclaração de identidade de gênero. Na segunda parte, indagações sobre por que escolheu a Capoeira, sobre o comando da roda, se ainda é um mundo extremamente dominado por homens e se há valorização da Capoeira na sociedade.

Alguns questionamentos foram conduzidos com caráter provocativo, para que as respondentes tecessem comentários sobre expressões comumente empregadas nas rodas de capoeira, como: “Ah! Isso não é coisa pra mulher !!!...mais uma querendo tocar o berimbau gunga !!!...não quero jogar com elas!!!”; e ainda: “Vou ter que diminuir o ritmo para evitar que um movimento mais brusco possa atingir e machucá-la. Por isso, não gosto de jogar com elas”.

Além da disponibilização dos questionários via Google Forms, outro procedimento metodológico de caráter qualitativo foram as entrevistas realizadas através da ferramenta Google Meet, com o intuito de ouvir as colaboradoras da

pesquisa. Um dado positivo quanto às entrevistas serem realizadas de forma remota, foi a possibilidade de entrevistar colaboradoras de outros estados e municípios, pois, no contexto pandêmico, era inviável encontro presencial. Neste sentido, ao ouvir o quanto suas vivências e sentimentos em relação à capoeira, continua a indagação: “E você, como se posiciona quanto à luta por um lugar na Capoeira evidenciada por uma emancipação não somente do próprio jogo, mas também de tocar instrumentos, cantar, entre outras atividades?”.

Cabe ressaltar que a análise de dados tem que estar de acordo com a coleta de dados e com as opções metodológicas. Além disso, é fundamental que se mantenha sigilo absoluto em relação à identidade das respondentes. Após leitura do material coletado, procedemos à análise do conteúdo, segundo as proposições de Laurence Bardin (2016), desvendando significações de diferentes tipos de discursos, baseando-nos na inferência ou dedução, mas respeitando critérios específicos propiciadores de dados em frequência e estruturas temáticas. Trata-se, portanto, de uma atividade essencialmente interpretativa. Tal técnica de investigação, segundo Rizzini, Castro e Sartor (1999, p.71):

Tem por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, ela teria como função básica a observação mais atenta dos significados de um texto, e isso pressupõe uma construção de ligações entre as premissas de análise e os elementos que aparecem no texto.

A seguir, tem-se a etapa da codificação, na qual foram feitos recortes em unidades de contexto e de registro. De acordo com Bardin (2016), unidade de registro (UR), apesar de dimensão variável, é o menor recorte de ordem semântica que se liberta do texto, podendo ser uma palavra-chave, um tema, objetos, personagens, entre outros. Já a unidade de contexto (UC), em síntese, deve fazer compreender a unidade de registro, tal qual a frase para a palavra.

Para as entrevistas, as colaboradoras, após concordância, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse termo é importante, pois garante que as participantes estejam efetivamente livres e conscientes da autorização do uso do material da entrevista e imagem.

Nesta pesquisa, foram tomadas como unidade de contexto todas as falas registradas. Com o auxílio das unidades de registro, o tema que se destacou foi: luta por lugar na Capoeira. Esse destaque foi evidenciado por uma emancipação

não somente do próprio jogo, mas também de tocar instrumentos, cantar, entre outras atividades, cujo resultados apresentamos a seguir, além das falas e posicionamentos quanto ao tema “luta por seu lugar na Capoeira”.

### **Narrativas femininas nos grupos de capoeira**

Em um segundo momento, foram convidadas a participar da pesquisa capoeiristas de várias regiões por e-mail e contato telefônico (inseridos no questionário encaminhado pelo Google Forms) e, em seguida, através do agendamento das entrevistas individuais pelo Google Meet, conforme sua disponibilidade. As entrevistas online foram divididas em duas partes, a primeira com o objetivo de categorizar as respondentes e a segunda, composta pelos relatos das experiências sobre a prática e vivência dentro da capoeira.

A capoeira é uma importante manifestação cultural e vem sendo objeto de interesse cada vez maior entre todos, ampliando o número de mulheres praticantes dessa arte. Ao tabular a categorização das 14 respondentes quanto ao sexo, todas consideram-se do sexo feminino e, em relação aos indicadores de idade e do tempo de prática da capoeira, identificaram-se conforme o quadro a seguir:

<b>Idade</b>	Menos de 30 anos 04	Acima de 30 anos 10	-
<b>Tempo na capoeira</b>	Menos de 20 anos 07	Entre 20 a 28 anos 05	Acima de 30 anos 02

**Quadro 1: perfil dos sujeitos da pesquisa**  
**Fonte: elaborado pelos autores**

Ao identificar os indicadores do fator socioeconômico e da escolarização, as variáveis se tornam mais específicas, de acordo com o próximo quadro:

<b>Fator socioeconômico</b>	01 Salário mínimo 02	De 2 a 3 Salários mínimos 07	De 4 a 6 salários mínimos 04	Acima de 10 salários mínimos 01
<b>Escolarização</b>	Ensino Médio 05	Graduação incompleta 03	Graduação completa 05	Pós-graduação 01

**Quadro 2: perfil dos sujeitos da pesquisa**  
**Fonte: elaborado pelos autores**

A roda da capoeira é, de fato, uma metáfora da roda das relações sociais, da roda do convívio dessas mulheres, da grande roda do mundo. A organização e sistematização dos conhecimentos da capoeira devem se centrar na análise de sua origem, do que determinou a necessidade de seu ensino e todas as práticas, tendo como princípio o acesso aos conhecimentos da cultura corporal interligada de forma indissociável à sua totalidade histórica e social, sendo um percurso considerado longo. Nesse sentido, foi possível observar que, dentre 14 entrevistadas, somente uma era iniciante. Resolvemos denominá-la de *aluna* – corda laranja e azul. As outras quatro já eram *professoras* – corda marrom. Por fim, somente uma era mestranda – corda vermelha – as demais seguem suas trajetórias na capoeira, como praticantes de atividade física e participando das rodas.

Para interpretar os dados da segunda parte das entrevistas, todos os indicadores foram avaliados, de forma a compreender e analisar as mulheres na capoeira. O estudo do perfil das capoeiristas<sup>59</sup> é relevante porque possibilita compreender o papel das mulheres nos grupos de capoeira sob a ótica do gênero.

Partindo deste princípio, ressaltamos que há outros aspectos a serem analisados, tais como os motivos pela escolha de praticar a capoeira, dentre eles, a influência de familiares, como relatado por Camaleoa (Abadá Capoeira/ Belo Horizonte - MG) e Borboleta (Instituto Cultural Mestre Nagô – ICMN / São Paulo/Mogi das Cruzes), conseqüentemente:

---

<sup>59</sup> Para fins de identificação das entrevistadas, utilizamos os apelidos que receberam e/ou escolheram dentro dos grupos de capoeira.

Assim...na verdade eu fui casada com um capoeirista e através dele que eu conheci a capoeira. Mas eu sempre achei que a capoeira era uma coisa muito distante de mim. Que...muito difícil...quando eu via as rodas né...a gente não tinha tanta representatividade feminina, então assim eu achava que aquilo ali era muito distante de eu fazer e um dia eu fui fazer uma aula experimental é... mais por pressão de outras meninas que estavam fazendo e tudo. Ah vou fazer uma aula experimental. Eu me apaixonei desde o primeiro instante. Então assim aí vai 28 anos de paixão total pela arte. (Camaleoa)

Quando conheci meu marido, ele já era capoeirista né. Nunca tinha visto, conheci com ele. Ele era aluno, aí eu frequentava, eu ia sempre nos eventos, rodas né. Ia acompanhar, mas eu fiquei um bom tempo com ele só acompanhando e o que me incentivou bastante na verdade foi a parte cultural, que foi o maculelê, samba de roda aí a minha vontade era entrar dentro nesse momento pela parte cultural. Mas como não podia porque é... uma coisa que faz parte não é a capoeira mas faz parte né ... eu não entrava na capoeira por conta que eu via muita coisa, acho que não me agradava ainda na época né. Aí eu... foi quando minha filha nasceu, aí ela cresceu um pouquinho, ela começou a entrar na capoeira, ela entrou primeiro que eu. Aí eu fui acompanhando também, aí não teve jeito, aí eu resolvi entrar amor, foi amor mesmo sabe eu fiquei um bom tempo namorando aí depois eu me identifiquei bastante aí entrei também na capoeira e tô até hoje. Faz nós três, é ela, meu marido, eu... então tô super apaixonada pela capoeira, gosto muito e foi assim que começou. Foi um bom tempo de namoro até eu entrar oficialmente né e tô aqui até hoje, há 10 anos. (Borboleta)

Sob prisma da tradição religiosa, por exemplo, o que fica evidente é que todas as manifestações culturais que os capoeiristas do passado estavam envolvidos são carregadas de religiosidade, pois através dessa ligação com o sagrado eles tinham um certo acalento (Karasch, 2000). Como evidenciado por Betinha (Grupo Aliança Capoeira/ Brasília – DF):

Então... na verdade é... eu tenho uma relação muito grande com a cultura afrobrasileira, eu venho de uma família de tradição religiosa afro e ali o tempo inteiro intui, contida de vários ritmos da Umbanda. Eu nasci num terreiro de Umbanda e Candomblé. Então, é... de alguma forma meus irmãos praticavam a capoeira em um período. Tinha o saudoso Mestre Tucano e o Mestre Cau que dava aula próximo à residência da minha mãe onde eu morava. Então de vez enquanto eles iam para capoeira acabavam por me levar. Eu sendo uma das caçulas é... então eu ia. É... então...Ali desde criança eu já fui criando uma é... um vínculo né com aquele grupo de capoeira que era o Ave Branca. Meu irmão, é... o Tatá na época fazia segurança com o mestre Cau que é do grupo Ave Branca e daí então depois de um tempo gostava muito da musicalidade, sempre gostei muito do ritmo e tem um grupo chamado Grupo Cultural Axé Dudu em Brasília, e ele é um Bloco Afro, um Grupo Afro. E aí meu irmão Rogério, eu sou de uma família grande de 8 irmãos, ele era do grupo de dança desse grupo. E aí o mestre Cau o convidou para fazer as coreografias da apresentação de um batizado de capoeira dele. E aí é... então eu ia para os ensaios e também participei da puxada de rede, de alguma, da dança afro, de algumas apresentações que teve. E..aí foi a minha primeira aparição não quanto

capoeirista mas como é... participante do grupo de dança afro do Axé Dudu na apresentação, no batizado de capoeira do Mestre Cau e aí então eu começo a me envolver cada vez mais com a capoeira. [...]

Desta forma, Pires (2004) afirma que os negros africanos tinham participação na capoeira, como também em práticas religiosas, o que deixa essa associação entre a capoeira e as religiões de matrizes africanas cada vez mais forte.

Na roda de capoeira, a arte que se desenrola ao som de música, e sob movimentos de dança e luta, revela os mesmos desafios que as mulheres enfrentam em outros espaços da sociedade. Portanto, destacamos o diálogo com a capoeirista Mileide, ao descrever a escolha da prática da capoeira (ICMN/ Nova Iguaçu - RJ):

**Pesquisador:** Eu queria ouvir de você Mileide, por que você escolheu praticar a capoeira?

**Mileide:** É, na minha adolescência eu via quando eu passava nas ruas, as pessoas praticando, eu achava lindo, absurdamente bonito, incrível tudo. É...que envolvia tanto os movimentos corporais quanto a musicalidade. Sempre achei extremamente bonito. Não tive oportunidade de fazer, mas quando eu já estava na minha vida adulta, eu malhando normal na academia na musculação e tinha uma quadra quando eu vi o pessoal praticando eu falei: “*é a minha oportunidade*”. Só que era uma etapa da minha vida, apesar de eu já ser adulta, meus pais não permitiam e então eu aproveitei que eu já estava no mesmo ambiente, eu ia malhar, fiz a minha matrícula e também fiz a capoeira. É....

[...]

**Pesquisador:** Já tem um tempinho na capoeira.

**Mileide:** Sim..sim. Eu fiquei, eu continuei, fui treinando, mas meus pais não sabiam, por “n” situações. É fui praticando aos poucos junto com a musculação porque era a justificativa que eu tinha. E depois eu contei para meus pais. Eles não aceitaram bem porque era um ambiente extremamente masculino e violento, principalmente naquela década que foi...

As mulheres capoeiristas, na atualidade, buscam mecanismos de afirmação nos espaços dentro e fora da capoeira, de maneira a (re)significar seus corpos por meio desta arte/luta, apropriando-se deste espaço como um espaço também pertencente ao feminino. Sendo assim, sobre a experiência das entrevistadas nos espaços de treino e da roda em relação à trajetória na capoeira, identificamos que 57% delas iniciaram a prática da capoeira na infância e 36% delas tiveram acesso a essa prática por meio de projetos sociais, como pontuado por Gata (Acapoeira - Vitória/ES) e Vespa (Abadá Capoeira/Mesquita-RJ), a seguir:

Então...é... eu comecei capoeira com 9 anos de idade. Na cidade de Montanha, aqui do Espírito Santo mesmo. Comecei num **projeto social**, treinava com mestre Clebam e Cojaque, né e... quando fiz 18 anos eu vim pra Vitória. Aí foi onde eu vim treinar com a Baixinha e... cheguei aqui na Baixinha eu tinha corda pontinha azul. Foi isso mesmo. Disputei vários campeonatos né, aqui no Espírito Santo e tô treinando com ela até hoje, graças a Deus e... cara quero muito continuar firme e forte na capoeira, trabalhar com capoeira, onde eu tenho maior prazer... é dar aula. É continuar levando a capoeira para todas as escolas e... por onde eu for né. (Gata)

Eu comecei capoeira aos 8 anos de idade em um **projeto social**, em um bairro onde eu morava, em Bangu dos 8 até os 13 anos de idade, eu tive, era um projeto social bem, não tinha fins lucrativos não era ajudado pela prefeitura nem nada disso era o próprio pessoal do bairro ali que ajudava né, com material de limpeza para as crianças ter acesso a essa atividade, com 13 anos eu me mudei para cidade de Mesquita né e aqui eu conheci, profissionais da capoeira no caso né que faziam parte da mesma escola de capoeira...fiquei dos 13 aos 14 anos sem treinar capoeira até eu conseguir me adaptar ao local devido a mudança que eu estava sofrendo naquela idade né e aí com 14 anos eu voltei a treinar capoeira, na cidade de Nova Iguaçu e ali eu fui evoluindo, crescendo ali no meio da capoeira tive professores, amigos que me ajudaram me direcionaram, dentro e fora do mundo da capoeira e contribuíram bastante para hoje eu ser a profissional que eu sou. (Vespa)

Os projetos sociais são importantes para promover saúde, bem-estar e o desenvolvimento intelectual e, por muitas vezes, cumprem o papel de ocupar as mentes das crianças e jovens, mostrando a eles a importância do conviver. A capoeira vem promovendo o seu papel no resgate social e da autoestima de seus participantes, mesmo não sendo a primeira opção de uma atividade física. Como ocorreu com Jambo (ICMN – Nova Iguaçu/RJ), que após convívio com a prática, acabou se apaixonando:

Então, minha história com a capoeira, iniciei ainda garota porque não tinha nenhuma atividade assim na escola, apareceu um **projeto social** na escola eu acabei gostando, **me apaixonando**, e aí fui indo acabou o projeto social eu fui treinar na academia do mestre aí frequentei lá por alguns anos e sempre encarrei como um hobby mesmo, e um esporte para fazer uma atividade física.

Baseado nesse contexto, como uma atividade física, a capoeira envolve todas as partes do corpo e é praticada associada a um ritmo que favorece a integração dos envolvidos, desenvolvendo de maneira eficaz um rico processo que valoriza uma educação libertadora e consciente.

Dando continuidade à análise das falas registradas em gravações em áudios – que foram, posteriormente -, transcritas, procedeu-se à metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin (2016), que permitiu compreender os significados dos discursos referentes às diferenças percebidas por elas em relação ao tratamento entre homens e mulheres no comando das rodas e nos jogos. Em relação ao berimbau gunga, por exemplo, que, em geral, é direcionado para os homens, atualmente, nota-se que as mulheres manuseiam este instrumento e comandam uma roda de forma igualitária. Nesta etapa da codificação, foram feitos os recortes em unidade de contexto e de registro, donde são extraídos os temas que se sobressaem.

Na fase da categorização, foram observadas as regras de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade, fazendo emergir três categorias: *respeito*, *hierarquia* e *atitude*. Estas foram apresentadas em sequência conforme discursos das capoeiristas.

Segundo Schroeder, Vieira e Silva (2017), a Capoeira é um importante elemento cultural e sua prática integra vários elementos como as danças, músicas, os ritmos, rituais, entre outros. Além disso, podem-se agregar valores como a solidariedade, coletividade, companheirismo e cooperação.

Com relação à primeira categoria – *respeito* -, as participantes se referem a “não se impor”, “postura”, “lugar comum”, caracterizando uma troca entre pessoas, como elas afirmam:

Então, não tô julgando homens né, o homem o tempo todo mostra que é maior que a mulher na capoeira, que pode fazer todas as coisas ou que a força vale tudo né, até mesmo que na grande maioria os homens são os mais graduados, então assim você encontra poucas mulheres com um certo patamar.

E mesmo assim se a mulher não tiver uma certa bagagem uma **postura** isso é deixado para trás o **homem sempre se impõe** mais na frente né se a mulher não se impor sempre tem essa, fica sempre essa briga de ego infelizmente entendeu. (Girassol)

Então, principalmente em grandes eventos porque é o grande evento e todo mundo quer ser visto, todo mundo quer aparecer, todo mundo quer tocar quer mostrar seu toque quer mostrar seu jogo, quer mostrar o que aprendeu durante o treinamento então acaba que as **mulheres não se impõem, não for lá porque as mulheres têm muito essa questão de ser tímida**, né ah não, não vou não.

O homem já não tem muito isso mete a cara mesmo se não for uma mulher que mete a cara entrar mesmo jogar i pegar no instrumento não faz, não entrar entendeu tem que ter muito pulso firme para poder chegar lá na frente, entendeu? (Canela)

Claro que tem uns ou outros que sempre quer deixar um pouco a mulher de lado, mas ela tem que se impor. **Tem que se impor. O lugar que é pra homem é pra mulher também.** (Marci)

Com isso, diante das respostas, surgiram outras inquietações que se tornaram recorrentes na continuidade com o diálogo com a capoeirista Marci:

**Pesquisador:** Você percebe sim ou não, que o ambiente da roda de capoeira em si, tem uma dominação masculina? Isso se apresenta?

**Marci:** Sim. Sim.

**Pesquisador:** O que que você percebe nessa dominação masculina?

**Marci:** Então...**porque eles querem tá sempre cantando, sempre cortando, sempre jogando, tudo eles primeiro.** Tanto é que tem um momento da roda da capoeira que é jogo feminino, só pra... Assim na minha concepção, eu acredito que a mulher joga a hora que ela quiser. Não tem que ter um determinado tempo para ela jogar. Ela joga no início, no meio, no final, a hora que ela quiser ela joga. O jogo pode tá duro, o jogo pode tá pesado, ela deu pra ela, ela acha, ela acredita no potencial dela, ela joga a hora que ela quiser, entendeu?

**Pesquisador:** Você percebe alguma fala machista, comportamento de cunho machista em relação as mulheres nos momentos da roda, tipo tocar um instrumento, do jogo, do canto?

**Marci:** Não, não. Perceber eu não percebo não, mas **em atitudes, olhares, nos capoeiristas tem muito esse negócio do olhar né, de se conectar com o olhar, de se comunicar no olhar.**

E as expressões mostram que não é o seu lugar agora, pera aí, daqui a pouco, mas aí tá o empoderamento da mulher né... Ela tem que estar ali. Ela sabe se vai tocar, se vai cantar, se vai jogar, não tem que ter uma permissão. Esses negócios de machismo eu nem vejo, eu nem...deixo pra lá. Nem me importo!

A roda de capoeira, tradicionalmente, foi durante muito tempo observada como um espaço tipicamente masculino. Entretanto, ao longo da pesquisa, procuramos compreender se esta tradição ainda persiste. Neste aspecto, é interessante observar a contribuição de Bourdieu (2012, p.16) ao comentar sobre a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras), segundo a oposição entre o masculino e o feminino, recebendo as suas necessidades objetivas e subjetivas de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado), entre outros.

Assim, partindo da divisão apontada por Bourdieu, parece que a roda de capoeira também denota esse tipo de comportamento quando os homens se colocam em lugar de destaque, operando de forma subjetiva com intuito de invisibilizar o feminino através de uma prática de *hierarquia*, a segunda categoria

identificada correlacionando ao “comando”, “liderança”, “força”, “domino” e a relação com “instrumento”, como afirmou a entrevistada Caxixi:

**Caxixi:** Percebo em relação a instrumentação e na hora de entrar por exemplo, quando a gente marca para entrar, o cara vê que é uma mulher normalmente **eles não respeitam que é a nossa vez e entram na frente ou a gente tem que entrar forçada. Instrumento**, eu vi só, assim tipo não foi comigo, mas só reparei uma vez de... quando mulheres tocam por exemplo o Berimbau é... vejo muitos comentários, coisas assim meio chata, mas comigo só em roda mesmo.

**Pesquisador:** Que tipo de comentário assim você pode relatar pra gente?

**Caxixi:** Ah! Por exemplo: “Ah nossa não tá tocando direito” “Nossa nem dá pra escutar não sei o que”... aí quando troca pro homem“, Ah agora sim, agora sim” “ah agora tá legal“.

**Pesquisador:** Então, esse ambiente da capoeira, podemos dizer que é um ambiente por dominação masculina, você percebe isso ou imagina algo parecido com isso, ou não?

**Caxixi:** É dominação masculina, eu **acredito que tá mudando bastante, as mulheres estão tendo mais empoderamento**, querendo estar à frente também mostrar o lugar dela mas infelizmente **ainda domina o masculino**.

O que parece ficar negligenciado é que não há jogo individual, pois sempre será necessária a presença de mais de um jogador para que o jogo se realize, independentemente do gênero, sendo homem ou mulher, como ressaltado pela Cafeína:

Então eu acho que o **comando da roda deve ser direcionado por ambos**, embora, ou, seja homem ou mulher **comandando a roda não tem sexo**, o que tem ali é uma pessoa direcionando a roda, então independente de ser homem ou mulher tem que ter alguém comandando. Então para mim tanto faz mulher ou homem, acho que ambos. Deu pra entender? (Cafeína)

Fizemos às capoeiristas mais algumas perguntas: “Em torno dos instrumentos, em torno do comando da roda em si, ficam somente os homens ali, controlando o momento, comandando a roda, ou também há mulheres comandando a roda? Isso acontece de maneira imparcial? Como você percebe isso?” Essas indagações foram primordiais para a pesquisa, pois, por meio das respostas, foi possível notar como a hierarquia masculina é presente nas rodas:

É... a princípio os momentos que eu vivi até hoje **foram poucas as vezes que eu vi uma mulher comandando a roda**. Aconteceu em alguns momentos é... **quando eu fiz o encontro feminino, aconteceu porque era um encontro feminino e eu precisava de uma mulher ali pra tá comandando a roda**, tinha uma mulher lá mas

eram momentos específicos. A maioria das vezes os homens que tomam a frente nisso. (Faíska)

Sim, sim hoje por mais que a gente tenha todo esse **discurso de que a mulher está conquistando o seu espaço ainda é bem complicado né, principalmente no mundo da capoeira** que a gente tem que estar sempre batendo no peito com os homens que a gente vai jogar, porque se deixar eles passam na nossa frente não deixa a gente entrar, não dá aquele espaço para gente tocar pegar nos instrumentos, até que de um tempo pra cá melhorou bastante do período que eu iniciei a capoeira, mas mesmo assim poderia ter evoluído mais essa questão entendeu. Só que o pessoal, os meninos, vamos dizer assim ainda tem esse preconceito de mulher não tem força porque mulher não sabe cantar, menina joga depois tem essa questão muito alta ainda dos homens querer deixar as mulheres um pouco de lado. (Canela)

Sempre, claramente se quem estiver na organização da roda não separar um momento para ter o momento das meninas jogarem, a maioria das meninas não jogam, porque não são todas as meninas que conseguem entrar e jogar. E se alguém passar na frente e diz é minha vez eu vou. Se a gente **não se impõe para conseguir jogar** ter seu espaço a gente não consegue. Se o organizador da roda não separar esse momento pelo menos as meninas mais novas de graduação, aí que elas não jogam mesmo elas se sentem até intimidada para poder entrar na roda né. (Jambo)

Os capoeiristas ficam na roda batendo palma no ritmo do berimbau e cantando a música enquanto dois capoeiristas jogam capoeira. O jogo entre eles pode terminar ao comando do capoeirista no berimbau, que normalmente é o mais experiente.

As mulheres na capoeira, em sua grande maioria, ainda esperam dos homens uma certa permissão para transitar no espaço da roda e seus instrumentos, sem que sofram alguma forma de opressão. O que nossas entrevistadas relataram é que, na atualidade, o machismo está arraigado, mesmo que de forma subjetiva, dentro da capoeira.

Diante de comportamentos como esses, Bourdieu (2012) salienta que:

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (nif) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (Bourdieu, 2012, p.32-33)

Deixando o feminino dentro de uma condição de subserviência, diversas narrativas de mulheres na capoeira afirmam notar ou já terem passado por situações de opressão justamente por serem mulheres.

Na sequência da análise dos dados, foi possível perceber a emergência da categoria *atitude*, principalmente quando as participantes se referiram ao “ato de reprimir”, ao fato de se “sentir oprimida” e à “ação de podar”. Nas entrevistadas, em alguns casos, no que tange ao direcionamento da roda, Morena salientou que algumas mudanças são perceptíveis. Para Morena, o espaço da roda está mais igualitário, conforme a narrativa a seguir:

Eu acho que as coisas estão melhorando muito para o espaço feminino, né. A gente vê hoje muitos movimentos sendo liderados por mulheres, muitos movimentos sendo feitos para se discutir a participação de mulheres, mas eu ainda acho que a gente tem muitas barreiras a vencer. É a gente tem uma questão hoje que pra mim é muito forte, que a mulher pra ela ser, abro umas aspas aqui né, ser **respeitada** no sentido de ser considerada capoeirista, ela precisa ser muito além, ela precisa tá com um nível de homem né. Tanto que a gente escuta muito essa fala, “**nossa aquela ali é braba, ela joga que nem homem**”. **Só que eu não posso jogar como homem, eu sou mulher. Eu tenho que jogar como mulher e ser reconhecida e ser respeitada como tal.**

[...]

Vejo a capoeira como um espaço de inclusão, como um espaço de troca, de acolhimento. Que a gente fala muito isso também né. “**Não, a capoeira é pra todos, é pra todos.** A capoeira abraça, a capoeira é uma **luta de libertação**” e aí você **reprime, oprime** esses corpos. Então eu acho que a gente precisa ainda conquistar esse espaço é... como o corpo feminino dentro da roda de capoeira e **não como um corpo que tem se transformar em outra coisa que ele não é pra ele poder ser aceito.** E eu vejo muita resistência ainda, sabe.

[...]

Eu vejo muita resistência. Uma certa vez eu estava numa roda e aí uma colega minha abaixou, ela é uma excelente capoeirista, ela abaixou, teve que abaixar pra poder jogar, o rapaz que já estava já na vez dele, olhou pra trás e falou assim “**pode passar**”, **sabe tipo “não quero, isso não vai ser um jogo**”. E a menina manda bem pra caramba, mesmo se não mandasse né, acho que cada jogo é uma oportunidade de você aprender e você perde essa oportunidade porque você já é considera que aquilo ali não vai ser uma troca significativa.

Durante o diálogo, uma questão chamou a atenção em relação à hierarquia. Portanto, permanece a indagação: se o homem e a mulher, estando na mesma gradação, seja instrutor, professor, mestrando, contramestre ou mestre, se a entrevistada percebe que os dois, na mesma gradação, têm a mesma representatividade no ambiente capoeirístico ou se nota aí uma diferença? Morena respondeu:

Não, noto uma diferença. Acho que o **espaço de fala para gênero masculino ele é maior**. Pelo menos eu percebo nisso nos eventos que eu participo. O espaço de fala, o espaço tá **dominando** ali é... uma certa posição é maior. Então assim é... dependendo do lugar, vou dar um exemplo: se tem mestres né e aí você tem vários mestre-sala gênero masculino e feminino, provável... dificilmente você vai ter uma fala durante um bom tempo dessa representante feminina, no máximo ela é apresentada “oi gente taranrã...” e você tem as vezes uma fala desse representante masculino. Isso eu percebo nos lugares que eu frequento, que eu já fui. (Morena)

A forma como o corpo feminino se movimenta na roda se torna fator determinante para que ele seja ou não considerado ao ponto de ter um destaque positivo entre os homens, o que é reafirmado na fala de nossa entrevistada como essas representações femininas são enxergadas. Se joga uma boa capoeira pela perspectiva masculina machista, essa capoeirista terá mais acesso ao meio. Porém, isso não quer dizer que não irá sofrer nenhuma opressão. Apenas será aceita, permitida e vigiada.

Seguindo as proposições de Bardin (2016) desvendando significações de diferentes tipos de discursos e na fase de categorização, em um segundo momento, surgiram as categorias *exportação*, relacionando a cultura e arte e *discriminação* ao preconceito - o que é um caminho perceptível em toda trajetória da capoeira até os dias de hoje.

A capoeira no Brasil ainda parece, para grande parte da população, algo desconhecido, o que conseqüentemente gera estranhamento para essas pessoas ao ponto de reagirem com descaso a um elemento tão importante na história do Brasil.

A luta/dança segue como uma trajetória de resistência e opressão, assim como a temática desse estudo ao falar das mulheres na capoeira e suas lutas por representatividade. A capoeira emerge como fonte de riquezas em vários aspectos, tendo se tornado é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, reconhecida pela UNESCO, em 2008. No mesmo ano, a capoeira foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O reconhecimento pela UNESCO é uma conquista muito importante para a cultura brasileira, pois a capoeira se tornou um patrimônio a ser conhecido e praticado pelo mundo. Neste caso, acompanhando as entrevistas, indagamos sobre a capoeira ser valorizada ou não socialmente. Diante das respostas, destacamos as falas que evidenciam que sim, que a capoeira é valorizada

socialmente, mas fora do nosso país como produto de exportação da cultura e nossa arte:

Eu acho que alguns grupos, acho como talvez como produto de exportação lá fora, a capoeira talvez seja mais valorizada, mas aqui acho que as pessoas ainda não têm essa importância do que a capoeira é... do símbolo que a capoeira é a nível nacional né.

Como uma arte brasileira, como uma arte que trás na sua raiz muito da nossa cultura, da nossa história e eu acredito que nem os capoeiristas ainda tem essa consciência né, no sentido que a gente poderia dar mais valor a todas as partes da capoeira, a parte da história, a parte da música, da ancestralidade, eu acho que a gente não se liga muito nisso. E aí a gente acaba achando que ela pode ser conduzida de qualquer forma e realizada de qualquer forma em qualquer lugar. E eu acho que isso muito parte do que você... do valor que você dá pra capoeira. Então eu acho que falta muito. Eu acho que como produto de exportação talvez lá fora ela seja vista de uma forma diferente, mas a nível social no Brasil e também pelos capoeiristas acho que ainda falta um pouquinho. Mas eu acho que é conhecimento, a gente precisa conhecer melhor a nossa arte, acho que quando a gente não conhece a gente...sabe... trata as coisas um pouquinho mais de qualquer jeito então a gente precisa estudar um pouco mais e se envolver. (Morena) Porque eu percebo que **no Brasil ainda temos o problema preconceito com a Capoeira, essa coisa da intolerância por ser uma coisa né... é... uma arte que vem da cultura negra, tem toda essa relação ainda do racismo.** As pessoas falam que não mas tem sim. Eu que dou aula em escola pública quantas vezes o pai, a mãe fala que **"não meu filho não vai fazer capoeira porque é coisa de macumba"** porque não sei o que.

[...]

Quando a gente vai ver... outro dia eu conversando com o Fernando das Sambadeiras, que eu também faço parte das Sambadeiras de Bimba Japilocas, e aí **um estrangeiro tinha tanta coisa do avô dela no caso de mestre Bimba tanta coisa que ela mesmo sendo da família, a própria família não tinha.** (Betinha)

Não. Acho que não cara. Acho que tem que ser mais valorizada. Onde eu dou aula de capoeira mesmo eu fico reparando que não é valorizado. Que vários professores de outras coisas, porém é... de balé... é mais valorizado do que a capoeira. (Gata)

A valorização da capoeira pela sociedade brasileira ainda é incipiente. E, dessa forma, a imagem das pessoas que a praticam é prejudicada, pois sofrem com os estigmas do passado, quando a capoeira era ligada ao ato de vadiagem.

Entretanto, a capoeira vem conquistando um grande espaço em outros países em outras culturas que enxergaram nela suas possibilidades e riquezas, que vão além da ginga do capoeirista.

Passando de uma cultura pouco valorizada pelos brasileiros ou parte deles, e seguindo um fluxo contrário em países europeus e no resto do mundo, algumas pessoas ainda veem a capoeira com olhar discriminatório, salientado por Marci que *"aqui no Brasil não. Lá fora é mais. Porque aqui ainda tem muita discriminação de capoeira, o povo achar que capoeira é vadiagem, capoeira*

*não é uma profissão”. E para Caxixi, “eu acho que em respeito, a organização também e educação em si porque tem muito grupo que não tem assim esse respeito, essa...mostra essa valorização da capoeira em si.”*

A luta pelo reconhecimento da Capoeira não é uma luta recente e que nasceu junto com a luta pela libertação dos escravos, dificilmente podendo ser separadas na história. Entretanto, a *capoeira* pode nos ajudar a enfrentar os preconceitos e as discriminações do *nosso país*. *Trata-se de um processo de reconhecimento, que segue ainda a passos lentos, conforme pontuado pelas capoeiristas a seguir:*

Eu acho, olha tem partes assim, certos momentos que eu vejo que não, mas ultimamente eu tô vendo bastante valorização sabe. Isso depende muito dá gente né mostrar, levar, apresentar, porque tem muita gente que não conhece, não sabe o que que é. Então basta você explicar né e mostrar e... pra entender realmente o que é para eles aceitarem porque tem muita gente que não conhece. **(Borboleta)**

Valorizada, então é, eu acho que a capoeira ela não é valorizada o quanto ela deveria, mas hoje ela tem um pouquinho só de reconhecimento, mas ela não é o que deveria ser, mas ela é um pouco entendeu. E a minha justificativa é porque ela já está nas escolas já está nas faculdades né já está em escolas de lutas, em creches então pra ela chegar nesse lugar é porque teve um pouquinho de reconhecimento, e o valor que ela tem. **(Cafeína)**

Não, já foi bem pior quando eu comecei criança era bem pior estigmatizado mesmo que era coisa de rua que era descalço que não era bem pior que hoje, acho que ela poderia ser mais valorizada. **(Jambo)**

Este estudo, para além de discutir o feminino na capoeira, também teve como objetivo contribuir para a valorização e reconhecimento que a capoeira deve ter pelos brasileiros. Assim como a capoeira surgiu do anseio por liberdade dos negros escravizados no Brasil, acreditamos que ela chegará a níveis maiores de reconhecimento e valorização.

### **Considerações finais**

Este artigo, conforme salientamos inicialmente, é um recorte da dissertação defendida em 2022, que foi realizada integralmente no contexto da pandemia da Covid-19. Diante daquela “nova realidade”, os caminhos metodológicos foram adaptados para que os objetivos da pesquisa fossem devidamente alcançados, ou seja: compreender, a partir das narrativas de mulheres que fazem parte da capoeira, quais são as questões que envolvem as

relações de gênero e como a roda de capoeira revela o cotidiano nos grupos de capoeira.

Na primeira parte do estudo, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, salientando a necessidade de adaptação e criatividade para a realização da pesquisa, no contexto pandêmico. Um fator interessante foi o uso de tecnologias / ferramentas como Google Forms para a obtenção de dados quantitativos e informações que definiram a etapa seguinte, as entrevistas. A impossibilidade de contato físico exigiu repensar as possibilidades de conversar com os sujeitos da pesquisa e, neste processo, o uso das plataformas Google Meet e Teams foram decisivas. Outro fator importante a ser comentado, possibilitado pelo uso das respectivas plataformas, foi o contato virtual com mulheres capoeiristas de outras regiões do país.

Neste sentido, através do uso das tecnologias, a pesquisa alcançou o êxito esperado: garantiu o acesso aos sujeitos da pesquisa e a coleta de dados satisfatoriamente e, além disso, com as entrevistas realizadas remotamente, os encontros foram acordados de forma flexível.

Na segunda parte do artigo, analisamos as entrevistas e, conforme pudemos observar, as análises das narrativas das mulheres demonstraram as dificuldades e as conquistas em relação à prática e aprendizagem da capoeira. De um lugar tipicamente masculino, nas últimas décadas, a inserção das mulheres capoeiristas conduziu e conduz uma mudança interessante sobre as relações de gênero nos grupos de capoeira.

Assim, a capoeira é uma prática que envolve saúde, empoderamento e aprendizado. No entanto, de acordo com os discursos das entrevistadas, o machismo ainda faz parte do universo simbólico da roda de capoeira. A dominação masculina persiste na roda, conforme enfatizou a capoeirista Merci: “porque eles querem tá sempre cantando, sempre cortando, sempre jogando, tudo eles primeiro...”.

A persistência das capoeiristas demonstram que se, no passado, a roda era “lugar de homem”, na atualidade, a roda é lugar de homens, mulheres e de quem quiser estar e vivenciar os inúmeros benefícios desta arte.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASTRO, M. R. de; FERREIRA, G.; GONZALEZ, W. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Nova Iguaçu-RJ: Marsupial, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GASPAR, R. A. **Pesquisa e produção do conhecimento sobre capoeira no Brasil: abordagens e tendências**. Trabalho apresentado no 4º Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, Faxinal do Céu, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, L. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa Acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**. Vol. 6, n. 12, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 02 out. 2024.

PIRES, A. L. C. S. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre a cultura e classes trabalhadoras (1890- 1937)**. Tocantins: NEAB; Grafset, 2004.

ROGERS, C. **Tornar-se Pessoa**. 7. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1985.

SCHROEDER, A.; VIEIRA, J. R. L.; SILVA, M. C. P. Corpo, cultura e Paulo Freire: a capoeira como possibilidade de uma educação na perspectiva da emancipação humana. UFBA, Salvador, Bahia. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 538-555, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/44066>. Acesso em: 28 abr. 2018.

***Metodologias e experiências interdisciplinares em  
educação***

# O MEDO DE ERRAR: OBSTÁCULOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE PROFESSORES-MESTRANDOS DE SOCIOLOGIA

## THE FEAR OF MAKING MISTAKES: OBSTACLES TO TEACHING AND LEARNING OF TEACHERS PURSUING A MASTER'S DEGREE IN SOCIOLOGY

**Alexandre Zarias**

Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco  
Professor Adjunto - Escola Superior de Educação Física  
Universidade de Pernambuco  
[alexandre.zarias@fundaj.gov.br](mailto:alexandre.zarias@fundaj.gov.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-1198-7328>

*O medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida (Spinoza, 2021, p. 143)*

**Resumo** - O objetivo deste artigo é analisar as diferentes configurações do medo em processos de socialização no ensino e aprendizagem de professores-mestrandos de Sociologia. Para isso, foram produzidos dados qualitativos por meio de um grupo focal online. O grupo foi composto por vinte e seis docentes da educação básica pública que também eram alunos do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), em Recife-PE. A atividade ocorreu durante a realização virtual da disciplina de metodologia da pesquisa, no ano de 2021, período em que medidas de distanciamento físico foram adotadas para conter a Covid-19. Ao investigar quais emoções se apresentam como barreiras nos processos de ensino e aprendizagem, o medo destacou-se entre as respostas. Esse medo refere-se, principalmente, ao medo de errar, que está associado à falha, ao fracasso escolar, ao perfeccionismo e à incapacidade de atender às demandas de professores no âmbito escolar e universitário. Pelo fato de os integrantes do grupo focal serem ao mesmo tempo professores da educação básica e mestrandos, a reflexão acerca do medo permitiu correlacionar as experiências e sensações vivenciadas no passado com aquelas do presente. Nesse sentido, o medo conecta diferentes tipos de socialização pelos quais passaram os professores-mestrandos, revelando traumas do passado associados às suas experiências escolares nos ensinos fundamental, médio e superior, e expressando também as angústias em relação à realização do mestrado profissional em Sociologia. Os resultados desta investigação apontam para as dimensões afetivas nos processos de

ensino e aprendizagem, as quais são negligenciadas ao longo da vida escolar e acadêmica. Esse fato constitui um rico campo para a antropologia e a sociologia das emoções em sua tarefa de investigar as relações sociais na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Medo; Ensino; Perfeccionismo; Grupo Focal; Professores.

**Abstract** - The aim of this article is to analyze the different configurations of fear in the teaching and learning socialization processes among Sociology teachers who are also master's students. For this purpose, qualitative data were produced through an online focus group. The group was composed of twenty-six public basic education teachers who were also students in the National Network Professional Master's Degree in Sociology (ProfSocio) at the Joaquim Nabuco Foundation (Fundaj) in Recife, Pernambuco. The activity took place during the virtual delivery of the research methodology course in 2021, a period when social distancing measures were adopted to contain the COVID-19 pandemic. In investigating which emotions present themselves as barriers in the teaching and learning processes, fear stood out among the responses. This fear refers mainly to the fear of making mistakes, which is associated with failure, academic failure, perfectionism, and the inability to meet the demands of professors in the school and university context. Because the focus group participants were simultaneously basic education teachers and master's students, reflection on fear allowed for correlating the experiences and sensations lived in the past with those of the present. In this sense, fear connects different types of socialization that the teacher-master's students have undergone, revealing past traumas associated with their school experiences in elementary, middle, and higher education, and also expressing anxieties regarding the completion of the professional master's degree in Sociology. The results of this investigation point to the affective dimensions in teaching and learning processes, which are neglected throughout school and academic life. This fact constitutes a rich field for the anthropology and sociology of emotions in their task of investigating social relations in contemporary times.

**Keywords:** Fear; Teaching; Perfectionism; Focus Group; Teachers.

## Introdução

Este artigo foi desenvolvido a partir da necessidade de delimitar, teoricamente e metodologicamente, o medo entre professores-mestrandos<sup>60</sup> que

---

<sup>60</sup> Utilizo a designação “professores-mestrandos” para referir-me às pessoas que participaram do grupo focal que originou os dados deste estudo. São professores porque atuavam na educação básica e, ao mesmo tempo, mestrandos matriculados no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio). Esse mestrado em rede integra o Programa de

participaram da disciplina de Metodologia da Pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), em Recife-PE, no ano de 2021. Durante as aulas virtuais, por meio de áudios ou chats, a palavra “medo” era frequentemente mencionada. Esse sentimento de medo não se originava apenas do contexto desafiador da pandemia e das medidas de distanciamento físico, mas também do fato de que o grupo, composto por docentes com mais de dez anos de experiência no ensino médio e há muito tempo afastados da universidade, ingressava no mestrado profissional, enfrentando novos desafios pessoais e profissionais. Nesse cenário, a disciplina de Metodologia da Pesquisa era percebida como particularmente complexa, sendo referida como um “bicho-papão”. Como professor responsável pela disciplina, aproveitei essa ocasião para investigar os sentidos do medo em processos de ensino e aprendizagem enquanto discutia técnicas de pesquisa, especificamente, o método de grupo focal.

Em maio de 2021, quando a pesquisa foi realizada com os professores-mestrandos, o Brasil enfrentava um período crítico da Covid-19, que registrava um número elevado de casos e mortes. Após um pico em março e abril, os números começaram a mostrar sinais de estabilização, porém permaneciam altos, exercendo pressão sobre o sistema de saúde. A campanha de vacinação estava em andamento, enfrentando desafios como atrasos nas entregas de vacinas e disparidades na distribuição entre os estados. Até o final daquele ano, uma parcela da população havia recebido pelo menos a primeira dose, mas a cobertura vacinal completa ainda estava abaixo do ideal. Diversos estados e municípios adotavam ou mantinham medidas de restrição para tentar controlar a propagação do vírus. As agendas sanitárias variavam, com algumas regiões adotando medidas mais rígidas, enquanto outras começavam a relaxar as restrições, dependendo do setor econômico da sociedade. Na área de educação, vivíamos a experiência inédita de um ensino virtual em todos os níveis.

Nesse contexto, especificamente, no ProfSocio, o medo da morte e os riscos à integridade física somavam-se ao medo do desconhecido, incluindo o

---

Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica (ProEB), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo objetivo é qualificar, em nível de pós-graduação, professoras e professores de diferentes áreas.

ensino virtual, a retomada da vida acadêmica em nível de mestrado e o desafio de desenvolver um trabalho de conclusão de curso em plena pandemia. Para delimitar esse quadro, também cabe destacar o duplo papel dos cursistas que frequentaram as aulas da disciplina de Metodologia de Pesquisa: durante o dia, ensinavam virtualmente, acumulando várias turmas ao longo da semana; à noite, nas mesmas condições, atuavam como estudantes. O ensino virtual durante a Covid-19 promoveu um processo despersonalizante, caracterizado por interações restritas a telas de computador em condições precárias de acesso a equipamentos e conexão de internet adequada. As comunicações limitavam-se frequentemente ao uso mínimo das câmeras, impedindo a expressão visual completa dos participantes. Além disso, o diálogo ocorria de forma artificial, com tempos de resposta dessincronizados em comparação às conversas presenciais, dificultando a construção de vínculos e a dinâmica natural das interações humanas.

A seguir, realizo uma breve análise sobre o medo como objeto de uma sociologia e antropologia das emoções para estabelecer sua posição no contexto educacional, com base na experiência realizada com os mestrandos da disciplina de Metodologia de Pesquisa do ProfSocio. Em seguida, destaco o processo metodológico, descrevendo a realização de um grupo focal de forma online, cujo objetivo foi desvendar uma experiência compartilhada por um conjunto específico de pessoas, ao mesmo tempo em que forneceu orientações metodológicas de natureza qualitativa. Após essa descrição, analiso os dados obtidos, demonstrando que o medo, conforme revelado, está diretamente relacionado ao medo de errar, cujas raízes estão nos processos de ensino e aprendizagem vivenciados pelos professores e professoras em suas experiências estudantis desde o ensino fundamental até o superior.

### **Medo, emoções e experiências de ensino e aprendizagem**

Objeto de reflexão em diversos campos do saber, como a filosofia, história, psicologia, biologia, neurociência e ciências sociais, o medo é amplamente reconhecido como uma das emoções humanas fundamentais. Mas o que são, afinal, as emoções? Para responder a essa questão, recorro ao historiador Richard Firth-Godbehere. Segundo ele, "as emoções são apenas um

punhado de sentimentos que os ocidentais de língua inglesa colocaram em uma caixinha há cerca de duzentos anos. As emoções são uma ideia moderna - uma construção cultural" (Firth-Godbehere, 2022, p.11). Não se pode negar os avanços da moderna neurociência no desvendamento dos mecanismos neuroquímicos implicados nos processos emocionais, tampouco a dimensão subjetiva que faz da expressão das emoções um dos elementos constitutivos de nossas identidades nas relações uns com os outros. Importa saber, para nós cientistas sociais, que as emoções não são substâncias ou entidades autônomas, como aparecem, por exemplo, na festejada animação *Divertida Mente*, da Pixar Animation Studios, mas sim uma dimensão da vida afetiva que se modifica constantemente por conta da multiplicidade de possibilidades de interação humana (Zarias, Le Breton, 2019).

A emoção "medo", em português, tem sua raiz na palavra latina "metus", que abrange os sentimentos de temor, apreensão ou ansiedade. Para Darwin (2000, p.271), o medo (*fear*, em inglês) remete àquilo que é repentino e perigoso, referindo-se etimologicamente ao "tremor dos órgãos vocais e do corpo". Culturalmente, temos várias categorias para designar nossas experiências de medo. Segundo o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (2010, p.408-409), também usamos as palavras "pânico, pavor, terror, temor, receio, covardia, paúra, apavoramento, acovardamento" etc. Ao contrário, isto é, designando a emoção contraposta, nos referimos a "coragem, ânimo, braveza, bravura, valor, destemor, valentia, brio", entre tantas outras.

O medo é um dos temas centrais da análise que Norbert Elias (2013, p.202) faz da sociedade medieval guerreira europeia, destacando-se como uma ferramenta de autocontrole capaz de "reduzir os contrastes e mudanças súbitas de conduta e a carga afetiva de toda auto-expressão". Modernamente, segundo Zygmunt Bauman (2008), nossas experiências de medo assumem social e culturalmente diferentes dimensões e significados. Ele nos explica que os perigos que provocam medo podem ser classificados em três categorias: aqueles que ameaçam o corpo e os bens, aqueles que comprometem a estabilidade da ordem social, como renda e emprego, e aqueles que afetam a posição social, a identidade e o risco de exclusão. As pessoas podem sentir insegurança e vulnerabilidade diante de qualquer um desses tipos de perigos,

independentemente das evidências objetivas de contribuição ou responsabilidade associadas a cada um.

Durante a pandemia, o corpo, os bens e a estabilidade da ordem social foram diretamente ameaçados, provocando um medo generalizado em escala global. Além dos processos de adoecimento e mortalidade, instaurou-se um processo de empobrecimento que atingiu severamente as camadas mais vulneráveis da sociedade. Nesse clima, o medo assumia mais uma de suas máscaras entre os professores-mestrandos do ProfSocio: o medo de falhar e de não concluir o curso entre as pessoas que assumiram esse desafio em plena emergência sanitária. Para caracterizar essas condições descritas por Bauman, também é útil recorrer à noção de "comunidade emocional", empregada por Barbara Rosenwein (2011, p.7), no sentido de "grupos sociais cujos membros aderem às mesmas valorações sobre as emoções e suas formas de expressão".

Em um sentido estrito, considero a turma de discentes do curso de Metodologia da Pesquisa de 2021 como uma comunidade emocional da qual eu fazia parte. Estávamos submetidos aos mesmos medos de morrer, adoecer e ver nossos parentes, pessoas próximas, amigas e amigos afetados pelo coronavírus. Para além disso, o que nos diferenciava era que os professores-mestrandos manifestavam seu medo em relação à disciplina de Metodologia da Pesquisa e ao mestrado, ao passo que esse fato despertava em mim uma curiosidade sociológica e antropológica acerca dos processos de ensino e aprendizagem e sua relação com o medo.

O estudo de Simone Martins da Silva e Adriane Ribeiro Rosa (2021), que revisa diversas pesquisas que analisaram os impactos da Covid-19 na educação, em diferentes partes do mundo, aponta que a ruptura da rotina escolar e o fechamento das escolas afetaram significativamente a saúde mental dos estudantes. Os sintomas mais comuns incluíam medo, solidão, angústia e alterações de sono, das quais podem decorrer estresse, ansiedade e depressão. Esses impactos foram mais severos em grupos vulneráveis, como estudantes com deficiências, aqueles de baixa renda e aqueles sem acesso adequado à tecnologia. Professoras e professores também foram diretamente afetados por esses processos, além de enfrentarem, em muitos casos, jornadas de trabalho extenuantes. Esse cenário foi agravado pelo fato de que muitas instituições de ensino, de maneira geral, não possuíam as condições estruturais e

organizacionais necessárias para oferecer respostas imediatas e eficazes. Isso tornou ainda mais difícil mitigar os efeitos da exclusão educacional, amplificados pela ausência de suporte adequado e políticas públicas consistentes que assegurassem a equidade e a inclusão no acesso à educação. Em resumo, a pandemia exacerbou desigualdades preexistentes, impactando de forma desproporcional aqueles que já se encontravam em situações de vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que sobrecarregou os profissionais da educação em um ambiente insuficientemente preparado para lidar com a crise emergente.

Nesse cenário permeado por diversos medos, o medo latente de falhar, de não cumprir tarefas e metas associadas ao mestrado emergiu como um tema de reflexão constante nas aulas de Metodologia da Pesquisa. Para Yosopov *et al.* (2024, p.709), o medo do fracasso (*fear of failure*, ou FF, na sigla em inglês) “é um estado de preocupação em relação à possibilidade de fracassar e às consequências adversas associadas ao fracasso”. Nesse sentido, o medo, enquanto emoção ou sentimento presente nos processos de ensino e aprendizagem, não é uma novidade. Diversos estudos têm buscado compreender esse fenômeno, identificando-o como uma das principais barreiras para o desenvolvimento acadêmico e cognitivo. A literatura aponta que o medo pode inibir a criatividade, a confiança e a capacidade crítica dos estudantes, limitando sua participação ativa em discussões e atividades intelectuais. Além disso, ele frequentemente se associa a questões de autossabotagem, ansiedade e esgotamento mental, tornando-se um fator determinante das experiências formativas.

Por exemplo, no artigo “Research on the Correlation Between Fear of Negative Evaluation and Perfectionism among College Students” (Xu, 2024), investiga-se a relação entre o medo da avaliação negativa e o perfeccionismo em estudantes universitários por meio de questionários aplicados com 315 estudantes de diferentes regiões e anos acadêmicos na China. Os resultados mostraram que os escores de medo da avaliação negativa e perfeccionismo aumentam conforme os estudantes avançam nos anos acadêmicos. Além disso, o estudo encontrou uma correlação positiva significativa entre o medo de avaliação negativa e o perfeccionismo, com ênfase na dimensão “medo de cometer erros”, que foi identificada como o principal fator que afeta a saúde

mental dos estudantes. Outro exemplo, dentro desse campo de discussão, embora não trate especificamente do medo, é o estudo de Newman *et al.* (2019), que explora como certas emoções e estratégias de regulação emocional estão associadas ao perfeccionismo em estudantes universitários. As principais emoções analisadas incluem a ruminação, que é o ato de repetir constantemente pensamentos negativos sobre erros ou falhas, e a supressão emocional, que se refere ao esforço de reprimir ou esconder emoções negativas. Ambas interferem nos processos de ensino e aprendizagem ensejando atitudes de procrastinação (Yosopov *et al.*, 2024).

### **O grupo focal e o medo de errar**

A razão para a realização de um grupo focal, em um contexto de medo generalizado decorrente da pandemia e de um contexto específico relacionado às expectativas dos professores-mestrandos na disciplina de Metodologia de Pesquisa, foi dupla. Por um lado, realizar um exercício de modo virtual, simulando a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa. Por outro, desvendar a relação entre o medo e os processos de ensino e aprendizagem. É importante ressaltar que a realização do grupo focal não estava prevista no plano da disciplina, tendo surgido como uma necessidade decorrente desse contexto.

Antes de abordar o perfil dos participantes, o desenho da pesquisa e os procedimentos adotados para a realização do grupo focal, é necessário definir o que entendo a respeito. Para Kitzinger e Barbour (*apud* Barbour, 2009, p.21), "qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, desde que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo". Para mim, essa definição é demasiadamente genérica. Tomando a técnica pelo óbvio, para a realização do grupo focal, é necessário ter "foco", ou seja, é fundamental haver um ponto de convergência para o qual a atenção do grupo seja direcionada, não bastando uma participação atenta e animadora da pesquisadora ou pesquisador que faz a mediação das interações entre os participantes. Esse foco pode significar a resolução de um problema específico, tais como a definição de políticas públicas para determinada área da educação ou saúde; o estabelecimento de procedimentos para a execução de políticas públicas já existentes; estratégias de marketing para a venda de um produto; ou

ainda critérios de avaliação e apreciação desse produto. O grupo focal, definitivamente, não significa formular perguntas a um grupo de pessoas e esperar a reação de cada uma delas. Nesse sentido, seria mais adequado nos referirmos a uma discussão em grupo ou a uma entrevista em grupo.

Os participantes do grupo focal, conforme mencionado anteriormente, eram mestrandos do ProfSocio da Fundaj matriculados na disciplina de Metodologia da Pesquisa, em 2021, e atuavam como professores da educação básica. O grupo que participou da atividade era composto por 15 participantes do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades variando de 30 a 43 anos. Somamos 26 pessoas participantes de um total de 32 duas matriculadas na disciplina. A maioria possuía mais de dez anos de experiência profissional e era formada em áreas das humanidades, principalmente em História, Geografia e Letras. Todos ensinavam ou, em algum momento da carreira, foram responsáveis pelo componente curricular de Sociologia no ensino médio, embora apenas três tivessem formação inicial em Ciências Sociais. Nossas aulas ocorriam uma vez por semana, à noite, a partir das 19h, de forma online por meio do aplicativo Google Meet.

No decurso da disciplina, os professores-mestrandos foram consultados sobre o interesse de participar da atividade que foi intitulada "Emoções e Aprendizagem", comprometendo-se com sua realização a partir da assinatura eletrônica de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), no qual foram explicitados o objetivo do grupo focal, seus procedimentos, os riscos e benefícios para seus participantes, os termos de confidencialidade e contato para dúvidas subsequentes. Durante o processo eletrônico de obtenção das respostas, nenhuma informação que pudesse identificar os participantes foi colhida e os dados produzidos foram armazenados em computador pessoal em pasta protegida por criptografia.

Assim, durante o horário reservado para a oferta da disciplina, realizamos o grupo focal, que durou duas horas. Contamos com um guia de 14 perguntas, que foram respondidas por meio de um formulário eletrônico, cada uma seguida de um debate entre os participantes. A dinâmica teve como pauta e ponto de partida uma contação de história de *O Menino que tinha medo de errar*, livro de autoria de Andrea Viviana Taubman, publicado em 2012 pela editora Escrita Fina. Outras duas fontes de inspiração para a realização do grupo focal foram a

experiência da professora Denise Ferreira, com sua atividade "Medo da escola: trabalhando sentimentos e autoestima", disponível no blog "Papo da Professora Denise: ideias e inspiração para educar"; além do livro *Educar com fábulas* (2009), de autoria de Alfonso Francia.

O principal personagem de *O Menino que tinha medo de errar* é Pedro, uma criança que se recusa a brincar de bola com seus amigos e prefere ficar sozinha em casa assistindo a televisão, por medo de errar diante de outras pessoas. Quando chegou o momento de ir para a escola e ser alfabetizado, o medo de errar começou a afetar seu aprendizado, manifestando-se através de atitudes de raiva, choro, arrepios, calafrios e recusas. A história de Pedro muda de direção quando ele adormece e sonha com uma fada, a "Fada das crianças que têm medo de errar". Em seu sonho, Pedro é conduzido pela fada até o "Reino da Perfeição", onde tudo era da mesma cor, do mesmo tamanho: as ruas, as casas, as flores e as árvores. No entanto, não havia pessoas, o que chamou a atenção de Pedro, que perguntou por qual razão. E a fada lhe respondeu: "Ninguém mora aqui, Pedro. No Reino da Perfeição, não se permite errar. Por acaso você conhece alguém que nunca errou? Pedro coçou a cabeça, pensou, pensou... não conseguiu se lembrar de nenhuma pessoa que só soubesse acertar!" (Taubman, 2012, p.26). Depois de acordar, Pedro decidiu mudar sua vida, perdeu o medo de errar, e passou a brincar com os amigos e a gostar de aprender coisas novas na escola.

A partir dessa história infantil, foram construídas a dinâmica do grupo focal, bem como as categorias analíticas que serviram de base para a compreensão das diferentes configurações do medo nos processos de socialização, ensino e aprendizagem de professores-mestrandos de Sociologia. Para tanto, foi construída a seguinte lista de questões: 1) Para você, quais emoções ou sentimentos atrapalham a aprendizagem? 2) O que é medo? 3) Como você sabe que outra pessoa está com medo? 4) Quando você está com medo, quais sensações você percebe em si mesmo? 5) Em quais ocasiões você sente medo? Por quê? 6) Com quais situações da história você se identifica? 7) Qual título você daria para essa história? 8) Se você fosse fada, o que faria? 9) Se você fosse o Pedro, o que pediria à fada? 10) O que você achou da história? 11) Seus alunos e alunas sentem medo de errar? Dê exemplos. 12) Você sente medo de errar? Dê exemplos. 13) Quais medos você sente em relação ao

mestrado? 14) Como superar os medos que você sente em relação ao mestrado?

Para fins analíticos, esse conjunto de perguntas foi dividido da seguinte forma: 1) Aproximação em relação ao tema emoções, ensino e aprendizagem; 2) Definição do que é medo; 3) Percepções sobre o medo em mim e nas outras pessoas; 4) Contextos de emergência do medo; 5) Possíveis soluções para amenizar o medo; 6) A medo de errar entre estudantes durante o meu exercício profissional como docente; 7) O meu medo de errar; 8) Os meus medos e o mestrado; e 9) Como lidar com meus medos no mestrado. Dentro desse quadro, foi realizada a leitura conjunta do livro *O Menino que tinha medo de errar* em cinco etapas. Sem apresentar o título aos participantes do grupo focal, foi lida a primeira parte da história, que trata, de forma genérica, dos medos de Pedro e de como ele os externalizava. Na segunda etapa de leitura conjunta, identificou-se esse conjunto de medos como o "medo de errar". Nesse momento, apresentou-se o título do livro. Na terceira etapa, a leitura seguiu até o encontro onírico de Pedro com a "Fada das crianças que têm medo de errar". Na quarta etapa, chegou-se ao "Reino da Perfeição". Por fim, a leitura prosseguiu até o momento em que Pedro perdeu seus medos.

As respostas às perguntas foram registradas pelos próprios participantes em um formulário eletrônico específico. Após a resposta a cada uma delas, foi realizada uma breve discussão sobre o tema da pergunta, momento este em que foram registradas falas significativas em um caderno de anotações. Ao final da dinâmica de grupo, discutiu-se o alcance de sua realização tanto em relação à percepção do tema quanto em relação à utilização da técnica para a produção de dados na redação do trabalho de conclusão de curso do mestrado. Os resultados dessa atividade são apresentados logo a seguir.

### **Dos medos ao medo como experiência escolar**

Seguindo a metodologia descrita anteriormente, apresento os resultados da análise dos dados produzidos durante a realização do grupo focal. Adoto uma análise de conteúdo de natureza qualitativa, baseada na criação de códigos e categorias analíticas (Gibbs, 2009), observando as etapas de leitura do livro *O menino que tinha medo de errar*, a sequência de perguntas aplicadas e a

estrutura que as organizou. Destaca-se que uma grande quantidade de dados foi produzida e que o texto apresentado representa um recorte do material, sem a pretensão de esgotá-lo.

Quando questionados sobre quais emoções ou sentimentos atrapalham a aprendizagem, os professores-mestrandos indicaram a ansiedade, o medo, a insegurança e a baixa autoestima que, segundo eles, geram um ambiente emocional desfavorável para o aprendizado. Além disso, sentimentos como raiva, frustração, desmotivação e estresse também foram referenciados negativamente por afetarem o desempenho acadêmico, dificultando a concentração e o engajamento com o conteúdo. Embora menos frequentes, o orgulho e o excesso de confiança também foram apontados como obstáculos à aprendizagem. Apresentadas essas respostas, foi informado aos participantes do grupo focal que trataríamos especificamente do medo a partir da leitura de uma história infantil.

As definições de medo fornecidas pelos participantes revelam que ele é visto principalmente como algo que paralisa, bloqueia ou incapacita. Ao mesmo tempo, algumas respostas sugerem que ele pode ter um papel protetor, servindo como um alerta frente a perigos. As definições giram em torno de insegurança, incapacidade, incerteza, e impotência, demonstrando o caráter polissêmico e subjetivo dessa emoção. Para além da subjetividade, o medo é percebido nas outras pessoas por meio de expressões corporais e faciais, bem como pelas mudanças no tom de voz. Ele é reconhecido como uma emoção que afeta profundamente o corpo e os comportamentos, sendo visível principalmente em reações involuntárias, como tremores e gagueira. A leitura desses sinais pode, segundo os participantes, em alguns casos, exigir familiaridade com a pessoa que se observa, mas, em geral, houve um consenso de que o medo se expressa de forma universal por meio do corpo. Mudando de perspectiva, isto é, tornando-se consciente do próprio corpo, reconheceu-se que o medo provoca reações físicas e emocionais intensas, que variam de sudorese e tremores a paralisia mental e sensação de pânico. A maioria das pessoas relatou sintomas como taquicardia, tremedeira e bloqueio de fala, indicando que o medo afeta profundamente tanto o corpo quanto a mente. A paralisia, o nervosismo e o descontrole foram elementos comuns citados, enquanto um dos participantes disse que o medo é uma "sensação física tão extrema que beira o insuportável".

Esse conjunto de respostas nos revela que o medo se estrutura como uma sensação física e psicológica. Além de provocar reações físicas visíveis nos outros, e em nós mesmos, o medo é capaz de nos paralisar, impedir de agir, exigindo igualmente tentativas de controle.

Quando foram abordadas as ocasiões e situações que nos provocam medo e suas razões, contrapostas à história de Pedro, que tinha medo de brincar com os amigos e de ir para escola, os participantes revelaram que essa emoção está profundamente ligada à falta de controle, seja em relação ao próprio desempenho, à saúde, ao futuro ou às expectativas sociais. Segundo eles, o medo é um sentimento que permeia vários aspectos da vida pessoal e profissional, e está fortemente associado à incerteza, vulnerabilidade e ao medo do fracasso. A exposição social, as incertezas da vida e o receio de perder pessoas ou oportunidades são os principais fatores que geram medo nas situações descritas.

Especificamente, o medo estrutura diferentes aspectos da vida. Profissional e academicamente, destaca-se o medo de fracassar em projetos, avaliações ou no cumprimento de prazos. Esse medo está diretamente relacionado ao desempenho e à pressão social. Temas como saúde e morte também surgiram no relato de preocupações com doenças, dor e a possibilidade de morte, tanto a própria quanto de pessoas próximas. A exposição social também é uma variável importante de ser considerada na medida em que indica o medo de ser avaliado, criticado ou julgado, principalmente em situações de exposição pública ou interação coletiva. Finalmente, outra dimensão do medo diz respeito ao futuro e às incertezas que ele nos traz, da nossa incapacidade de controlar o próprio destino ou lidar com as mudanças que a vida e o mundo trazem.

A partir desse momento da discussão, a fada foi introduzida na história como uma metáfora para as atitudes que podem ser tomadas diante do medo. A maioria dos participantes do grupo focal via o medo de errar como um problema que pode ser enfrentado por meio de coragem, aceitação do erro e suporte emocional. Há uma ênfase na compreensão de que errar é parte do processo de aprendizado, o que é comum entre as pessoas. Ao mesmo tempo, algumas respostas sugerem uma mudança no ambiente escolar para torná-lo mais acolhedor e menos ameaçador, reforçando a ideia de que o medo pode ser

mitigado com a criação de contextos de apoio. A necessidade de autoconfiança, autocontrole e resiliência também aparece como um desejo central, refletindo a complexidade de lidar com o medo em diferentes áreas da vida. Além disso, houve uma ênfase na importância de lidar com traumas e melhorar as relações interpessoais como parte do processo de enfrentamento dos medos internos.

Passando de contextos gerais para específicos, indagou-se como os professores-mestrandos compreendiam o medo de errar de seus estudantes. As respostas indicaram que os alunos sentem medo de errar, especialmente em situações de exposição, como apresentações orais, seminários e discussões em sala de aula. Esse medo está ligado tanto ao receio de ser julgado pelos colegas e professores quanto à falta de autoconfiança. A pressão social, o medo de ridicularização e a ansiedade são fatores importantes indicados como impedimentos para a participação ativa dos alunos, levando muitos a evitar totalmente essas atividades. Além disso, a falta de apoio em casa e o impacto das reações dos professores foram citados como fatores que contribuem para o ambiente de insegurança.

Quando confrontados com o próprio medo de errar, os professores-mestrandos o compreendem como algo constante e que assume diferentes significados ao longo da vida pessoal quanto a profissional. Esse medo está intimamente ligado à pressão social, à necessidade de corresponder às expectativas dos outros e ao medo de julgamento. Embora o medo possa ser paralisante para alguns, outras respostas sugerem que ele também pode ser uma ferramenta de aprendizado e aperfeiçoamento. Em uma das respostas, a terapia e o acompanhamento psicológico aparecem como uma estratégia para lidar com esse medo, o que poderia ajudar as pessoas a aceitar o erro como parte da vida.

Com o objetivo de tornar a discussão ainda mais específica, provocou-se o grupo a tratar de seus medos em relação ao mestrado. As respostas apontaram que os maiores medos relacionados ao mestrado envolviam a incapacidade de completar o curso, a pressão por um bom desempenho e o medo de falhar na produção acadêmica escrita, especialmente na produção do trabalho de conclusão de curso. A preocupação com prazos, qualidade da escrita e a conciliação das atividades profissionais e pessoais foram temas recorrentes. No entanto, apesar dos medos, alguns estudantes viam o mestrado como um

desafio motivador. O equilíbrio entre estudo e vida pessoal e o medo de julgamento também foram fatores indicados como fonte de ansiedade dos professores-mestrandos.

Para encerrar a análise desse conjunto discursivo, considerando as atitudes necessárias para a superação desse medo em relação ao mestrado, as respostas dos participantes do grupo focal indicaram que a organização, o enfrentamento direto e o suporte social de familiares e amigos eram as principais estratégias que poderiam ser utilizadas para superar esse medo. A ênfase na disciplina, no foco e na dedicação reflete a percepção de que o trabalho contínuo e a gestão do tempo são essenciais para enfrentar os desafios. O apoio dos professores e colegas de turma também foi visto como um recurso importante para lidar com a pressão. Além disso, as respostas mostraram que a aceitação dos erros e a compreensão de que ninguém é perfeito podem ajudar a aliviar a carga emocional.

### **O fim do medo? Experiências condensadas e o duplo aprendizado pelo grupo focal**

Indagados sobre o valor pedagógico da leitura do livro *O menino que tinha medo de errar*, os participantes do grupo focal destacaram que a história era educativa, didática e reflexiva, com um forte foco no trabalho com o medo e na promoção da autoestima. A narrativa foi vista como acessível para diferentes faixas etárias, sendo apropriada tanto para crianças quanto para adultos. Muitos professores-mestrandos destacaram o valor da história para auxiliar na superação do medo, tanto no ambiente escolar quanto nas relações interpessoais. No entanto, um dos participantes criticou a simplificação dos problemas enfrentados por Pedro, sugerindo que a solução proposta, isto é, o simples fato de deixar de ter medo de errar, não aborda as pressões sociais que vão além do espaço escolar, as quais podem amplificar tal emoção.

Ao longo da realização do grupo focal, aos poucos, entre os participantes, revelou-se que muitos dos medos que tinham em relação ao seu futuro no mestrado decorriam de suas experiências passadas de escolarização. O medo, por assim dizer, tornado consciente, mostrava-se condensado em vivências do passado e do presente que mesclavam a percepção dessa emoção nos outros

e a percepção pessoal que tinham acerca de si mesmos, seja no que diz respeito aos sinais corporais da sensação de medo, seja no que diz respeito às experiências subjetivas inerentes.

O processo dialógico de realização do grupo focal permitiu exercitar o que Charles Wright Mills (1969) chama de imaginação sociológica, que é a capacidade de situar nossas biografias em contextos sociais, políticos e culturais mais amplos, dentro de um determinado processo histórico. Nesse sentido, o grupo focal, como técnica de pesquisa, possibilitou fazer da Sociologia, conforme Peter Berger (2000, p.31), um meio de "transformação da consciência". Portanto, ao final dessa atividade, os participantes tornaram-se conscientes dos seus processos de ensino e aprendizado relacionados com o medo, ao mesmo tempo em que puderam vivenciar o alcance de uma técnica de pesquisa.

Os resultados alcançados nessa atividade aproximam-se dos achados dos estudos que correlacionam o medo de errar, entendido também como perfeccionismo, aos processos de aprendizagem. Destaco mais uma vez a pesquisa de Weizhen Xu (2023) com estudantes universitários chineses. Embora os constrangimentos sociais e culturais variem entre a amostra de estudantes desse estudo, em particular, e a amostra de estudantes participantes do grupo focal, que são professores-mestrandos, a experiência escolar desses públicos revela-se impregnada de medo.

Para Xu (2023), estudantes com altos níveis de medo de avaliação negativa tendem a se preocupar constantemente com a forma como são avaliados pelos outros. O estudo mostra que o perfeccionismo pode, em parte, ser uma estratégia de defesa contra o medo de ser julgado. Ao tentar alcançar padrões extremamente elevados, os estudantes esperam evitar críticas e garantir uma imagem positiva aos olhos dos outros. No entanto, essa busca pela perfeição aumenta a sensibilidade ao julgamento, pois qualquer pequeno erro pode ser percebido como uma falha grave, intensificando a ansiedade e o medo de avaliação negativa. Essa atitude é bem descrita na história *O menino que tinha medo de errar* e se desfaz quando Pedro adentra o "Reino da Perfeição", lugar onde não há pessoas. Além disso, segundo o pesquisador, a sensibilidade ao julgamento e o perfeccionismo frequentemente criam um ciclo vicioso. O perfeccionista, por estar altamente preocupado com a opinião dos outros, estabelece metas excessivamente altas para si mesmo. Quando falha em atingir

esses padrões, experimenta o medo de ser julgado negativamente, o que o leva a buscar ainda mais a perfeição, aumentando, assim, a preocupação com o julgamento alheio.

### **Considerações finais**

Além de ser um relato de experiência pedagógica voltada para o aprendizado de técnicas de pesquisa, especificamente o grupo focal, este artigo dá conta de um contexto histórico no qual nossas vidas estavam ameaçadas pela Covid-19. A onda de medos que ela provocou se sobrepôs a um tipo de medo específico que perpassa um grupo significativo de pessoas desde seus anos iniciais escolares até o nível superior, incluindo-se o nível de pós-graduação, etapa cujas exigências voltadas para o bom desempenho acadêmico somam-se ao esforço de produção intelectual concretizado pela realização do trabalho de conclusão de curso.

A realização do grupo focal permitiu partir de um cenário geral de medo para um mais específico, relacionado às atividades de ensino e aprendizagem. Essas atividades foram contrastadas pelas experiências subjetivas observadas em locais e momentos distintos da carreira profissional e da trajetória pessoal dos professores-mestrandos que participaram da atividade. Nosso ponto de partida foi a contação de uma história infantil intitulada *O menino que tinha medo de errar* (Taubman, 2012), por meio da qual foi possível explorar as nuances do medo e buscar meios para mitigá-lo em relação às experiências vividas no ProfSocio.

Assim, por meio de uma única atividade, foi possível atingir vários objetivos didático-pedagógicos, que envolveram a reflexão sociológica, o emprego de uma técnica específica de pesquisa, a tomada de consciência sobre os processos de ensino e aprendizagem ao longo da vida escolar e as dificuldades advindas do acúmulo de atividades docentes e das atividades acadêmicas do mestrado.

Os resultados dessa experiência mostram que o medo de errar é um fator que afeta diretamente as expectativas em relação à pós-graduação, estando ligado a diferentes processos de saúde mental que aqui não foram objeto de investigação, mas que se configuram objetos interessantes de ser explorados

nos âmbitos da sociologia e antropologia das emoções. Ao serem sensíveis às opiniões e críticas dos outros, colegas e docentes do curso, os participantes do grupo focal relataram experimentar emoções negativas, como ansiedade, estresse e até depressão. Isso não só prejudica o desempenho acadêmico, mas também afeta o bem-estar emocional e a qualidade das relações interpessoais desses professores-mestrandos.

## Referências

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas**: uma perspectiva humanística. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DICIONÁRIO Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

ELIAS, N. **O processo civilizador**, volume 2. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, D. Medo da escola: trabalhando sentimentos e autoestima. **Blog Papo da Professora Denise**: ideias e inspiração para educar. Disponível em: <<https://www.papodaprofessoradenise.com.br/medo-da-escola/>>. Acesso em: 01 maio 2021.

FRANCIA, A. **Educar com fábulas**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIRTH-GODBEHERE, R. **Uma história das emoções**: como nossos sentimentos construíram o mundo que conhecemos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

MILLS, C. W. **A Imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

NEWMAN, B. N. *et al.* Deconstructing perfectionism in college students: patterns of behavior, emotion, and cognition. **Personality and Individual Differences**, v. 145, p.106–111, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.03.030>.

ROSENWEIN, B. H. **História das emoções**: problemas e métodos. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SILVA, S. M.; ROSA, A. R. O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo, a. 18, n. 2, p.189-206, mai./ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2446>.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

TAUBMAN, A. V. **O menino que tinha medo de errar**. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2012.

YOSOPOV, L., SAKLOFSKE, D. H., SMITH, M. M., FLETT, G. L., HEWITT, P. L. Failure Sensitivity in Perfectionism and Procrastination: fear of failure and overgeneralization of failure as mediators of traits and cognitions. **Journal of Psychoeducational Assessment**, 42(6), p.705-724, 2024. DOI : <https://doi.org/10.1177/07342829241249784> .

XU, W. Research on the Correlation Between Fear of Negative Evaluation and Perfectionism among College Students. **Proceedings of the International Conference on Global Politics and Socio-Humanities**. Chengdu: Chengdu Jincheng College, 2023. DOI: 10.54254/2753-7048/26/20230889. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

ZARIAS, A.; LE BRETON, D. Corpos, emoções e risco: vias de compreensão dos modos de ação individual e coletivo. **Sociologias**, v. 21, n. 52, p.20–32, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-97680> .

# EXPERIÊNCIA E (RE)NORMALIZAÇÃO: A ATIVIDADE DE TRABALHO NO COLÉGIO TÉCNICO DURANTE A COVID-19

## EXPERIENCE AND (RE)NORMALIZATION: WORK ACTIVITY AT COLÉGIO TÉCNICO DURING COVID-19 PANDEMIC

**Dilermando Moraes Costa**

Professor do Colégio Técnico da UFRRJ

Doutor em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO

Pós-doutorado em Linguística pela UERJ

[diler\\_costa@yahoo.com.br](mailto:diler_costa@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8675-7017>

**Resumo** – Este artigo apresenta como tema de pesquisa a atividade de trabalho docente, focalizando o período da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). O objetivo do artigo é relatar a experiência no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, considerando, em especial, a participação do autor no grupo de trabalho responsável por estabelecer diretrizes para atividades práticas no período de distanciamento físico. Em termos teóricos, o texto está ancorado na compreensão dialógica do relato de experiência, bem como na perspectiva ergológica. Por meio da narrativa, o relato de experiência possibilita (re)criar o que foi vivenciado a partir de uma complexa trama de sentidos, na qual os sujeitos, as normas antecedentes e o movimento da linguagem estão urdidos. A perspectiva ergológica estabelece que o trabalho é uma atividade que excede a mera execução de tarefas, uma vez que os sujeitos imprimem em suas práticas a completude de sua existência (histórias de vida, formações profissionais, dramas pessoais etc.). O texto apresenta a descrição, a interpretação e a compreensão da experiência por meio da revisitação de três das atas de reunião produzidas a partir das discussões dos grupos de trabalho, debatendo as noções ergológicas de norma antecedente e de renormalização. A conclusão do relato sinaliza que as decisões tomadas pelo grupo de trabalho renormalizaram as diretrizes propostas pelos documentos oficiais com vistas a preencher a lacuna entre a prescrição formal e a realidade da situação de trabalho.

**Palavras-chave:** Relato de experiência; Atividade de trabalho; (Re)normalização.

**Abstract** – This paper explores the research theme of teaching work activity during the Covid-19 pandemic. It aims to report the experience at Colégio Técnico da Universidade Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRRJ),

considering, specifically the author's involvement in a working group tasked with proposing guidelines for practical activities during periods of physical and social distancing. Theoretical underpinnings include a dialogic understanding of experience reports and an ergological perspective as well. Through narrative, the experience report enables to (re)create the complexity of meanings involving subjects, antecedent norms, and language dynamics. The ergological perspective states that work activity goes beyond task execution, once the subjects imprint the entirety of their existence through their practices (life stories, professional backgrounds, personal dramas etc.). This text presents the description, the interpretation, and the comprehension of the author's experience by revisiting three meeting minutes produced from the working group discussions, focusing on the ergological notions of antecedent norms and renormalization. The conclusion highlights that the decisions made by the working group have renormalized the guidelines proposed by the official documents, aiming at bridging the gap between formal prescriptions and the practical reality of the work situation.

**Keywords:** Experience report; Work activity; (Re)normalization.

## Introdução

A experiência em pesquisas com narrativas sinaliza a existência de diferentes enfoques teóricos<sup>61</sup> que objetivam conhecer e dar sentidos à realidade dos sujeitos, o que implica compreender as experiências vivenciadas no entrecruzamento entre o individual e o social. Partimos do pressuposto de que o relato de experiência (Domingo, 2016; Daltro; Faria, 2019), devido à sua natureza narrativa, pode ser uma rota viável para a (re)construção da realidade e, em especial, para compreender a complexidade que constitui a atividade de trabalho. Logo, neste artigo, o relato de experiência e a atividade de trabalho se impõem como noções centrais.

Entendemos o relato de experiência como “uma construção teórico-prática que se propõe ao refinamento de saberes sobre a experiência em si, a partir do olhar do sujeito pesquisador em um determinado contexto cultural e histórico” (DALTRO; FARIA, 2019, p.228). A noção de atividade é concebida como o “impulso de vida e de saúde que é próprio ao ser humano, cada vez que ele começa a fazer alguma coisa” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015, p.375). A

---

<sup>61</sup> A título de exemplificação, mencionamos alguns trabalhos que, por diferentes perspectivas teóricas, estudam as narrativas: Abraão (2003), Paiva (2008), Godói et al. (2013), Machado (2015), entre muitos outros.

atividade de trabalho, portanto, trata da convocação do todo da vida do sujeito a uma prática social laborativa que “é sempre um agir que carrega o histórico de experiências vividas” (Viegas, 2013, p.328).

O objetivo deste artigo é relatar a experiência na atividade de trabalho no Colégio Técnico<sup>62</sup> da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (doravante Colégio Técnico) durante a pandemia do novo coronavírus, a Covid-19, considerando a participação do autor do relato no grupo de trabalho responsável por propor diretrizes para as atividades práticas presenciais ou semipresenciais no período de distanciamento físico — o GT4. Este texto apresenta a descrição, a interpretação e a compreensão (Daltro; Faria, 2019) da experiência de trabalho ao revisitar três das atas<sup>63</sup> de reunião produzidas a partir das discussões do GT4, colocando em debate as noções ergológicas de norma antecedente e de renormalização.

Não se trata de uma análise das atas em si, mas da utilização destas como um suporte para rememorar, por meio do que foi textualizado, as experiências vividas nas reuniões do grupo. É importante pontuar que o ato de se debruçar sobre essas atas implica preencher eventuais vazios ao adentrar um espaço localizado no intervalo entre a memória e o esquecimento, bem como ressignificar, de forma mais amadurecida, a situação experimentada há alguns anos. Logo, a descrição, a interpretação e a compreensão, como veremos, não são etapas independentes, visto que uma encampa a outra; elas se impõem como camadas que estruturam o relato pela fricção entre o expresso (a textualidade) e o ausente (o que poderia ter sido dito, mas que não foi).

---

<sup>62</sup> O Colégio Técnico da Universidade Rural é uma instituição pública vinculada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, isto é, pertencente à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. O início das atividades do colégio remonta ao ano de 1943. Atualmente, a escola oferta os seguintes cursos: ensino médio, técnico em agrimensura, técnico em agroecologia, técnico em hospedagem e técnico em meio ambiente. Dependendo do curso, a matrícula pode ser integrada ao ensino médio, de concomitâncias interna ou externa ou, ainda, como pós-médio (no caso deste, apenas o curso de agrimensura).

<sup>63</sup> Trata-se apenas das atas redigidas pelo autor do texto, enquanto este ocupava a posição de moderador do grupo de trabalho 4. À época, além das responsabilidades docentes (de ensino, de pesquisa e de extensão), ele acumulava o cargo de coordenador de estágios, de diretor substituto da Divisão de Assuntos Estudantis e de presidente da comissão de estágios, além de atuar em outros três grupos de trabalho.

O desconforto intelectual<sup>64</sup> que resultou neste relato emergiu dos seguintes questionamentos: de que maneira as (dis)tensões entre as normas antecedentes e a situação real da atividade de trabalho levaram a escola à renormalização? Mais especificamente quanto à atividade no Colégio Técnico: como o cenário de aguda crise sanitária decorrente da Covid-19 refletiu na renormalização das práticas pedagógicas correspondentes aos cursos técnicos?

Na primeira parte deste artigo, buscamos apresentar algumas noções teóricas, como dialogismo, acontecimento, normas antecedentes etc., com o objetivo de refletir sobre a complexidade que se desvela quando tratamos da experiência dos sujeitos e da atividade de trabalho. Em seguida, tecemos algumas considerações acerca do período da pandemia, descrevendo alguns documentos oficiais relevantes à educação sistematizada. Por fim, na terceira parte, relatamos a experiência na atividade de trabalho durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19.

Este relato não constitui uma produção linguageira emergente de um sujeito completo, mas de um ser histórico-social que se produz pela relação estabelecida com outros sujeitos, nos limites do tempo e do espaço. Cabe o esclarecimento de que o texto aqui apresentado busca “oferecer ao leitor referências sobre de que lugar a experiência está sendo falada, singularizada e problematizada” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 234), assumindo todos os riscos de uma narrativa que produz um efeito de completude, mas que está aberta a diferentes leituras.

A conclusão do relato explicita que as decisões tomadas no/pelo GT4 renormalizaram as orientações oficiais advindas dos órgãos competentes, bem como o propósito para o qual o grupo de trabalho fora formado. As escolhas feitas pelos membros do grupo de trabalho salientam a necessidade de preencher a distância entre a prescrição formal e a realidade da situação de trabalho. Encerramos este relato com as considerações finais.

---

<sup>64</sup> Inconforto intelectual (Schwartz; Durrive, 2015), segundo a perspectiva ergológica, refere-se à busca por uma compreensão mais profunda da situação do trabalho, rompendo com visões reducionistas e superficiais sobre a atividade laborativa.

## Por entre as tramas do dizer(-se) e da atividade de trabalho

O ato de narrar é uma capacidade exclusiva do ser humano; portanto, além de ser um privilégio da espécie, é uma arte (Machado, 2015). A tessitura da narrativa pode ser considerada como um trabalho sobre o simbólico, em que a língua é utilizada para representar e, mais especificamente, para (re)criar a realidade dos sujeitos. De acordo com Noël, Revuz e Durrive (2010, p. 225), apenas o ser humano “é capaz de construir relações, relações de relações, sendo, pois, capaz de fazer coisas que os outros animais não podem”. Narrar, então, é tecer fios que envolvem o sujeito-narrador, o interlocutor e o mundo, fazendo da linguagem uma atividade:

*dizer não é uma coisa simples, contrariamente ao que diz o senso comum. Primeiramente, porque dizer, expressar-se por meio da linguagem é, ao mesmo tempo, agir; é também e, sobretudo, agir sobre pessoas; é, enfim, manipular, de maneira simbólica, objetos reais. Dizer é intervir nas relações reais entre as pessoas, com palavras que não são essas relações, mas que são, de algum modo, uma representação, uma contrapartida, uma imagem, uma imagem sonora. (Noël; Faiña; Durrive, 2010, p.165, grifo dos autores).*

Assim, todo dizer(-se) é direcionado à alteridade, uma vez que nos produzimos em relação a outras vozes (Bakhtin, 2003); ou seja, antecipamos, por exemplo, a imagem de um interlocutor ao narrar. Em outros termos,

*utilizo, para me expressar, palavras que já foram utilizadas por outros. Construo enunciados<sup>65</sup> que talvez já tenham sido formados por outras pessoas nas mesmas ou em outras circunstâncias. A cada vez, porém, eu utilizo, eu acrescento, eu recrio. Recrio, em novas condições, um sentido diferente para essas mesmas palavras, esses mesmos enunciados. (NOËL; FAÏTA; DURRIVE, 2010, p. 166).*

Reiterar que a narrativa é uma (re)construção da experiência voltada ao outro assinala que “cada enunciado é extremamente significativo porque torna explícito, na particularidade, algo que é, simultaneamente, individual e universal” (Ghedin; Franco, 2011, p.154). Acrescentamos que a interpretação do vivido é afetada pelas dimensões que constituem o sujeito, o que inclui a história, o gênero, as posições sociais que ocupa etc. Todavia, ao relatar um recorte da

---

<sup>65</sup> Segundo os autores, enunciados são conjuntos formados pela combinação de palavras, as quais produzem sentidos distintos daqueles encontrados em dicionários.

vida, o sujeito-narrador atualiza a experiência e, de forma inconsciente, não somente “busca dar mais luz ao que foi vivido, mas também iluminar o caminho, abrindo possibilidades e significados<sup>66</sup>” (Domingo, 2016, p.16).

A experiência, por sua vez, pode ser “entendida como aquilo que irrompe como acontecimento, como o que suspende nossas previsões, como o que não pode ser ignorado; aquilo que requer que paremos e pensemos<sup>67</sup>” (Domingo, 2016, p.20). A experiência se distingue da experimentação por ter “sempre presente seu patrimônio histórico, que é o substrato com o qual esse ser vai fazer a experiência de um acontecimento particular em um misto de inteligência, de saberes, mais ou menos claros para si mesmo” (Schwartz, 2010, p.42-43). Ao relatar uma experiência, o sujeito convoca o todo da vida — o corpo, os sentimentos, as agruras pessoais etc. —, bem como a presença imaginária da alteridade.

O acontecimento nos remete à imprevisibilidade da vida. Embora a experiência tenha um caráter irrepitível, ela também se mostra como uma realidade compartilhada, na qual os sujeitos se engajam direta e indiretamente. Do individual ao social, a experiência se impõe como acontecimento, sendo (res)significada a cada evento devido ao encontro de encontros (Schwartz, 2010); ou seja, toda atividade é marcada por diferentes camadas que se aglutinam em um contínuo.

Para Domingo (2016), o relato é uma estratégia reflexiva que visa dar forma ao vivenciado, pois, ao narrar, o sujeito pode elaborar melhor questões sensíveis, bem como compreender como elas o afeta(ra)m. A descrição, interpretação e compreensão funcionam como um modo de organizar o relato de experiência.

Por descrição, referimo-nos à tentativa de apresentar o vivido de forma objetiva, mesmo cientes de que a neutralidade sempre nos escapa. Isto é, embora descrever seja mostrar como certa situação estava estruturada, é preciso o entendimento de que o olhar em retrospecto não se volta a um

---

<sup>66</sup> Tradução livre. No original: Busca dar más luz a lo vivido, pero también iluminar el camino, abriéndole posibilidades y sentidos.

<sup>67</sup> Tradução livre. No original: La experiencia, entendida como aquello que irrumpe como acontecimiento, como lo que suspende nuestras previsiones, como lo que no puede dejarse pasar por alto; aquello que requiere pararnos y pensar.

passado acabado, mas a uma experiência afetada pelas lentes do presente. Já a interpretação, conforme pontuam Ghedin e Franco (2011, p.160), trata-se de “um exercício de preenchimento dos sentidos ausentes no momento da ação e, ao mesmo tempo, uma construção, no aspecto de presumir ou de ver aquilo que não estava evidente na ação”. Torna-se, portanto, a atribuição de sentidos ao vivido, cujo objetivo é conduzir à compreensão. Compreender, por fim, refere-se à capacidade de relacionar uma interpretação particular a outras experiências e reflexões, considerando, para tanto, que o sujeito não é testemunha do acontecimento, mas peça fundamental na engrenagem deste. A compreensão é uma prática dialógica.

Neste texto, recorreremos também à atividade de trabalho como um espaço privilegiado para a compreensão das experiências compartilhadas. Por meio da perspectiva ergológica, entendemos que a atividade é uma forma de se engajar no mundo e de se produzir como sujeito na relação com o outro. Schwartz e Durrive (2015, p.375, grifo dos autores) explicam que

a atividade é um operador sintético: ela liga e laça tudo o que tendemos a separar em categorias quando analisamos o ‘fazer’. Pode-se considerar que a *atividade*, enquanto síntese do agir, opera, a cada vez, como uma sucessão ou encadeamento de agires, que são momentos mais concretos, mais identificáveis — as experiências acumuladas do corpo-si<sup>68</sup>.

A partir da noção de atividade, podemos compreender que todo o fazer humano é marcado por inúmeras dimensões, as quais, muitas vezes, ficam ofuscadas pela ênfase na fabricação de produtos. Contudo, essas camadas não cessam de produzir (outros) sentidos. Ao falar de *atividade*, observamos que, no centro desse signo, esta a palavra *vida*, o que permite compreender a atividade como “o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os ‘outros’” (Trinquet, 2010, p.96).

Ao empregarmos o signo *trabalho* junto de atividade, não fazemos referência a uma fatia da existência humana, mas, sim, à convocação do todo

---

<sup>68</sup> A perspectiva ergológica possui algumas ressalvas quanto à noção de sujeito, considerando-a, por vezes, vaga. Em termos teóricos, há a preferência pela noção *corpo-si*. Neste trabalho, porém, ocorre o uso do signo linguístico *sujeito* para manter coerência com outros trabalhos citados. É importante pontuar que tanto o *sujeito* do relato de experiência quanto o *corpo-si* possuem como pontos de contato a constituição histórica, social e linguageira do ser, apesar de existirem particularidades teóricas que, por limitação de espaço, não poderão ser abordadas.

da vida do sujeito em meio às ações (em) que ele (se) desenvolve (Schwartz, 2000). Diferentes sujeitos imprimem as experiências vivenciadas na atividade laborativa, integrando desde as técnicas e os instrumentos necessários até as relações interpessoais estabelecidas no coletivo de trabalho (Schwartz, 2003).

A atividade de trabalho se impõe como uma realidade duplamente constituída: ela é, ao mesmo tempo, singular e social, pois emerge como um objeto duplo (Noël; Revuz; Durrive, 2010, p.227):

por um lado ele [trabalho] pertence à realidade, ou seja, é constituído por um certo número de exigências econômicas, técnicas, físicas, jurídicas; possui uma dimensão coletiva, existe enquanto objeto social. Isso é uma coisa; mas, ao mesmo tempo, ele existe enquanto objeto do desejo, com essa dimensão imaginária. Enquanto objeto do desejo, ele é portador de investimentos que podem ser perfeitamente inconscientes para a pessoa, que remetem a essa equação enigmática: como a pessoa se arranjou considerando sua identidade sexual, suas relações com os pais, com a morte, com a sua capacidade de estar com o outro.

Por ser uma prática compartilhada, também existe uma dimensão dialógica na atividade de trabalho, na qual um *eu* e um *outro* se produzem pelas (dis)tensões e negociações vivenciadas coletivamente. Todavia, além do contato humano, outro ponto importante é que, no ambiente profissional, há a presença das normas antecedentes: tanto as prescrições formais impostas aos trabalhadores quanto as normas culturais, sociais etc que orientam e controlam a vida em sociedade (Venner; Schwartz, 2015; Schwartz, 2016).

O debate recorrente entre as normas antecedentes e a situação real laborativa sinaliza que a atividade de trabalho está sempre em movimento e que ela também está, com efeito, em (trans)formação (Schwartz, 2003). Por meio das renormalizações, isto é, das tentativas de reconfigurar as orientações formais pela resistência e de repensar as normas do interior da atividade (Venner; Schwartz, 2015), os trabalhadores conseguem vislumbrar alternativas à forma como o trabalho é desenvolvido.

Renormalizar não é uma atitude constitutiva apenas da atividade de trabalho, mas também da existência humana. Considerando que vivemos em um mundo de normas, a renormalização não se trata, necessariamente, de uma subversão, mas de ações que revelam as insuficiências das normas instituídas na vida em sociedade. O caráter homogeneizante das normas, cujo objetivo é

uniformizar práticas e comportamentos, esfacela-se diante da pluralidade das situações enfrentadas no cotidiano profissional. Uma vez que o sujeito não é completo, como falamos anteriormente, o espaço de trabalho também é marcado pela incompletude, sendo essa compreensão que nos conduziu a refletir sobre a atividade de trabalho em um momento complexo como o da pandemia do novo coronavírus.

A seguir, tecemos algumas considerações quanto ao período da pandemia e fazemos a descrição de documentos oficiais relevantes à educação sistematizada — integrantes das normas antecedentes. Por fim, apresentamos o relato da experiência da atividade de trabalho no Colégio Técnico durante a Covid-19.

### **A atividade de trabalho durante a pandemia do novo coronavírus**

O relato de experiência não é uma mera produção linguageira com o propósito de apresentar a vivência do sujeito de forma objetiva. Ao contrário, trata-se de um trabalho reflexivo que põe em relação não apenas o sujeito, mas também o coletivo de trabalho e a conjuntura sócio-histórica na qual a experiência é reconstruída. Como pontuado, há a antecipação da imagem de um interlocutor, pois

avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro. (Bakhtin, 2003, p.13-14).

A citação acima acentua o aspecto social que permeia o relato de experiência; ou seja, sublinha a complexidade que o constitui não apenas em relação ao que é narrado, mas também acerca do outro, o qual terá acesso à narrativa em algum momento da vida e que, por sua vez, será instado a interpretar.

Por meio da narrativa, “algo resta e é passível de ser recontado e visto de outra maneira, pois o RE [relato de experiência] é o resultado de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator em um determinado momento” (Daltro; Faria, 2019, p.227). A partir deste ponto, revisitamos o ano de

2020, o auge da pandemia, para discutir as (dis)tensões na atividade de trabalho docente no Colégio Técnico.

Pouco tempo depois da suspensão das atividades presenciais devido à pandemia de Covid-19, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), à qual o Colégio Técnico está vinculado, iniciou as discussões com a comunidade escolar para a construção dos Estudos Continuados Emergenciais (ECE). A proposta visava garantir o funcionamento das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão de forma segura e com excelência acadêmica.

A partir da 231ª Reunião Extraordinária do Conselho Universitário (CONSU), realizada em 14 de maio de 2020<sup>69</sup>, quatro grupos de trabalho foram instituídos para construir propostas relacionadas ao contexto da Covid-19: GT1 – Modelos pedagógicos (alternância, semipresencial); GT2 – Modelos tecnológicos e infraestrutura (demanda por provedores, redes inter e intranet); GT3 – Acesso e plataformas de ensino; e GT4 – estratégias de curto, médio e longo prazos envolvendo atividades presenciais ou semipresenciais (foco em atividades práticas).

Neste relato, destacamos a atividade de trabalho no GT4, conforme conduzida no Colégio Técnico<sup>70</sup>. O referido grupo de trabalho foi formado por docentes, discentes e técnicos administrativos para atuar conforme as diretrizes aprovadas pelo CONSU. As atas de reunião produzidas no GT4 resultam dos conflitos entre as normas antecedentes e a situação real de trabalho, bem como da contradição entre o estabelecimento de propostas que exigissem algum nível de presencialidade e a necessidade de trabalho remoto por tempo ainda indefinido.

Recorrer a apenas três das atas se justifica pelo fato de elas terem sido redigidas pelo autor deste texto, bem como por ele ter assumido a posição de moderador e porta-voz do GT4 em diferentes momentos. Quanto aos documentos oficiais, o GT4 discutiu, de forma mais detida, a Lei n. 9.394, de 20

---

<sup>69</sup> A proposta para os Estudos Continuados Emergenciais (ECE) está disponível, na íntegra, em: <<https://portal.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/07/Proposta-para-discuss%C3%A3o-Estudos-Continuados-Emergenciais-2020-ap%C3%B3s-Consunis-Cepe-e-Consu.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

<sup>70</sup> Os grupos de trabalho foram criados de forma duplicada: havia os GTs voltados às necessidades da Universidade e, com as mesmas nomenclaturas, havia aqueles voltados às questões do ensino médio, técnico e tecnológico.

de setembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases — LDB); a Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, conhecida por Lei do Estágio; a Nota Técnica Conjunta 05/2020; e a Portaria n. 617, de 03 de agosto de 2020, sobre as quais seguem alguns pontos.

A LDB — Lei n. 9.394, de 20 de setembro de 1996 (BRASIL, 1996) — conceitua a educação de forma ampla e sistematiza a educação escolar nacional, relacionando-a ao mundo do trabalho e à vida em sociedade. Nessa Lei, uma vasta gama de aspectos são apresentados, sinalizando a diversificação da população brasileira e a complexa trama na qual as relações sociais se entrecem. A Lei propõe a valorização das diversidades culturais, linguísticas, étnicas etc, bem como faz referência ao atendimento especializado e gratuito a estudantes com deficiência, com transtornos globais, com altas habilidades etc.

Segundo a LDB, os estudantes devem ter as necessidades atendidas em toda a educação básica, o que inclui desde a alimentação até a assistência à saúde<sup>71</sup>. Mais recentemente, por meio da Lei 14.533, de 11 de janeiro de 2023, a educação digital<sup>72</sup> foi incluída na LDB, com referências ao letramento digital de jovens e adultos, entre outros pontos. A Lei também versa sobre a formação profissional, sublinhando que o estágio supervisionado funciona como uma forma de colocar em relação a teoria e a prática. No entanto, a sistematização do estágio, a partir de uma lei específica, ocorreu somente mais de uma década depois da publicação da LDB.

A Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Brasil, 2008), objetiva definir e classificar o estágio, assim como prover diretrizes para que este seja conduzido de modo a contemplar a formação cidadã e profissional de estudantes jovens e adultos. De acordo com a Lei, a formação técnica é constituída por duas etapas que devem ser desenvolvidas de forma planejada e coordenada: o preparo pedagógico no espaço escolar e a supervisão da atividade no espaço profissional.

---

<sup>71</sup> Vide Lei 12.796, de 04 de abril de 2013, acerca da determinação de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1)>. Acesso em: 24 jun. 2024.

<sup>72</sup> Vide Lei 14.533, de 11 de janeiro de 2023, acerca da Política Nacional de Educação Digital (PNED). Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm#art7](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm#art7)>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Durante o desenvolvimento do estágio, duas figuras se tornam obrigatórias: a do profissional responsável pela orientação ao estudante, designado pela escola, e a apontada pelo local do estágio, para a supervisão do estagiário. Segundo a referida Lei, os estágios devem ser formalizados por meio do Termo de Compromisso, assim como exigem relatórios das partes envolvidas (estudantes e supervisor). O estágio suscitou muitas dúvidas durante a pandemia, sendo incluído como uma das questões abordadas na Nota Técnica 05/2020 — produzida pela Procuradoria Geral do Trabalho e pela Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente.

A Nota Técnica Conjunta 05/2020 (Brasil. Ministério Público) objetivou propor medidas emergenciais para assegurar a saúde de adolescentes (entre 16 e 18 anos), incluídos no espaço de trabalho na condição de aprendizes, de estagiários ou de trabalhadores. A Nota Técnica foi divulgada em 18 de março de 2020, ou seja, poucos dias após a Covid-19 ter sido caracterizada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde<sup>73</sup> (OMS). O documento sublinhava a urgência na transposição de atividades presenciais, como as aulas e os estágios, para a modalidade remota, sem prejuízo de conteúdo ou de remuneração aos estudantes. Durante meses, essa Nota foi a única referência acerca de estágios para a educação profissional de nível médio. Embora o documento não possuísse o mesmo peso de uma lei, ele se tornou importante durante os debates do GT4 devido aos dispositivos legais que evocava.

Apenas em 3 de agosto de 2020, com a publicação da Portaria nº 617 (Brasil, 2020), houve uma orientação especificamente voltada aos estágios e às atividades práticas para a educação profissional técnica (nível médio). Algumas Portarias publicadas antes dessa data versavam sobre o ensino superior e, portanto, não atendiam às necessidades do Colégio Técnico, cujo público-alvo é formado majoritariamente por menores de idade. A Portaria nº 617 apresentou os seguintes pontos:

---

<sup>73</sup> A Covid-19 passou a ser considerada uma pandemia a partir de 11 de março de 2020. Disponível em: <

[...] no tocante às práticas profissionais de estágios e de laboratório, quando previstos nos respectivos planos de curso, poderá ocorrer, desde que:

I - seja aprovada pela instância competente da instituição de ensino;

II - garanta a replicação do ambiente de atividade prática e/ou de trabalho;

III - propicie o desenvolvimento de habilidades e competências esperadas no perfil profissional do técnico;

IV - seja passível de avaliação do desempenho do estudante; e

V - observe o disposto na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, Lei do Estágio. (Brasil, 2020, online).

Após a publicação, a Portaria nº 617 se tornou fundamental às discussões do GT4, uma vez que ela passou a nortear todo o debate pelo estabelecimento de critérios a serem adotados na escola. Agora, de forma mais detida, passamos ao relato de experiência, revisitando três das atas de reunião redigidas à época e colocando em debate as normas antecedentes e a necessidade de renormalização.

A primeira das três atas é de 8 de julho de 2020 e conta com a assinatura de 17 participantes (docentes, discentes e demais servidores). À época, diante da ausência de normas para as atividades práticas e para os estágios (semi)presenciais, o primeiro conflito ocorreu quanto à proposta do GT: seria muito difícil pensar em algum nível de presencialidade quando o cenário estava marcado pelo enunciado 'Fique em casa!'. O primeiro gesto de renormalização aconteceu por concentrar esforços na elaboração de propostas de encontros remotos em vez de imaginar o retorno (semi)presencial em um momento de total indefinição.

O GT4 iniciou um exercício analítico acerca das disciplinas do currículo escolar e isso resultou em uma separação cirúrgica entre conteúdos teóricos e práticos — com ênfase na teoria e o apagamento, dito 'inevitável', de práticas. A divisão proposta, embora drástica, impunha-se como forma de segmentar a construção do conhecimento no contexto de exceção da Covid-19, mesmo ciente de que o saber não se funda em perspectivas binárias, mas por meio de um movimento complexo.

Em face de profícuas reflexões, emergiu do grupo a proposta de criação de atividades pré-laboratoriais; isto é, ações que seriam eminentemente teóricas, o que foi bem aceito, visto que, à época, a vacina contra o coronavírus ainda era uma realidade distante. À medida que a discussão avançava, o grupo pôde observar que pensar as atividades chamadas de 'práticas' demandava apagar o

movimento entre o conteúdo abordado e a experiência vivida durante as aulas, pois os cursos técnicos oferecidos (agrimensura, agroecologia, hospedagem e meio ambiente) possuem ferramentas e dispositivos indispensáveis à formação profissional, como programas de computador, contato com animais, utilização de utensílios e de insumos para o preparo de alimentos e laboratórios de análises.

Pensar atividades práticas para curto e médio prazos, ainda mais remotamente, mostrava-se uma tentativa reducionista de trabalhar a educação sistematizada. Com base na perspectiva ergológica, destacamos o entendimento de que a teoria e a prática não podem ser tomadas como instâncias excludentes, mas, sim, como aspectos que se implicam mutuamente. A formação escolar, por ser uma atividade, precisa conectar categorias que, por vezes, são vistas como opostas (Schwartz; Durrive, 2015), mas esse entendimento parecia escapar ao grupo.

Como estratégia para minimizar os danos, o grupo discutiu a possibilidade de aulas práticas interdisciplinares de modo a reduzir a quantidade de horas de conteúdo formal. Entretanto, o distanciamento físico sinalizava que era preciso privilegiar conteúdos teóricos, na modalidade remota, em detrimento de possíveis reproduções de aulas práticas enquanto a crise não amenizasse. A atmosfera de indefinição sugeria que o GT4 desenvolvesse as próprias normas, pois os documentos oficiais, inicialmente, não apresentavam orientações capazes de superar os descompassos entre o ensino (semi)presencial e o remoto. Tal situação apontava para o uso de si por si mesmo; ou seja, quando se torna necessário que o sujeito “atribua a si próprio leis para dar conta do que falta” (Duc; Schwartz; Durrive, 2010, p.190).

O uso de si por si mesmo faz o trabalhador se apropriar da atividade de trabalho que lhe é imposta. Esses usos, com efeito, reforçam a imagem do ser vivo anterior à atividade de trabalho, visto que o sujeito se engaja, faz escolhas, retrabalha dialogicamente as imposições do ambiente, ainda que de forma infinitesimal (Schwartz, 2016). A noção de uso implica considerar que há movimentos, transformações, mudanças de perspectivas e de paradigmas, o que rompe com a concepção de que o trabalho é apenas sua reprodução.

Quanto ao estágio, em especial, a situação também era preocupante, pois, segundo a Lei 11.788, esse componente formativo deveria ser tratado como uma atividade voltada para práticas profissionais, o que tinha se tornado

impossível tanto presencial quanto remotamente. A reunião do dia 8 de julho não trouxe avanços em termos propositivos e compreendemos que isso foi devido à ausência de normas antecedentes específicas voltadas ao ensino médio técnico naquele contexto.

A segunda ata é de 18 de agosto de 2020. Na reunião do GT4, estiveram presentes 14 participantes. Dessa vez, o grupo concordou em discutir apenas a atividade de estágio, pois a publicação da Portaria nº 617, de 03 de agosto, havia autorizado que essa atividade formativa fosse realizada remotamente. Segundo a referida Portaria, a carga horária total de atividades presenciais poderia ser substituída por atividades remotas, desde que houvesse o cumprimento de alguns requisitos — elencados quando apresentamos a Portaria nº 617.

Durante a reunião, o mediador do encontro apresentou aos componentes do GT4 uma decisão anterior, tomada pela administração do Colégio Técnico, acerca da possibilidade de equiparação de atividades diversificadas a horas de estágio. Entre as ações a serem consideradas como ‘estágio’ estavam a pesquisa científica, as atividades decorrentes de bolsas de apoio, a atuação na monitoria, a participação em cursos livres e em oficinas e/ou em minicursos desenvolvidos presencial ou remotamente. Tal proposta havia surgido no início da pandemia no âmbito da administração da escola, ou seja, sem passar por uma discussão com o colegiado.

Ao considerar a proposta de equiparação, o GT4 corroborou uma renormalização proposta pela administração do Colégio Técnico, visto que a realidade possível da situação de trabalho não se coadunava com a Lei do Estágio. A renormalização, nesse caso, alargava a concepção do estágio enquanto atividade formativa. É nesse sentido que “trabalhar é de alguma forma colocar à prova do real seus próprios limites, suas próprias capacidades, portanto, é correr um risco” (Duc; Schwartz; Durrive, 2010, p.191) e, no caso do GT4, o risco apontava para outra forma de entendimento do estágio e do papel deste na formação técnica.

Por meio dessa renormalização — chamada de equiparação no tocante aos estágios —, o GT4 construiu uma tabela de equivalência entre atividades bastante diversificadas e o estágio, com base no trabalho que outras escolas técnicas estavam fazendo. Com efeito, na Lei 11.788, encontramos referências às atividades de aprendizagem social, profissional e cultural; contudo, durante

os trabalhos do GT4, o que houve foi a total substituição de atividades relacionadas à formação técnica por outras muito díspares.

Ao olhar a atividade de trabalho com um pouco mais de proximidade, torna-se possível entender que “os níveis microscópicos e macroscópicos da vida social se interpenetram” (Durrive; Duc; Schwartz, 2010, p.245). Isso nos faz reconhecer que o trabalho também é atravessado por questões econômicas, em que a sobrevivência do sujeito depende de sua remuneração, entre outras coisas. Schwartz, Di Ruzza e Le Bris (2010, p.276) salientam também a necessidade de se pensar o emprego, que se trata, segundo os autores, de “uma modalidade particular de enquadrar no trabalho as pessoas nas sociedades capitalistas”, incluindo nessa modalidade as camadas jurídicas e econômicas.

De acordo com Schwartz, Di Ruzza e Le Bris (2010), a noção de emprego, entre outras coisas, coloca em tensão a questão da (não) empregabilidade. Para os autores, desponta daí outro conflito, pois há

aqueles que são suscetíveis de ou que podem tornar-se empregáveis mediante uma formação, uma adaptação a um posto de trabalho em particular; e depois aqueles que se considera que não podem ser empregáveis. (Schwartz; Di Ruzza; Le Bris, 2010, p.278).

Diante do exposto, considerando especialmente a situação dos estudantes do curso de agrimensura, a possibilidade de autorização para estágios presenciais para estudantes maiores de idade, já em discussão na Universidade, tornou-se um ponto sensível. Por ser de nível pós-médio, esse curso é predominantemente formado por adultos, os quais estavam ávidos por uma colocação no mercado de trabalho. Todavia, para esse público, um estágio curricular à base de equiparações não atendia aos anseios da formação. À época, a situação da Covid-19 se agravava e, nos debates do GT4, o ponto de tensão se dava entre a necessidade de proteção da saúde dos estudantes e a urgência para integralização do curso por meio do estágio.

Houve convergência de opiniões quanto aos estágios presenciais, mas desde que a atenção à saúde fosse enfatizada. O GT4 reconheceu que as histórias de vidas dos estudantes de agrimensura revelavam realidades socioeconômicas distintas, as quais mereciam certa consideração. Embora alguns pontos estivessem avançando, outros ainda clamavam por discussões. A (semi)presencialidade, por sua vez, parecia cada vez mais distante.

A terceira reunião registrada em ata data de 25 de agosto de 2020 e contou com a participação de 12 pessoas. Nela, os integrantes do GT4 trabalharam sobre dois pontos: a) retomaram o debate sobre a equiparação de atividades diversificadas a horas de estágio; e b) buscaram estabelecer diretrizes mais objetivas para que as aulas ditas práticas fossem conduzidas remotamente.

A rediscussão de alguns pontos desnudava a complexidade das situações de trabalho. Embora o coletivo chegasse a conclusões, outros aspectos iam se impondo e, portanto, reconfigurando o que fora antes pensado. Trabalhar é uma prática reflexiva, dialógica e incompleta. Diante dos debates do grupo, bem como da situação de crise sanitária, é importante assinalar que

gerir o aspecto encontro de encontros é gerir aquilo que os outros não geriram antes de nós, e se você faz escolhas, forçosamente tem critérios a partir dos quais você faz essas escolhas. Trabalhar sobre essas escolhas é trabalhar sobre você mesmo. (Schwartz, 2010, p.45).

Retomamos a compreensão de experiência como acontecimento (Domingo, 2016), porquanto aquilo que passou a ser chamado de ‘novo normal’ dava destaque à imprevisibilidade que constitui a atividade de trabalho e que, muitas vezes, acaba sendo apagada pela rotina dos espaços profissionais. Compreendemos que, nos debates do GT4, a discussão quanto à imprevisibilidade ressaltava o aspecto dialógico das interações, visto que

a maneira como utilizamos a linguagem, como construímos nossos discursos, nossa própria fala, aplica-se, antes de mais nada, ao domínio das relações que estabelecemos com o outro, com os outros, com nosso ambiente cotidiano. E [...] é a linguagem que dá sentido às nossas ações. Para cada um de nós, produzir o que chamamos anteriormente de *enunciados* é trabalhar no sentido de construir e reconstruir essas relações: entre nós e os outros, entre nós e nosso ambiente social, profissional, de amigos etc. (Noël; Faïta; Durrive, 2010, p.166, grifo dos autores).

Quanto a discutir a situação dos estágios, parte dos membros do GT4 se mostrava descontente quanto à proposta anteriormente firmada de validar como horas de estágio atividades que não estavam ligadas à formação técnica. Como explicitado, a Portaria nº 617 determinava que as atividades de estágio replicassem a experiência prática do trabalho, o que se tornava inviável nas aulas remotas. Apesar das divergências, parte do grupo insistiu na necessidade de equiparações.

O número de disciplinas reconhecidas como 'práticas' era considerável, o que causava maior dificuldade de transposição à modalidade remota devido ao número de discentes por turma, bem como por razões já expostas — necessidade de insumos, acesso a programas de computador etc. O GT4 considerou, como alternativa, solicitar à escola a construção de um espaço equipado com recursos digitais para ministração das aulas (mini estúdio); no entanto, a maior dificuldade seria a exposição do corpo docente à contaminação do vírus, pois a orientação do Ministério da Saúde, reiterada pela Universidade, era para o trabalho remoto.

Por fim, diante do descompasso entre o que a Portaria nº 617 determinava e a situação real de trabalho, a proposta do GT4 considerou que, para as aulas ditas práticas, a solução seria a disponibilização de vídeos para demonstração de técnicas, de usos de ferramentas e de práticas com animais, por exemplo. Materiais estes que poderiam ser gravados pelo corpo docente, com recursos próprios, ou selecionados em canais da internet. O grupo concordou acerca da importância de que, caso houvesse retorno à presencialidade ainda durante aquele ano letivo, os estudantes poderiam participar de atividades extras para compensar possíveis prejuízos pedagógicos. Caso o distanciamento físico permanecesse por mais tempo, os estudantes poderiam participar dessas atividades, em turmas futuras, como ouvintes.

Após finalizadas as discussões do GT4, as propostas foram sistematizadas em um documento e, no mês de setembro de 2020, foram apresentadas ao Conselho de Professores — o órgão responsável por aprovar as propostas no âmbito do Colégio Técnico. Embora não seja o objetivo deste texto apresentar os desdobramentos da reunião, cabe aqui explicitar que o documento construído pelo GT4 foi discutido coletivamente por horas e não foi aprovado na integralidade. Algumas contradições e insuficiências foram identificadas na proposta e esta precisou ser revista, no entanto, não mais pelo GT4, mas por todos os conselheiros em outra reunião, também no mês de setembro.

Na reunião seguinte, voltada à revisão do documento, os conselheiros da escola rediscutiram as questões pendentes, assim como acolheram possíveis soluções. Em suma, os estágios presenciais foram autorizados para os estudantes maiores de idade, assim como foi aprovada a equiparação de

atividades diversificadas a horas de estágio. A proposta de aulas práticas remotas, porém, acabou perdendo força diante das impossibilidades identificadas na reunião, assumindo um caráter eminentemente teórico. Atividades presenciais e semipresenciais não foram contempladas pelo grupo.

Assim como o GT4, o Conselho de Professores não considerou atividades a médio e a longo prazos, tampouco se debruçou sobre as atividades semipresenciais ou presenciais de ensino, de pesquisa e de extensão de caráter prático, pois a necessidade de retomada das aulas se impunha. As discussões estabelecidas, no entanto, sinalizavam que a atividade de trabalho docente, daquele momento em diante, assumiria outras configurações. A pandemia não apenas marcava aquele período, mas urgia o coletivo a repensar a prática docente como um todo.

### **Considerações finais**

Este trabalho objetivou relatar a experiência na atividade de trabalho no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro durante a pandemia do novo coronavírus, considerando, em especial, a participação do autor do artigo no grupo de trabalho (GT4) incumbido de propor diretrizes para as atividades práticas (semi)presenciais no período de distanciamento físico-social. O relato de experiência possibilitou a reconstrução do vivido e a abordagem ergológica favoreceu a compreensão acerca dos debates entre as normas antecedentes e a situação real da atividade de trabalho docente.

O GT4 focalizou as disciplinas consideradas práticas e os estágios obrigatórios do ano letivo que estava em curso, não tendo tempo hábil para discutir em profundidade as aulas semipresenciais ou as presenciais. Além disso, o grupo priorizou o ensino, pois este era o ponto mais sensível à época. Embora as atividades de pesquisa e de extensão fossem mencionadas de modo pontual, estas eram suplantadas pelos enormes desafios impostos por uma transposição complexa da realidade presencial para a remota.

As (dis)tensões entre as normas antecedentes e a situação real da atividade levaram o coletivo à renormalização devido à ausência ou à distância entre as orientações oficiais e a realidade da situação de trabalho, a qual estava marcada por um cenário de grande insegurança. No exercício do trabalho, não

há apenas execução, mas há usos: aquele determinado pelas normas e aquele que se desvela como o possível de ser feito para que o trabalho faça sentido no contexto de seu desenvolvimento.

O cenário de aguda crise sanitária resultou na renormalização das práticas pedagógicas para que o Colégio Técnico pudesse se adaptar à modalidade de ensino remoto emergencial. É importante explicitar que, além dos conteúdos e das práticas educacionais, questões como vida e morte, alívio e sofrimento, emprego e crise financeira, entre outras, impuseram-se no cenário da época e, cada uma à sua maneira, interferiu no processo de renormalização.

## Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, p.79-95, set. 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<https://goo.gl/hvB4b>>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BRASIL. **Lei 11788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 26 de set. 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm)>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Portaria n. 617, de 03 de agosto de 2020**. Dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio nas instituições do sistema federal de ensino, enquanto durar a situação da pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Diário Oficial da União. Brasília, 04 de ago. 2020. Disponível em: <<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-617-2020-08-03.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BRASIL. **Ministério Público do Trabalho**. Nota Técnica conjunta 05/2020. Disponível em:<[https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica\\_adolescentes.pdf](https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica_adolescentes.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2024.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. **Relato de experiência**: uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 19, n. 1, p.223-237, 2019.

DOMINGO, J. C. Relatos de experiencia, en busca de un saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p.14–30,

2016. Disponível em:  
<https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518>. Acesso em: 22 jun. 2023.

DUC, M.; SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010, p.189-204.

DURRIVE, L.; DUC, M.; SCHWARTZ, Y. O homem, o mercado e a cidade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010, p.245-273.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GODOI, C. K. et al. História oral e o método biográfico: congruências, diferenças e potencialidades de utilização no campo da administração. In: **EnEPQ 2013**, Brasília. Anais do IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, p.1 -16, 2013.

MACHADO, I. L. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2015. <Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1258>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO/ PGT-COORDINFÂNCIA. **Nota Técnica n. 05/2020, em 18 de março de 2020**. Tem por objetivo a defesa da saúde dos trabalhadores, empregados, aprendizes e estagiários adolescentes. Disponível em: <[https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica\\_adolescentes.pdf](https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica_adolescentes.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2023.

NOËL, C.; REVUZ, C.; DURRIVE, L. O trabalho e o sujeito. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010, p. 223-243.

NOËL, C.; FAÏTA, D.; DURRIVE, L. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010, p.165-186.

PAIVA, V. L. M. de O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. **Pro-posições**, v. 11, n. 2, p.34-50, 2000.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p.21-34 jan./jun. 2003.

SCHWARTZ, Y. A experiência é formadora?. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 1, p.35-48, 2010.

SCHWARTZ, Y. Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. **ReVEL**, edição especial n. 11, 2016.

SCHWARTZ, Y.; DI RUZZA, R.; LE BRIS, R. Trabalho, emprego e cidadania. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010, p.275-292.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. Vocabulário de Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia II**: Diálogos sobre a atividade humana. Tradução Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015. p.375–386.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 10, n. especial, p.93-113, ago. 2010.

VENNER, B.; SCHWARTZ, Y. Diálogo 2: Debate de normas, “mundo de valores” e engajamento transformador. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia II**: Diálogos sobre a atividade humana. Tradução Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015. p.55–150.

VIEGAS, M. F. Histórico e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p.327-340, jan/jun. 2013.

# EDUCAÇÃO PELOS DOCUMENTOS: A HISTÓRIA DOS GINÁSIOS VOCACIONAIS REVISITADA EM DOCUMENTÁRIO

## EDUCATION THROUGH DOCUMENTS: THE HISTORY OF GINÁSIOS VOCACIONAIS REVISITED IN A DOCUMENTARY

Marcio Ercilo Gonçalves de Oliveira  
Mestre em Educação pela UNESA  
<https://orcid.org/0009-0006-2183-7290>  
[ercilo.marcio@gmail.com](mailto:ercilo.marcio@gmail.com)

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima  
Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UNESA;  
Desenvolvimento e Periferias da USU; Cognição e Linguagem da UENF.  
Professora da Graduação da UNIFESO  
<https://orcid.org/0000-0003-0153-8948>  
[jacapili.jl@gmail.com](mailto:jacapili.jl@gmail.com)

**Resumo** – Este artigo em sua origem integrou uma dissertação de Mestrado em Educação. Busca compreender como os Ginásios Vocacionais de São Paulo, criados durante a década de 1960, conseguiram promover um ambiente de educação democrática em pleno regime de Ditadura Militar. O estudo foca no período de 1962 a 1969, que abrange tanto a implementação desses ginásios quanto a transição para o regime militar em 1964, culminando nos anos mais repressivos da ditadura, especialmente com a vigência do Ato Institucional nº 5 (1968-1969). O objetivo central do artigo é analisar a relação entre educação humanista, pensamento crítico nas escolas, por meio de uma análise documental, como possibilidade metodológica, utilizando aqui, da análise de um documentário e um programa na rede social. Os documentários como fonte de pesquisa, especialmente nos dias atuais, trazem um amplo acesso à informação. Eles oferecem uma abordagem visual, ao mesmo tempo que narrativa, permitindo a aqueles que os vivenciam uma experiência imersiva que, por vezes, os livros e artigos não conseguem igualar. Os Ginásios Vocacionais representaram uma experiência educativa vanguardista, ao integrar um modelo de gestão democrática e humanista em uma época de repressão política. Mostramo-nos aqui pelos seus próprios alunos, que puderam estar no documentário, narrando suas vivências. Mesmo sob a vigilância do regime militar, esses ginásios conseguiram manter um enfoque na formação de cidadãos críticos, evidenciando que era possível, ainda que em um contexto adverso, criar um ambiente educacional que

valorizasse a autonomia e a reflexão crítica. A pesquisa busca não apenas relatar a história desses ginásios, mas também analisar como essa experiência se tornou uma forma de resistência e um exemplo de educação democrática em um período autoritário.

**Palavras-chave:** Ginásios Vocacionais; Fontes; Documentários.

**Abstract** - This article was originally part of a Master's dissertation in Education. It seeks to understand how the Vocational High Schools of São Paulo, created during the 1960s, managed to promote an environment of democratic education during the military dictatorship. The study focuses on the period from 1962 to 1969, which covers both the implementation of these high schools and the transition to military rule in 1964, culminating in the most repressive years of the dictatorship, especially with the validity of Institutional Act No. 5 (1968-1969). The main objective of this article is to analyze the relationship between humanistic education and critical thinking in schools, through a documentary analysis, as a methodological possibility, using here the analysis of a documentary and a program on the social network. Documentaries as a source of research, especially today, provide broad access to information. They offer a visual approach, while also being narrative, allowing those who experience them an immersive experience that books and articles sometimes cannot match. How the Vocational High Schools represented an avant-garde educational experience by integrating a democratic and humanistic management model in a time of political repression. Here we show ourselves through their own students, who were able to be in the documentary, narrating their experiences. Even under the surveillance of the military regime, these high schools managed to maintain a focus on training critical citizens, showing that it was possible, even in an adverse context, to create an educational environment that valued autonomy and critical reflection. The research seeks not only to tell the story of these high schools, but also to analyze how this experience became a form of resistance and an example of democratic education in an authoritarian period.

**Keywords:** Ginásios Vocacionais; Sources; Documentaries.

## Considerações iniciais

A busca pela compreensão de como uma escola pôde desenvolver um ambiente democrático em plena ditadura militar no Brasil dos anos 1960, suscitando mais questões como descobrir a relação entre educação humanista, pensamento crítico e gestão democrática nestas escolas ou como foi a reação dos poderes institucionais e governamentais em relação à sociedade ora representada por essas escolas resultou neste artigo derivado de uma dissertação de mestrado. O período abordado por este trabalho, historicamente entre 1962 e 1969, é justamente o da vigência dos Ginásios Vocacionais – um

período imediatamente anterior à ditadura militar iniciada em 1964 e o seu período mais endurecido, o de 1968 e 1969, com a vigência do Ato Institucional nº 05.

Os Ginásios Vocacionais construídos em São Paulo, nos anos 1960, conseguiram transformar seus ensinamentos em uma gestão e educação democrática, ainda que no período da ditadura militar, sendo uma experiência vanguardista no momento em que foi implementada, visto que o retorno à democracia estaria longe. O Humanismo <sup>74</sup> foi uma das características dos Ginásios Vocacionais e mostrou-se como uma saída, ao mesmo tempo que uma experiência real, que deu certo até a implementação do regime ditatorial. Por isso, buscamos analisar e compreender os Ginásios Vocacionais como forma de expressão do que deu certo e ainda foi além, já que foi uma experiência particular de uma gestão democrática em plena ditadura.

Nos Ginásios Vocacionais, o termo “vocacional” tem a conotação de ser o homem que personaliza suas ações, através de um processo permanente de opções. Vem de uma influência marcante do Humanismo Integral, de Emmanuel Mounier. Tamberlini, na obra *Ensino Vocacional - uma pedagogia atual*, conta que a proposta pedagógica desses ginásios trazia uma formação humanista fundada nas ideias centrais de pessoa e comunidade, ideias oriundas do pensamento de Mounier.

A educação no Brasil foi e continua sendo um desafio. Um dos maiores desafios é democratizar a educação, torná-la mais humana e formadora de seres humanos críticos na forma de pensar. Isso levou os pesquisadores a se indagar se houve em algum momento da nossa história educacional uma escola com essas características, todavia ao assistir a um documentário sobre os ginásios

---

<sup>74</sup> O Humanismo pode ser compreendido de duas formas: histórica e filosófica. A abordagem histórica se refere às manifestações culturais e artísticas do Humanismo renascentista dos séculos XV e XVI, e ao neo-humanismo do século XIX. Já a abordagem filosófica é atemporal, focada no pensamento e na visão de mundo centrados no ser humano. Durante esse período, intelectuais se inspiraram nas tradições da Roma antiga e na herança helênica. No campo filosófico, o Humanismo pode assumir várias vertentes, como laica ou religiosa, literária ou científica, realista ou idealista, entre outras. Contudo, essas abordagens podem ser agrupadas em duas principais: o humanismo cristão, que orienta a vida humana em direção ao além e à vida após a morte, e o humanismo materialista, que rejeita a ideia de qualquer transcendência. Jacques Maritain procurou superar essa divisão com seu conceito de Humanismo Integral, ao enfatizar que, apesar das preocupações com a vida cotidiana, os seres humanos sempre se preocuparam com questões de transcendência e vida pós-morte, que também fazem parte do Humanismo.

vocacionais nos deparamos com uma experiência educacional em nossa história que reunia tais características.

Nossa intenção neste artigo não é contar a história dos Ginásios, mas mostrar como podemos trabalhar um tema de extrema relevância para a Educação brasileira pela via da metodologia da análise documental. O artigo tem como objetivo mostrar como a memória e a história estão inseridas no Documentário *Vocacional, uma aventura humana*. O filme foi dirigido por Toni Ventura, mostrando a força da Escola e sua perspectiva cidadã e crítica em um período tão conturbado como foi a Ditadura Militar nos anos 60 do século XX.

### **A análise documental e a importância da memória em pesquisa e educação**

Não há dúvidas sobre o fato de que o passado é fonte de memórias, muito embora nossas recordações não sejam fidedignas do ocorrido, já que, no momento em que construímos o passado, ele também nos constrói. Baseando-nos nesta ideia, partimos para o estudo da memória, ao mesmo tempo em que a consideramos como fonte de investigação. Compreendemos que, além de sermos resultado da História, somos, ao mesmo tempo, o sujeito dela. Pensando sob essa ótica, compreenderemos que não iremos meramente discorrer sobre o passado, enquanto refletimos sobre a História, mas nos conscientizaremos de que estamos diante de um patrimônio de experiências e vivências (Santos, 2003).

No relacionamento entre a lembrança espontânea, recordação invocada e o silêncio, temos um meio capaz de se chegar a um tempo que já não existe mais, porém esse mesmo tempo ausente é passível de ser reconstruído. Temos agora uma memória coletiva e, concomitantemente, a História não formada apenas de grandes homens e acontecimentos marcantes, mas toda uma participação de outros sujeitos com suas variadas formas de ver e interpretar o mundo. O desafio da História “vista por baixo”, ou seja, o que se refere a uma abordagem da história que coloca em foco as experiências, perspectivas e ações de grupos sociais considerados marginalizados ou de classes populares, em vez de concentrar-se apenas nos grandes eventos ou nas figuras de poder (como reis, governantes e elites) que normalmente dominam os relatos tradicionais, parte do pressuposto de que, por melhor que seja a fonte, ela somente esclarece

certos aspectos daquilo que as pessoas fizeram, sentiram e pensaram. Neste ponto, a memória se torna uma poderosa ferramenta para a produção de conhecimento (Hobsbawn, 1998).

A história vista de baixo busca entender a sociedade e os processos históricos a partir dos indivíduos comuns, incluindo trabalhadores, camponeses, mulheres, escravizados, minorias étnicas, entre outros. Em vez de enfatizar as grandes narrativas de poder e dominação, a história vista de baixo investiga as lutas diárias, as resistências e as formas de organização social desses grupos, mostrando como suas ações, muitas vezes ignoradas ou marginalizadas pelos historiadores tradicionais, contribuem para a construção da história.

O conceito está associado a historiadores marxistas e outros estudiosos que criticam a forma como a história foi tradicionalmente escrita, ou seja, de cima para baixo, focando principalmente nas elites e nos eventos políticos. Portanto, a história vista de baixo prioriza a importância de se considerar as histórias de todos os indivíduos, não apenas dos poderosos, para compreender de maneira mais completa a dinâmica social e as transformações históricas.

No que diz respeito à palavra memória, tem origem etimológica no latim, significando a capacidade de readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos anteriormente obtidos. Reporta-se às lembranças, reminiscências. O conceito de memória varia em cada época e cultura, por exemplo, na Grécia antiga ela era reverenciada; considerada uma deusa – a *Mnemosyne*, mãe das nove musas protetoras da História e da arte. Foi responsável pela reconstrução do tempo passado a partir da perspectiva de um tempo mítico, não cronológico (Vernant, 1973).

Na Idade Média, a memória tinha um importante destaque na sociedade de então, englobando tanto o mundo cultural quanto o escolástico. Segundo Santo Agostinho, a memória vive em um palácio e é como o ventre da alma, algo como uma luz dos espaços temporais (*Confissões* X, 9; *De Musica*, VI, 8, 12). Agostinho destaca a capacidade da memória em conservar e fazer lembrar as imagens e sensações vindas do mundo exterior. Para Santo Agostinho, a memória era também um dos reflexos da Santíssima Trindade na alma humana (Agostinho, 2008).

Mas a importância da memória, ou *mnemose*, sofreu um abalo com o passar do tempo. De fonte confiável, passou a ser “duvidosa” segundo os

pensadores do século XVII, que atribuíam, naquele momento, a confiança para a grafia – portadora de objetividade para as Ciências Sociais e Naturais. Era necessário garantir que as memórias fossem preservadas de forma concreta, o que levou ao surgimento de uma nova abordagem para o estudo da História. No início do século XX, o conceito de documento histórico foi aprofundado pelas ideias de Lucien Febvre e Marc Bloch. Para eles, não só o documento escrito é uma forma de registro, de memória, mas também signos, palavras, telhas, formas do campo, ervas daninhas, eclipses da Lua, exames de pedras feitos pelos geólogos, exames de metais por químicos – em uma palavra, tudo que pertence ao homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos, a maneira de ser do homem (Le Goff, 2003). A percepção sobre o tema “memória” cresceu enormemente com a proposição de que ela é produto da coletividade, segundo o pesquisador Maurice Halbwachs (Santos, 2003). Passemos a tratar melhor essa proposição a seguir.

Discípulo do filósofo Henry Bergson (1869-1941) e aluno de Durkheim, Halbwachs pensou a memória como um fato social. Segundo ele, é impossível imaginar quadros sociais sem passar por atividades de interação interpessoal. As pessoas não recordam sozinhas, isto é, “um homem, para evocar o seu próprio passado, tem, frequentemente, necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (Halbwachs, 1990).

Hannah Arendt reivindicava a importância especial da memória. Entretanto, segundo a pensadora, a memória é “impotente fora de um quadro de referências preestabelecido” (Arendt, 2009, p.32). Assim, somente em raras ocasiões, a mente humana seria capaz de reter algo inteiramente desconexo.

Em oposição a Halbwachs, o sociólogo austríaco Michael Pollak (1989) aponta o caráter uniformizador, destruidor e opressor da memória coletiva nacional. Essa memória é pretensiosa no sentido de que pretende ser hegemônica, sempre tentando suprimir qualquer tipo de memória dissidente. No outro extremo, existe a memória subterrânea, trabalhando nas sombras, no silêncio, quase imperceptível e sendo, assim, subversiva. Ela faz o contraponto ao discurso oficial, lançando mão da oralidade como forma de propagação e manutenção. O pensador austríaco frisa que há um duelo, uma disputa no interior da sociedade entre a memória oficial e a subterrânea (que, por pertencer, às minorias é marginalizada) (Pollak, 1989).

Ao mesmo tempo que é instrumento de subversão e de resistência, a memória é uma importante fonte da História. Essa memória pode ser dividida sob três formas: individual, comum e coletiva. Tais formas podem coexistir em diversos níveis da sociedade, entretanto, podem entrar em conflito ou contradições. Segundo Le Goff, a memória pode ser um instrumento de poder nas mãos de grupos que dominaram e dominam as sociedades ao longo do tempo, que fazem uso dela conforme a ocasião. Um exemplo disso seria o esquecimento e silêncios sobre determinados fatos e acontecimentos, denotando esses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 2003).

Foi nos anos 1960 que a memória teve seu reconhecimento ao ser largamente estudada e trabalhada como fonte de pesquisa, muito embora tenha encontrado forte resistência nos setores conservadores da História tradicional, que considera a memória pouco confiável na pesquisa científica. Para o pesquisador Nora, o criticismo no âmago da História repele a memória espontânea, sempre a considerando suspeita e, dessa forma, sendo posta de lado ou até mesmo sendo destruída (Nora, 1984).

Nora (1984) ainda traz a distinção entre História e memória, levando em consideração que ambas vivem em oposição uma à outra. Para ele, memória é algo pertencente à vida, carregada por grupos vivos, sempre em evolução; vulnerável aos usos e manipulações, sem consciência das deformações sucessivas, fenômeno atual que se alimenta de lembranças vagas, globais, flutuantes, particulares ou simbólicas. Já a História é uma produção intelectual, resultado de metodologia própria, uma reconstrução problemática e incompleta, uma representação do passado; pertencente a todos e a ninguém, tem vocação para o universal.

Como fonte de conhecimento histórico contamos com variados tipos de registros que denominamos de “documentos”. Muitas informações trazidas pelos documentos enriquecem a pesquisa documental e, em geral, dão conta das perguntas advindas de seu objeto de investigação. Os documentos fornecem informações valiosas na medida em que são “material da História” e, sob essa ótica, trazem marcas potencialmente representativas do real para uma determinada sociedade com sua visão de mundo e particular interpretação da realidade (Le Goff, 2003). É importante acrescentar ainda que Le Goff atribui aos

documentos os atributos de serem “mentira” e “verdade” ao mesmo tempo, já que a História, como ciência da interpretação, não atribui verdade absoluta a nada. Daí é imprescindível analisar as condições de produção de tais documentos para que surja uma luz sobre o que ocorreu realmente.

Os documentos escritos pesquisados sobre os Ginásios Vocacionais, trazem limitações no quesito reconstrução dos fatos ocorridos, uma vez que não fornecem toda a vivência e a estrutura objetiva como, por exemplo, prática docente dos professores, as relações de poder em vários níveis, metodologias empregadas, embates ideológicos etc. Daí a opção de complementar tal pesquisa com a história oral, com entrevistas dos professores em jornais, revistas, audiovisual, livros. A relevância dessas entrevistas reside no fato de que é possível comparar as diferentes versões dos professores e alunos sobre aquele tempo, pois o contraponto com as fontes existentes enriquece a pesquisa e pode sanar muitas questões e dúvidas (Alberti, 2006). Soma-se, aumentando a dificuldade de encontrar tais resquícios, o fato de que muitos documentos foram destruídos pelos órgãos de repressão da Ditadura militar quando se deu o fechamento dos Ginásios Vocacionais em 1969.

Neste trabalho, compreendemos a importância da análise de conteúdo, proposta por Michel Foucault (1997), a fim de observar os textos ditos, escritos e apresentados em uma ótica de relacionar os personagens com seu tempo e espaço a partir de suas histórias, suas regras, dentro de uma análise social. A partir do autor, ao que ele chama de “ser-saber”, analisaremos, então os discursos produzidos sobre os Ginásios Vocacionais, como uma relação entre os discursos e os acontecimentos históricos. Escolhemos aqui, o documentário e o programa de entrevistas sobre os Ginásios Vocacionais para então elucidar muitas das questões levantadas ao longo deste artigo.

### **Os Ginásios pelos documentários**

Os documentários têm se consolidado como uma das fontes mais valiosas de pesquisa, principalmente na contemporaneidade, na qual o acesso à informação nunca foi tão amplo. Eles oferecem uma abordagem visual e narrativa que permite ao espectador não apenas aprender, mas vivenciar a realidade de um tema ou fenômeno, fornecendo uma experiência imersiva que

livros e artigos, por mais detalhados que sejam, não conseguem igualar. Autores como Bill Nichols, em sua obra *Introduction to Documentary* (2001), destacam que o documentário é um gênero que combina a objetividade da pesquisa com a subjetividade da interpretação visual, tornando-se um recurso essencial para estudantes, pesquisadores e profissionais de diversas áreas. Nichols argumenta que, ao utilizar a realidade como base, o documentário oferece uma representação mais fiel e sensível do que a simples abstração conceitual encontrada em outras fontes.

Além de seu caráter educativo, o documentário também é uma importante ferramenta para o registro histórico e a preservação de narrativas coletivas. Segundo Michael Renov, em *The Subject of Documentary* (2004), os documentários funcionam como uma espécie de arquivo visual, capturando momentos e aspectos da história que muitas vezes são negligenciados ou distorcidos pelas fontes tradicionais, como a imprensa ou os livros acadêmicos. Através de entrevistas, imagens de arquivo e narrações que contextualizam os fatos, os documentários oferecem uma visão mais humanizada e complexa dos eventos, permitindo que o espectador compreenda as múltiplas perspectivas sobre um assunto. Essa capacidade de revelar verdades subjacentes ou frequentemente marginalizadas confere aos documentários um papel de relevância inestimável no campo da pesquisa acadêmica e do entendimento social.

Por fim, podemos dizer que os documentários ajudam a formar cidadãos críticos e engajados ao expor questões sociais, culturais e políticas que afetam diretamente as comunidades. Como ressalta o cineasta e documentarista Werner Herzog, em *A Guide for the Perplexed* (2009), o documentário não deve ser visto apenas como uma ferramenta pedagógica, mas também como um meio de transformar a percepção do público sobre o mundo. Ele afirma que o documentário é capaz de revelar a complexidade e a ambiguidade da experiência humana, convidando o espectador a refletir sobre as realidades abordadas e a questionar verdades estabelecidas. Dessa forma, ao servir como um elo entre a pesquisa acadêmica e a reflexão social, os documentários desempenham um papel vital no desenvolvimento do pensamento crítico, incentivando a análise profunda e a busca por novos conhecimentos.

## **Documentário *Vocacional – Uma Aventura Humana***

O documentário de 2011, *Vocacional, uma aventura humana*, foi dirigido por Toni Ventura, que também assina o roteiro junto de Sylvia Lohn e Vitor Alves Lopes. Com produção de Olhar Imaginário, fotografia de Flávio Murilo e José Garcia e Trilha Sonora de BiD, Fábio Caramuru, Maurício Nacif e Josafá Veloso, conta com um vasto elenco de alunos e professores que viveram em toda sua concepção, as cenas reais dos Ginásios: André Gurgel, Anita Feldman, Ângelo Schoenacker, Antônio Pedro Zago, Antônio Petrin, Ary Jacobucci, Áurea Sigrist, Cecília Guaraná, Cibele de Abreu, Cida Schoenacker, Claudio Cohen, Dirce Freire, Eliana Markun, Elisa Pitombo, Eric Hetzl Junior, Esméria Rovai, Evandro Jardim, Fábio Caramuru, Fabio Mechetti, Giuseppe Porto, Gustavo Venturini, João Signorelli, Koji Okabayashi, Léa Freire, Lucilia Bechara, Luis Carlos Marques, Lucia Helena Gama, Luiz Henrique Pitombo, Marcos Frota, Pedro Pomar, Maria Nilde Mascelanni, Maria Teresa Bertolini, Maurício Nacif, Nelson Luís Freire, Nelson Sanches, Newton Balzan, Olga Bechara, Paulo Ângelo Martins, Paulo Pitombo, Paulo Ricardo Simon, Pedro Pontual, Priscila Ermel, Renata Cromberg, Shiguelo Watanabe Jr., Silvana Mascellani, Silvio Hetzl, Silvio Kaloustian, Tânia Beninga e Zaira de Abreu.

Trata-se de uma experiência inovadora na educação brasileira – a dos Ginásios Vocacionais, seis escolas distribuídas em cidades paulistas que acabaram reprimidas pela ditadura militar durante os anos 1960. Estes Ginásios foram concebidos pela educadora Maria Nilde Mascellani e tinham uma proposta bem à frente da época: uma educação multidisciplinar com aprendizado na prática e conectado à vida cotidiana; trabalho em grupo; cooperação; desenvolvimento da sensibilidade artística e das habilidades técnicas; fazer o aluno pensar através da crítica e autocrítica. O diretor do filme, ele mesmo ex-aluno desses Ginásios, traz um olhar pessoal sobre tal experiência da educação brasileira com depoimentos de ex-alunos e ex-professores que enriquecem o documentário através de suas memórias.

O filme começa mostrando fotos e filmagens da época, retratando o cotidiano das escolas, enquanto depoimentos de ex-alunos compartilham suas impressões sobre os Ginásios. A seguir, Olga Bechara inicia seu depoimento contando sobre a origem dessas escolas.

Cecilia Guaraná, diretora do Ginásio Vocacional de Batatais diz em seu depoimento que “(...) que eram experiências educacionais que chamávamos de ‘classes experimentais’; levantávamos objetivos históricos, filosóficos, psicológicos, pedagógicos. O homem como cidadão do mundo, e como cidadão tinha condições de tomar consciência de seu papel e ser um agente transformador”. Esta passagem praticamente resume o aspecto humanista e catalisador do pensamento crítico dos Ginásios.

Cada aspecto dessa educação é ilustrado por depoimentos. Assim, a socialização que acontecia na entrada dos alunos, no momento de abrirem seus armários e cada um emprestar um item para quem esqueceu de trazer, foi lembrada por Paulo Angelo Martins, aluno da turma de 1968; a disciplina de educação doméstica, na qual os alunos aprendiam tarefas da cozinha era enriquecida com aprendizado sobre técnicas básicas de enfermagem, lavar roupas, cuidar de bebês e cultivar hortaliças, como depõe Luiz Carlos Marques da turma de 1963; o trabalho comunitário que hoje muitas escolas realizam por meio de parcerias com ONGs já era feito naqueles Ginásios – seja através de auxílios a postos de saúde ou favelas, como relembra Renata Delduque, da turma de 1968.

Como afirmamos anteriormente, Toni Ventura, cineasta e diretor desse documentário, também foi um ex-aluno da turma de 1967. Ele questiona o porquê desse projeto educacional não ter seguido adiante.

O ex-professor Newton Balzan relembra a dimensão afetiva do projeto. Não se tratava apenas de um trabalho intelectual, mas também de uma ativa participação de professores e alunos, caracterizando assim as aulas nesses Ginásios.

O senso de autocrítica era muito estimulado, principalmente nas aulas de artes. O aluno fazia uma autocrítica de seus trabalhos, para depois os demais também fazerem suas críticas. Por fim, os professores tiravam conclusões a respeito dessas intervenções. No filme, os ex-alunos entrevistados destacaram os aspectos positivos desse método e, principalmente, da autocrítica. Segundo eles, levaram essa autocrítica para a vida, o que os ajudou a enxergar o mundo com outros olhos, ao “reconhecer o outro”.

As chamadas plataformas, ou encontros, nos quais os alunos e professores debatiam o que seria ensinado durante o ano, traziam e

incentivavam a democracia dentro do ambiente escolar na fase de planejamento das aulas. Os pais ficavam sabendo do conteúdo desses debates ao participarem dessas plataformas também, as quais eram a expressão de uma gestão democrática de ensino. Durante uma semana, no refeitório, discutia-se o que seria estudado durante o ano, e nesses encontros, os alunos conduziam o debate, reforçando, mais uma vez, a democracia no ambiente escolar. Os entrevistados demonstraram nessa parte do documentário um reconhecimento de grande valor e positividade das plataformas.

As aulas e os debates sobre a guerra do Vietnam, a questão cubana e a guerra fria tornaram os Ginásios Vocacionais um ambiente de efervescente agitação estudantil. Os alunos aprenderam o significado de conceitos como “imperialismo” e “militarismo” - vemos uma lousa com tais conceitos sendo explicados no filme.

Aos 42 minutos do filme, Pedro Pomar, ex-aluno, fala sobre o caráter subversivo dos Ginásios e filmagens de alunos falando sobre as questões sociais e políticas do Brasil ilustram o momento. Ele afirma que “(...) Se você coloca alunos para pensar, fazer uma reflexão sobre a realidade, não havia nada mais subversivo do que isso para a ditadura.” É nesse momento que os Ginásios começam a incomodar seriamente a ditadura militar no Brasil. As infiltrações, tanto por parte da esquerda quanto da direita, são mencionadas ao longo dos depoimentos que relatam também histórias de convocação para depoimentos e inquéritos militares vividos por professores, principalmente após o decreto do AI-5, em 1968.

O documentário aborda ainda o período após o fechamento dos Ginásios, já no início dos anos 1970. Mostra a prisão de Maria Nilde Mascellani em janeiro de 1974, seu livramento de torturas físicas e sua posterior liberdade dois meses depois. Os alunos que foram para outras escolas ou que ficaram nos Ginásios, que se transformaram em escolas para o ensino técnico-científico comum, sofreram para se adaptar a esse ensino não-democrático, ou de “pedagogia bancária” como considera Paulo Freire (1974) quando criticava esse modelo de educação por considerar que ele é opressor e não libertador. Para o autor, a educação bancária é um modelo de ensino tradicional que consiste em depositar conhecimento nos alunos, como se fossem recipientes vazios, baseados em uma educação autoritária e mecanicista, vendo esses alunos como receptáculos

passivos. Acostumados a debater e expor suas ideias com os professores, alguns foram até mesmo expulsos, como foi a experiência de Toni Ventura.

O término do documentário abre espaço para questionamentos sobre a atual educação brasileira: muitas críticas sobre a educação atual que não estimula o pensamento crítico, nem o desenvolvimento da reflexão, está voltada principalmente para atender às necessidades do mercado econômico. Essas reflexões dos ex-alunos levam o espectador a se perguntar se um modelo de escola assim seria possível hoje, mas o próprio filme acaba respondendo que, para isso, teria de haver uma forte mudança política, que há um desmonte na educação atual, mas que as bandeiras defendidas pelo Vocacional – como a do ensino Humanista e democrático – são bandeiras que escolas de muitos países no mundo hoje defendem.

### **Entrevista “Educação brasileira 153 – Ensino Vocacional: Andréa Maria Pavel e Luiz Eduardo Osse”**

O outro Programa a ser analisado é o do canal no Youtube da Univesp (Univesp TV), de 2014, Entrevista “Educação brasileira 153 – Ensino Vocacional: Andréa Maria Pavel e Luiz Eduardo Osse” , uma entrevista com ex-alunos dos Ginásios Vocacionais. Busca-se um olhar crítico da educação atual a partir da experiência dos Ginásios Vocacionais com essa entrevista. Após um breve resumo sobre os Ginásios, a entrevista com Luiz Eduardo informa o quantitativo de escolas, o porquê da expressão “vocacional” e o processo de elaboração destes Ginásios. Andrea menciona a especialização do professor desse projeto, inclusive a preparação que tinha antes de ministrar as aulas através de um curso de seis meses para, então, ter uma dedicação exclusiva. Os entrevistados e a entrevistadora concordam que muito do que algumas escolas instituem no seu projeto educacional, os Ginásios já faziam nos anos 1960: currículo integrado, relação com a comunidade, interdisciplinaridade etc.

A entrevista segue falando sobre as “Plataformas”, as formas como eram ensinados os temas aos alunos (estudo de meio através de viagens etc.), a integração entre as disciplinas. Um documentário feito pelos alunos, chamado “Sete vidas” é mostrado aqui, com recorte da fala de Maria Nilde (filmagem da época), para explicitar as ideias dos entrevistados.

A entrevistadora pergunta a Andrea por que hoje não é feita uma experiência como a dos Ginásios Vocacionais. Ela responde que o Brasil não tem opção pela educação, que existem soluções paliativas e que a formação dos professores é de qualidade baixa.

Continuando, o programa mostra, através dos depoimentos, o dia a dia nas escolas, os trabalhos manuais, a educação doméstica, artes e estudos das matérias. A integração dessas disciplinas, durante todo o dia, é enfaticamente lembrada pelos entrevistados.

Luiz Eduardo compartilha a experiência e o legado dos Ginásios Vocacionais, com o objetivo de reproduzir o modelo educacional desses Ginásios, defendendo que sua pedagogia continua atual.

A entrevista termina tratando do fechamento dos Ginásios Vocacionais pela ditadura militar, em 1969. Os entrevistados contam, a partir de suas lembranças, como foi o dia em que o exército invadiu e cercou a escola, buscando documentos, prendendo professores e alunos. O ensino foi taxado de “subversivo”, configurando “ameaça à segurança nacional”, motivo alegado pelos militares para a invasão. Um inquérito policial-militar foi instaurado entre 1970 e 1973, no qual professores foram interrogados, presos e torturados.

### **Considerações finais**

Interessante foi observar que a experiência dos Ginásios Vocacionais, como uma escola democrática, se deu justamente no período de ditadura militar; a partir daí, outras questões somaram-se à principal: como se deu a relação entre educação humanista, pensamento crítico e gestão democrática? Como foram as políticas públicas implementadas por essas escolas para uma educação transformadora? A educação humanista pode transformar a realidade social em seu entorno? Ela seria subversiva para o poder dominante de então?

A análise da memória, tanto coletiva quanto individual, é uma ferramenta essencial para a reconstrução do passado e para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas que moldam nossa identidade. A partir dos Ginásios Vocacionais, temos um exemplo de como a memória pode ser preservada e transformada por meio de discursos e narrativas. Os Ginásios, com sua proposta inovadora de educação multidisciplinar, humanista e democrática, não apenas

desafiaram os modelos tradicionais de ensino da época, mas também se tornaram um alvo do regime militar devido ao seu caráter subversivo e crítico. Por meio dos documentários e das entrevistas com ex-alunos e ex-professores, conseguimos acessar uma rica fonte de memórias que, embora marcada pela repressão, sobreviveu como um legado de resistência intelectual e política.

O uso da memória como uma fonte histórica é fundamental para entender o papel dos Ginásios Vocacionais não apenas no contexto educacional, mas também no enfrentamento da opressão e na luta por uma educação mais libertadora. A reflexão proposta por figuras como Maurice Halbwachs, Michel Foucault e Michael Pollak ajuda a entender a memória como um espaço de disputa, onde narrativas oficiais e subterrâneas se confrontam, revelando a complexidade das experiências vividas.

Ao revisitar essas memórias, reconhecemos não apenas o valor educacional dos Ginásios, mas também a relevância de sua proposta pedagógica no cenário atual, um modelo que, embora tenha sido interrompido, ainda oferece *insights* valiosos para a formação de um sistema educacional mais crítico e integrado à realidade social. Assim, o estudo e a preservação dessas memórias, incluindo a utilização de documentários e histórias orais, se configuram como essenciais para a manutenção de um patrimônio educacional e histórico que deve ser reconhecido e valorizado, especialmente em tempos em que a educação é constantemente desafiada por forças que buscam restringir o pensamento crítico e a liberdade de expressão.

## Referências

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Covilha: Lusosofia Press, 2008.

CRONIN, P.; HERZOG, W. **A Guide for the Perplexed**: conversations with Paul Cronin. London: Faber & Faber, 2014.

EDUCAÇÃO brasileira 153 – Ensino Vocacional. **Entrevista com Andrea Maria Pavel e Luiz Eduardo Osse**. Univesp TV, 2014. Disponível em <https://youtu.be/8RLhxuUpQG0>. Acesso em 21 de jul. de 2023.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- NICHOLS, B. I. **Introduction to documentary**. USA: Indiana University Press, 2001.
- NORA, P. (Org.) **Os lugares de memória**. Paris: Gallimard, 1984.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2 n 3, p. 3-15, 1989.
- RENOV, M. **The subject of the documentary**. Minneapolis and London: Minnesota University Press, 2004.
- ROVAI, E.; TAMBERLINI, A. R. M. B.; KAWASHITA, N.; SILVA, M.; BALZAN, N. C.; BIANCHARELLI, A.; SIMON, P. R. (Orgs.) **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- VERNANT, J. P. Aspectos míticos da memória e do tempo. do tempo. In: VERNANT, J. P. Aspectos míticos da memória e do tempo. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Ed. Universidade de São Paulo, 1973. p.57-94.
- VOCACIONAL uma aventura humana. Direção de Toni Venturi. Produção: Olhar Imaginário. Brasil, 2011. Disponível em [https://youtu.be/dyHJD13\\_0D8](https://youtu.be/dyHJD13_0D8). Acesso em 18 de julho de 2023. Acesso em: 18 de jul. de 2023.